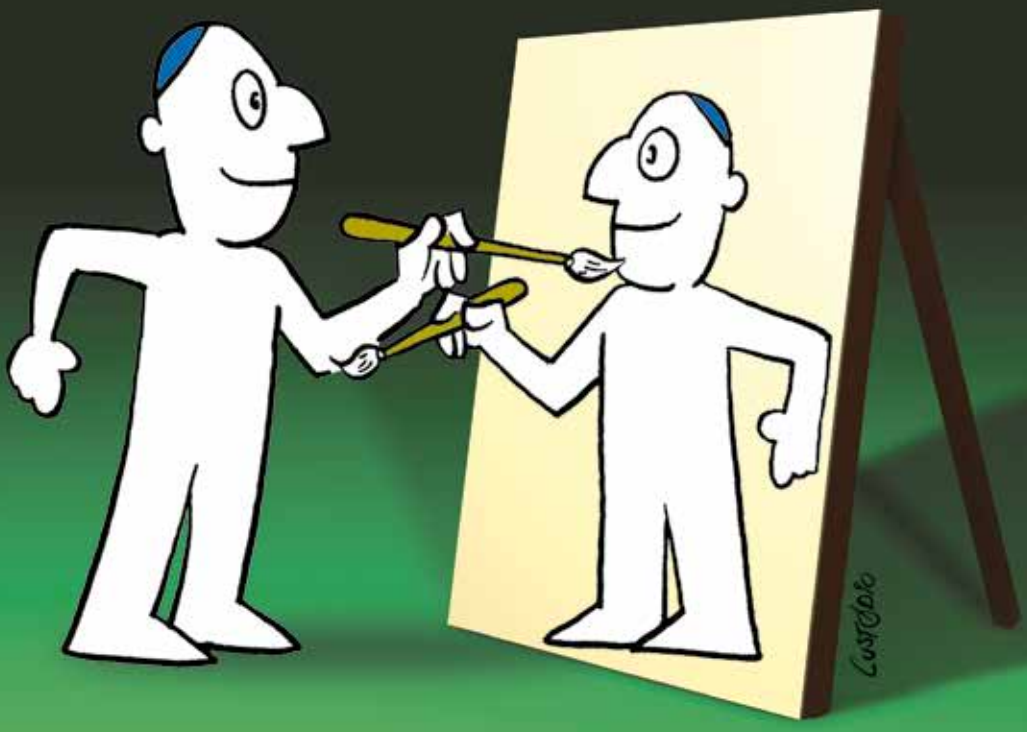
Rav Karaguilla
no papel



Construindo o homem

Torah Sound

Rav Karaguilla
no papel

Torah Sound

Rav Karaguilla no papel
Rabino Binyamin Karaguilla

Copyright © 2016 by R. Karaguilla
Direitos desta edição reservados ao Rabino Binyamin Karaguilla

Para contato com o autor: rkaraguilla@hotmail.com
Este livro está disponível em PDF no site www.karaguilla.com.br

Transcrição:	Diego Raigorodsky e Guita Nurkin
Adaptação:	Tally Cohen
Revisão:	Karen Davidson, Tally Cohen e Rab. Karaguilla
Projeto gráfico, editoração eletrônica:	Estúdio Zebra Serviços Editoriais
Capa e Ilustrações:	Custódio - custodio@custodio.net

Permitida a reprodução desta obra, mediante autorização por escrito do Rabino Binyamin Karaguilla
2016
Printed in Brazil

Doado por

Gabriel Rolando Safdié

em memória de seu pai

Edmundo Safdié z"l

SUMÁRIO

Introdução 7

Agradecimentos 9

VIDA 11

Time is more than money 15

Casamento: estamos em manutenção? 31

A história predileta do
Rav Shlomo Zalman Auerbach z"l... 43

Diga-me com quem você
anda e lhe direi quem você é 55

Educação: responsabilidade
dos pais ou da escola? 67

TORÁ 75

O grande segredo da liderança 79

Garantindo o sucesso de uma comunidade 91

Quanto mais perto dele, melhor 103

A beleza da Torá 119

MIDOT 123

Jews are news 127

Tudo se encontra na Torá,
até o personal trainer 141

Não levante a voz, melhore os argumentos 155

Tentando abrir a porta do vizinho 169

MITSVOT 179

Quem ama adverte! 183

Mau-olhado existe, mas como funciona? 197

Quem não chora não mama? 211

METAS 221

Nove *segulot* infalíveis! 225

É melhor um judeu sem barba do
que uma barba sem um judeu 237

E foi assim que surgiu o *post-it* 251

Experimente uma nova sensação: pense! 267

INTRODUÇÃO

No final do tratado de *Berachot*, vemos que a definição de um sábio é uma pessoa que aumenta a paz no mundo. O Talmud define o sábio como um construtor, como consta na reza de *shacharit: "Vechol* ***banaich*** *limudê Hashem"*, "Todos os seus filhos serão discípulos de Hashem". O Talmud nos ensina que existe uma segunda conotação nas palavras deste verso: *Al tikre* ***banaich****,* não leia (somente) que somos discípulos de Hashem, mas ***bonaich****,* construtores.

Por que construtores? Nem todos nós trabalhamos com construção. Alguns de fato são construtores, outros comerciantes, profissionais liberais e daí por diante, mas o que o Talmud vem nos ensinar quando diz que um sábio é um construtor?

A mensagem é que todos os judeus devem ser construtores. Construtores de seu próprio ser! A definição de um sábio é aquele que está sempre em construção, sempre se aprimorando com o objetivo de chegar cada vez mais perto do potencial que Hashem espera de cada um de nós.

O melhor guia para esta jornada é nossa Torá! Não somente por ser o livro mais vendido no mundo até hoje, mas por termos o privilégio de podermos mergulhar a fundo no "intelecto de Hashem" e conhecer melhor Sua sabedoria para podermos viver os nossos 120 anos neste mundo de uma forma agradável e produtiva.

Espero que este material que foi pensado e repensado durante alguns anos sirva para você, querido e estimado leitor, mais conhecido como *Habibi*, descobrir ainda mais o fantástico "eu" que existe dentro de você, e que a cada vez que abrirmos e fecharmos o livro nós estejamos mais aperfeiçoados.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a **Hashem** por poder participar da **Yeshiva Or Israel** sob a liderança do Rabino R. Shammah e seus *rabanim* com os quais convivo diariamente e aprendo muito. Aos **meus queridos alunos** que são para mim uma fonte de inspiração e crescimento. À **escola Beit Yaacov** da qual tenho o grande prazer de fazer parte desde 2011. Aos meus queridos **amigos do *Shiur*** que me acompanham semanalmente desde 2001, e que sem eles este sonho não seria concretizado. Àqueles que mantêm este projeto e contribuem constantemente para disseminar o seu conteúdo. Aos meus colegas **Michael Berenstein** e **Nathan Rolnik** pela criação e manutenção semanal do site e do aplicativo. A **Sra. Tally Cohen** e **Custódio Rosa** pelo grande carinho e atenção na produção deste livro. Aos meus queridos **pais z"l** e **sogros Sr. & Sra. Edgard Azrak,** que tenham vida longa e próspera, que não mediram esforços para contribuir para a minha formação. Finalmente, a minha querida **esposa e filhos** que me incentivam e me dão inspiração diária. Sem eles nada disso seria possível.

Com carinho e respeito,

R. Karaguilla

Setembro 2016-Elul 5776

VIDA

TIME IS MORE THAN MONEY

“Se você não tem tempo,
então o que você tem?”

QUEM É TOLO?

Na *Guemará*, no Tratado de *Chaguigá*, pág. 4, nos deparamos com uma questão interessante: Qual seria a definição de certas palavras que aparecem na Torá como, por exemplo, a palavra *shotê*? *Shotê* é, na falta de uma tradução melhor, uma pessoa boba, tola.

Qual é a importância de se definir o significado da palavra *shotê*? Sabemos que existem algumas categorias de pessoas que estão isentas de cumprir qualquer *mitsvá*: o *cheresh* (deficiente auditivo), o *catan* (criança antes de *bar mitsvá*) e o *shotê*, que é uma pessoa tola.

A *Guemará* explica que em relação à criança, o pai tem que acostumá-la a cumprir algumas *mitsvot*, para que ela se habitue a elas, apesar de não ter obrigação. No caso do deficiente auditivo, é muito simples saber quem se enquadra nessa categoria, pois é uma característica física. Porém, as circunstâncias relativas a um *shotê* não são muito claras. É por isso que o Talmud pergunta: Quem é considerado *shotê*?

A *Guemará* nos responde: *hameabed col ma shenotnim lo* (aquele que perde ou abre mão de tudo que lhe dão). Seguindo esse pensamento, o *Tur*, que é um código de leis na prática, traz esta *halachá* (lei) de uma forma um pouco mais rigorosa do que mencionada na *Guemará*. O *Tur* retira a palavra *col* (tudo), ou seja, o *shotê* seria a pessoa para quem são dadas coisas, as perde ou desperdiça.

QUEM É SÁBIO?

Consequentemente, o que é um *chacham*, sábio? Provavelmente, é o inverso de um *shotê*, ou seja, o sábio é aquela pessoa que quando lhe é dado algo, faz bom uso disto. Se o *shotê* é aquele que desperdiça o que lhe dão, o sábio é, provavel-

mente, aquele que aproveita o que recebe. Vejamos neste capítulo como podemos ser mais sábios, de modo a aproveitar uma das coisas mais preciosas que Hashem entregou em nossas mãos, para que não nos tornemos um grupo de tolos.

O SUMIÇO DA COMITIVA

Na porção da Torá *Balac,* encontramos uma história muito interessante. Os moabitas foram um dos povos que existiam na época da saída do Egito. Os povos da época diziam que, por onde o povo de Israel passava, eles destruíam tudo. Como uma vaca que quando come o pasto puxa a grama pela raiz e acaba com tudo, assim está escrito. Os moabitas sabiam que o povo de Israel estava cercado de todos os lados pela proteção de Hashem. Eles ficaram com medo, achando que poderiam ser destruídos e pensaram: quando o povo de Israel passar por aqui, nós vamos virar pó. O que faremos?

A Torá nos conta que eles contrataram o maior dos profetas que já houve entre as outras nações, o profeta Bilam. Balac, o rei dos moabitas, ficou com medo que seu povo fosse destruído e contratou o profeta Bilam com uma missão: amaldiçoar e destruir o povo de Israel. Bilam era uma pessoa nobre, por isso, para chamá-lo era preciso ir toda uma comitiva especial, e não qualquer pessoa. Assim, todas as pessoas importantes do reino foram buscá-lo.

O versículo conta que foram os anciãos e os sábios de Moav, os sábios de Midian, os líderes, etc. Mas, depois surge outro versículo que mostra Bilam sendo chamado apenas pelo Rei de Moav. E toda a comitiva, todas as pessoas que foram contratar Bilam, onde estavam?

Nossos sábios perguntam: Por que eles desapareceram? O *midrash*, em busca de uma resposta, nos conta qual foi o paradeiro da comitiva que tinha sido enviada para falar com Bilam: Eles abandonaram a missão! O *midrash* nos conta isso com as seguintes palavras: "Será que um pai abandona os filhos? Não." Então, com certeza o pai deste povo, Hashem, não vai abandoná-los e, quando pensaram isto, perceberam a confusão em que estavam se metendo e se debandaram.

TEMPO PARA PENSAR

Por que eles foram até lá se já sabiam que nenhum pai abandona os seus filhos? Por que mesmo assim eles foram até a casa de Bilam e só depois fu-

giram? Vejamos uma resposta que nossos sábios deram: quando Bilam foi contratado, todos estavam esperando que ele fosse junto com a comitiva, por respeito e honra. Porém, Bilam pediu que aumentassem o seu salário, dizendo que poderia até amaldiçoar o povo de Israel, mas só se pagassem um pouco melhor. Isso mostra que ele era uma pessoa que tinha o poder em suas mãos, mas procurava honra e dinheiro. Bilam obviamente sabia, e o povo também, que quando ele e toda a sua comitiva conseguissem amaldiçoar o povo e destruí-lo, sua fama e honra iriam se espalhar por todos os lados. Então, por que a comitiva recuou?

Diz o versículo de maneira bem simples: porque Bilam não tinha o poder. Apesar de querê-lo, ele não podia atender à comitiva. Quando ele foi chamado para amaldiçoar o povo, Bilam disse para eles: "Durmam aqui esta noite, porque eu preciso sonhar para ter uma profecia e de acordo com a resposta de D'us eu direi se posso ou não amaldiçoar o povo judeu".

Quando Bilam disse para eles dormirem, eles acabaram tendo uma noite para pensar. Quando a pessoa tem tempo para pensar tudo fica mais claro. Os assuntos que no momento da emoção não são observados, tornam-se mais visíveis. Quando a comitiva foi chamada para contratar Bilam, eles só pensaram no dinheiro e na fama que iriam ganhar. A honra falou mais alto. Mas, quando Bilam disse que não poderia responder no momento e que era preciso dormir uma noite, as coisas se esclareceram e eles desistiram do plano. Por isso, dizem nossos sábios, não sobrou mais ninguém da comitiva.

Quando a pessoa tem tempo, ela respira fundo, e se libera de toda aquela pressa, podendo então ver a situação de uma forma muito mais clara. Como diz o provérbio "A noite é boa conselheira".

O TEMPO PARA CADA COISA

Certa vez, fui passar o *shabat* em Atibaia e durante a *seudá shlishit* alguém se aproximou e disse: "Vou lhe contar uma história e, com certeza, você vai descobrir como usá-la em suas aulas".

"Eu sou vendedor e tenho uma empresa. Fui às Lojas Americanas fazer uma venda e, como já estou acostumado a ir lá, conheço os vendedores da loja. Ao chegar ao local, de manhã bem cedo, vi todo mundo afoito, correndo de um

lado para o outro e perguntei o que tinha acontecido. Um dos funcionários me contou o seguinte: "Ontem, voltamos da inauguração de uma loja do interior de São Paulo. Viajamos no jato particular das Lojas Americanas. É um jato pequeno, empresarial que cabe seis pessoas e não tem porta entre os passageiros e a cabine do piloto. O jato estava a dez mil pés de altitude e, de repente, sem mais nem menos, ele começou a descer como uma linda flor levada pelo vento. Depois de alguns segundos, o jato tinha caído para mil pés de altitude!"

"Nesses poucos segundos, que para nós pareceram uma eternidade, olhamos para o piloto e pudemos ver que ele abriu um caderninho no qual ele leu as seguintes palavras: Em situação de emergência, aperte tal botão. Tente ver se a manivela do lado direito faz com que as rodas funcionem. Veja se a manivela do lado esquerdo consegue mover os *flaps* da asa. Tente se comunicar com a torre, etc.. E assim o piloto foi lendo as instruções".

"Quando a pessoa me contou isso, pensei: 'Se o piloto abriu o caderninho dele de anotações quando o avião já estava caindo, até ele terminar de ler, já era'". Foi quando a pessoa que estava me contando esta história me disse: "Passado o susto, o pessoal da aeronave contou que existe uma lei na aviação na qual se exige, em caso de qualquer problema grave na aeronave, que o piloto abra o seu livro de instruções e as leia em voz alta, mesmo que ele saiba o que fazer! Ele é obrigado a fazer isso antes de tomar qualquer atitude. O piloto deve verbalizar as instruções e só então, executá-las. Por quê? Porque quando a pessoa fica afobada, numa situação como esta, ela acaba se esquecendo dos procedimentos".

Porém, os passageiros, quando viram que ele estava lendo o caderninho ficaram ainda mais aflitos, mas na verdade quem não pode ficar afobado é o piloto. Assim, ele é obrigado a proceder desta forma, mesmo que os passageiros entendam seu ato de forma errada. No final das contas, o avião pousou direitinho, todos chegaram bem.

Foi exatamente isto que aconteceu com a comitiva de Bilam. O que fez com que eles mudassem de ideia foi o tempo. Eles puderam pensar um pouco naquela noite, quando Bilam disse que não tinha resposta e que esperava uma profecia de Hashem para ver se conseguiria destruir o povo judeu ou não.

Como disse o maior sábio de todos os tempos, o Rei Salomão, em Eclesiastes 3:1: "*le col zman vaet*", para tudo tem o seu momento embaixo dos céus. Em outras palavras, cada coisa tem seu tempo e os minutos que a

pessoa possui fazem com que a ela consiga esclarecer e organizar as ideias para si, entendendo melhor a situação, como na história do avião, ou como no caso de Bilam.

DANDO TEMPO AO TEMPO

Tudo tem o seu tempo exato para acontecer. No mundo, estamos acostumados a termos dezesseis anos, por exemplo, e querermos dirigir. Mas, quando estamos velhos, não aguentamos mais dirigir e queremos um motorista!

O Rei Salomão nos diz que tudo tem seu tempo, que a vida tem certa estrutura e o tempo vai definir as coisas certas, no momento certo. Em português, dizemos: "Dê tempo ao tempo".

Quando a pessoa está com pressa e para um pouquinho, respira e deixa a situação passar, sem decidir absolutamente nada, é melhor, porque é nos momentos de afobação que a pessoa comete os maiores equívocos, as maiores bobagens.

TUDO TEM SUA HORA

Se você ainda não encontrou aquela pessoa que poderia lhe dar uma bênção para ter filhos, ou se ainda não encontrou quem poderia lhe dar aquele conselho para o trabalho, para o casamento ou para a família, é porque ainda não é hora. O Rei Salomão nos diz: cada coisa tem seu tempo certo. A pessoa não deve ficar se martirizando por não ter feito algo antes, ou não ter encontrado alguém, cada coisa tem o seu tempo e **não** é possível **pular etapas, porque neste mundo as coisas funcionam conforme a vontade de Hashem**.

QUANDO VAMOS TER ÊXITO?

Às vezes, vemos que a pessoa trabalha e se esforça porque quer uma determinada coisa e nunca consegue atingir o seu objetivo, seja financeiro, intelectual, ou outro qualquer. Ela então pensa: "Eu não sou capaz, pois não atingi o meu objetivo". Se ela se esforçou e não conseguiu algo, pode ser por sua própria incapacidade ou pode ser que ainda não chegou o momento certo para alcançar seu objetivo. Quando isso ocorre, perguntamos "por quê?"; mas esta resposta só Hashem pode dar.

Obviamente, nenhum esforço é em vão, mas não são necessariamente aqueles que mais se esforçam que mais lucram.

SE VOCÊ NÃO TEM TEMPO, O QUE VOCÊ TEM?

Hashem nos diz que tudo tem um tempo. Por exemplo, se Ele decretar que determinado indivíduo merece ganhar certa quantia no prazo de dez anos, isto vai acontecer exatamente como Hashem falou, nem mais nem menos, nem antes nem depois; no tempo certo. Nós não temos como adiantar ou postergar isto.

SEM TEMPO

Houve um homem que ajudou o Chafêts Chaim num projeto. Quando ele já estava indo embora, o Chafêts Chaim agradeceu e disse: "Pelo reconhecimento do bem de ter nos ajudado, gostaríamos de convidá-lo para uma aula de Torá". Imagine ter o mérito de participar de uma aula do Chafêts Chaim!

O homem respondeu que não poderia ficar e explicou: "O senhor sabe que sou um grande empresário e por isto estou lhe ajudando, pois Hashem me deu os meios para isso e eu gosto de contribuir. Mas, o senhor sabe melhor do que eu que está escrito em *Pirkê Avot* (2:7): '*Marbe nechassim, marbe deagá* (quanto mais propriedades, mais dor de cabeça)' Eu gostaria muito de estudar com o senhor, mas não tenho tempo..."

O Chafêts Chaim respondeu com uma única frase, da qual devemos sempre nos lembrar: "Se você não tem tempo, então o que você tem? De que vale tudo o que você tem?".

FICOU DIFÍCIL SE CONCENTRAR

Os avanços tecnológicos são muito bons, mas o homem continua sendo o mesmo. Apesar de toda esta tecnologia, os nossos sábios dizem que antigamente o homem conseguia se concentrar muito mais do que hoje. Apesar dos smartphones, computadores, GPS e de todos estes benefícios tecnológicos de hoje, pagamos um preço: temos mais dificuldades para nos concentrar. Por exemplo: a pessoa pode estar muito concentrada em seu trabalho, mas basta uma luz do celular começar a piscar indicando que há uma nova mensagem que ela já para tudo para checar, e com isso acaba se distraindo.

QUEM TEM MAIS TEMPO?

Quando alguém sai de férias, a primeira coisa que ela quer saber é se tem wi-fi no local. Antigamente, sem todos estes avanços tecnológicos, quando a pessoa saía de férias, ela realmente se desligava, sem se preocupar com o que estava acontecendo no trabalho.

Nós temos muitos benefícios com os avanços da tecnologia, mas, em contrapartida, como tudo na vida, temos muitas armadilhas, um teste difícil. Com a globalização, as informações chegam muito rapidamente e nós precisamos acompanhar, precisamos ver os e-mails, a atividade financeira na Ásia e assim por diante. Antigamente, a primeira coisa que pedíamos ao entrar numa casa era um copo d'água, hoje é a senha do wi-fi...

As vinte e quatro horas nos dias de hoje parecem ser muito mais que vinte e quatro horas, e então eu pergunto: "Quem tem mais tempo livre, nós ou nossos antepassados?". O dia é o mesmo, mas a tecnologia é muito mais avançada. O que deveria acontecer é que o homem de hoje deveria trabalhar três ou quatro horas por dia, graças aos benefícios tecnológicos, e passar as outras vinte horas fazendo o que quisesse. Mas, o que acontece é justamente o contrário! Ele trabalha hoje umas vinte horas por dia e só possui três ou quatro horas para fazer o que quiser.

UM MINUTO DO CHAFÊTS CHAIM

Um dos nossos grandes sábios, escolhido pelo Chafêts Chaim para ser *Rosh Yeshivá* ao seu lado, era o Rav Naftali Trop. Vamos ver o que significa a palavra "tempo" para esses homens de alto nível espiritual.

Depois de ter trabalhado como Rav por 25 anos, ele ficou doente e os seus alunos começaram a recitar salmos por sua recuperação. Além disso, fizeram um leilão no qual iriam decidir quanto da vida deles eles poderiam doar para o Rav, que tanto havia lhes ajudado. Juntando todas as doações dos alunos chegou-se ao total de cinco anos de vida a mais para o Rav.

Decidiram então pedir ao Chafêts Chaim que doasse do seu tempo para ele também. O Chafêts Chaim respondeu: "Eu dou, em mérito do Rav Naftali Trop, um minuto da minha vida".

Os alunos se levantaram espantados e pensaram: "Só um minuto?". Foi então que entenderam que um minuto da vida do Chafêts Chaim era equivalente a toda a vida de um ser humano normal.

TRÊS PONTOS

No Judaísmo, a questão do tempo, como já observamos, tem três pontos a serem considerados. São eles:

1 – Tudo tem o seu tempo, a pessoa não pode se afobar.

2 – Numa situação de confusão, dúvidas, a pessoa precisa dar tempo ao tempo, parar e pensar.

3 – É preciso saber valorizar os segundos que a pessoa dispõe e usar bem os seus minutos e segundos.

Então, quanto vale um minuto? Uma pessoa que tinha uma reunião comercial na China, e sai de Nova Iorque e perde o avião por um minuto, sabe melhor que qualquer um o valor do tempo!

NA HORA DO OUTRO

Um indivíduo passou a andar sempre muito bem arrumado. Um amigo lhe perguntou o que tinha acontecido, pois ele não costumava ser assim. No passado, ele fora todo bagunceiro, desorganizado... E agora tinha se transformado em um homem todo certinho. Por quê?

Certo dia, sua família insistiu muito para que ele passasse por um *check-up* de saúde. Por isso, ele foi ao médico, fez todos os exames e lhe disseram para voltar dentro de um mês, pois, até lá, os resultados já estariam prontos.

Ao retornar ao médico, ele se atrasou um pouco e quando entrou no consultório viu que o médico olhava para ele e para os exames com muita seriedade, voltava a olhar para ele, e voltava a olhar os exames. Então, o homem perguntou: "O que está acontecendo?".

O médico lhe respondeu que sua situação não era muito boa e que seria necessário colocar um marca-passo para que ele pudesse continuar vivendo, e que, segundo os exames, era um espanto, tanto para ele mesmo, como para a medicina, saber que ele ainda estava vivo.

Então, o paciente disse ao médico: "Mas, o senhor tem realmente certeza disto?". O médico respondeu: "Tenho certeza, os exames estão aqui na minha mão! A mesma certeza que eu tenho de que o seu nome é Moshê Shamson." O indivíduo começou a ficar agitado e o médico

se desculpou pelas notícias não tão boas dadas a partir dos exames. Foi quando o paciente respondeu: "Eu não estou agitado por isso. É que eu me chamo Moshê Cohen, e não Moshê Shamson."

O que tinha acontecido? Por ter se atrasado para a consulta, acabou levando um susto desnecessário. Foi por isso, ele disse ao amigo, que tinha mudado, e que decidira nunca mais se atrasar para nada! Ele nunca mais iria perder a hora!

A PREGUIÇA TAMBÉM É RELATIVA

O Chafêts Chaim tinha uma lojinha, na qual ele trabalhava só o necessário para pagar as contas daquele dia. Hoje, isto é praticamente impossível, pois se você agir assim, a sua empresa desaparecerá do mapa. Hoje, o mundo é muito mais competitivo. O sustento virou uma preocupação muito maior do que antigamente. Mas, em contrapartida, o Rei Salomão disse que há um tempo para tudo neste mundo. Como pode ser?

Como é possível em pleno século XXI a pessoa ter tempo para tudo se o mundo evolui tão rápido, e nós precisamos estar ligados e antenados o tempo todo? Como dá para dedicar tempo a tudo?

A resposta vem do Ben Ish Chai. No seu livro, antes de trazer algumas leis, há algumas palavras sobre a porção semanal da Torá, mas que são muito difíceis de entender.

Houve uma época na vida de Avraham *Avinu*, sobre a qual está escrito *ve Avraham caved meod bemicne bakessef ubezahav* (Avraham *Avinu* se sentia muito pesado com o rebanho, com o dinheiro e com o ouro).

O Ben Ish Chai pergunta: "Eu entendo que ele se sentisse pesado com o rebanho, pois ele tinha muitas cabeças de gado e de ovelhas. E também entendo que ele se sentisse pesado com o ouro. Mas, o que quer dizer 'pesado com dinheiro'? Não vemos pessoas acharem que o dinheiro é pesado, muito pelo contrário. Por que a Torá nos diz que ele se sentia pesado com o dinheiro? O que a Torá quer ensinar?".

O Ben Ish Chai explica que não é que Avraham *Avinu* se sentisse pesado com o dinheiro. O que a Torá quer nos ensinar é que devemos observar como Avraham *Avinu* se comportava. Por exemplo: se há uma reza no domingo, a

pessoa quer tentar encontrar um *minian* que começa mais tarde. Mas quando a Copa do Mundo foi na Ásia, e os jogos eram de madrugada, a pessoa não teve preguiça de acordar para assistir...

O Ben Ish Chai nos diz que a preguiça é relativa, ela depende do que a pessoa vai fazer e do seu interesse na tarefa. Ele nos explica que, para o que a pessoa realmente deseja, para o que realmente lhe interessa, para ver o jogo, ela vai perder horas de sono, acordar cedo, etc. Mas para ir rezar ou para coisas da Torá ela pode não se esforçar tanto.

Era justamente este o mérito de Avraham *Avinu*, nos conta o Ben Ish Chai. Ele fazia o que era necessário em relação aos bens materiais, mas não era o que ele mais gostava. Era pesado para ele ter tanto patrimônio, dinheiro, e ouro. Seu objetivo neste mundo era crescer como pessoa e se aproximar cada vez mais de D'us.

TEMPO PARA O QUE INTERESSA

O mesmo Avraham, na porção semanal seguinte, já mais velho, aparece com a expressão *vayarotz licratam*, ou seja, correu para receber os anjos (visitas) e ajudá-los.

Quando Avraham foi preparar a carne para eles, está escrito: *ratz Avraham*, ele "correu", foi ágil para cumprir a *mitsvá.*

Pergunta o Ben Ish Chai: "Afinal, Avraham era ágil ou preguiçoso?". A resposta é que, para o que lhe interessava, Avraham era rápido e, para as outras coisas, ele fazia o que era necessário, mas lhe era pesado. Talvez possamos nos utilizar da mesma resposta para nós, nos dias de hoje, tão competitivos e rápidos. Não existe preguiça verdadeira, pois há tempo para tudo. Se a pessoa realmente quer, ela encontra tempo.

Por exemplo: um empresário ou alguém que está muito ocupado pode até pedir para não ser incomodado, tudo bem. Mas, se ligam da escola de seu filho e ele não consegue se comunicar com a escola, ele abandona tudo e vai até lá. Avraham *Avinu* encontrou tempo para as coisas que ele achava importante.

É sabido que as pessoas que mais têm tempo costumam ser aquelas mais ocupadas e, apesar de tudo, estão dispostas a ajudar. Elas encontram tempo para o que é importante, pois sabem aproveitá-lo da melhor maneira possível.

MUITA RECOMPENSA, MUITO MAIS DO QUE SE ESPERAVA...

Vejam o mérito que cada um de nós pode receber, segundo o que está escrito na *mishná* de *Pirkê Avot*, capítulo 4:

- Tente diminuir um pouco o seu trabalho, o seu ritmo e se ocupe um pouco mais com a Torá.

- *Ve im bitalta min há Torá*, se você não estudar Torá,

- *Iesh lechá betelim arbê kenegdeha*, também há muitas pessoas que não estudam a Torá.

E a *Mishná* termina dizendo:

- V*e im amalta baTorá*, se você estudar Torá, *iesh sachar harbe liten lach*, terá muita recompensa. Segundo ensina a *Mishná*, Hashem tem muita recompensa para lhe dar.

O Chafêts Chaim pergunta: "Por que muita recompensa?". É a recompensa correspondente ao estudo da Torá! Não precisa ser muita!

A pessoa precisa trabalhar, sair de férias, comer, e muitas vezes ela não tem opção, é a vida. Quando, de verdade, a pessoa encontra tempo livre para estudar Torá, está escrito no *Pirkê Avot* que ela tem muita recompensa a receber, pois diz o Chafêts Chaim que todo o tempo que a pessoa gastou com seus afazeres, Hashem considera também como se ela estivesse estudando Torá, por isso **muita** recompensa!

OS DIAS NÃO VOLTAM

Os *sefaradim* recitam músicas e algumas delas têm uma introdução. Um dos *pizmonim* que os sírios cantam no *brit milá* (baseado em Akedat Yitschak, de autoria do Rav Shlomo ibn Gabirol e citando o Midrash Tanchumá) é:

- *Ben adam lama tidag al hadamim*: ser humano, por que você se preocupa só com o dinheiro;

- *Ki hadamim einam ozrim ve haiamim einam chozrim*: o dinheiro não ajuda em nada, e os dias já não voltam mais;

- *Redof acharei haTorá ve hamitsvot asher hem lead caiamim*: procura tempo para a Torá e para as *mitsvot*, porque elas duram para sempre;

- *Ben adam, al tidag al she-avar ki hú ain*: ser humano, não se preocupe com o que passou, porque isso não é nada;

- *Vehaatid ki hu adain*: e o futuro ainda não chegou;

- *Cave laHashem*: anseie por Hashem;

- *Ki hu hamamtzi lecha iesh me ain:* porque Hashem é o provedor de tudo;

- *Veieshuat Hashem keheref ayin:* a pessoa que acredita em Hashem é salva em um piscar de olhos, mesmo sem entender.

TEMPO PARA QUÊ?

Usar o tempo neste mundo não é ficar apressado para usá-lo e ficar dizendo: eu preciso usar o meu tempo, eu preciso usar o meu tempo. Não quer dizer trabalhar vinte e quatro horas por dia, pois dentro da agenda da pessoa precisa existir tempo para ela, para descansar, para a família, para os filhos, para o casal. Sabemos que quando a pessoa quer, ela encontra o tempo necessário.

Poucos sabem, mas quando os filhos se casam, há muitos pais que dizem: "Estou arrependido de não ter passado mais tempo com os meus filhos." A grande sabedoria é, antes disso, fazer algo para não se arrepender no futuro, e dizer "estou aproveitando" ao máximo.

Vinte anos atrás, quando eu morava em Miami, uma pessoa veio passear e aproveitou para me visitar. Eu e minha esposa, que ainda não tínhamos filhos, fomos passear com ele. Meu visitante me disse: "Rabino, você sabe, eu sou muito mais rico do que você possa imaginar! Estou aqui há três semanas com a minha família, mas conheço pessoas que têm muito mais posses que eu e não conseguem tirar uns dias para ficar com a família." Isso permaneceu na minha cabeça.

É a realidade. Tem pessoas que viajam, mas não estão com a cabeça na família. Então quem é o mais rico? Aquele que tem menos dólares na conta, mas consegue usar o tempo para ficar com a família, ou aquele que tem mais dinheiro, mas tem como companhia seu computador e fornecedores?

Quando os filhos crescem, chega um momento em que eles se casam e saem de casa. Quem sobra é somente o marido e a esposa, e se eles não investiram um no outro, vem a Síndrome do ninho vazio, como chama a psicologia.

Isto é, haverá duas pessoas estranhas morando na mesma casa. Para evitar essa situação é preciso escolher como dividir o tempo. Em inglês se diz: "*Time is money*", e o Rei Salomão nos disse: *"lecol zeman vaet"*, na verdade, "*time is more than money*". O tempo é mais importante do que o dinheiro.

Quando eu pergunto para um aluno por que ele não conversa com o pai, ele me diz: "Ah! Ele trabalha o dia todo e quando chega está cansado. Eu mal vejo meus pais". Não há prazer maior do que sentar-se ao lado de seu filho e vivenciar suas descobertas, suas conquistas. Dedique tempo a eles. Eles preferem a presença dos pais aos bens materiais. Devemos todos gerenciar nosso tempo e, se quisermos de verdade, acharemos uma maneira de aproveitá-lo melhor.

CASAMENTO: ESTAMOS EM MANUTENÇÃO?

“Quanto mais tempo eles passavam
juntos e quanto mais eles se conheciam,
mais um gostava do outro.”

INOVAÇÃO

Um dos assuntos que se cita quase sempre para os recém-casados é o seguinte: Existiu um Rav, chamado Rav Shizbi, que nos diz na *Guemará* em nome de Rav Elazar ben Azaria o seguinte: o sustento da pessoa é tão difícil de ser obtido que chega a ser comparado a abertura do Mar Vermelho. Isto está em *Pessachim*, na página 118a e nos explica que se uma pessoa estiver ganhando o dinheiro fácil, tem algo errado.

Qual outra situação a *Guemará* compara com a abertura do mar? Encontrar um cônjuge! Então, temos duas situações que são comparadas com a abertura do mar: o sustento, como nos conta o *Talmud*, e o casamento. Assim, no começo da *Guemará*, no tratado de *Sotá*, surge a pergunta: qual a relação entre a abertura do Mar Vermelho, o casamento e o sustento?

O Rav Yaacov Kamenetsky dá uma explicação muito interessante quando se refere ao trabalho: mesmo que se esteja há muito tempo no mercado, uns 20, 30 anos, isto não quer dizer que **as coisas vão continuar** pela mesma extensão de tempo, pois dez anos de sucesso são obviamente os que ajudam a virem mais outros dez, mas não garantem outros dez de sucesso. Para isso, é necessário que a pessoa sempre se inove, procure novos clientes, fidelize os antigos... Às vezes, tem que ir a uma feira, uma exposição para procurar um produto novo, a pessoa tem que estar sempre ligada no seu sustento para poder continuar trabalhando.

Não existe piloto automático em relação ao sustento. Da mesma forma que todos entendem que em relação ao sustento **não podemos dizer "eu já consegui",** temos de estar sempre atentos, observando, trabalhando, o mesmo também acontece em relação ao casamento. Não se pode falar "já consegui".

A pessoa pode estar bem casada há muito tempo, mas às vezes ela precisa examinar a situação e fazer **uma manutenção**, para que isto continue assim, por muitos anos mais.

RECONHECENDO A ESPOSA QUE TEM

A maior prova disto, de que temos de estar sempre trabalhando, pode-se constatar na história dos anjos no *Sefer Bereshit* (18:9) quando eles chegam para visitar Avraham *Avinu*, e lhe dizem: "Onde está a sua esposa Sarah?". Avraham *Avinu*, segundo alguns comentaristas, não sabia que aqueles homens eram anjos.

Em razão disto, Rashi pergunta qual a diferença para o anjo onde está Sarah? Para que eles querem saber? E Rashi explica que quando lhe perguntaram onde estaria Sarah sua esposa, isto foi para Avraham *Avinu* pensar e responder a eles que a sua esposa estava na tenda. Conhecendo-se a importância do conceito de recato, isto fez o patriarca pensar em como ela era uma boa esposa, que estava na tenda e não passeando por aí. Avraham *Avinu* então foi induzido a pensar desta forma através dos três anjos.

Quantos anos tinha Avraham *Avinu* quando aconteceu este episódio? 99 anos! E, naturalmente, a primeira coisa que pensamos é que o mais importante nesta idade é a saúde, e não se ele tem ou não tem harmonia no lar... Isto é secundário! O Rav Pam diz o seguinte: Avraham *Avinu* foi induzido a pensar na sua esposa quando estava próximo dos 100 anos de idade, e a reconhecer, apesar de tanta idade, **que boa esposa ele tinha**.

Se não existir manutenção constante no casamento, então, infelizmente, o casamento vai acabar precisando de um conserto, e corre perigo.

VOZES

Casamento é igual à preparação de certos doces, não podemos parar de mexer, senão "empelota", fica duro e a receita não tem sucesso. Temos sempre que inovar no casamento e para isto Hashem nos deu a criatividade. As pessoas pensam: como posso renovar o meu casamento? E aqui podemos nos lembrar do versículo: "*Col sasson vecol simcha"*, que quer "a voz do noivo, e a voz da noiva". Esta é a maior benção do casamento, pois os noivos sempre se tratam com **carinho e respeito**.

QUANTO MAIS TEMPO, MELHOR

Observem o que a Torá nos fala em relação ao casamento: o Rav Hirsch nos ensina, na sua explicação do *Chumash*, que o versículo sobre Yitschak e Rivka conta que quanto mais tempo de casados eles tinham, mais eles se gostavam. E sabemos que isto é o inverso do que normalmente costuma acontecer com a maioria dos casamentos, os casamentos laicos! Diz o Rav Hirsch: quando a única finalidade no casamento são os prazeres físicos, então no momento em que isso já não é mais novidade, o amor vira um grande peso. Mas com Yitschak e Rivka acontecia justamente o contrário! Quanto **mais tempo** eles estavam juntos e quanto mais eles se conheciam, **mais um gostava do outro**.

VOCÊ SE CASARIA DE NOVO COM A MESMA PESSOA?

Hoje existe o termo "juntar", pois se não dá certo, "desjunta". Assim não é preciso se comprometer. A Torá nos diz justamente o contrário: quando o homem diz para a mulher "*harê at mecudeshet li*" (você está consagrada para mim, você está santificada para mim), a ideia é de que vai ser para sempre. Mas como é possível ficar casado com uma mulher ou um homem durante tanto tempo? Atualmente em Israel a taxa de divórcio beira os 30 por cento da população.

Eu comecei a me perguntar como dá para ficar casado com a mesma mulher durante 80 anos? O que fazer para que não fique chato, sem graça, para que não enjoemos? A resposta é a seguinte: é preciso sempre inovar. E a pergunta que surge, depois de dez, 20 anos de casado com a mesma pessoa é: você casaria de novo com ela ou ele? A resposta tem que ser positiva, e para isto é necessário fazer coisas diferentes! A pessoa precisa, de fato, **se empenhar no casamento** para ter certa dinâmica. O interessante é casar com a mesma esposa ou esposo várias vezes durante a vida. Existem algumas dicas na Torá de como manter o casamento lustrado e polido.

PENSAR JUNTOS

Certa vez, uma pessoa muito próxima ao Chazon Ish, citada num livro chamado *Memechitsatam*, conta que alguém veio pedir ao Chazon Ish uma *berachá* antes de viajar para fora de Israel para fins comunitários. Esta pessoa

foi pedir a *berachá*, pois estava debilitada em sua saúde, e solicitou para que pudesse ir e voltar em paz.

As palavras ditas pelo Chazon Ish foram as seguintes: "Não se preocupe com a sua saúde, pois as necessidades da comunidade certamente são mais importantes do que a sua saúde, e, portanto, vou rezar por você e Hashem irá cuidar de você. Porém, eu quero lhe perguntar uma coisa: será que a sua esposa concorda com esta sua viagem de todo o coração? A sua saúde é infinitamente menor se comparada a este detalhe. Se você não pediu sua permissão, não vá, pois você **não terá sucesso"**.

No *Shulchan Aruch* está escrito que se um homem vai viajar, deixando sua mulher em casa e o motivo da viagem for o seu sustento, sendo que é assumido por todos que a mulher também quer o sustento, ela permitirá ao marido viajar. Porém, continua o *Shulchan Aruch*, ainda assim existe uma discussão e divergência de opiniões a respeito de se o marido precisa ou não pedir permissão à mulher para viajar. No entanto, se a pessoa vai viajar para passear, todos concordam que a ele deve perguntar à mulher, pois segundo disse o Chazon Ish, se a esposa *não concorda, mesmo seja for para cuidar da comunidade, ele não pode* ir...

Casamento não é junta e "desjunta", e sim uma relação em que cada um tem que levar em consideração a opinião e o sentimento do outro, como nos relata o *Shulchan Aruch*. *É fácil falar, mas no dia a dia eu tenho que considerar a minha esposa e ela também tem que me considerar. Isto é o que acontece num casamento saudável. Pode demorar um pouco mais de tempo, mas é preciso que cada um considere o outro.* Casamento é quando os dois precisam **pensar juntos**.

NINHO

Cada vez que um toma uma decisão, seja ele ou ela, é preciso considerar ao outro, pois senão, dependendo do passo que será seguido, eles se distanciam mais e depois para unir de novo é muito difícil. Uma frase fora de hora pode distanciar muito as pessoas, e para juntá-las novamente é preciso muito mais esforço do que aquilo que os distanciou.

Uma pessoa que vive nos Estados Unidos e que se especializou em harmonia do lar realizou uma pesquisa, que mais tarde foi comprovada cientifica-

mente: cada vez que o homem ou a mulher tratam um ao outro de forma pejorativa, ou com uma frase mal colocada, isso faz com que a pessoa retroceda, por exemplo, dez passos para trás. Por outro lado, cada frase bem colocada faz a pessoa avançar somente um passo adiante**.** Sentir a proximidade é a situação ideal. Quando alguém diz que não aguenta mais sua casa, o assunto é muito sério, pois **a casa é o ninho de alguém**, e não o escritório ou o barco de lazer.

NUNCA VIRAM E SEMPRE TIVERAM

Nos anos 30-40, na *Yeshivá* Torá *Vadaat*, o *Rosh Yeshivá* era o Rav Shlomo Heiman. Ele não tinha filhos e faleceu antes da sua esposa. Portanto, na sua semana de luto *não havia nenhum filho seu, mas somente sua mulher e os seus alunos que acharam que por respeito, era certo irem visitar a sua senhora, a rabanit*.

Eles compareceram nos sete dias de luto, rezavam, mas ninguém tinha coragem de dizer nada para a *rabanit*. Quando os setes dias terminaram, a mulher do rabino perguntou aos alunos o que mais os tinha impressionado na pessoa do Rav. Um deles disse que as aulas do Rav eram brilhantes, outro disse que era a constância do Rav para com os alunos. No entanto, a esposa do Rav disse que não concordava com eles. E acrescentou: vou dar uma aula para vocês que o meu marido nunca lhes deu. É muito maior do que vocês me contaram, e um elogio muito maior para o Rav.

A *rabanit* disse: "Fomos casados durante 26 anos e não tivemos filhos, como todos vocês sabem, e numa casa onde não há filhos existe muito silêncio. Às vezes, eu preparava para ele um grande banquete de jantar, e meu marido nunca me perguntou qual a razão para eu fazer um banquete tão grande para uma só pessoa".

"Outras vezes eu chegava atrasada, ou chegava depois do Rav, e via que ele, apesar de não saber cozinhar, sempre tinha deixado um pedaço de bolo e um café, para que quando eu chegasse, pudesse tomar o que ele tinha preparado para mim". E este é o maior ensinamento que o Rav nunca deu a vocês, muito maior do que a *Guemará*, do que tudo. Este é o grande Rav Heiman que vocês nunca viram, mas que vocês sempre tiveram.

E isto é o que aconteceu também com Yitschak e Rivka. Quanto mais o tempo passava, mais eles se gostavam, mais eles consideravam um ao outro.

DETALHES

Shalom bait (harmonia no lar) não é fazer uma festa de aniversário para o outro, gastando muito dinheiro. É a relação do dia a dia, os detalhes pequenos, que fazem um casamento, uma vida.

Numa lei no *Shulchan Aruch*, o Remá em *Halachot shabat*, S*iman* 250, cita que existe uma *mitsvá* de se olhar as facas para ver se estão afiadas na véspera do *shabat*. Isto nos mostra o quanto se está esperando pela refeição festiva. O Chafêts Chaim, no seu comentário *Mishná Berurá*, explica que há outra razão pela qual deve-se afiar a faca na véspera do *shabat*. É para poder cortar a *chalá* de forma mais fácil, pois se a faca não estiver tão afiada, o marido precisará fazer duas ou três tentativas para cortar a *chalá*, e isto pode deixar ele chateado, sendo que isso pode atrapalhar harmonia do lar de *shabat*.

Se não fosse o Chafêts Chaim que tivesse escrito isto, nós colocaríamos em dúvida a sanidade do autor destas palavras. Mas, mais inteligente do que todos nós juntos, o Chafêts Chaim sabe, conhecendo o ser humano, que o homem ficará bravo e para isto não acontecer deve-se afiar a faca antes do *shabat*. Vejam como pequenos detalhes têm importância para o casamento.

VAI COMEÇAR?

Outro detalhe importante para o casamento, segundo o Rav Meir de Premishlan: ele aconselhava seus chassidim a comerem algo antes de chegarem em casa, para não estarem com fome, pois senão as chances de ocorrer um problema são grandes. Não chegue à sua casa de barriga vazia, porque se ocorrer um atraso no jantar, isto não comprometerá a harmonia do lar. Estes detalhes são os que salvam o casamento, e você tem que estar pensando neles constantemente.

Recebi um e-mail com um rodapé onde estava escrito: não critique o seu cônjuge, pois se ele fosse perfeito, ele teria casado com alguém melhor. Não se compara marido e esposa, nem mentalmente. Não se compara sogro e sogra com os outros. Tudo isto são detalhes para que o lar da pessoa seja o mais agradável possível.

Escuto às vezes pessoas dizerem que querem chegar tarde para sua casa, pois talvez quando eles chegarem, suas esposas já estarão dormindo. Essas

pessoas se perguntam como pode ser que gostavam tanto das esposas quando eram noivos. Naquela época o noivo achava a sua noiva a mais bonita do mundo! Mas agora chega a esta situação! A resposta é que no noivado você vê uma pessoa, e é necessário muita reza para encontrar a pessoa certa. No casamento, entretanto, vemos a pessoa verdadeira. É dentro de casa que a pessoa se mostra como realmente ela é. E por isto nunca podemos comparar nosso cônjuge com outras pessoas.

QUANDO RECALCULAR

Muitas vezes perguntaram para o Rav Kanievski se valia a pena ou não manter determinado *shiduch*, pois estavam na dúvida. Ele sempre responde a este respeito que, se existe uma dúvida quanto às *midot* da pessoa, por exemplo, se há ou não o temor que se deve ter de *Hashem*, vale a pena considerar de novo a situação e pensar bem se deve ou não dar continuidade ao *shiduch*, pois *midot* não se consertam depois no casamento! Mas, se forem outros detalhes: "Siga em frente".

QUEM DEVE MUDAR?

Certas vezes, as pessoas me dizem que brigam por causa da religião dentro de casa, pois um dos cônjuges é mais religioso do que o outro. O mais inteligente a fazer é a pessoa procurar alguém do seu nível antes de casar, e não ir com o pensamento de que depois do casamento ela fará o cônjuge mudar. Mas, o mais importante, é que a pessoa olhe para o outro, **no mesmo nível**.

O Rav Steinman citou uma ideia muito interessante de sobre quem recai a obrigação de se reeducar frente a um erro no casal. O marido educa a mulher ou a mulher educa o marido? Onde entra a educação na vida do casal?

Diz o Rav Steinman que nenhum cônjuge deve educar o outro. "Lá em cima", ninguém vai cobrar do marido os pecados da esposa e o inverso também é válido. Se não foi o marido que fez a mulher cometer pecados, e, ao contrário, ela os cometeu por vontade própria, o marido não é supervisor dela. A pessoa tem que ser educador e supervisor dos seus filhos. O marido não pode repreendê-la, pois primeiramente ele não é seu supervisor, e depois, porque isso não irá adiantar, pois ele não é responsável por ela. O que **sim a pessoa pode**

fazer é ser alguém agradável. E, então, os dois encontrarão um ponto em comum para poder conviver em paz.

Existe harmonia entre pessoas que são muito diferentes. Encontramos pessoas que pensam de modo diferente e possuem um ótimo *shalom bait*. Por quê? Porque é preciso respeitar e considerar o outro. Caso contrário, pensamos que a religião é o motivo e a culpa pela falta de harmonia, mas na maioria dos casos a falta de amor é o que apareceu no meio do caminho, a falta de amizade. Por exemplo, se um cônjuge viaja de carro no *shabat* e o outro não, isto é somente a ponta do iceberg, porque se existe amor, respeito mútuo, *shalom bait*, todos os outros detalhes poderão ser organizados, e cada um pode fazer as suas coisas sem que isso incomode o outro.

A *Guemará* nos diz em *San'hedrin* que quando há amor na casa, a esposa e o marido podem morar na ponta de uma lança que ainda assim estarão juntos. Por outro lado, quando não existe o amor, não tem amizade, eles podem morar em um palácio de 600 metros quadrados que isto não ajuda. Quando há amor, tudo se resolve, talvez nem sempre do jeito que queremos, mas tudo se ajeita. E quando não há amor, mesmo um palácio, mesmo com casas de veraneio, casas de inverno, nada disso ajuda.

O TEMPO NÃO INTERFERE

Tem algo que aparece na Torá que nos mostra, a meu ver, a melhor definição do mundo para *shalom bait*. Moshê *Rabênu* foi ao Egito salvar o povo e quando ele foi, foi sozinho. Aharon disse a Moshê para não levar a família, pois era perigoso. Quando Moshê saiu do Egito, encontrou sua esposa e filhos. E quando ele se encontrou com eles, na *Parashá* Yitro, o texto nos conta que ele encontrou Tsipora, sua esposa.

O Rav Hirsch pergunta: Quem não sabe que Tsipora é a esposa de Moshê? Por que o versículo nos conta que ele encontrou Tsipora, esposa de Moshê?

O Rav Hirsch diz algo genial: mesmo que Moshê não a tenha visto durante muito tempo, e que tenha ficado longe dela por meses e até anos, ela ainda era chamada de Tsipora, esposa de Moshê, e não por causa de um documento do cartório. Moshê voltou e olhou para ela como se estivessem estado juntos todo esse tempo, porque quando alguém está bem com o outro, não importa

se está perto... Às vezes é necessário estar longe, e mesmo que se encontrem juntos por pouco tempo, ela continua sendo a sua esposa.

Eshet Moshê é a melhor tradução da expressão *shalom bait*. Não é ter paz em casa e sim ter uma harmonia em casa, onde é agradável estar. Construir *shalom bait* pode apresentar desafios, mas, de modo geral, tem que se dizer e sentir que é gostoso chegar em casa. É um prazer chegar em casa e saber que lá você não será criticado, que não vão acabar com sua autoestima.

Às vezes, é preciso enfrentar dificuldades, e isto faz parte do casamento. O maior sofredor da falta de *shalom bait* não é o marido ou a esposa e sim os filhos através dos quais é possível perceber de qual tipo de casas eles vêm.

Reze pelos seus filhos, respeite seu cônjuge, pois no final a pessoa mais rica do mundo será você. Devemos respeitar e cuidar dos filhos, ter este carinho, mas não por egoísmo. No entanto, mesmo que seja por egoísmo, **quem vai sair ganhando** é você mesmo, a sua casa e o seu cônjuge.

Que possamos todos ter *shalom bait*, pois numa casa que tem harmonia, tem a presença divina, tem Hashem e, de fato, todos ali serão pessoas mais felizes e mais saudáveis!

A HISTÓRIA PREDILETA DO RAV SHLOMO ZALMAN AUERBACH Z"L...

“Uma pessoa que não conhece os seus sentimentos não consegue sentir o que os outros sentem.”

A INFINITUDE DA TORÁ

Uma das peculiaridades da Torá é que podemos lê-la inúmeras vezes e encontrar sempre uma lição diferente sobre um mesmo assunto.

A Torá é sempre a mesma e somos nós que mudamos. Nós mudamos porque crescemos espiritualmente, e a Torá parece ser outra, pois acaba sendo vista sob outro prisma, mesmo continuando a mesma.

A CONSTRUÇÃO DO *MISHCAN* E O *KIOR*

No tabernáculo havia um utensílio chamado *kior*, que era um utensílio onde diariamente os *cohanim*, antes do início dos trabalhos, lavavam as mãos e os pés.

O versículo no *Sefer Shemot* nas porcões que se referem à construção do *Mishcan* cita as seguintes palavras: *Vaiass et hakior (*e fizeram um kior*) nechoshet veet kano nechoshet (*feito de cobre*) bemarot hatzovot asher tzavu petach ohel moed* (feito de espelhos).

O povo falou para Moshê *Rabênu* que tinha um pouco de material de cobre e que queria fazer um *kior* para o *Mishcan*. Moshê *Rabênu* respondeu que não podia receber este cobre, pois havia sido usado pelas mulheres no Egito quando os maridos decidiram que não queriam ter mais filhos, receosos que os filhos caíssem nas mãos do Faraó. As mulheres queriam dar continuidade ao povo, e como elas têm um sexto sentido, usavam o cobre como espelho, e ao se embelezarem em frente ao espelho para atrair o marido na volta do trabalho escravo, conseguiram engravidar.

Moshê *Rabênu* disse que aquele cobre não condizia com a santidade do lugar, uma vez que tinha sido usado para a sexualidade, mas D'us ordenou que ele recebesse o cobre, e com ele foi feito o *kior* que o *cohen* usava para lavar os pés e as mãos diariamente quando entrava no *Mishcan*. O que fez Moshê "mudar de ideia"? O que Hashem falou?

UMA PARÁBOLA

Uma curta história explica por que Moshê não quis receber o material e Hashem lhe disse para aceitar.

Certa tarde, Rav Yaacov Kamenetsky, *Rosh Yeshivá* da *Yeshivá Torá Vadaat*, estava em sua casa quando bateram à sua porta: como era de costume, pessoas que vinham se aconselhar com ele.

Um jovem entrou para se consultar e começou a conversar se apresentando para o rabino. A esposa do rabino ofereceu ao jovem uma fatia do bolo recém-saído do forno. O jovem disse à *Rabanit* que não se preocupasse, pois já tinha almoçado, e que tinha vindo somente se consultar e não para comer bolo. Mas a *Rabanit* insistiu que ele provasse do bolo, e o jovem continuava resistindo. Ao ver esta cena, o Rav Kamenetsky, que observava em silêncio perguntou ao aluno como ele poderia ajudá-lo.

O jovem disse que no *Talmud* existe um tratado chamado *Massechet Ievamot*, que era bastante complexo, e que somente agora ele tinha conseguido entender uma parte deste tratado, e que ele gostaria de compartilhar a novidade com o Rav.

O Rav não esboçou nenhuma reação e o jovem insistiu que tinha visto uma novidade naquele trecho da *Guemará* e que ficaria muito alegre em compartilhar com o Rav.

"Eu sei que você quer me contar sobre sua novidade no tratado de *Ievamot*, mas a minha esposa teve uma "novidade" de Torá no forno dela, um delicioso bolo de chocolate. Quando ela lhe ofereceu, você não aceitou".

Apesar de ter dito isto com carinho, um sábio como o Rav Kamenetsky, precisava ensinar os outros como se comportar e foi o que ele ensinou ao jovem. Que é necessário que façamos os outros à nossa volta se sentirem confortáveis e admirar o que eles trazem também.

SENSIBILIDADE

Rav Shlomo Zalman Auerbach tinha um filho, Shmuel, e seu pai lhe contava sempre a mesma história. Nesta história havia um Rav que viveu havia muito anos cujo nome era Baruch Tam.

O filho de Baruch Tam ficou noivo e sua futura sogra o viu chateado na noite do noivado e lhe perguntou porque estava preocupado, se era algo com relacionado à noiva ou ao futuro. O noivo disse que não havia nenhum problema, mas que ele estava sabendo que a pessoa encarregada de trazer água à cidade não estava passando bem e ele estava preocupado, pois sabia que aquele judeu que servira durante tantos anos a cidade e que beneficiava a todos com a água, estava doente.

A futura sogra lhe perguntou por que ele estava preocupado, se ele não tinha nada a ver com isto. Ela disse que era o dia do seu noivado, que não era para ele se preocupar com outros, e sim colocar os fatos na perspectiva certa. Ela aconselhou que ele não deixasse problemas simples estragarem um dia tão especial para ele, e pediu para ele ignorar o problema.

Rav Tam, que era o pai do noivo, ao escutar as palavras da sogra, anunciou que o *shiduch* estava cancelado. O Rav se perguntou: para que entrar numa família que tem nos genes a falta de sensibilidade? O Rav disse que procurassem outra noiva porque ele não queria que o filho dele entrasse naquela família. Ele afirmou que não era isto que estava procurando para o seu filho, e que não foi para isso que ele o tinha criado. Assim o noivado do filho do Rav Tam nunca aconteceu e cada um procurou outro parceiro.

Rav Shlomo Zalman Auerbach costumava contar esta história inúmeras vezes para a sua família e isto nos leva à pergunta inicial de por que Moshê *Rabênu* não quis aceitar os espelhos para fazer o *Mishcan*?

A diferença está no que Hashem pensou e no que Moshê, que era um grande profeta, pensou. Ele achava que não deveria aceitar e estava com medo de receber. Hashem concordou com ele dizendo-lhe que ele realmente tinha razão, que isto não condizia muito com o ambiente do *Mishcan*, mas esta foi a mesma situação do bolo que a esposa serviu ao jovem. Onde está a sensibilidade? Tanto na história do bolo como na história do cobre para o *Kior*, as mulheres trouxeram com carinho. Não havia nada de errado no fato de elas terem

usado os espelhos para atraírem os maridos. Muito pelo contrário, usaram para o marido querer ter filhos e haver uma continuidade do povo. Hashem disse: "se você não aceitar a oferenda delas, o sentimento que você estará transmitindo a estas mulheres é o sentimento de rejeição". Hashem disse que talvez não fosse o mais nobre de todos os materiais que Moshê *Rabênu* recebeu e ele não pôde decidir isto sozinho, mas Hashem pediu que fosse sensível e aceitasse o cobre para a construção do *Mishcan*.

É preciso ter empatia, saber reconhecer que tem pessoas ao nosso lado e saber fazer com que elas se sintam confortáveis. Esta foi a mesma razão pela qual o Rav Baruch Tam não permitiu o noivado do seu filho com a filha daquela senhora.

SODOMA E GOMORRA

Em Parashat Vaierá, a Torá nos ensina a história de Sodoma e Gomorra. Hashem avisou a Avraham que Sodoma seria destruída. Ao escutar isso, Avraham se aproximou de Hashem com um pedido de súplica, perguntando *Aaf Tizpe Tsadic Im Rashá*? Você vai destruir a cidade de Sodoma mesmo que talvez existam alguns *tsadikim* lá? Você vai destruir o justo junto com o perverso?

Avraham Avinu começou a negociar: "D'us, se tiverem lá 50 *tsadikim* Você irá poupar a cidade?". Mas ao tentarem encontrar 50 *tsadikim*, não encontraram e Avraham foi negociando com Hashem 45, 40 e assim sucessivamente até chegar a dez *tsadikim*. E como não foram encontrados nem dez *tsadikim*, Hashem destruiu a cidade de Sodoma. A pergunta que surge no versículo é que Avraham perguntou para Hashem: *Aaf Tizpe Tsadic Im Rashá*? Você matará um *tsadic* com um *rashá*?

A palavra hebraica para matar é *iamit*, mas o versículo nos diz que Aaf Tizpe Tsadic Im Rashá. *Tizpe* não é matar e sim destruir. Por que Hashem não usou a palavra matar quando ia destruir Sodoma e Gomorra? Ele iria aniquilar as pessoas, mas se houvesse um justo lá, Hashem não iria matar. Avraham pergunta que tipo de consideração é esta de destruir Sodoma, aquela grande cidade?

Avraham sabia que Hashem não mataria um justo junto com um perverso, pois aquele que não merecia morrer seria poupado e quem merecia seria destruído junto com Sodoma. Avraham pediu para poupar Sodoma pelo sentimento triste que os justos iriam sentir por sua destruição.

NO AEROPORTO

Há dois meses fui ao aeroporto acompanhar meu filho que foi estudar nos Estados Unidos. Estava lhe dando orientação sobre o que fazer, mas ao chegar à Polícia Federal não pude mais acompanhá-lo. Ficar vendo ele se afastar através do vidro me fez chorar. A agente da Polícia Federal me viu assim e me disse que não me preocupasse, pois a viagem dele iria correr em paz e que tudo daria certo. No mesmo instante, eu parei de chorar e me recompus. Aquela moça nunca tinha me visto e eu nunca a tinha visto também, mas o seu olhar de sensibilidade, o fato de ela ter se sintonizado com a minha dificuldade naquele momento, me ofereceu um toque sutil, um toque de empatia.

COMO SER MAIS SENSÍVEL?

Hashem espera isto de nós não importando o que somos e quem somos. E como podemos fazer isto? Como ser mais sensível? A resposta, com certeza, é que primeiramente a pessoa tem que estar em contato consigo mesma. Uma pessoa que não conhece os seus sentimentos não consegue sentir o que os outros sentem. Aquela pessoa que diz que nunca chorou, que nunca ficou chateada, que diz que nunca fica brava, dificilmente será sensível em relação aos outros.

DAVID HAMELECH E O MASHIACH

O progenitor da dinastia de Mashiach é David Hamelech. Se analisarmos veremos que, sem exageros, com certeza ninguém casaria a sua filha com David Hamelech. David veio de Ruth a moabita, e *moav* quer dizer *me av*, do meu pai, porque Lot teve relações com a sua filha de cuja descendência nasceu Ruth e de Ruth veio David Hamelech. David é filho de quem? David descende de uma relação do pai com a filha!

David Hamelech foi rei, e a tribo que denomina o reinado no povo de Israel, é a tribo Iehuda. Iehuda casou-se com sua nora Tamar deles descendeu David Hamelech. Na história de David, temos o pai casando com a filha, o sogro casando com a nora, e o próprio David que casou-se com Batsheva que era uma mulher já casada!

Rav Shimon Schwab tem um livro chamado "*Iun tefilá*" no qual faz uma observação interessantíssima: Iehuda teve relações com Tamar, Lot teve re-

lações com sua filha de onde nasceu Ruth e depois David. Todos eles depois fizeram *teshuvá*. Por que Hashem fez a história de David tão confusa?

A resposta aparece nesta frase: Se o *Mashiach* não tiver sensibilidade, não passar por *teshuvá*, como ele poderá tentar fazer com que o povo faça *teshuvá* e volte para Hashem? Então, o *Mashiach* colocará a coroa do mundo na cabeça de Hashem. Hoje D'us não é rei, mas no futuro D'us será único.

A *Guemará* no tratado de *Pessachim* pergunta: como hoje, Ele não é único? Não se pode afirmar que D'us é único, pois há pessoas que não aceitam D'us, há pessoas que fazem idolatria, que não cumprem os preceitos da Torá, então não podemos dizer que "D'us é único".

TESHUVÁ DESVINCULA DO PASSADO:

Geralmente, quando uma pessoa erra e faz *teshuvá* ocorre uma desvinculação do passado. Isto tem o seu lado positivo, porém tem também um lado negativo. Desvincular-se dos atos é bom, mas vejam a situação, por exemplo, de alguém que fumava um maço de cigarros por dia e parou há dez anos. Além de fumar ser proibido pela Torá por ser maléfico, então agora ele é um *tsadic*, por ter se esforçado bastante.

Mas, ao ver um fumante, se ele pensa que é nojento, sua reação não é positiva, pois ele mesmo também foi um fumante, e ele tem quer ser sensível com outros e lembrar-se da sua condição anterior como neste caso, de já ter sido fumante, pois só um ex-fumante tem o potencial para entender e ajudar outros fumantes.

É muito bom desvincular-se do passado, mas é importante também sensibilizar-se com o outro e ajudá-lo, principalmente por já ter passado pela mesma situação. Este é o segredo para a vinda do *Mashiach*. Tem que ser de uma família que teve deslizes durante a vida e se corrigiram. Pois, uma pessoa que passou por determinada situação e a resolveu e se consertou, ela sabe como ajudar os outros.

Há duzentos anos, um Rav de uma comunidade tinha que saber muito de leis, mas hoje em dia além de tudo isso, um Rav ou um professor precisam entender as pessoas, escutar seus problemas e ajudar resolvê-los. Na maioria das

vezes, nem precisa resolver, mas sim escutar, ser sensível com o próximo já ajuda bastante. Isto é um sábio. Em todas as esferas da vida, em casa, no trabalho é importante lembrar que não é só dar conselhos e sim escutar o próximo, ter empatia. Esse comportamento dará ao outro uma sensação muito forte de alívio.

O BOM PROFESSOR

O bom professor é aquele que consegue fazer o aluno gostar das aulas e isto é possível ao se colocar no lugar do aluno e ser sensível, não simplesmente só ensinar a matéria. Os nossos grandes sábios sabiam disso melhor que ninguém e a história seguinte exemplifica esta sensibilidade.

HISTÓRIA DO RAV MILLER

Certa vez, Rav Miller tinha um encontro com o Rav Shach, em Bnei Brak. Como ele não queria se atrasar, foi de táxi em vez de ônibus e pediu ao taxista que dirigisse um pouco mais rápido. Quando estavam quase chegando, o taxista perguntou ao Rav o que ele iria fazer lá. O rabino disse que era Rav de Bat Iam e que precisava resolver alguns problemas da sua comunidade e também iria aproveitar para fazer uma *tefilá* para uma pessoa da sua comunidade que estava doente.

O rabino viu que o taxista se entristeceu, e lhe perguntou qual o motivo e a razão da tristeza, ao que o taxista lhe contou que ele também tinha um conhecido que estava muito doente. O Rav sugeriu que ele entrasse junto para falar com o Rav Shach. Ao entrar, começaram a conversar e fazer perguntas. Leram juntos os salmos e o Rav Shach disse que depois de *tehilim* é costume pedir pela cura dos doentes, mas ele precisava saber o nome da pessoa. O taxista respondeu que na verdade não sabia o nome nem do pai nem da mãe do enfermo, pois na verdade o doente era seu cachorro!

O Rav Shach, grande sábio, que atendia perguntas de todas as partes do mundo, fez *tehilim* para o cachorro do taxista de Bat Iam. A reação de muitas pessoas seria não rezar pelo pronto restabelecimento de um cachorro, mas é justamente aqui que reside a diferença entre um judeu e um sábio de verdade. O que nos ensina este episódio? O que temos que aprender dele?

O Rav Shach explicou que o cachorro era um amigo para o taxista, e ele também merecia uma reza para que o taxista se sentisse bem. Isto é sensibilidade em relação aos outros, é o que Hashem espera de nós.

CUIDADO AO DIZER NÃO

Uma pessoa que age assim como agiu o Rav Shach é um líder, um professor, uma mãe, um pai. Temos que aprender a não dizer imediatamente não aos nossos filhos, pois o não é a negação do sim. Primeiro temos que conversar com eles, escutar suas palavras e desejos e então dizer não. Isto não quer dizer que devemos falar sim para tudo, mas temos que ouvir a pessoa. A sabedoria é saber se colocar no lugar do outro, ter empatia e fazer uma reza para alguém que não conhecemos. Seja para saúde, sustento ou qualquer outro motivo.

Por exemplo, ao ver um casal ou duas pessoas brigando, em vez de fazer maledicência contando para alguém que você viu a briga, faça a maior *mitsvá* do mundo: leia um salmo, acenda as velas de *shabat* e peça a Hashem que traga harmonia para o casal.

Ter empatia é mostrar mais sensibilidade para com os outros e não contar vitórias para outras pessoas que são menos favorecidas. Por exemplo, não se deve dizer para uma pessoa que não tem filhos, que você não dorme a noite por causa dos seus filhos, pois isto é falta de sensibilidade.

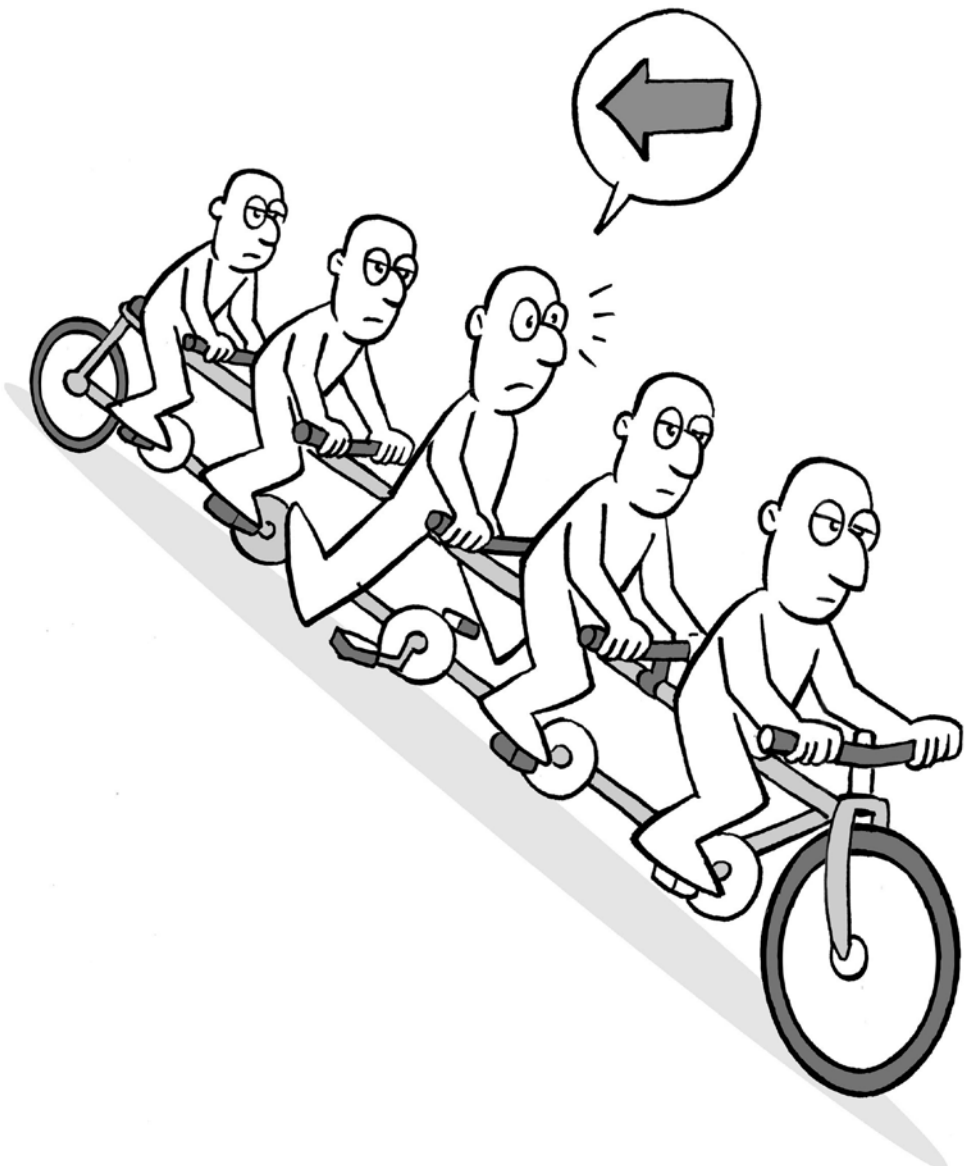
ESCRAVOS

Quem não foi escravo no Egito? A tribo de Levi foi poupada pelo Faraó, diferentemente de todas as outras tribos. Qual a razão de o Faraó não ter escravizado os levitas?

Rav Ionatan Eybeschutz nos conta que os astrólogos do Faraó viram que o *Mashiach* de Israel, o redentor de todo o povo, viria da tribo de Levi e por isso poupou os levitas.

Faraó pensou que alguém que nunca foi escravo, não poderia liderar um grupo de escravos, pois não teria sensibilidade e nem empatia por eles. Por esta razão ele poupou a tribo de Levi. Assim, o candidato a salvador do povo não conseguiria liderá-los. Mas ele cometeu um pequeno erro, pois Moshê Rabênu era tão especial e sentia tanto pelos outros, que mesmo sem ter passado por estas dificuldades, ele conseguiu se sensibilizar e sentir empatia por eles.

DIGA-ME COM QUEM VOCÊ ANDA E LHE DIREI QUEM VOCÊ É



“Antes de examinar a casa
para comprá-la, examine os vizinhos”

(provérbio árabe)

AQUELE PARA QUEM O MUNDO FOI CRIADO

No início do *Sêfer* Torá, no livro *Bereshit*, está escrito que Hashem criou o mundo todo: oceanos, astros, montanhas, florestas, animais, etc. para Adam *Harishon*, para o ser humano.

Vejamos a linha do tempo: Adam *Harishon* foi criado no sexto dia do ano um da criação do mundo. Ele viveu 930 anos. O dilúvio aconteceu em 1656 a partir da criação do mundo. Nôach, que viveu na época do dilúvio, viveu logo após Adam, que era filho direto de Hashem. O pai de Nôach chamava-se Lemech, e foi contemporâneo de Adam *Harishon*. Apesar de Adam ter sido criado no sexto dia, ele chegou a ver alguns milagres da perfeição da criação do mundo e provavelmente relatou a Lemech que posteriormente relatou a seu filho Nôach.

Em *Parashat Nôach*, vemos que Hashem trouxe o dilúvio para destruir a humanidade, pois o mundo estava corrompido *hishchit col bassar et darco al haarets*, (Bereshit 6:12). Ao ver este versículo, Rashi pergunta: Entendemos que o primeiro homem, a primeira mulher e outros seres humanos pecaram, mas por que o versículo diz *hischit col bassar*: o mundo inteiro estava corrompido?

QUEM CORROMPEU OS ANIMAIS?

Rashi pergunta: Como uma cegonha pode ter sido corrompida? Como uma girafa ou um periquito se corromperam? Segundo o versículo, todos os seres se corromperam, inclusive os animais! Como? A resposta que Rashi dá é que "os animais não se comportaram bem". Sabemos que na época do dilúvio, espécies diferentes cruzaram-se entre si, algo que não acontece hoje em dia, pois os cruzamentos são sempre dentro da mesma espécie: o cavalo com a égua, o

leão com a leoa, e assim por diante. Este instinto, que sempre esteve presente no mundo, foi corrompido na época de Nôach. Por isso está escrito *hishchit col bassar*, pois inclusive os animais se corromperam ao ter relações com outros animais que não eram da sua espécie.

Como os animais chegaram a tal ponto se eles próprios não possuem *yêtser hará* (má inclinação)? Os animais só têm instinto, não têm livre arbítrio. A resposta nos é dada por um dos *Rishonim* (primeiros comentaristas), chamado *Ran*, ou *Rabênu* Nissim, que explica que o homem fez com que o instinto animal fosse perdido.

Rabênu Nissim ensina que o ser humano tem um poder muito forte sobre o mundo, pois o mundo foi criado para ele. Sendo assim, no momento em que o homem começou a se corromper fisicamente, repercutiu de forma que até os animais perderam o instinto natural e passaram a procurar animais que não eram da sua espécie para procriar. Foi isso que aconteceu na época do dilúvio. De fato, o animal não tem y*êtser hará*, mas ele foi influenciado pelos erros do homem, que tinha relações proibidas.

ECOS

Nôach foi ordenado a construir uma arca. Hashem lhe disse que ele deveria ficar exatamente cento e vinte anos construindo a arca, nem mais nem menos. Por quê? Para que houvesse tempo para as pessoas perguntarem o que ele estava fazendo e assim, talvez, alguém poderia fazer *teshuvá*, se arrepender. Foi daí que surgiu a expressão "até os cento e vinte anos", pois Hashem nos dá cento e vinte anos para que possamos fazer *teshuvá*, antes de partir deste mundo.

A arca foi construída e Hashem disse que Nôach, sua família e os animais deveriam entrar nela. Quais animais poderiam entrar na arca? Somente aqueles que não tivessem cometido nenhum pecado. Hashem queria criar um mundo novo, limpo, portanto era necessário pegar os animais que não se misturaram.

Se todos os animais foram influenciados pelos habitantes da terra e perderam o seu instinto natural, como pode ser que sobraram alguns de cada espécie que não se influenciaram e não se corromperam?

Um Rav que viveu em Nova Iorque, chamado Guedalia Schorr, nos responde em seu livro *Or Guedaliáhu*: houve alguns homens como Nôach e sua família, que não se corromperam. Correspondentes a Nôach e sua família, houve

também animais que, por sua influência, não se corromperam. Foram esses os escolhidos para entrar na arca. É interessante ver como é forte a influência que o homem exerce sobre o mundo e a natureza.

IMUNIDADE?

Aparentemente, Nôach era o único justo existente naquela época. No último versículo da *Parashat Bereshit* está escrito: Nôach encontrou graça aos olhos de Hashem. O Talmud nos diz que Nôach foi salvo por isso e o próprio Talmud pergunta: Isso quer dizer, então, que se não fosse a simpatia que Hashem teve por ele, Ele não o salvaria?

O Talmud continua: Nôach era um *tsadic*, um justo! Então ele tinha que receber a recompensa por ter sido um *tsadic*, deveria ter sido salvo por seus próprios atos e não porque Hashem teve simpatia por ele! Por que ele precisou dessa ajuda a mais?

Uma vez que Nôach vivia num mundo onde todos estavam corrompidos, este ambiente acabou influenciando-o de alguma forma. Por isso, só a sua retidão não foi o suficiente para ele ter sido salvo. Se ele era justo, por que teve que ficar um ano cuidando da arca e dos animais? A resposta é que Nôach também precisava passar por esta etapa de retificação do mundo. Ainda que ele tenha merecido não ser exterminado pelo dilúvio, Nôach precisava entrar na arca, se purificar, para não levar consigo as marcas de uma geração como aquela.

UM RISCO QUE NÃO VALIA A PENA

Seguindo esta linha de pensamento, podemos entender um diálogo que aparece em *Parashat Shemot*, que nos conta que Hashem diz para Moshê *Rabênu*: "Você já tem 80 anos de idade. Já pode sair de Midian, ir ao Egito e salvar o povo". Moshê concordou.

Quando estava indo salvar o povo no Egito, seu irmão Aharon veio a seu encontro e lhe perguntou para onde estava indo. Moshê respondeu que tinha estado frente a frente com Hashem e que ia salvar o povo no Egito. Aharon perguntou: "Hashem disse para você ir com toda a sua família?". Moshê explicou que Ele não tinha falado isso, mas que ele não sabia quanto tempo ia ficar lá, então queria levar a família junto. Nesta hora Aharon disse: "Isso não está certo!

Vá sozinho para o Egito e deixe sua família em Midian, com o seu sogro Yitrô". Moshê *Rabênu* foi, então, sozinho salvar o povo no Egito, sem a esposa e sem os filhos, conforme o conselho de Aharon.

A pergunta que o Rav Shkop faz é: Qual foi o raciocínio de Moshê *Rabênu* e o que há de errado nele? Se Moshê *Rabênu* queria trazer a família para o Egito, por que Aharon disse que Moshê estava errado? O que Aharon contou para Moshê para que ele desistisse de levar a família?

O Rav nos conta que Moshê falou a seu irmão que sabia que ficaria no Egito por certo tempo, que iria fazer dez milagres, e que o povo no final seria salvo. O povo que estava no Egito iria presenciar a Mão de Hashem, e o Seu Braço Estendido. O povo iria ver a abertura do Mar e Hashem se revelando para eles. Moshê sabia que isso iria acontecer e gostaria que os seus filhos não perdessem todos estes acontecimentos! Ele fazia questão que toda sua família entrasse no Egito, visse o quanto o povo estava sofrendo, e desta forma também pudesse ver Hashem. Por outro lado, se eles ficassem com o seu sogro, Yitrô, não poderiam presenciar nada disso. Aharon disse que o custo de levar a família era muito alto, mesmo se fosse para ver todos os milagres.

Poderíamos supor que o custo de ir ao Egito seria a possibilidade de eles serem também escravizados. Mas o custo não era esse. Sabemos que os filhos de Moshê eram levitas e nenhum levita foi escravizado no Egito. Então, qual era o medo de Aharon? Qual era o risco?

O povo judeu no Egito se encontrava no 49º nível de impureza. Aharon disse a Moshê que seria muito arriscado deixar os filhos irem ao Egito, pois o custo seria passar pelos quarenta e nove níveis de impureza! O grau máximo de impureza é o quinquagésimo nível, e talvez eles pudessem ser influenciados! Não valia a pena arriscar.

PROVÉRBIO ÁRABE

Diz o Rav Dessler que a única pessoa que teve proteção suficiente a ponto de não ser influenciado mesmo quando foi colocado junto com outros que não eram de sua espécie (fazendo alusão aos animais na época de Nôach) foi Avraham *Avinu*. Ele foi o único que foi protegido das influências do Egito. Por isso, dizemos "*Baruch ata Hashem maguen Avraham*." D'us que protegeu Avraham, também nos proteja!

Pois, nós não temos a proteção que ele tem. Nem mesmo Moshê *Rabênu* e seus filhos tiveram. Quer dizer que o homem é influenciado, como na época de Nôach, e, ao mesmo tempo, influencia o mundo.

Existe um provérbio em árabe que diz: "antes de examinar a casa para comprá-la, examine os vizinhos". É o famoso "Diga-me com quem andas e te direi quem és".

SHABAT SHALOM!

Vejamos a história de uma senhora na qual se pode perceber como é possível ser influenciado tanto para o bem como para o mal.

Uma mulher sobrevivente da Segunda Guerra Mundial foi fazer uma consulta de rotina com o médico, que também era judeu. Ela contou um pouco de sua história e perguntou ao doutor: você acredita em D'us? E o médico disse que não acreditava, e que ela era a maior prova disto... Se existisse D'us, como ela poderia ter passado por uma guerra tão feia? Como pode ser que tanta gente de um povo, o povo escolhido, desapareceu e muitos, literalmente, viraram cinzas? A senhora disse ao médico que não sabia responder a uma pergunta tão profunda, mas que tinha algo que gostaria de lhe relatar: "Vou lhe contar uma experiência que tive em Auschwitz"...

"Quando cheguei lá, logo percebi que havia algo estranho naquele lugar. Não sabia se era um campo de trabalho, não sabia bem o que era, mas era estranho. Um dia, escutei uma mulher chamando o meu nome, e era uma antiga amiga de escola, que eu conheci na Polônia. Ela veio até mim e disse: *Shabat shalom*! Hoje é sábado e quero te desejar *shabat shalom*!"

A mulher continuou: "Na minha frente havia um alojamento do qual saía uma fumaça preta que gritava, pois era fumaça de seres sendo consumidos pelo fogo. Quando vi aquela mulher me dizendo *shabat shalom* na frente daquele alojamento, pensei: como pode ser que D'us não existe se há pessoas desse nível espiritual no nosso povo"?

"Doutor, eu não sei lhe responder por que tudo isto aconteceu, mas o senhor me perguntou como pode ter acontecido se Hashem existe. E eu, com esta experiência, fiz esta pergunta ao contrário: como pode ser que D'us não exista, quando há uma pessoa em frente a um crematório dizendo: 'não se

esqueça de que hoje é *shabat*, e *shabat shalom!*' Como pode D'us não existir? Foi isto que me deu força até hoje para ser uma mulher observante das leis da Torá. Hoje tenho uma família que cumpre a Torá graças àquele *shabat shalom!*"

Nesta história vemos a força de algo que a gente diz e o efeito que isso pode causar em outra pessoa.

O EFEITO DA PASSAGEM PELO TEMPLO

A ciência hoje explica o chamado "efeito dominó" e como, por exemplo, o bocejo e o bom humor são contagiantes.

O *Midrash Rabá* relata um episódio que aconteceu setenta anos antes da Era Comum:

Na época do Segundo Templo, os romanos entraram para destruir o Templo e pegar os objetos sagrados, mas eles não sabiam o que havia lá nem o que era valioso e valia a pena roubar. Assim, pensaram: precisamos de um judeu que se voluntarie a entrar e nos mostrar o que vale a pena levar, porém será difícil encontrar um judeu que faça isto, então precisaremos lhe dar algum percentual do que for roubado. Sendo assim, eles anunciaram aos judeus que quem quisesse entrar no Templo para mostrar o que vale a pena destruir e o que vale a pena pegar, poderia levar o objeto que desejasse.

Conta o *Midrash* que um homem chamado Yossef Meshita se voluntariou. Ele entrou com os romanos e foi mostrando tudo, até que disse: aqui, neste lugar, vocês estão vendo a *menorá*, que é toda feita de ouro puro. Este é o objeto que quero para mim como pagamento. Os romanos concordaram e até o ajudaram a carregá-la para fora, mas perguntaram ao judeu se ele poderia entrar novamente já que eles ainda não tinham visto nem pegado tudo que queriam. O judeu recusou, pois já havia recebido seu pagamento. Então os romanos disseram: "entre de novo. Vamos escravizar o povo judeu e durante três anos de escravidão, todos os impostos que eles pagarem, serão seus. Se você não entrar, vamos torturá-lo!"

O *Midrash* nos conta que Yossef Meshita se recusou a colaborar e por isso foi torturado pelos romanos. Ele olhou para cima e gritou: "coitado de mim, que enervei o meu criador, Hashem".

Dizem os comentaristas que ele era um traidor, pois foi o único que aceitou ser o líder para mostrar como destruir o Templo. Mas, quando lhe foi oferecido

o segundo pagamento, os três anos de cobrança de impostos, que valiam muito mais do que a *menorá*, por que ele recusou?

Os comentaristas dizem que o fato de ele ter entrado no Templo mudou sua atitude, mesmo que ele tenha entrado de forma imprópria e com pessoas impróprias. O ambiente de santidade deixou uma marca nele, por ser judeu, e quando ele saiu de lá pensou: "como pode ser que peguei a *menorá*? Não vou aceitar mais nada dos romanos e estou arrependido por ter enervado Hashem". O que mudou foi que ao entrar num lugar de tão grande santidade, ele foi influenciado.

CAMPO MINADO

Devemos ter isso em mente quando ouvimos pais dizerem que seus filhos precisam se misturar com pessoas diferentes deles para se tornarem fortes perante a vida. Seja em relação à religião ou aos valores morais. O pai diz: "sei que os meus filhos são de determinada conduta e seus amigos não são iguais. Mas mesmo assim é importante que eles fiquem com pessoas que não sejam como nossa família, porque ele é capaz de ser o líder e influenciar os outros para o bem". A lógica é verdadeira, mas na prática isso pode ser uma catástrofe. Se até Moshê *Rabênu* foi impedido de entrar no Egito com sua família para que não fossem corrompidos, como podemos pôr em risco os nossos filhos?

Certa vez, um pai me disse que o filho dele estava em tal lugar e que achava isso bom, porque assim ele iria se fortalecer. E eu lhe respondi que ele não podia fazer do filho um sacrifício. O pai me perguntou: "mas, por que 'sacrifício'?". Respondi: "porque no momento em que a pessoa entra num ambiente estranho, pode ser que ela venha a ser influenciada, e mesmo que isso não ocorra, esse comportamento é um erro".

SUSPEITAS, RISCOS E CUIDADOS

Tem algo curioso no fato de os sábios se preocuparem tanto com a influência que a pessoa pode receber por onde passa. Se estudarmos as leis de *lashon hará* (maledicência) notaremos que são leis muito rígidas. Quase nada é permitido. Tanto que as pessoas perguntam: não se pode falar nada dos outros? A resposta é que sim, pode falar dos outros, mas temos que ser cuidadosos com o que falar.

O curioso é que no livro do Chafêts Chaim sobre *lashon hará*, mesmo com todas as restrições, ele também escreve sobre uma permissão muito curiosa.

Uma das leis diz que se uma pessoa escuta uma informação negativa sobre alguém e não tem certeza se aquilo é verdadeiro ou não, ele não pode acreditar no que foi dito, pois se acreditar, quem escuta fez com que a pessoa que falou, dissesse *lashon hará*, e ele que escutou, estava recebendo *lashon hará* – ambas coisas proibidas, mas quando falam que tal pessoa não é boa companhia, o Chafêts Chaim diz que podemos suspeitar que isso seja verdade. Por exemplo: se tem alguém andando com o meu filho e eu ouvi falar que aquele rapaz não é boa companhia, eu posso advertir meu filho, mesmo sem ter certeza se é verdade ou boato. Assim diz o Chafêts Chaim em seu livro.

Eu posso falar para o meu filho, filha ou para meu cônjuge: "Eu não sei se é verdade, pode ser que seja mentira, mas eu ouvi dizer que tal pessoa fez tal e tal coisa que não combina conosco. Então eu vou pedir para você, por via das dúvidas, não andar mais com esta pessoa, ou que se cuide quando você vir alguma coisa diferente e me avise para que eu possa lhe orientar".

MARQUINHA NA MÃO

Conta-se que numa certa época, numa determinada cidade, havia muita fome e a única coisa que tinha para comer era uma espécie de trigo que saciava muito bem, mas tinha um efeito colateral: causava alucinações.

O rei da cidade foi perguntar para o conselheiro o que seria possível fazer; pois se comessem daquele trigo, teriam alucinações, mas se não comessem, passariam fome. O conselheiro do rei, uma pessoa muito inteligente, disse: "Vamos dar o trigo para toda a cidade, inclusive para nós. Mas eu e você faremos um sinal para que, cada vez que olharmos essa marca em nossa mão, lembremos que as outras nações são normais e nós é que somos os alucinados".

QUEM DISSE QUE É PRECISO SER GRANDE?

Vivia em *Beer Sheva,* a neta do Chafêts Chaim. Contando um pouco sobre o avô, ela disse que quando ele viu, pela primeira vez, alguém profanando o *shabat* ele ficou muito sentido e chocado. Na segunda vez que isso aconteceu, ele começou a chorar e lhe perguntaram por que ele chorava se era o outro que

estava profanando o *shabat*. O Chafêts Chaim disse que estava triste porque não tinha nenhuma influência sobre a pessoa e, portanto, não poderia ajudar, pois não o conhecia, mas que estava chorando porque já não ficou tão chocado na segunda vez como na primeira em que viu alguém profanar o *shabat*.

A neta conta que em 1917 ela foi influenciada pelo movimento *laissez-faire*, "faça o que lhe der vontade". Ela não era religiosa, mesmo sendo neta do Chafêts Chaim, e não era cumpridora do *shabat* e de outras *mitsvot*. Um dia, ela perguntou ao avô: "Como você pode ser um *tsadic* no seu quarto estudando? Isto é sabedoria? A sabedoria é você estar no meio das pessoas, em outros ambientes, e lá ser um *tsadic*. Dentro da sua casa, isso não é sabedoria!"

Nesse momento, em 1917, o Chafêts Chaim disse à neta: "Saiba que há aviões voando aí fora e que, algum dia, esses aviões vão ter força suficiente para destruir uma cidade inteira. Vão existir aviões que, em apenas algumas horas, irão de uma cidade para outra, de um país para outro. Talvez existirão pessoas que chegarão à Lua, mas poucas pessoas vão conseguir chegar até o próprio íntimo. Nesta vida ninguém nos pergunta se seremos sábios, mas a pergunta que o Eterno nos faz é se seremos *tsadic*, justo. Você, minha neta, me perguntou qual é a grandeza de ficar dentro de casa e se comportar direito?". Quem disse que tenho que ser grande? Eu tenho que ser *tsadic*, pois é isto que Hashem quer de mim".

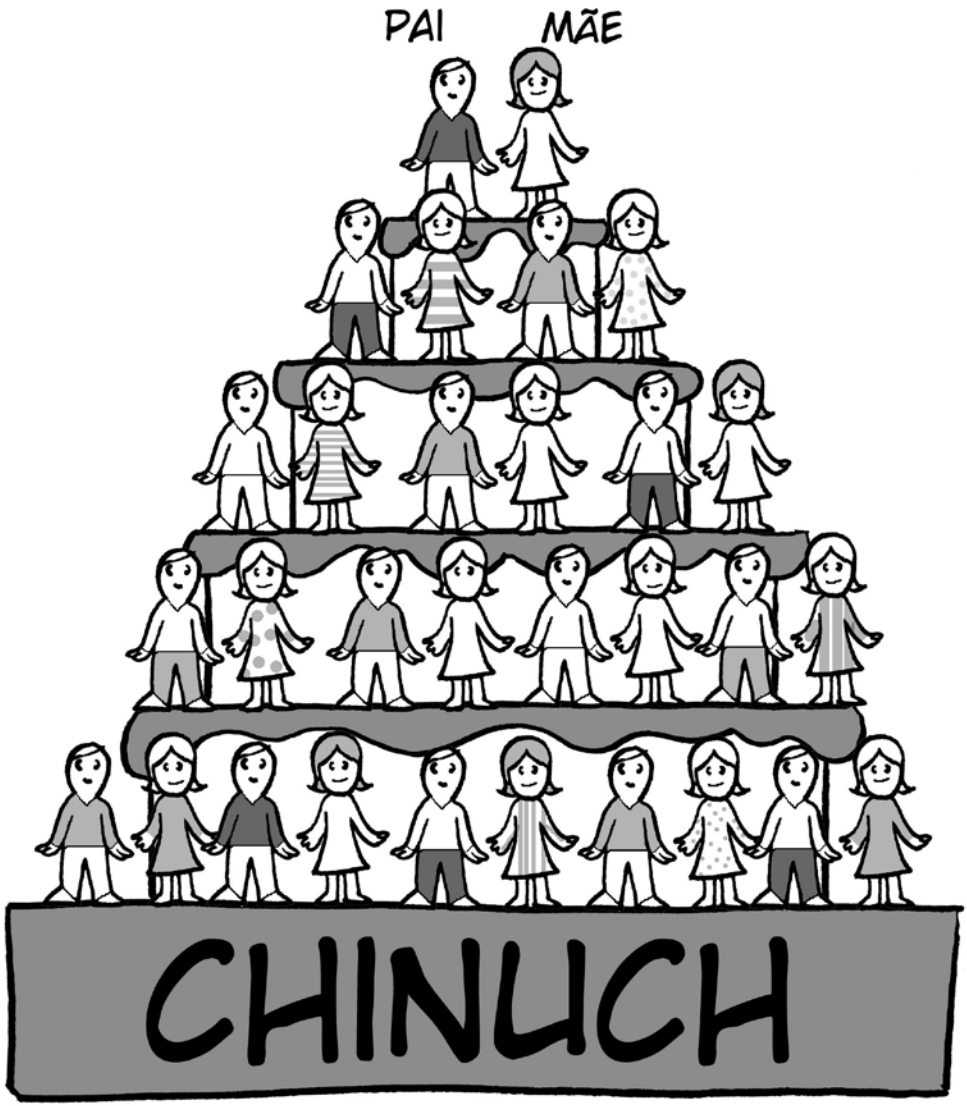
VIVENDO EM COMUNIDADE

Hoje em dia, ninguém vive isolado. Será que devemos deixar nossos filhos se misturarem, ou mesmo nós? Será que temos que colocar os nossos filhos como teste? (E cada um de nós sabe os testes aos quais submetemos os nossos filhos).

Muitos pais me dizem que transmitem os valores em casa e que, assim, os filhos poderão influenciar os outros. Pode até ser que sim, mas é muito provável que não. E este risco é proibido assumir. Pensem com quem o seu filho irá passar o fim de semana, sair, frequentar festas, etc.; e se não for adequado, não o deixe ir.

Que possamos ser pessoas boas e caminhar junto com pessoas boas, porque Hashem diz: "olhe com quem você anda, olhe quem você é". E que sejamos todos bem qualificados perante Seus olhos!

EDUCAÇÃO: RESPONSABILIDADE DOS PAIS OU DA ESCOLA?



“Educar requer adotar algumas atitudes que às vezes contrariam nossa vontade imediata de proteger”

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Muitas vezes, quando a pessoa se torna pai ou mãe, ela acredita que sabe um pouco sobre a função só por ter observado o filho dos outros, mas com os próprios filhos é sempre diferente, e só assim uma pessoa realmente entende o que é ser pai.

Quanto mais os filhos crescem, mais percebemos que não entendemos nada sobre eles. O tema da educação dos filhos é muito, muito complexo. É necessário ler e aprender o quanto possível, mas é necessário lembrarmos que o ingrediente indispensável, que nos é ensinado pela Torá, é a participação de Hashem através da *tefilá* (reza). Não importa o momento e o local em que a *tefilá* é feita... Os pais podem ser os mais especialistas no assunto, os mais entendidos, mas sem a *tefilá* a educação dos filhos está em perigo. Com a ajuda de Hashem, nós progredimos e alcançamos certas qualidades que Hashem espera de nós.

POR QUE EDUCAR OS FILHOS É TÃO DIFÍCIL? POR QUE ELES NÃO VÊM PRONTOS?

Se fizermos cálculos matemáticos, descobriremos que se alguém tiver três filhos e depois cada filho tiver mais três filhos, e assim por diante, na décima geração teremos o número de 59.049 pessoas. Por um lado, educar é difícil, mas Hashem entende que o poder da educação é grande e incrível, e que **uma educação bem transmitida repercute de maneira fabulosa no mundo**.

O conceito de educação na Torá é um assunto muito estudado e comentado. Educação consiste em refinar o caráter e educar o filho, ou o aluno.

A PRIMEIRA MENÇÃO DE EDUCAÇÃO

A educação já aparece na leitura do *shemá*: *veshinantam lebanêcha*, ensinarás a Torá aos seus filhos. O Rav Matisyahu Salomon, em seu livro "*Matnat Haim*", diz que a expressão *veshinantam lebanêcha* se aplica ao ensino da Torá, e, além disso, a refinar o caráter do aluno, do filho. Onde encontramos esta obrigação?

Em Provérbios 22:6 lemos *Chanoch lenaar al pi darco*, ensine o seu filho segundo a tendência dele, pois assim ele irá interiorizar e absorver a educação que lhe foi dada.

O Talmud, no tratado de *Kidushin*, pagina 29a, faz a seguinte observação sobre educar o filho seguindo suas tendências: o versículo diz que a partir dos 16 ou 18 anos, mais ou menos, os pais orientam quando é bom o filho casar, por exemplo, mas e até os 16 anos? Onde aparece o conceito de educar os filhos desde pequenos dentro da Torá?

O Talmud nos diz que se uma criança já sabe se cuidar, já sabe pôr *tefilin*, sabe segurar o *lulav* de maneira correta, ela já está educada a fazer as *mitsvot*. Mas não encontramos na Torá a educação como aperfeiçoamento do caráter.

AVRAHAM AVINU E A EDUCAÇÃO

Por que Hashem escolheu Avraham Avinu para ser nosso primeiro patricarca? Qual foi o seu mérito? Sabemos que foi famoso por sua bondade, pela *akedat Yitschac* e pelo *brit milá* em idade avançada. Foi por isso que ele se tornou o primeiro patriarca, e por esta mesma razão se pronuncia três vezes ao dia o seu nome, ao dizer "Elokê Avraham" na *amidá*.

Na porção *Vaierá* está escrito que Avraham será pai de um povo numeroso, e os judeus estarão nos quatro cantos do mundo. Qual teria sido a razão disto? Seria pela bondade, pelo *brit milá* ou pelos seus atos? O versículo descarta todas estas respostas e nos diz que é porque Avraham daria continuidade ao que Hashem lhe ensinou, para que seus filhos guardassem estes atos e dessem continuidade a eles, mantendo assim a Torá viva. Por isso, Hashem escolheu Avraham Avinu para ser o primeiro patriarca, pois Ele sabia que Avraham passaria os ensinamentos para as próximas gerações.

Avraham teve Yitschak que depois teve o seu filho Yaacov, pois Avraham se dispôs a colocar as suas energias em que os seus filhos continuassem com as

tradições da sagrada Torá. Como ele conseguiu fazer isto? Como ele conseguiu que Yitschak e Yaacov se tornassem nossos patriarcas? Naquele tempo não havia escolas, nem *yeshivot*!

O livro "*Meshech Chochma*" nos conta que Avraham Avinu adorava Hashem e sempre perguntava aos outros se conheciam Hashem. Nós sabemos que ele era famoso pela sua hospitalidade e todos que vinham à sua tenda saiam de lá conhecendo Hashem, pois quando gostamos muito de algo, nós divulgamos aos outros. Foi o que aconteceu com Avraham Avinu. Assim ele educou os seus filhos e também os outros, pois ele mostrava que a beleza do universo estava presente graças à criação de Hashem e assim ia inserindo esse conceito na vida de todos.

EDUCAÇÃO COMO REFINAMENTO DE CARÁTER

Onde aparece a *mitsvá* de refinar o caráter dos nossos filhos e não somente fazer as *mitsvot*? Dentro da Torá no versículo "ame Hashem", pois se amamos Hashem, falamos Dele com alegria e assim os filhos absorverão este amor. Com este exemplo vemos que a educação deve ser transmitida de forma natural, pois não começa quando a criança nasce, mas sim com este amor que os pais têm por Hashem, que vai ser incutido nos filhos ainda antes do nascimento!

O comportamento dos pais também é transmitido para os filhos, e foi por esta razão, de Hashem saber que Avraham iria transmitir "amor a D'us" aos seus filhos, que ele foi escolhido para ser o nosso primeiro patriarca.

EDUCAÇÃO NOS DIAS ATUAIS

A geração de hoje é muito curiosa. Hoje em dia, há famílias em que o pai ou avô frequentam a sinagoga e o filho não. O grande desafio que temos é que Hashem disse a Avraham Avinu que queria ver um elo construído entre o pai, o filho e o avô. Se um filho vai à sinagoga e o pai não, algo não está completo. O mesmo se aplica quando o pai vai rezar e o filho não. Nestas situações está faltando algo. Como é possível obter esta continuidade?

A primeira regra da educação é que não existe regra, existem diretrizes que nos levam aonde queremos chegar. Na educação existem caminhos diferentes para chegar ao mesmo ponto. A razão de não ter uma regra para a educação dos filhos é que cada criança é diferente, e o que pode ser bom para um filho

não quer dizer que obrigatoriamente será bom para outro filho ou outra criança, pois devemos entender que cada um é único.

COMO USAR ESTAS DIRETRIZES?

O pai e a mãe conhecem os seus filhos melhor do que qualquer outra pessoa. Eles têm consciência de que ganharam de Hashem algo muito valioso e sabem que a responsabilidade pela educação dos filhos recai sobre eles. Não dá para terceirizar o serviço, mesmo estando cansados ou tendo trabalhado muito.

UM EXEMPLO MODERNO

Certo dia, senti que a casa estava muito silenciosa, apesar de o meu filho pequeno estar com um amigo e os dois estarem tomando banho de espuma na banheira. Então, desconfiado, fui até o banheiro, abri a porta e vi que a espuma era tanta que estava saindo pelos ralos. Ao ver aquela situação me perguntei como deveria agir.

Uma das possibilidades era brincar com eles e perguntar se eles estavam se divertindo, e isto é educação! Todos nós já fizemos isto e nos divertimos muito! Assim, eu não poderia ter dado uma bronca em uma criança de cinco anos, mas sim curtir com eles. Eu poderia depois falar e ensinar que na próxima vez é para colocar menos xampu.

Quando nos irritamos é muito importante saber como agir e lembrar que um dia nós também já fomos crianças. Por que eles precisam se comportar como adultos enquanto são crianças?

À LUZ DE VELAS NO TALMUD

Na *mishná* de *Massechet Shabat*, que os *sefaradim* leem na sexta-feira à noite, está escrito que não se pode ler à luz das velas, pois teme-se que a pessoa chegue a bater na vela para iluminar melhor. Mas a *mishná* pergunta se um aluno pode ler à luz das velas e a resposta é que sim, ele pode. Por quê?

O Talmud babilônico diz que já que o aluno tem medo do Rav, ele não chegará a bater na vela. Já o Talmud *Yerushalmi* diz que a criança pode ler, pois ela não terá vontade de bater na vela, pois prefere parar de estudar! Isso foi escrito

no Talmud há milhares de anos, pois nosso sábios também foram crianças, não podemos nos esquecer disso...

A TEORIA DE GEORGE SUMMERHILL

Um grande psicólogo americano, que faleceu no ano de 1800, de nome George Summerhill, definiu a adolescência como sendo um novo nascimento, em que a pessoa ainda não é homem, mas não é mais criança. Às vezes ele próprio não sabe o que é, e por isto é um novo nascimento, um novo ser surgindo. Por isso, nem sempre é fácil compreender o adolescente, pois às vezes, nem ele mesmo consegue entender a si mesmo...

A HISTÓRIA DO HOZE DE LUBLIN

Certo dia, o Hoze de Lublin estava viajando na véspera de *shabat* e sua caravana parou no mesmo lugar que ele morou quando era jovem. Ele quis dar uma volta para ver como estava a cidade da sua infância. Ele tirou a vestimenta de Rav e foi circular com roupas normais. Obviamente, ninguém o reconheceu.

Depois de rezar, procurou um lugar onde comer e o dono de uma casa o recebeu e lhe ofereceu um jantar. Quando começaram a conversar sobre as suas atividades, o Rav disse que estudava e o anfitrião lhe disse que era sapateiro. De repente, no meio da conversa, o dono da casa começou a chorar muito forte, e ao ser indagado, disse que na verdade não era sapateiro, mas sim professor de crianças. O Rav então lhe perguntou por que ele estava chorando, e o que tinha acontecido. O anfitrião lhe contou que no passado era professor e tinha uma ótima reputação até que certo dia ele tomou uma atitude da qual ele se arrependia muito, de ter brigado com um aluno que sempre chegava atrasado. Contou que nenhuma conversa ou orientação causavam efeito sobre o menino. Certa vez, aquele menino disse ao professor que a razão do atraso era que a sua mãe estava doente. O professor contou então que reagiu dando um tapa na cara do aluno, pois achava que era mentira.

O professor disse que nunca tinha conseguido pedir desculpas ao aluno, e que sempre ficava se perguntando o que aquele tapa poderia ter causado e o qual teria sido o destino do aluno. Ele disse: "Eu sei que errei e também acertei com os meus alunos, mas eu queria ter certeza que eu não estraguei o futuro deste aluno em particular".

O Rav perguntou qual era o nome do menino, e o sapateiro lhe disse que era Yankel. O Rav abraçou o anfitrião bem forte e lhe disse para não se preocupar... No final, ele se revelou como o Hoze de Lublin e disse que ele tinha certeza que aquele menino não tinha saído do caminho da Torá, pois aquele aluno era o próprio Hoze de Lublin!

Obviamente, nem sempre acontece de um aluno não sair do caminho da Torá, pois às vezes uma palavra inadequada pode repercutir por anos. Na hora pode funcionar, mas a pergunta que os pais devem se fazer é se vai ajudar ou não a longo prazo. **Educar é imaginar a consequência que nossos atos terão em nossos filhos.**

COMO DESFRUTAR DA EDUCAÇÃO

Não é fácil, mas é possível curtir este processo e aprender a gostar de educar. Por exemplo, pensando e vislumbrando como vai ser o *bar mitsvá*, o casamento dele, imaginando que com certeza vai ser uma delícia. Este processo passa tão rápido que devemos curtir ao máximo enquanto ele está ocorrendo. Devemos aproveitar a oportunidade que temos de educar os nossos filhos.

A LIÇÃO DE UM EDUCADOR E DIRETOR

Os pais muitas vezes confundem os conceitos de segurança e superproteção. Precisamos abraçar nossos filhos, cuidar da segurança deles, da sua autoestima, conversar com eles. Não devemos concordar com os erros, mas sim entendê-los.

Acontece com frequência de um aluno ser suspenso e o pai ligar para o diretor perguntando qual foi o motivo da suspensão do filho. O diretor então responde que o pai deve perguntar ao filho por que foi suspenso. O pai questiona se era um motivo tão forte a ponto de justificar a suspensão, e isto o pai faz para dar segurança e proteger o filho.

Se o filho errou e o pai sabe educar, ele apontará seu erro, mas explicará que, como pai, continuará gostando dele da mesma maneira. Porém, é preciso mostrar que há consequências deste erro, como talvez a suspensão, ou a execução de um trabalho a mais, etc. Mas, se ligamos para a escola e culpamos o professor e dizemos ao nosso filho para não se preocupar, o que ele vai apren-

der disto é que sempre alguém resolverá o erro que ele cometeu. Amanhã, esta criança crescerá e haverá situações na vida em que os pais não poderão fazer o mesmo que fizeram com a escola, quando eles eram pequenos. Como essas crianças aprenderão responsabilidade?

O melhor lugar para uma criança aprender, errar e se levantar novamente é na escola. Mas nós, com as melhores das intenções, vamos até a escola e superprotegemos nossos filhos.

Educar requer adotar algumas atitudes que às vezes contrariam nossa vontade imediata de proteger.

AGUDAT ISRAEL

Temos que saber que as pessoas são diferentes, que é nossa obrigação educar os filhos ou alunos e também curtir a educação, mas sem a reza tudo isto deixa muito a desejar.

Agudat Israel é um movimento nos Estados Unidos que se preocupa com a educação dos judeus em especial. Grande parte do estudo da Torá no mundo hoje se deve a eles. Um dos líderes desse movimento foi Rav Moshê Sherer, grande sábio e ativista na comunidade. Ele conseguia muitos benefícios para as escolas judaicas.

Certa vez, ele estava passando dificuldade em manter as escolas e pressionado pela vontade de dar uma boa educação resolveu escrever uma carta para Rav Aharon Kotler, dizendo que já estava sem forças para continuar. Na carta, ele pedia que o Rav Aharon Kotler o ajudasse a encontrar alguém para substituí-lo.

Rav Kotler o chamou para conversarem e, durante essa conversa, a esposa do Rav, Hanna Kotler, estava presente. A esposa lhe perguntou como ele podia pedir demissão depois de tantos anos, ao que ele respondeu que já não conseguia dormir bem, estava muito preocupado e que isto estava afetando a sua vida e que por isso ele queria achar alguém melhor do que ele. A esposa do Rav voltou a insistir e perguntar como ele podia fazer isto com os judeus e começou a chorar.

Anos depois, o Rav Sherer subiu ao palco de uma das reuniões da Agudat Israel e disse para o público: "Saibam que eu estou aqui hoje no meu quarto

mandato, apesar de ter desejado abandoná-lo muitas vezes, graças às lágrimas da esposa do Rav Aharon Kotler, pois quando fui lá pedir que me substituíssem, foram as suas lágrimas tão sinceras que me fizeram nunca mais ousar pedir demissão do meu cargo."

Como na história, cada lágrima que um pai ou uma mãe derrama por seu filho, Hashem guarda para um momento que o filho necessitar uma salvação. Assim, aquela lágrima rega e faz brotar a salvação para o problema.

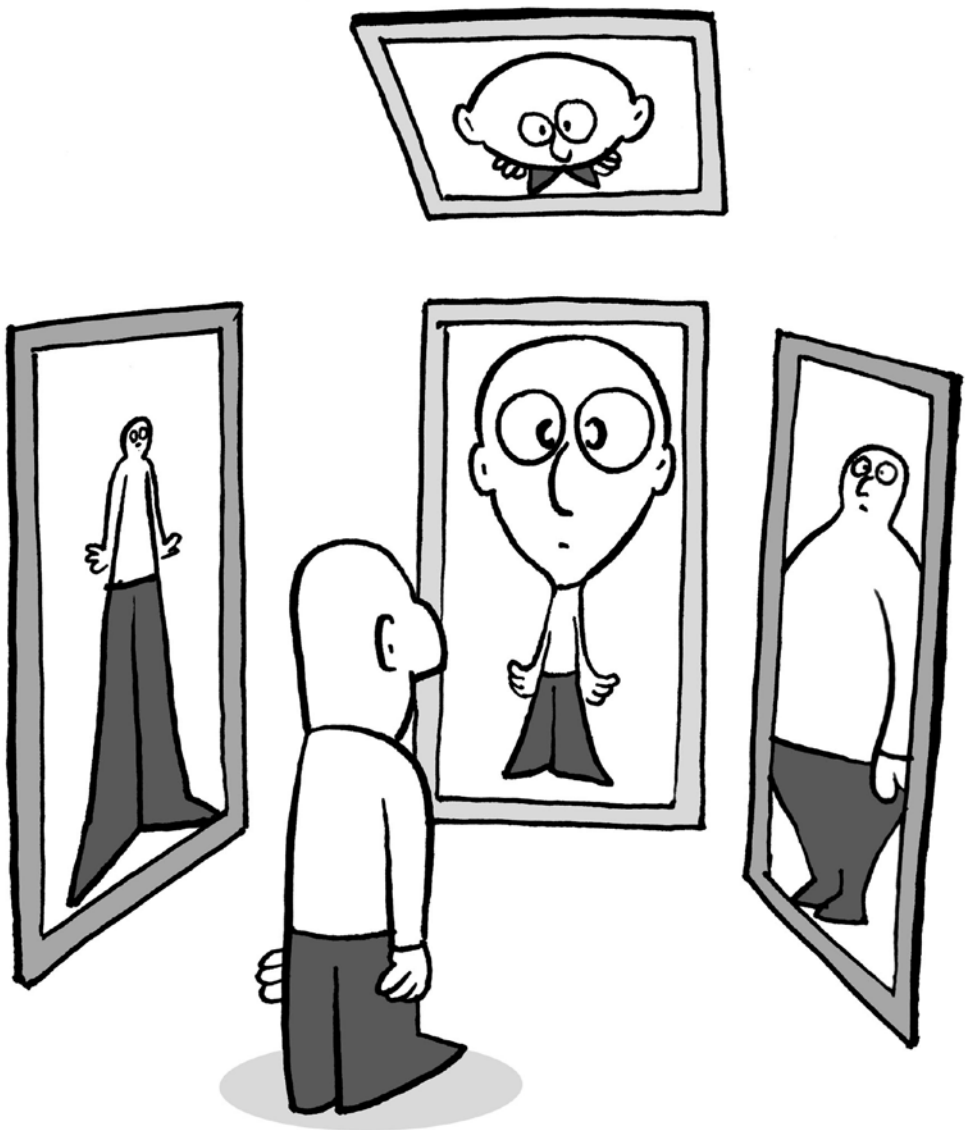
Nenhuma reza ou lágrima é em vão quando se trata de educação, e que, com a ajuda de Hashem, possamos nos esforçar pelos nossos filhos, fazendo com que as lágrimas de dificuldades que temos com os filhos se transformem em alegria, como está escrito nos Salmos: aqueles que plantam com lágrimas, vão colher em alegria.

Infelizmente, há muitas crianças que não foram abraçadas na infância. Esquecemos no meio de muitos afazeres que temos de dar amor e afeto às crianças. Muitas são carentes de um abraço ou um aperto de mão carinhoso. Qual foi a última vez que você abraçou seu filho?

Que possamos curtir nossos filhos e que possamos ter sorrisos saudáveis com carinho e amor!

TORÁ

O GRANDE SEGREDO DA LIDERANÇA



“O líder jamais deve perder
a esperança no povo”

TUDO ESTÁ NA TORÁ

Como a nossa Torá é infinita, quanto mais nos aprofundarmos no seu estudo, mais encontraremos um diamante a ser lapidado. Todos os assuntos existentes no mundo podem ser encontrados na Torá. É possível encontrar provas na Torá para qualquer assunto, já que ela é tão vasta, mas devemos sempre nos concentrar na visão dos nossos sábios, que receberam a tradição dos sábios anteriores, desde Moshê Rabênu.

MOSHÊ E A ENTRADA NA TERRA DE ISRAEL

A Torá nos conta que Moshê Rabênu não pôde entrar em Israel. Rashi explica que foi devido ao episódio em que Moshê Rabênu bateu na pedra. Seu grande sonho era entrar em Israel e ele fez de tudo para alcançar seu objetivo. Porém, Hashem não permitiu sua entrada em Israel junto com o povo.

O erro de um *tsadic* é minúsculo comparado aos erros das pessoas comuns, mas, diferentemente de outras religiões, que santificam os seus justos e dizem que eles são perfeitos e não cometem erros, nossa Torá nos mostra que um *tsadic* erra e devemos aprender algo disso.

O erro de Moshê foi ter batido na pedra, e o episódio ficou conhecido como "*Mei Meriva*". Rambam, o Maimônides, nos explica que Moshê Rabênu errou ao proferir as palavras *shimu na hamorim*, e não pelo ato de ter batido na pedra para encontrar água. Esta expressão quer dizer "escutem seus rebeldes!" *mored* é aquele que se rebela. Moshê, ao proferir esta expressão, não pôde entrar em Israel. Esta explicação é bem diferente da explicação de Rashi.

A explicação do Rabi de Slonim, em seu livro "*Netivot Shalom*", confronta *mida kenegued mida*, referindo-se ao conceito existente na Torá que tudo tem que ser recíproco. Qual o recíproco para a expressão "*shimu na hamorim*"

com o conceito de Moshê Rabênu não poder ser mais o líder do povo? Qual a reciprocidade do que Moshê Rabênu fez e do castigo que ele recebeu? O povo estava impaciente e Moshê Rabênu ao proferir esta expressão causou a proibição de entrar em Israel. Por quê?

O Rav de Slonim, com uma frase que se encaixa perfeitamente no pecado de Moshê Rabênu diz que o povo tem que acreditar que o seu líder pode tirá-lo da maior dificuldade que houver e levá-lo para o lugar desejado. Ou seja, o líder de *Bnei Israel* tem que acreditar na força, na vontade e no potencial do povo para poder atingir o objetivo da liderança. Quando Moshê usou a expressão *shimu na hamorim*, ele tratou o povo de forma desprezível, equivalendo a dizer que ele não confiava mais no povo. Quando se perde a confiança nos seus súditos, perde-se também a condição de ser líder deles...

O POVO DE ISRAEL É ISRAEL MESMO QUANDO PECA

A *Guemará*, no tratado de *Kidushin*, traz um ensinamento que se tornou uma lei: mesmo que o povo tenha pecado e precise se aperfeiçoar, o povo de Israel continua sendo o povo especial chamado Israel.

A SABEDORIA DE ISRAEL: UM EXEMPLO DO CICLO LUNAR

O Baal ShemTov nos ensina algo que segue a mesma linha de pensamento.

Todas as festas do calendário judaico, menos o *shabat*, são baseadas no ciclo lunar. De acordo com a Lua, sabemos quando é o início do mês (*rosh chodesh*) e, assim, quando é cada dia do mês. A *Guemará* conta que quando as testemunhas vinham e avisavam que tinham visto a Lua, iniciava-se toda uma verificação para ver se por acaso não estavam mentindo, já que tudo é baseado no *rosh chodesh*.

No tratado de *Rosh Hashana* (23b), há a seguinte frase: "O sol nunca viu as costas da lua", pois o Sol tem luz própria e a Lua, não. Por esta razão o Sol nunca conseguiu enxergar a parte escura da Lua. A parte da Lua que estiver direcionada ao sol será iluminada por ele, mas a parte inversa ao Sol, não terá alcance de visão.

Vale notar que esta *Guemará* foi escrita há mais ou menos 3300 anos, quando estudaram sobre quando é determinado o primeiro dia do mês. Para saber quanto tempo leva o ciclo lunar é necessário saber quanto tempo leva para a Lua dar a volta inteira ao redor do Sol. Naquela época não existiam os instrumentos de verificação ou aparatos tecnológicos.

Rav Gamliel escreve no tratado de *Rosh Hashaná*: o ciclo lunar leva 29 dias, 12 horas, um terço de hora e 73 frações de 1080 de uma hora. Isto vai dar como resultado 29,53059 dias. O Talmud diz há mais de três mil anos que o ciclo lunar leva 29,53059 dias.

Há algumas décadas, um cientista da Nasa, Carl Sagan, chegou à conclusão de que o ciclo lunar leva 29,530588 dias. A diferença com o que está escrito na Torá é mínima! Alguns anos depois, voltaram a fazer os cálculos em Berlim e a conclusão foi que o ciclo lunar leva 29,530589 dias.

O que temos que ressaltar é que a Torá há mais de 3000 anos, sem nenhum instrumento de medição, chegou ao mesmo número que a Nasa com os instrumentos mais sofisticados chegou!

UM LÍDER É COMO O SOL

O erro de Moshê Rabênu foi que ele não acreditou nos seus súditos, no seu povo, e no Talmud está escrito que o Sol nunca viu a parte escura da Lua.

Baal Shem Tov nos explica que a palavra *peguimá*, que quer dizer parte escura da Lua, também pode ser defeito. O Sol nunca viu a parte com defeito da Lua, a parte escura dela. A comparação feita entre o Sol e a Lua é que o Sol tem luz própria e a Lua não. O Sol é o líder que emana luz para a Lua e a Lua, por sua vez, absorve a luz do Sol. Baal Shem Tov explica que o fato de o Sol nunca ter visto a *peguimá* da Lua significa que o líder sempre, incansavelmente, tem a obrigação, mesmo que seja para criticar ou consertar algo no povo, de incessantemente tentar encontrar no povo algo bom para que eles realizem seu potencial. O líder jamais deve perder a esperança no povo.

Quando Moshê disse "*shimu na hamorim*", seus rebeldes, quase entrando na Terra de Israel, ele perdeu a esperança no povo. Quando isto acontece Hashem interfere e diz que por este motivo ele tinha perdido a chance de continuar sendo o líder.

Esta foi a linha de pensamento do Baal Shem Tov e do Ramban. Eles acharam que o erro de Moshê foi, diferentemente do que diz Rashi, a expressão *shimu na hamorim*.

Esta foi a reciprocidade do castigo e a gravidade ao dizer estas palavras. Ao parar de acreditar no povo, Hashem disse a Moshê que ele havia perdido o dom de ser o líder.

O PAPEL DE UM LÍDER

Cada um de nós é um líder para alguém, seja um professor, um Rav, pai ou mãe. É importante que o público sinta que o líder acredita neles. Uma história pode nos exemplificar melhor este assunto:

Na segunda Guerra Mundial, uma das dinastias da *Hassidut* chamava-se Bobov. O Rav de Bobov perdeu a família na guerra. Ao chegar aos Estados Unidos, ele abriu uma congregação pequena em Manhattan.

Naquela época, formar um *minian* (quórum de dez homens) era muito difícil, principalmente na sexta feira à noite. Havia nove pessoas e o *minian* não estava completo; para fazer a *minchá* convidaram alguém que estava passando na rua para ser o décimo homem. Ao ser convidado, o pedestre disse que não rezava mais, pois depois de tudo que tinha passado, não via mais motivos para rezar.

O Rav de Bobov perguntou o motivo da sua decisão e a pessoa contou que seu pai era *chazan*, e que ele tinha visto o pai morrer diante dos seus olhos durante a guerra. O Rav de Bobov disse para a pessoa que o fato de o pai dele ter sido um *chazan*, provavelmente significava que ele, o filho, tinha uma linda voz. O Rav então perguntou se eles poderiam ter o mérito de ouví-lo cantar, pois eles precisavam de um *chazan*. O homem aceitou o convite para rezar e ao término da reza e da leitura, o Rav lhe disse que na próxima semana voltasse lá no mesmo horário, pois ele era muito bem-vindo.

Na semana seguinte, o homem não apareceu no horário da reza e o Rav Bobov disse à congregação que se o homem não tinha vindo até eles, eles iriam até ele. O Rav enviou seus dois auxiliares, para procurarem o homem e dizer-lhe que ele precisaria voltar à congregação, pois precisavam dele. Ao encontrá-lo, viram que ele estava fumando, apesar de ser *shabat*. Ao volta-

rem, contaram para o Rav que ele era do tipo que fumava no *shabat*, e que não era possível colocá-lo como *chazan* na sinagoga. O Rav disse que não era verdade, pois quem estava fumando eram os alemães que estavam dentro dele! Somente um sábio poderia afirmar isto! O Rav disse: "Peçam a ele para vir no próximo *shabat* para ser o *chazan"*. Alguns membros deixaram o local após descobrirem que ele seria o *chazan*.

Alguns anos depois, mais precisamente 30 anos, havia inúmeros *chassidim* na sua congregação, pois o Rav tinha se tornado muito famoso. O Rav estava acostumado a receber muitos convites para *brit mila*, *bar mitsva*, casamentos. Ao ver um nome desconhecido num convite, ele se informou para saber de quem era e disse que iria naquele evento, pois conhecia quem o havia convidado para o casamento. O Rav, acompanhado dos seus *chassidim* e dos seus auxiliares, foi ao casamento, e quando chegaram lá, o Rav diz que o homem que estava sob a *chupá*, que mal conseguia ficar em pé, era a mesma pessoa que 30 anos atrás veio ser *chazan* para eles.

O jovem que estava se casando agora era o neto daquele *chazan*, disse o Rav. A grandeza do Rav foi que, em vez de dizer que ele fumava no *shabat* e que fosse embora, ele disse que precisava dele e assim mostrou que acreditava nele. Graças ao Rav, aquele homem acabou tendo uma descendência que continuou seguindo o caminho da Torá e cumprindo *mitsvot*.

RAV MEIR E ELISHA BEN AVUIA

O Rav Meir tem inúmeras *mishnaiot* na *Guemará* onde o seu nome aparece, graças a sua grandeza. Seu professor foi Elisha ben Avuia, outro grande sábio, mas que acabou saindo do caminho da Torá.

O professor de Rav Meir era chamado de *acher*, que quer dizer "outra pessoa". Ele recebeu esse apelido quando, depois de ter saído do caminho da Torá, foi procurar uma mulher de rua, apesar de toda a santidade que ele já tinha tido. A mulher ao vê-lo, perguntou surpresa como ele podia estar naquele lugar procurando meretrizes, sendo ele Elisha ben Avuia, o professor de Rav Meir. Ele queria mostrar a ela que não era mais o mesmo e arrancou uma fruta da árvore no *shabat*, o que é proibido. Quando ela viu isto se acalmou dizendo *"acher hu"* (é outra pessoa). Não é possível que seja ele, pois uma pessoa como Elisha ben Avuia nunca arrancaria uma fruta no *shabat*.

A função de um líder é acreditar nas pessoas, mas nesta história vemos que a pessoa é capaz de distorcer a sua própria imagem para dizer que não é mais a mesma pessoa, para se desfazer de suas responsabilidades.

Foi isto que Moshê Rabênu passou para o povo quando disse *"shimu na hamorim"*, que é o contrário do que ensinou o Rav Bobov àquela pessoa, dizendo que não era o íntimo dela que estava fumando no *shabat*.

TODOS SOMOS LÍDERES

Todos nós sabemos a influência que um pai e uma mãe têm sobre um filho, e por isto é importantíssimo tratarmos eles bem, apesar das tarefas que temos que desenvolver durante o dia, apesar de chegarmos cansados do trabalho. As palavras que são ditas aos filhos não de boa maneira às vezes são piores do que bater, e mostram à criança o que pensamos sobre ela. Se transmitirmos ao filho que o achamos incompetente, que ele é burro, que não é para ele se sujar quando come macarrão, e assim por diante, se dissermos que ele não se lembra do que lhe foi dito, que ele tem algodão doce na cabeça, ele achará que é um inútil. Se passarmos essa mensagem para ele, ele se sentirá dessa forma e agirá conforme...

A HISTÓRIA DO NOME SHMUEL

Shmuel era um profeta. No livro *Shmuel Alef*, capitulo 1, passuk 23, em um *Midrash* está escrito que 40 anos antes de Shmuel nascer saiu uma voz celestial e disse que dali a 40 anos iria nascer um justo, um *tsadic* chamado Shmuel que seria profeta. Todas as mulheres da época então colocaram o nome de Shmuel em seus filhos. Todas queriam ter um filho profeta. A lógica de Hashem ter feito isto foi que obviamente todos se esforçariam pensando que talvez seu filho fosse o *tsadic* e o escolhido.

O Rav Haim Yossef David Azulay z"l, mais conhecido Chida, em seu livro *Yossef Tehilot*, comenta o salmo 99 e observa que destes inúmeros Shmuels que nasceram, Hashem escolheu um para ser o profeta, mas o Rav David Azulay nos conta que todos os outros Shmuels se tornaram também profetas, embora não como Shmuel! Por que isso aconteceu? Porque todos estes Shmuels foram criados para serem profetas. Isto nos mostra que o que

transmitimos aos nossos filhos e conforme agimos é o que desejamos que eles sejam, como no caso dos Shmuels. Isto se tornará realidade. Trate-os de forma honrosa e eles se tornarão honrosos.

AS FIGURINHAS DOS *RABANIM*

O Staipler, pai do Rav Haim Kanievski, via que nos dias de hoje era comum brincar de figurinhas dos jogadores de futebol. Ele pensou então que seria melhor se as crianças tivessem as figurinhas dos rabinos da *Guemará*.

Pessoas do mundo inteiro se dirigem a Bnei Brak para serem atendidos pelo grande sábio Rav Haim Kanievski, pois o seu pai apostou nele, acreditando que ele seria uma pessoa importante. Como ele foi tratado assim pelo seu pai, fazendo a reza certa e tudo o mais, ele se tornou um grande sábio.

Se criticarmos e cobrarmos demais os nossos filhos, qual será imagem que eles terão de si?

Uma vez escutei uma frase: "Há um tempo na vida em que aprendemos que ninguém nos decepciona, somos nós que criamos expectativas demais sobre as pessoas". Existe uma lição muito verdadeira nesta frase. Em relação aos filhos, se esperarmos mais do que eles podem dar, estaremos sempre exigindo muito dia após dia e, por dentro, a criança poderá sentir-se incompetente perante os olhos dos pais.

Temos que entender nossos filhos. É mais importante a estima e a visão que meu filho tem de si do que o meu *status* na comunidade. Um líder tem que encontrar as partes positivas e por fé nas pessoas. Há lugar para todos no mundo, mesmo para aquele que não é o melhor da classe. Devemos entender a situação que Hashem nos deu.

O RELIGIOSO REBELDE

Certa vez, um menino disse que era um religioso rebelde. Pedi a ele para detalhar um pouco como era o seu dia, ao que ele respondeu que estudava, colocava os *tefilin*, não perdia nenhum *minian*. Ele fazia tudo isso por vontade própria, e não porque os pais mandavam.

Estava difícil entender por que ele se achava rebelde! Durante a conversa ele contou que o pai sempre lhe dizia que ele era rebelde, então ele realmente acreditava que de fato era um, mesmo sendo um bom menino perante os olhos de Hashem!

A VIDA NA CIDADE

Na metade do século XX, um lavrador do interior de São Paulo foi tentar a vida na cidade grande, na capital. Certo dia, ele estava dormindo na praça e um mendigo bateu nas suas costas pedindo um trocado, mas o lavrador respondeu que não tinha nada para dar. Ao acordar, o lavrador disse para si mesmo que se alguém estava lhe pedindo uma esmola, ele já era mais rico do que alguém, e deveria seguir em frente.

Com essa crença positiva, esse homem conseguiu trabalhar um pouco, comprar uma roupa mais apresentável e começar a trabalhar como caixa de um banco. Como ele tinha asma e era difícil dormir, passava as noites estudando. Aos poucos, ele foi sendo promovido para gerente, sócio e depois fundador do Banco Bradesco. Esta é a história de Amador Aguiar. O seu pensamento foi que se alguém tinha lhe pedido esmola, ele iria acreditar em si mesmo, mesmo quando os outros não acreditavam nele. Ele disse que tentaria a sorte. Se ele não tivesse acreditado em si e tivesse ficado deitado no banco da praça, ele não seria nada.

Nossos filhos podem ter dificuldade de acreditar em si mesmos se nós não acreditarmos neles.

OS ESPELHOS QUE DISTORCEM A IMAGEM

Existem espelhos curvos que, ao olharmos neles, nos divertimos, pois podemos ver a nós mesmos gordos, magros, altos, baixinhos, mas eles não refletem a realidade de como somos. Se deixarmos uma pessoa lá por seis meses, ela irá se sentir e se convencer de que realmente é o que o espelho reflete. Devemos aprender que o importante não é só o que somos, e sim como nos enxergamos, como é a nossa autoestima.

Há pessoas que estão felizes como são, mesmo que, por exemplo, não sejam tudo que sonham. Existem também aquelas pessoas infelizes com a parte espiritual. Há aqueles que enxergam que precisam crescer, mas também já viram o quanto já realizaram, há ainda aquelas pessoas que estão com o espelho curvo em relação ao dinheiro.

O importante não é só o que temos, mas como nos enxergamos. O que importa é como, enquanto líderes da família, fazemos a família se enxergar. Quanto maior for a ansiedade e a expectativa dos pais, inversamente proporcional será a autoestima dos filhos.

GARANTINDO O SUCESSO DE UMA COMUNIDADE

“Nossos filhos podem ter dificuldade de acreditar em si mesmos se nós não acreditarmos neles”

QUEM SÓ TEM A TRADUÇÃO LITERAL, NÃO TEM NADA

Mudar para: Há uma porção na Torá muito curiosa que se refere à Sefirat Haomer e diz: "*usfartem lachem mimochorat hashabat*" ("vocês vão começar a contar o Omer, que são os dias entre *Pessach* e *Shavuot*, no dia seguinte ao *shabat*").

Na Torá está escrito exatamente assim, mas quem explica a Torá desta forma, que devemos começar a contar o *Omer* no dia seguinte ao *shabat*, que seria o domingo, é um grupo que entende a Torá ao pé da letra, sem fazer o devido uso das explicações da Torá Oral. Essas pessoas são chamadas de *tsedokim* e não são bem vistos nem aceitos pelos sábios.

Os sábios explicam que na tradução de "*usfartem lachem mimochorat hashabat",* o *hashabat* do versículo não quer dizer sábado e sim *Pessach*. Assim sendo, não devemos começar a contagem depois do *shabat* e sim após o primeiro dia de *Pessach*. Se os sábios escutaram de Moshê *Rabênu*, que por sua vez escutou de Hashem que a tradução da palavra *shabat* neste versículo não é *shabat* e sim *Pessach*, por que Hashem já não escreveu *Pessach*? Será que Ele escreveu errado? Por que não escrever diretamente a palavra *Pessach* e agendar a contagem para um dia depois de *Pessach* já que é assim que devemos começar a contagem do *Omer*? Antes de responder a esta pergunta, vamos fazer uma pequena observação, para que possamos entender a resposta.

O objetivo da contagem de *Sefirat ha Omer* é poder chegar à festa de *Shavuot* na qual comemoramos o recebimento da Torá. Podemos fazer um comparativo com um atleta que vai correr uma maratona. Primeiramente ele treina, se alimenta direito e ingere líquidos para no dia da maratona estar em boas condições.

Se quisermos receber e entender a Torá, há um pré-requisito, assim como para o atleta: devemos saber que sem as explicações dos nossos sábios, não podemos entender a Torá. É por esta razão que Hashem escreveu de forma

ambígua, parecendo até se tratar de uma forma incorreta, para sabermos que sem as explicações e sem considerar a visão dos sábios da Torá, entenderíamos tudo errado.

Isto seria como assistir a um filme 3D, em que, quando se coloca os óculos tudo fica perfeito, e sem eles não se consegue ver nada. O mesmo acontece com os ensinamentos dos sábios que nos disseram que, se olharmos para a Torá sem os óculos 3D, veremos tudo embaçado, incorreto. Por isso, D'us escreveu "errado", para percebermos a importância dos sábios, pois justo na contagem que nos leva à outorga da Torá, Hashem nos ensinou que para receber a Torá e entendê-la o pré-requisito é confiar nos sábios e acatar suas interpretações.

OS TOLOS DA BABILÔNIA

O Talmud nos conta que havia um grupo na Babilônia, hoje o Iraque, chamado de *"bavlai tipshai"* (babilônios tolos).

Uma das práticas que os sábios desaprovavam nos *bavlai* era que eles se levantavam e beijavam o *Sêfer* Torá, mas, diz o Talmud, quando passava um sábio da Torá eles o desprezavam e não davam importância. Os sábios dizem que eles eram tolos, pois a Torá sem as interpretações perde o seu valor.

UMA ARCA SAGRADA DE CARNE E OSSO

No Har Sinai recebemos tanto a Torá oral como a escrita, e ninguém discute isso. As explicações foram transmitidas por Hashem para Moshê Rabenu.

Houve uma época, no século X, em que os sábios eram chamados de *gueonim*, que em Hebraico quer dizer "gênios". Um deles era Rav Saadia Gaon. Ele disse que existe o *Aron Hacodesh* para guardar o *Sêfer* Torá (a Torá escrita), que fica dentro da sinagoga, e existe o *"Aron Hacodesh"* da Torá oral que é representado pelo sábio.

VEREMOS A SABEDORIA DOS NOSSOS SÁBIOS... QUEM É SÁBIO?

Nossos sábios contam que havia um homem muito pobre e honesto que estava andando na rua e encontrou uma carteira com 500 rublos, o que era uma verdadeira fortuna na época. Ele foi à sinagoga e viu o anúncio de alguém

que havia perdido uma carteira. Assim, ele ficou sabendo que o dono da carteira era um dos magnatas da cidade. Ele pensou: apesar de eu precisar muito deste dinheiro, vou devolver ao dono e ao entregar a carteira, ganharei uma recompensa de dez por cento do valor, pois assim o magnata havia anunciado.

Ao receber a carteira, o dono diz ao pobre: "Eu prometi dar dez por cento do valor que tem na carteira. Havia 550 rublos, sendo assim, vou te dar 50 rublos". Mas, ao abrir a carteira, ele vê que havia somente 500 rublos. O dono da carteira disse que o pobre já havia pegado a recompensa. E assim, somente agradeceu a devolução do objeto. Mas o necessitado disse que não tinha pegado nada! E uma vez estabelecida a discussão, sugeriram perguntar ao rabino e deixar que ele decidisse.

O Rav escutou os dois lados e disse ao magnata: "Eu confio no senhor". O pobre ficou arrasado, pensando: fiz uma *mitsvá*, fui envergonhado, não ganhei recompensa, e o rabino ainda está confiando no outro? E o Rav continua: "Eu confio no senhor, por isso a carteira vai para o pobre. O senhor perdeu uma carteira com 550 rublos, certo? O homem pobre poderia ter encontrado a carteira e colocado no bolso, mas ele foi gentil e honesto lhe devolvendo. Eu confio em vocês dois. Creio que ele encontrou a carteira de outra pessoa, portanto os 500 rublos devem ficar com quem os encontrou. O senhor pode esperar até que outra pessoa venha lhe entregar a sua verdadeira carteira".

ENXERGANDO LONGE

Em 1900, havia muitas perseguições contra os judeus, especialmente na época do comunismo. Um dos membros da comunidade do Rav da dinastia de Brisk, Rav Yitschak Zeev Soloveitchik, havia sido condenado à morte.

O governo havia determinado que se fizesse a guarda da bandeira da cidade, e este homem adormecera em serviço, por isso, o governo decretou que ele deveria morrer, por ter dado um mau exemplo para os outros. Perguntaram ao condenado qual era o seu último desejo e ele pediu que o Rav de Brisk viesse conversar com ele antes de sua morte. O Rav se negou a ir, o que causou grande desconforto e vergonha na comunidade. Como ele estava se recusando a ir, os guardas disseram ao rabino que eles o levariam à força. Mas o rabino continuou se recusando.

Eles resolveram o assunto da seguinte forma: pediram ao *shamash* da sinagoga que fosse visitar o prisioneiro se passando pelo Rav e que lhe desse uma benção. Chegando à prisão, o *shamash* foi apresentado ao prisioneiro, que perguntou: cadê o verdadeiro Rav? Isto deixou todos muito preocupados, pois além do prisioneiro, agora a comunidade inteira poderia estar em perigo.

Depois de algumas semanas, a sentença mudou e o prisioneiro foi absolvido. As pessoas da comunidade foram tirar satisfação com o Rav, pois queriam entender qual havia sido sua intenção ao se recusar a visitar o prisioneiro pondo a comunidade toda em risco. O Rav de Brisk explicou que ele sabia que o último pedido do prisioneiro era que ele fosse visitá-lo. Estava claro para ele que o governo não iria matar o prisioneiro antes que ele fosse lá cumprir o seu último desejo, então ao adiar sua visita ele não estava pondo a comunidade em perigo, estava salvando uma vida!

Um líder tem ajuda de Hashem. Se no momento nós não entendemos algo, temos que saber que o líder sempre está alerta. Os líderes enxergam mais adiante, além do que qualquer um de nós.

QUANDO O DINHEIRO NÃO É SEU...

Há uma década, havia uma pessoa responsável por arrecadar fundos para uma instituição judaica. Certa vez, esta pessoa teve a sorte de arrecadar uma quantia maior, que poderia durar por alguns anos. O excedente deveria ser colocado num banco.

Os bancos na época pagavam seis por cento de juros, mas havia um que estava pagando oito por cento. O homem pensou que era uma ótima oportunidade de fazer o dinheiro da *tsedaká* render mais, mas o presidente da instituição achou melhor consultar um sábio. Perguntaram ao Rav Shlomo Zalman Auerbach se eles deveriam investir o dinheiro na taxa comum ou na taxa mais alta. O Rav disse que deveriam se contentar com os seis por cento. No começo todos pensaram que estavam perdendo dinheiro, e que o rabino não entendia muito de investimentos, mas após duas semanas, o banco que estava pagando dois por cento a mais tinha desaparecido do mapa e sumido com todo o dinheiro...

Esta história é mais uma que nos mostra a importância de acreditar e seguir um Rav, pois ele enxerga mais longe.

O MESMO *CAVOD*

Nas histórias do Rav de Brisk e do Rav Auerbach acima vemos que a comunidade aceitou e respeitou a decisão de seu rabino mesmo sem entender. Eu também acreditaria nos meus *rabanim* se eles fossem o Rav Steinman, o Rav Kanievski, o Rav Ovadia Yossef ou outros que eu não mencionei.

Está escrito na Torá "quando você tem uma pergunta vá perguntar aos *cohanim* ou *leviim*". Ou "ao juiz que existir naqueles dias". A *Guemará* pergunta por que o verso diz para "o juiz dos nossos dias". É claro que não poderíamos perguntar para os sábios da geração anterior! Rashi explica a *Guemará*: a geração tem o que ela precisa. "Perguntar ao líder da sua geração" significa que você tem que usar os juízes: olhe para os seus líderes como se você estivesse na frente de Moshê Rabênu, e dê a eles o **mesmo *cavod*** (respeito) que daria para Moshê.

A seguinte história se passou num ônibus em Israel: Reuven, um homem não religioso, pediu para a pessoa sentada a seu lado lhe avisar quando estivessem passando por Bnei Brak. O religioso ao seu lado então lhe disse que já tinham chegado a Bnei Brak, mas que não iriam entrar na cidade. Reuven então tirou do bolso sua *kipá* e colocou na cabeça. Após alguns minutos ele pergunta novamente ao seu companheiro se ainda estavam em Bnei Brak e ao saber que já haviam deixado a cidade ele tirou a *kipá* e guardou novamente no bolso.

O religioso perguntou por que ele tinha colocado a *kipá* justamente quando estavam passando por Bnei Brak. Reuven respondeu: como você pode ver eu não sou religioso, mas li bastante sobre uma pessoa que morou nesta cidade, o Rav Chazon Ish. Li tantas histórias que em respeito a ele, cada vez que passo por Bnei Brak, que é a cidade onde ele morou, coloco a *kipá* na minha cabeça.

Isso é ter respeito. Cada um tem o livre arbítrio para fazer o que quiser, mas deve se cuidar para não desdenhar das palavras do Rav e sempre respeitá-lo. Temos que olhar para nosso Rav como se ele fosse Moshê Rabênu.

Na época de Moshê Rabênu, tenho certeza que diziam "se Moshê Rabênu fosse Avraham Avinu, eu o respeitaria". O Talmud nos conta que havia grupos de pessoas que diziam que Moshê Rabênu era sábio, mas não tanto como Avraham Avinu.

Sempre haverá pessoas que vão argumentar que havia sábios maiores do que os atuais, e até para Avraham Avinu diziam que o pai dele fazia *avodá zará*, e que, portanto, não era para acreditar nele. Sempre há espaço para reclamações. O Talmud diz que nós temos que olhar para as pessoas da nossa geração da mesma forma como olharíamos para os grandes sábios da geração passada.

EDUCANDO PARA RESPEITAR

O *Shulchan Aruch* (código de leis) traz algumas leis práticas que podem ser relevantes sobre este assunto: quando a pessoa estiver falando com o Rav ou a respeito dele, ela deve mencionar o seu título e o nome, porém, falar o nome sem o título de rabino é proibido.

Já ouvi alguns pais dizerem aos filhos que vão rezar na sinagoga "do fulano", sendo que deveriam dizer "do Rav Fulano"... É necessário respeitar o líder. É proibido chamar o Rav pelo seu nome. Isto estraga a educação. Quando um pai me traz seu filho e reclama que ele não está respeitando o rabino, pode ser que a razão seja que o pai durante muito tempo não respeitou o rabino com o seu titulo.

O *Shulchan Aruch* nos diz que a pessoa não pode nem tirar o *tefilin* na frente do Rav. Só pode fazer isto virando um pouco o rosto, mas não na sua direção. Não se pode descobrir a cabeça perante o Rav, porque para muitos isto é um desrespeito. Quando entramos numa sinagoga e o Rav está no campo de visão dos congregados e ainda não chegou a sua cadeira, nós não devemos nos sentar. Esses são exemplos para vermos até onde chegam às leis do *Shulchan Aruch* sobre respeitar o Rav. O líder que nos ensinou a Torá deve ser respeitado.

Está escrito claramente no *Shulchan Aruch* que a esposa de um sábio merece o mesmo respeito que ele, pois se não fosse ela, ele não seria um sábio. Pode acontecer de o pai ou a mãe não gostarem ou não respeitarem a um mestre de seu filho, mas eles nunca devem expressar isto aos filhos.

ELEJA UM RABINO PARA SI

"Assê lechá Rav", a pessoa deve ter um Rav para seguir. No *Shulchan Aruch* está escrito que a pessoa pode perguntar a outros rabinos se primeiro avisar que perguntou a um primeiro e contar sua resposta, senão, é proibido pergun-

tar. Não devemos fazer uma enquete e se consultar com vários rabinos para ver qual Rav permite ou libera mais!

Existe uma lei curiosa a respeito de uma pessoa que sustenta um estudioso da Torá. Este estudioso tem que dar o respeito para esta pessoa, como se ele fosse o seu Rav.

FONTE INESGOTÁVEL DE BENÇÃOS

Numa sinagoga, o Rav tem que estar num nível acima dos congregados e não deve haver discussão em relação a isto. A comunidade deve cuidar da sua honra e respeitá-lo. Podemos sempre perguntar e pedir explicações ao Rav, mas discutir com ele, nunca. A honra não é para o bem do Rav, e sim para **o bem da pessoa**.

PARA QUE O REMÉDIO NÃO VÁ POR ÁGUA ABAIXO

O Chafêts Chaim conta que uma pessoa foi reclamar que seus filhos não estavam mais escutando as palavras da Torá. Ele disse: "Rav gostaria que o senhor falasse com meu filho, ele está noivo e vai se casar com uma pessoa de outro povo". O Rav disse que iria conversar com o filho, mas primeiro queria conversar com o pai.

Ele contou uma história: havia um médico que ia de cidade em cidade e ajudava as pessoas a se curarem. Um dia, ele foi chamado para atender um doente e, durante a viagem, surgiu um bandido que anunciou o assalto e pediu para ele passar o dinheiro. O médico disse que não tinha dinheiro, só a mala dos medicamentos. O bandido viu que o doutor não tinha nada e arremessou a maleta no rio por cima da ponte. Depois, o bandido voltou para a sua cidade e, por coincidência, o doente que estava esperando pelo médico era seu próprio filho. Ao ver o médico, o menino diz: "Talvez o senhor tenha a cura para a minha doença". O médico diz: "Eu gostaria muito de te ajudar, mas fui assaltado numa ponte e o bandido jogou a minha maleta no rio, eu perdi tudo".

O Chafêts Chaim disse: "Eu quero muito ajudar seu filho e talvez eu consiga. Mas, quantas vezes você não jogou o remédio por água abaixo? Quantas vezes eu escutei você falando de rabinos sem dar o *cavod* do título? E quantas vezes escutamos você criticando os rabinos? Não é de surpreender que o seu filho não me escute. Você jogou a mala com o antídoto na água".

Devemos honrar os sábios porque o *Shulchan Aruch* manda e faz bem. Bem por cumprir uma *mitsvá* do *Shulchan Aruch*, mas um bem maior ainda para a família da pessoa que sabe honrar os rabinos.

TRATANDO UM REI COMO UM REI E MERECENDO ASSIM BENÇÃOS E A REDENÇÃO

Precisamos nos conscientizar de uma pergunta muito importante. Há um versículo que diz: será que podemos ter uma monarquia? A Torá permite uma monarquia ou precisa ser democracia? Está escrito na Torá, em *Parashat Shoftim* (Devarim 17: 15),: "*som tassim alêcha melech*". Coloque um rei sobre você.

Muitos comentaristas explicam esta questão e ouvi uma resposta muito interessante sobre isso. Está no livro de Shmuel, no oitavo capítulo, onde diz que o povo foi pedir um rei para o profeta Shmuel e ele criticou o povo, dizendo que um rei faria mal a eles. Como Shmuel brigou com o povo se antes dele há um versículo que diz *som tassim alêcha melech*? Pela Torá a monarquia é permitida!

O Rav Shlomo Efraim Luntschitz, mais conhecido como *Kli Yacar* dá uma resposta incrível:

Na Torá, diz o *Kli Yacar*, está escrito *Som Tasim Alechá Melech*, porém em Shmuel está escrito, na ocasião que o povo lhe pediu um rei, eles disseram *sim lanu melech*, nós queremos um rei para nós. O *Kli Yacar* explica que o que a Torá permitiu, a monarquia, é *tassim alêcha melech*, alguém que vai estar sobre você, e é diferente do que foi pedido em Shmuel. Foi isso que Shmuel criticou: o *sim alênu melech*, quer dizer: nós queremos um rei para nos servir, ter uma figura para nos representar.

Existem dois tipos de líderes: os que nos subjugam e vão mandar em nós, e o outro tipo é aquele que nós dizemos o que ele deve fazer e que será como uma marionete.

Às vezes as pessoas dizem ao Rav que assuntos ele deve abordar na sinagoga, e que assuntos ele deve evitar falar. Quando se trata, por exemplo, de *mechitsá* (divisória entre homens e mulheres) nas sinagogas, nas festas de *shabat*, de *cashrut*, a pessoa tem livre arbítrio e pode escolher seguir ou não, mas não pode dizer que é bobagem. Só dizer apenas algumas palavras bonitas e ser uma marionete é *sim lanu melech*. Mas o que a Torá permitiu é "*som tassim alêcha melech*", alguém que vai nos guiar de uma forma culta e agradável, mas com a diretriz do sábio, pois nem sempre escutaremos o que queremos.

MASHIACH

O Rav Israel Salanter nos diz que estes são os sinais da aproximação do *Mashiach.* A *Mishná* fala no tratado de *Sotá*, que na época que precede a vinda do *Mashiach*, a geração vai parecer um cachorro. Diz o Rav Salanter que quando vemos alguém caminhando com um cachorro, perguntamos quem está levando quem? Não sabemos. Só há um jeito de saber. Quando chegar à esquina e o dono quiser ir para um lado e o cachorro quiser ir para outro. Nesse momento veremos quem está levando quem.

No fim das gerações, diz o Rav Israel Salanter, eles vão se parecer como cachorros, pois haverá muitas encruzilhadas, muita dúvida que a comunidade terá e levará ao Rav, e então veremos quem domina de verdade, se quem guia é o Rav ou a comunidade o domina.

Que, com a ajuda de Hashem, possamos dar aos nossos rabinos o devido respeito e entendamos que eles enxergam a situação bem antes de nós.

QUANTO MAIS PERTO DELE, MELHOR

“Hashem não cuida de todos de uma maneira igual, mas sim de acordo com a fé que depositamos Nele”

TUDO OU NADA

Existe uma passagem que lemos na *Hagadá* de *Pessach* que talvez nos traga algumas novidades, mas o mais importante é que é um assunto que engloba tanto homens como mulheres, independente do nível religioso, e é um assunto que temos que refletir durante a nossa vida.

Lemos na *Hagadá* de *Pessach* uma passagem muito curiosa onde está escrito que Lavan, que foi sogro de Yaacov, *bikesh laacor et* ***hacol***, o que significa que ele queria destruir e acabar com tudo e todos. Há uma passagem que todos os comentaristas perguntam: Onde é que encontramos na Torá que Lavan quis destruir e acabar com todo o Judaísmo? Nós não encontramos na Torá que Lavan quis acabar com toda a descendência judaica de Yaacov! Como então, isto surgiu na *Hagadá*?

A resposta que nos remete ao tema que vamos abordar é a seguinte: Quem trabalhou com Lavan durante duas décadas foi Yaacov. Ele foi o único dos patriarcas chamado de "o escolhido". O que o diferenciava dos outros? Sabemos que Yaacov é o único dos patriarcas que tem a sua imagem no trono celestial de Hashem. Por que ele é o escolhido? A razão é que Avraham teve um filho chamado Ishmael. Yitschak teve um filho chamado Essav. Deste modo, estes dois patriarcas tiveram filhos que não foram tão bons. Yaacov, no entanto, teve doze filhos, que são as doze tribos, e **todos** eram ótimos. Esta é a razão pela qual Yaacov é considerado tão especial.

Lavan tentou trapacear Yaacov. Ele não tentou matá-lo, e sim enganá-lo, como está escrito na Torá. Lavan disse a Yaacov que iria lhe dar mercadoria de primeira qualidade, para vender por um certo valor, e quando Yaacov tentava vender o material ele percebia que não valia o preço que pensava! E assim, Yaacov foi trapaceado algumas vezes. Além disso, Yaacov trabalhou muitos anos

para Lavan praticamente de graça. Quando Yaacov aceitou receber um salário, dizendo que ele precisava de um sustento, já que agora ele tinha uma família, está escrito na Torá que Lavan pegou o rebanho malhado (*nekudim* e *berudim*) e disse que as ovelhas que nascessem com pontinhos pretos e inúmeras especificações, seriam de Yaacov e todo o resto do rebanho seria de Lavan. As chances de Yaacov ganhar algo eram nulas!

Lavan enganou Yaacov, monetaria e economicamente, algumas vezes. Mas, em nenhum momento encontramos uma passagem que diz que Lavan queria matar Yaacov para não mais haver judeus no mundo. Por que então vemos na *Hagadá* que "*Lavan bikesh laakor et hakol*"?

Quando Yaacov foi se casar, ele pediu a mão de Rachel, entretanto ele acabou casando-se primeiro com Leah. Quando Yaacov foi se queixar com o seu sogro Lavan, a resposta que recebeu foi que ele não tinha se enganado ao lhe entregar Leah, mas que era costume do lugar na época casar primeiro a filha mais velha e não a segunda filha. Lavan, assim, sempre tinha inúmeras respostas para ser desonesto com Yaacov, mas fingia ser um *tsadic*, dizendo que tinha feito isto para o bem de sua família. Obviamente, ele fez Yaacov trabalhar mais sete anos, para conseguir desposar Rachel.

No livro *Netivot Shalom* está escrito o seguinte: De fato, Yaacov foi testado na sua honestidade até a última gota e o que isto tem a ver com o fato de destruir Yaacov?

Vemos que Yaacov foi muito honesto com Lavan. Trabalhou mais do que deveria trabalhar e nunca cobrou nada de Lavan. Yaacov foi **100% honesto**. Mas, nos perguntamos: se Yaacov foi a pessoa mais honesta que conhecemos, por que ele só recebeu golpes? Diz Yaacov: "Eu fiz tudo do bom e do melhor, mas Hashem sempre me manda um teste. Cuidei bem do rebanho, e Lavan diz que não vai me pagar. Ele me prometeu Rachel e me deu Leah". O que qualquer um pensaria se estivesse no lugar de Yaacov?

"Como Hashem me testa e me dá mais um golpe?". O que temos que observar é: como estava a fé de Yaacov em Hashem? Temos a resposta quando Yaacov deixa a casa de Lavan e se encontra com Essav, e lhe diz: "*Im* Lavan *garti*" (eu morei com Lavan). E qual a mensagem que existe nestas palavras? Rashi explica que "morei com Lavan" significa: cumpri as **613 mitsvot**. Apesar de Essav não se interessar

por aquilo que Yaacov lhe dissera, o significado do que lhe fora dito é: eu vivi com o maior trapaceiro do mundo por 20 anos e a minha fé continuou **intacta**. Assim é explicada, em *Netivot Shalom*, a passagem da *Hagada "bikesh laakor et hakol"*. Pois, a fé em Hashem é **tudo**. Um judeu que não tem fé, não tem **nada**.

Quando Lavan foi testar a fé e a confiança de Yaacov em Hashem, ele colocou tudo à prova. Lavan não tentou matá-lo fisicamente, mas tentou tirar sua fé, que é tudo, pois **um judeu sem fé quase não está vivo**.

RASHI E RASHASH JÁ SABIAM

Temos alguns exemplos de fé que a Torá nos conta, e Rashi, que viveu no ano de 1100, faz o seguinte comentário na página 8a do Tratado de *Berachot*: No oceano Atlântico há alguns lugares por onde embarcações que contêm metal não podem passar, portanto, se você quiser passar com elas, diz Rashi, você precisa amarrar estas embarcações com cordas. Isso foi dito há quase 1000 anos! Rashash, um comentarista do Talmud, explica o porquê das palavras do Rashi: no fundo do mar há um tipo de imã que atrai os metais.

O triângulo das Bermudas tem três pontas: uma fica em Fort Lauderdale, uma em San Juan, Porto Rico e outra nas Bermudas. Na área deste triângulo, cuja extensão é de mais de um milhão e 500 mil quilômetros quadrados, no último século, mais de 500 navios e aviões se perderam. Nunca mais foram encontrados e não se sabe o que aconteceu. Eles saíram de algum lugar, passaram por lá e desapareceram. Rashi previu isto em 1100 e o Rashash em 1872 justificou o fato pela existência do imã que existe no fundo do mar. Rashi sabia a Torá por inteiro, e na Torá está previsto tudo isto.

RABI YEHOSHUA JÁ SABIA

Edmond Halley descobriu um cometa em 1696 que passa mais ou menos a cada 75 anos pela Terra.

O Talmud nos conta, num tratado que não é tão famoso, chamado *Horaiot*, na página 10, que Rabi Yehoshua, em um passeio de barco com um colega seu, lhe diz: "Existe um cometa que passa a cada 75 anos e que confunde os marinheiros." O que Edmond Halley descobriu em 1696, o Talmud já falava a respeito mencionando Rabi Yehoshua há mais de 2000 anos!

Esses são fatos e exemplos que devem fortalecer a nossa fé na sagrada Torá e em Hashem!

RABI SHIMON BAR YOCHAI E RABI HAMNUNA SABA JÁ SABIAM

Isto também acontece com o exemplo da discussão a respeito da Terra ser redonda ou não. Hoje sabemos que ela é redonda, mas nas aulas de História no colégio estudamos que por muito tempo se imaginava que ela fosse quadrada, que havia elefantes que seguravam a Terra, que ela era plana, e assim por diante.

Cristóvão Colombo, por volta de 1500, fez uma jornada de um ponto a outro, e pelo fato de não ter caído, demonstrou que a Terra era redonda. Quando descobriram que a Terra era redonda, começaram a se perguntar como as pessoas que estão na parte de cima ficam em pé sem problemas e por que os que estão em baixo não caem. Isaac Newton, em 1700, explicou a teoria da gravidade, que o mundo pende para o centro e o que hoje parece óbvio, na época dele parecia um absurdo.

O *Zôhar* nos traz, em nome de Rabi Shimon Bar Yochai, e também num livro antigo da autoria de Rabi Hamnuna Saba, um trecho que diz que o mundo e a humanidade que estão sobre ele giram de forma circular como uma bola. Alguns vivem na parte de cima e não caem, e outros vivem na parte de baixo e também não caem. O *Zôhar* é um livro tão antigo e isso consta na *Guemará!* Mas o mundo teve que esperar por Colombo até por volta do ano de 1500 para saber. E só conseguiu compreender o funcionamento da gravidade em 1700. Já a Torá nos conta tudo isto muito antes. Não nos faltam razões para fortificar ainda mais a nossa fé.

YOCHEVED (SHIFRÁ) JÁ SABIA

Havia duas parteiras no Egito, Shifrá e Puá. O Baal Turim, que viveu em 1300, explica que Shifrá, uma das parteiras, era chamada assim, pois ela salvava as crianças do decreto que o Faraó havia feito para que morressem. Seu nome provém da palavra *shefoferet*, que quer dizer: "canudo".

O Baal Turim continua e comenta que, às vezes, as crianças nasciam com falta de ar, e nestes casos, ela colocava na garganta da criança um canudo e as-

soprava. Só recentemente descobriram que essa manobra salva pessoas, mas Shifrá, como consta na Torá, já tinha essa prática. E isto se passou há mais de três mil anos!

A CRIAÇÃO E OS BYTES

Li um artigo que me surpreendeu. George Church é um pesquisador que trabalha no sequenciamento do genoma nas universidades mais conceituadas do mundo: MIT e Harvard. Ele descobriu, recentemente, que dentro de um DNA existe uma capacidade imensa de receber e guardar informações. Em outras palavras, isto quer dizer que um grama de DNA, que corresponde ao peso de dois comprimidos pequenos de *Tylenol*, consegue armazenar 455 hexabytes de informação. Quanto é um hexabyte? Se pegarmos 100 bilhões de DVDs e calcularmos a informação que eles são capazes de armazenar, é o equivalente a 455 hexabytes.

Um grama de célula do DNA consegue armazenar o mesmo que os 100 bilhões de DVDs! Trata-se de algo magnífico, e temos que nos espantar com isto! Todos estes novos aparelhos (*palms*, *tablets* e similares) nunca chegarão perto de um milésimo do que Hashem criou dentro de cada um de nós.

40 CENTÍMETROS

A Torá que Hashem nos deu é tão perfeita que temos que ter um imã dentro de nós que nos faça sempre querer abraçá-la. Seja nas leis de *shabat*, de *cashrut*, de amizade, honestidade e também do que tratamos aqui a respeito da fé em Hashem...

O homem é formado de razão e emoção. Eu queria saber qual é a distância entre o coração e o cérebro, e medindo com uma régua vi que há exatamente quarenta centímetros desde a testa até o coração. Estes quarenta centímetros são físicos, mas na verdade eles são como 40 mil quilômetros no sentido espiritual, quando se trata de fazer o elo entre o racional e o emocional.

Qualquer pessoa pode dizer que isto depende da lógica, mas para chegarmos ao *olam maassê*, para fazermos algo de fato, existe uma distância enorme, muito maior do que os quarenta centímetros entre o cérebro e o coração.

VENCENDO A DISTÂNCIA ENTRE A *EMUNÁ* E A PRÁTICA

Depois que Hashem prometeu a Avraham *Avinu* que ele teria uma grande descendência, está escrito que Avraham acreditou em Hashem, e D'us disse que esse foi um ato muito justo.

Chafêts Chaim nos diz o seguinte sobre este versículo: a Torá elogia Avraham *Avinu* por seu nível de *emuná*, porque entre o emocional e o racional há uma longa distância. Avraham *Avinu* conseguiu aproximar o máximo possível o seu racional do emocional trazendo assim sua fé para a prática, agindo com *emuná* em Hashem. Por isso, ele merece crédito perante Hashem e um louvor também. A Torá fez questão de frisar isto.

EMUNÁ, DOIS PONTOS

Emuná, a definição dada pelos nossos sábios: fé é tudo que está além do que o cérebro pode racionalizar. É quando não conseguimos mais entender as coisas racionalmente. O primeiro ponto para que a pessoa tenha *emuná* é **pensar nela** e o segundo ponto é **colocá-la em prática**.

DISTÂNCIA E ÓTICA

Minha irmã enviou-me um artigo, que está relacionado com *emuná*:

Certo dia, um menino perguntou ao pai qual era o tamanho de Hashem e o pai lhe disse: "Você está vendo aquele avião lá no céu? Este é o tamanho de Hashem". Mas o filho disse ao pai: "Mas este avião é muito pequeno". No dia seguinte, o pai levou o filho ao aeroporto e eles chegaram perto de um avião. O pai perguntou: "Qual o tamanho deste avião?". E o filho respondeu que é muito grande. O pai então diz ao filho que o tamanho de Hashem depende do quão perto d'Ele você se encontra.

Quanto mais perto estivermos d'Ele, maior Ele será aos nossos olhos, e quanto mais longe estivermos, menor Ele parecerá.

FOI VOCÊ, PAI!

Para entender o que é *emuná*, conta-se que no meio da noite numa cidade da Europa Oriental estavam gritando: "Fogo, fogo!" Os bombeiros chegaram para salvar as pessoas e toda uma família estava saindo da casa correndo. O dono da casa era o Rav Israel MiRuzhin, que também saiu e quando observou de longe a fumaça, disse: "Graças a D'us conseguimos sair todos e salvar-nos". Ao conferir seus filhos, perceberam que uma criança estava faltando, e então viram que David, o filho de sete anos de idade, não tinha conseguido sair da casa que estava em chamas. Não era mais possível entrar na casa, e o bombeiro disse que eles próprios entrariam por ser muito perigoso. Ao entrarem, conseguiram salvar o pequeno David. A primeira coisa que a mãe fez foi abraçar o filho, e quando o Rav Israel perguntou ao filho: "David, você não ficou com medo?". O pequeno David respondeu que não: não tinha ficado com medo.

O pai perguntou o que o tinha feito ficar tão calmo e o menino respondeu: "**Foi você, pai**, que me fez ficar calmo, pois sempre à noite, nós rezamos o *shemá* juntos e algumas vezes eu lhe perguntei por que fazíamos isto e você me explicou que recitamos o *shemá* para que Hashem nos proteja e mande Seus anjos protegerem a todos nós. Então, por que eu deveria estar preocupado se Hashem e os Seus anjos estavam me protegendo?".

Isto é uma fé cristalina, na sua forma mais pura. É uma *emuná* que encontramos num grande *tsadic*, ou em uma criança, que é inocente. Pois uma criança, ao ouvir relatos de verdade, com a emoção correta, acredita. Por isto, as mensagens que enviamos para os nossos filhos são muito importantes. Para nós, adultos. Isto já se torna um pouco mais difícil, pois já temos um pouco de dúvidas, já temos um pouco de experiência, e por isto às vezes nós precisamos criar *emuná*.

NAS MELHORES MÃOS QUE EXISTEM

Qual a diferença de quem tem *emuná*? Uma diferença prática é o estresse. Se pudéssemos unir a lógica com a emoção, viveríamos melhor, menos estressados, não nos irritaríamos tanto.

Ouvi dizer que pediram para que os celulares não toquem ou vibrem durante as rezas, até o término delas. Se estivermos com Hashem - e é

para Ele que estamos rezando, e é Ele que nos dá o sustento - não é hora de se distrair na reza, e sim de nos esforçarmos. Não podemos deixar que o celular se torne um obstáculo no nosso trabalho para Hashem, pois isto é falta de *emuná*.

Um exemplo contado pela Torá de "quem tem ou não tem *emuná*" pode ser encontrado na *mitsvá* chamada de *maakê*, que nos pede para colocarmos uma cerca de proteção, como um parapeito, em lugares elevados para que ninguém corra o risco de cair em nossas casas.

O Rashi diz que se a pessoa cair é porque esta pessoa tinha que passar por isto. Não é que merece, pois merecer cair é muito forte, mas ela precisava passar por esta experiência. Agora, por um lado, uma pessoa tem que passar por isso, mas por outro lado tem que haver outra pessoa que cuidou para não ser responsável por este tipo de acidente. Em outras palavras, o Rashi nos ensina que se fulano não fez um parapeito, ele sim foi um transgressor, porém sicrano, que caiu de lá, deveria cair, porque se não devesse cair, diz Rashi, não teria caído.

O Rav Elchonon Wasserman, aluno direto do Chafêts Chaim, nos diz que tudo que acontece já foi planejado por Hashem. É questão de *emuná*. Uma pessoa que tem que perder a vida em algum momento, já foi decretada em *Rosh Hashaná*. Ele dizia que ninguém pode tirar a vida de uma pessoa sem o decreto de Hashem. Por exemplo, se estamos andando na rua, e uma pessoa é atingida por alguém, quem o atingiu é um perverso, mas a pessoa que foi atingida já havia sido pré-determinada em *Rosh Hashaná* daquele ano, segundo as palavras de Rav Elchonon Wasserman. A pessoa tinha que passar por aquilo.

Se isto tem relação com a vida, o mesmo ocorre em relação ao dinheiro. Se alguém tiver uma perda ou um ganho financeiro, pode questionar "por que isto aconteceu comigo?". É difícil entender e aceitar, mas podemos fazer uma introspecção e procurar entender, isto faz parte da fé, temos que saber que estamos **nas mãos de Hashem**. Quando temos fé, o nosso nível de estresse é bem menor.

PROVIDÊNCIA DIVINA

O Rav Elchonon diz que mesmo que uma pessoa decida tirar a sua própria vida, se não for decretado em *Rosh Hashaná* que isto ocorra, ela não terá sucesso.

Por exemplo: se eu quiser pegar algo de alguém, mas essa não for a vontade de Hashem, Ele fará com que eu mude de ideia, que alguém me pegue no flagrante ou outras inúmeras opções ao Seu dispor para que isto não aconteça. Ninguém pode fazer nada para alguém sem a autorização de Hashem! Isto faz uma grande diferença na vida da pessoa que percebe quem está no comando: que Hashem faz tudo e cuida de tudo. O máximo que está ao nosso alcance é ser um mensageiro de Hashem.

QUEM CUIDA DE NÓS

Nas férias, eu fui para Atibaia e tinha lá um homem que comprou oito cachorros por 20 mil reais cada. O meu filho me ligou, dizendo que era um lugar lindo e que eu ia gostar muito. Fui até lá e quando ele me mostrou os cachorros, disse que o treinador deles estava lá, e que vinha somente uma vez por semana para treiná-los. De repente me vi num círculo, eu, meu filho e uma cadela pastora alemã. O treinador me disse que justamente aquela cadela era campeã da raça em outro país e quando eu perguntei se ele viajava com ela e se tinha hotel para cachorros, ele me explicou que ele dormia numa cama e ela dormia em outra cama, no mesmo quarto de hotel!

Ele me disse: "vou te mostrar tudo que ela sabe fazer". E a cadela começou a subir escada, descer na gangorra, fazer mil e uma coisas... Então, o treinador disse que ia me mostrar o ponto forte dela, e pegou uma luva grande e disse o seguinte pra cadela: "Cuida do dono, para mim". E ela começou a acompanhar cada movimento meu. De repente, o treinador estava com a luva no braço e me disse para não me assustar, que ele iria me cumprimentar. Quando ele fez isso, a cadela olhou para ele. Depois ele disse que iria simular que estava me assaltando e que me daria um soco um pouquinho mais forte. Quando ele fez isso, a cadela pulou na mão dele, ficando suspensa no ar, mordendo a luva do treinador!

Quando ele disse para ela "cuida do dono", ela começou a andar em volta de mim, e quando ele veio me bater, ela foi para cima dele. Aí eu entendi o significado de "cuidar do dono".

Devemos aprender de tudo o que vemos sobre como servir Hashem e olhando para aquele treinador cheio de orgulho pela forma dedicada como a sua cadela cuidava de seu dono, fiquei pensando na fé e de que maneira Hashem cuida do nosso povo.

CONFORME A VONTADE DE HASHEM

Vejam que diferença faz viver com fé, e como o que vou relatar me ajudou a entender uma coisa que sempre questionei.

Quando fui viajar com os alunos na Marcha da Vida e entrava nos campos de concentração, eu queria levar algo mais do que fotos de recordação. Uma hora fechei os olhos e, antes de tomar uma bebida, recitei a bênção "*Baruch Ata Hashem Elokênu Melech Haolam Shehacol Nihia Bidvaro*": que tudo vá conforme a vontade e a palavra de Hashem. Então, perguntei a mim mesmo como foi possível que pessoas fizeram esse tipo de bênção dentro daqueles campos de concentração! Como alguém naquela situação reza *Shehacol Nihia Bidvaro*? Tudo que aconteceu na guerra foi segundo a Providência Divina, conforme as palavras de Hashem!

Ainda acho difícil entender isso, mas pensando um pouco, consegui entender um pouquinho como uma pessoa podia, apesar de estar naquela situação, recitar uma benção. Isto significa que, **de uma maneira ou de outra**, Hashem está nos protegendo. Será que podemos dizer que Hashem sempre protege os judeus? Será que nós, judeus, temos sempre a providência divina?

Esta pergunta foi feita para o *Chovot Halevavot* e a resposta foi: o quanto depositamos de fé em Hashem é o quanto Hashem cuidará de nós. É recíproco. Diz o *Chovot Halevavot*: "não ponha a sua confiança no gerente do banco ou no dono da empresa porque você pode respeitá-los, mas a sua fé tem que ser depositada em Hashem. Pois, se você põe a sua fé em pessoas como o gerente ou o dono da empresa, e Hashem vê que eles estão cuidando de você, Ele pode pensar: "uma pessoa a menos para Eu cuidar, Vou cuidar de outra pessoa". Podemos concluir que Hashem não cuida de todos de uma maneira igual, mas sim de acordo com fé que depositamos nele.

Um exemplo prático de fé é saber aceitar que Hashem dá para cada um de nós o que precisamos.

Todos os dias de manhã, rezamos "*she assa li col tsorki"* (Ele supre minhas necessidades) - algo bem simples de dizer, mas muito profundo.

Corach se rebelou contra Hashem. Ele era um *tsadic*, como ele pôde errar de tal forma? Corach falou que se Moshê *Rabênu* podia ser líder, ele também podia. Se ele escutou Hashem no *Har* Sinai, eu também posso! Qual foi o erro de Corach? Ele não entendeu que se numa comunidade existe um só presidente; dentro de uma sinagoga não existem dois *chazanim* juntos. Dentro de uma comunidade, talvez tenha uma pessoa mais rica, outra mais influente, outra mais poderosa, mas só um líder.

Corach, apesar de sua grandeza, não entendeu que Hashem escolheu apenas um, e este um era Moshê *Rabênu*. Isto é falta de fé. Ter fé é pensar o quanto eu tenho que crescer, e não o quanto eu vou ganhar, pois isto não depende de mim.

Quantas pessoas não falam bem o português, mas se deram bem economicamente? Quantas pessoas têm vários títulos, mas estão em uma situação modesta? Isso porque o sustento da pessoa não depende só do seu esforço, e sim de Hashem; sendo que só Hashem sabe o que é melhor para para cada um de nós e parte da fé é a pessoa saber se enquadrar na situação econômica dela, na situação familiar, no apartamento que tem, e não ficar olhando e pensando: "por que eu não tenho um apartamento como o do fulano?". **Hashem quer assim, e Ele sabe melhor do que ninguém o que é bom para mim.**

Temos que entender também que ninguém consegue tirar nada do que é nosso. Se foi decretado, predeterminado que eu ganhe algo, parte da minha fé, é saber que ninguém tirará isto de mim. Agora, se não chegou até mim, é porque não era pra ser.

O Chafêts Chaim explica que em *Rosh Hashaná* nosso sustento é predeterminado, e nos alerta para tomarmos cuidado e não vivermos segundo os outros. Se você não puder ter algo, não é para acabar com o seu salário antes de acabar o ano. Cuidado, ele diz, porque o que está predestinado para você já está determinado, e se você gastar mais do que pode, vai faltar salário no fim do ano, vai sobrar ano sem salário. É necessário saber se enquadrar.

NO FINAL, QUEM ACABA DANÇANDO?

Haviam *tsadikim* que costumavam, às vezes, sair da cidade e ir para onde ninguém os conhecesse, para adquirirem um pouco mais de humildade, mesmo se já fossem humildes.

Os irmãos Rav Zusha de Anipoli e Rav Elimelech de Lizensk (alunos do *Maguid* de Mezeritch) estavam viajando e pararam num hotelzinho para dormir. O hotelzinho da época era um barraco. Neste ínterim, chegou uma caravana de bêbados e viram os dois dormindo. Eles tiveram uma ideia: vamos pegar um deles e vamos fazê-lo dançar. Pegaram o da direita, que era o Rav Zusha, e mandaram-no dançar. Coitado, ele começou a dançar para os bêbados e passar vergonha. Rav Elimelech viu isso e ficou mal por ele. Rav Zusha falou: "Não faz mal... A gente veio aqui para esquecer um pouco a nossa grandeza. Não me incomodo de dançar".

Na segunda noite a história se repetiu. E se repetiu na terceira noite de novo. Vieram outras caravanas de bêbados e falaram: "a gente quer o moço da direita para dançar". Rav Zusha dançou e Rabi Elimelech ficou olhando. No dia seguinte, Rabi Elimelech falou: "Sabe o que, Zushe? Vamos fazer o seguinte: você dorme na minha cama e eu vou dormir na sua. A próxima caravana que vier vai me fazer dançar. E assim, vamos dividir os méritos. Também quero passar vergonha para ganhar *caparat avonot* (perdão dos pecados)".

Rabi Elimelech de Lizensk trocou de cama com Rabi Zusha. Chegaram os novos bêbados da cidade e falaram: "por que aqui neste hotelzinho sempre pegam o homem da direita para dançar no meio da noite? Vamos pegar o outro!" Quem eles pegaram? O mesmo Rabi Zusha para dançar.

O Rabi Zusha e o Rabi Elimelech aprenderam que **quem tem que dançar vai dançar**. Não adianta trocar de cama... No final a vontade de Hashem é o que vale.

EIN OD MILVADÔ

Já que estamos falando de fé e gostamos de *segulot*, vou trazer uma *segulá* para quando uma pessoa está numa situação difícil. A mesma é trazida pelo *Nefesh Hachaim.* Rav Chaim de Volozhin, em seu livro, *Nefesh Hachaim*, ensina que a pessoa deve pensar nas seguintes três palavras: "*Ein Od Milvadô",*

que significam "Não há nada fora Hashem". Mas deve pensar de verdade, para entrar dentro do estômago, do coração da pessoa... Se estiver numa situação de aperto, a pessoa deve saber que não depende mais dela... *Ein Od Milvadô.* Não tem ninguém além de Hashem que pode salvar.

Isso me lembra de uma história que aconteceu em Israel, onde existe todo um sistema de segurança. Na fronteira com Gaza, existe um posto israelense da Polícia Federal. Foi lá que se passou o seguinte:

Um novo carro Mercedes prateado estava passando de Israel para o território não israelense. O motorista árabe já sabia que iam perguntar pelos documentos, e que iam pedir tudo. Ele já se preparou e foi dando todos os documentos para o guarda israelense. O guarda viu, analisou... Tudo certinho. Falou para o seu colega: "Sinal verde, pode levantar a cancela e deixá-lo passar".

Nisto veio o capitão apitando e disse: "Parem esse carro!"

- Mas como? Estão todos os documentos bons - disse o policial.

Ele aponta para o motorista e fala: "Esse carro é roubado, não é?".

O motorista falou: "Claro que não, eu mostrei os documentos pro outro policial".

Disse o capitão: "Olha, se você não contar pra mim agora a verdade, você vai ficar o dobro de anos na prisão. Esse carro é roubado? Admita!"

O motorista árabe se revirou, começou a suar, gaguejar, e falou: "Não".

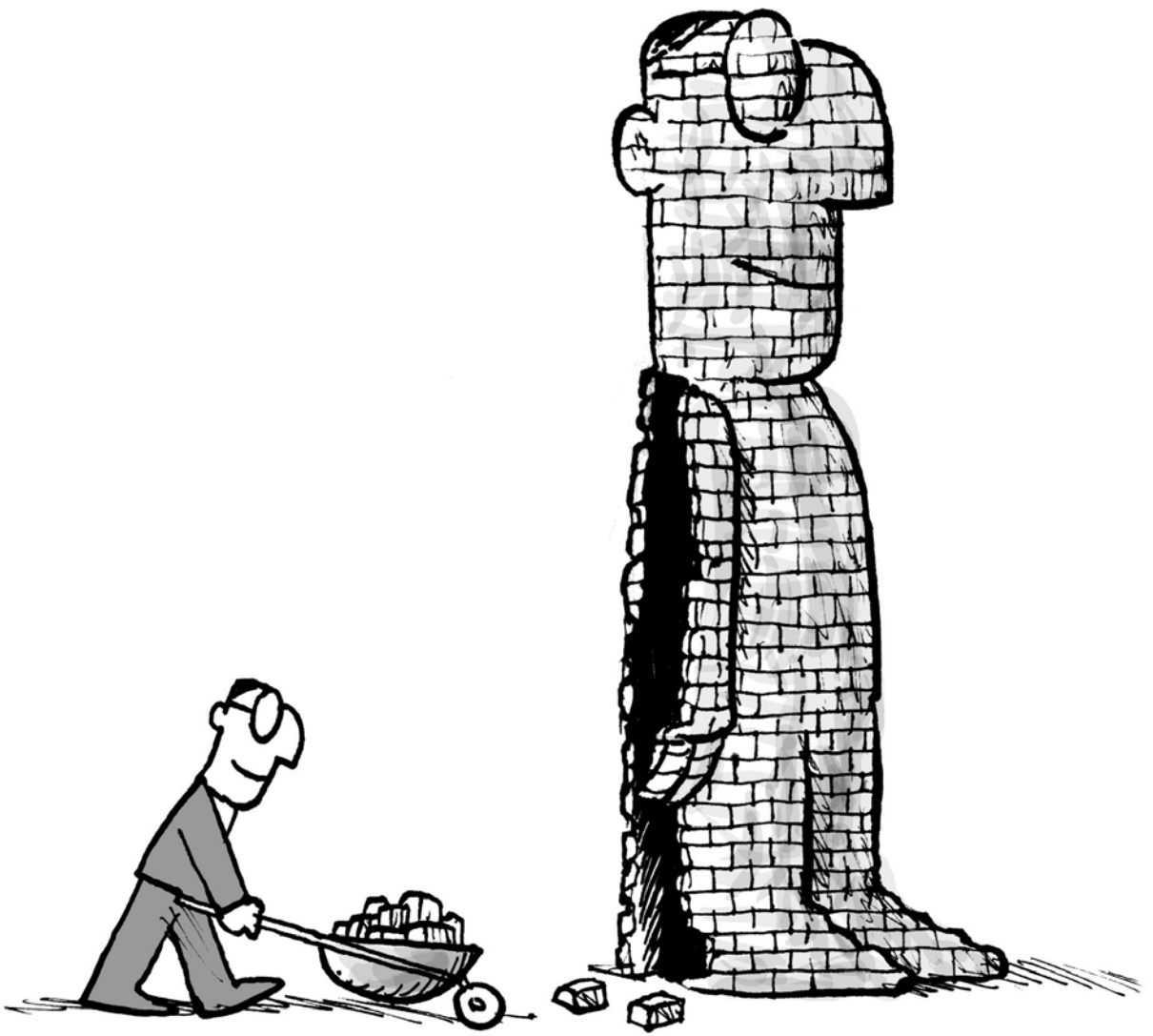
"É ou não é? Última chance!" – disse o capitão.

Ele falou: "Sim é roubado!"

O policial pergunta para o capitão "Como você sabia que o carro era roubado?". Ele responde o seguinte: "Como seria possível que um árabe fosse dirigir um carro desses, com um adesivo atrás, escrito *Ein Od Milvadô*. Ele roubou o carro, mudou os documentos, mas se esqueceu de tirar o adesivo".

Trata-se de uma história verídica e carro foi devolvido ao dono. Por quê? Porque *Ein Od Milvadô*. Quem fala *Ein Od Milvadô* e pensa nisso de verdade está nas mãos de Hashem. E que possamos ficar sempre nas mãos d'Ele.

A BELEZA DA TORÁ



“Se nós tivemos a chance de errar, temos que deixar (às vezes) que os nossos filhos errem também”

A VIRTUDE DA PACIÊNCIA

Está escrito na Torá: *asher anochi metsavcha haiom al levavecha*. A tradução de *haiom* é hoje. Rashi pergunta: Hashem nos deu a Torá hoje? Daqui aprendemos que apesar de ela nos ter sido entregue há anos, é necessário sentir como se tivéssemos recebido hoje.

Isso significa que a Torá é atual, mesmo hoje no século XXI. Na *Parashat Matot* e *Massê*, duas porções muito pequenas e próximas uma da outra, está escrito que entre as tribos de Israel havia as tribos de Reuven, de Gad e metade de Menashe. Está escrito na Torá que estas tribos tinham muito rebanho. Mas em *Pirkê Avot* está escrito: *marbe nechassim, marbe deaga* (quanto mais bens a pessoa tem, mais preocupações).

As tribos de Reuven e Gad fizeram um pedido a Moshê *Rabênu*. Eles disseram que todo o povo estava prestes a entrar na Terra de Israel, mas que eles não queriam entrar, pois a terra ao leste do Jordão, fora de Israel, era muito boa e produtiva para o imenso rebanho que eles possuíam. A Torá nos conta que Moshé *Rabênu* ficou muito chateado com a situação. Ele disse que isso poderia causar problemas com as outras tribos que poderiam ser influenciadas por eles e querer a mesma coisa.

Essas tribos então concordaram em entrar, guerrear, conquistar o espaço delas e depois que tudo estivesse acomodado, iriam ficar fora de Israel. As tribos cumpriram o trato e, assim, Reuven, Gad e uma parte da tribo de Menashe ficaram fora de Israel. Moshé *Rabênu* aceitou, pois eles alegaram que o pasto era muito bom para o gado. Eles agiram corretamente ou não? Os sábios nos contam que estas tribos foram as primeiras a irem para o exílio; as primeiras a serem expulsas.

Estas tribos tinham um denominador comum entre elas. Reuven foi o primogênito tanto pelo lado do pai, como pelo lado da mãe. Gad também era o primogênito de umas das esposas de Yaacov Avinu, chamada Bilha. E por últi-

mo Menashe, lider da terceira tribo que queria ficar também fora de Israel, foi o primogênito de Yossef. Os três líderes eram primogênitos.

O primogênito, segundo a Torá, tem alguns privilégios, como, por exemplo, receber uma parte a mais na divisão de uma herança entre os irmãos. O primogênito tem uma força, um dom que a Torá reconhece nele, de ser um líder. Isto acontece muito hoje em dia, quando o primogênito é quem dirige os assuntos na empresa da família. Entretanto, se o primogênito usar esta sabedoria que ele tem para tomar decisões erradas, ele perde tudo. Reuven que pediu para ficar fora da terra de Israel, poderia ter sido tanto rei, como também um Cohen (sacerdote). Todos os *cohanim,* assim como o reinado de Israel, deveriam descender de Reuven, mas ele perdeu este privilégio.

Está escrito na Torá que ele tinha esta força, mas que a perdeu por usá-la de forma errada. Em um episódio da Torá, Reuven agiu com ímpeto, sem pensar. A sua rapidez foi o que o prejudicou. Houve outros primogênitos na história de Israel, como Caim que era primogênito de Adam Harishon; Ishmael de Avraham Avinu e Essav de Yitschak. Todos eles não foram bem sucedidos.

Por que as tribos tiveram pressa para tomar uma decisão, se caminharam 40 anos no deserto, viram as nuvens que os protegiam, etc? Com paciência eles veriam que Israel era a terra do leite e do mel, mas mesmo assim quiseram ficar fora. O que faltou a eles foi um pouco de paciência. Isto também é atual e válido para os dias de hoje.

A *mitsvá* que o povo de Israel teve que fazer ao se instalarem foi a *mitsvá* de *bicurim*, as primícias, as primeiras frutas oferecidas aos *cohanim*. Quem teve o mérito de participar desta *mitsvá* foram todas as outras tribos que entraram e permaneceram em Israel, mas as tribos que estavam fora não participaram, pois Hashem disse que *bicurim* é para quem sabe esperar. Quem não sabe esperar não tem o privilégio de participar desta *mitsvá*.

Qual é a mensagem que nos dias de hoje podemos aprender desta situação? Que precisamos ter paciência, esperar um pouco. Vejam um exemplo da nossa geração. Acontece de vez em quando que os *tefilin* perdem um pouco a sua cor. Antigamente, as pessoas compravam a tinta em Israel, mas hoje isto é feito através de uma caneta que não é necessário nem esperar secar.

Antigamente, quando se fazia uma ligação para outra cidade era através de uma telefonista que pegava o número que você desejava e fazia a ligação para

você. Hoje é possível não só enviar rapidamente uma mensagem para alguém, como certificar-se que ele leu a mensagem! As informações se difundem muito rápido hoje, e isso tem o lado bom e o ruim.

Havia uma jovem que decidiu que não iria mais rezar, pois ela tinha rezado duas vezes e, apesar da reza, ela não tinha ido bem na prova. A porção da Torá *Vaetchanan* nos conta que Moshê suplicou para Hashem para poder entrar em Israel. Os comentaristas dizem que se somarmos os valores da palavra dessa porção, chegamos a um valor de 515 vezes, que foi o número de rezas que Moshê *Rabênu* fez para tentar entrar em Israel.

Este número de vezes que ele rezou, dividido pelas três orações diárias, somam aproximadamente seis meses ininterruptos de oração! Em contrapartida, temos o caso da jovem que rezou somente duas vezes e que disse que não iria rezar mais. Hoje tudo é muito rápido, instantâneo! Apertamos um botão e queremos que tudo aconteça.

É impossível casar ou ser pai sem ter paciência. Todos nós quando éramos pequenos sujamos, bagunçamos, fizemos algumas travessuras na escola e os nossos filhos também se sujarão, berrarão, bagunçarão. Se nós tivemos a chance de errar, temos que deixar que os nossos filhos errem também. Os pais dizem que não têm mais paciência, mas eles devem tentar consertar essa *midá*. Se uma criança faz a mesma pergunta inúmeras vezes, temos que ter paciência e nos controlarmos.

Tudo hoje em dia tem que ser instantâneo. O maior dos homens, que foi Moshê *Rabênu*, tornou-se líder quando já tinha 80 anos de idade. Ele viveu 120 anos, mas somente aos 80 ele se tornou líder. Foi preciso ter paciência!

O Ramban nos ensina que devemos conversar com todas as pessoas de maneira tranquila, com delicadeza, sem exceção: seja a esposa, o marido, as crianças, a secretária, e assim por diante. Isto é mais que uma *segulá*, isto é um exercício para falar de maneira agradável. Assim, a pessoa adquire paciência. Reuven, Gad e Menashe ficaram fora de Israel porque não tiveram paciência.

Rav Steinman e outros famosos assinaram uma carta defendendo a delegacia de proteção ao menor. Esses sábios nos ensinam que não é para fecharmos os olhos, temos que ser atentos, mesmo diante de um problema chato. Criaram uma organização chamada innocenthear.org que ajuda crianças inocentes, pois

muitas vezes elas não sabem pedir ajuda. Hoje em dia, há muitas instituições como a delegacia da mulher e de crianças que contam com psicólogos que as ajudam a contarem seus problemas. Os adultos têm problemas, são impacientes e acabam descontando nas crianças!

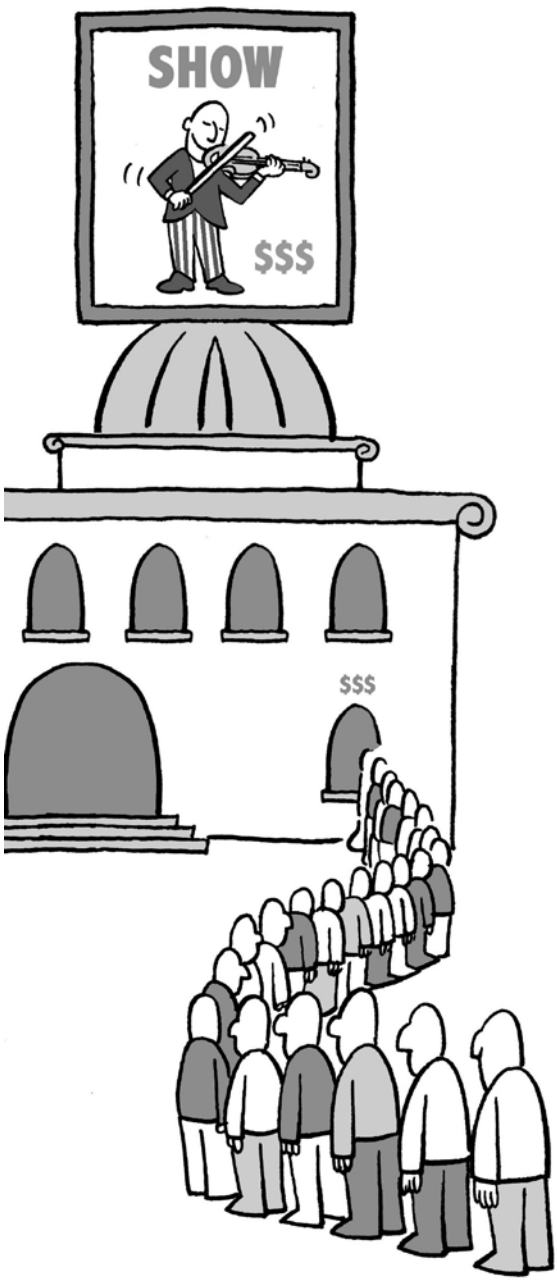
Temos que saber que todo o progresso que temos no mundo hoje veio aos poucos, e é assim que se cresce, pois ninguém cresce de um minuto para o outro. Saber que crescemos devagar faz parte do exercício da paciência.

Moshê *Rabênu* não entrou em Israel, segundo Rashi, por ele ter batido na pedra. Moshê *Rabênu* bateu na pedra duas vezes. Uma vez em *parashat beshalach* e a segunda vez em *parashat chucat*. O pequeno erro que Moshê cometeu foi que quando ele falou com o povo, ele disse: "Escutem, seus rebeldes"! O fato de ele ter batido na pedra não foi o motivo do seu castigo. Dessa vez ele foi castigado quando pronunciou as palavras "escutem, seus rebeldes!"

Só é possível educar crianças com paciência. Os autores de *mussar* nos ensinam que sempre que alguém quiser responder para alguém, mesmo que tenha razão, deve engolir saliva sete vezes.

MIDOT

JEWS ARE NEWS



“É preciso ser baixo e ao mesmo tempo ser uma montanha”

MINORIA EM EVIDÊNCIA

Existe um versículo na *Parashá Vaetchanan,* (Devarim 7:7) onde Hashem diz: "não é por vocês serem a maioria, milhares ou milhões de pessoas que Eu escolhi vocês, mas porque vocês são minoria entre os povos". Por que Hashem nos escolheu? O versículo, aparentemente, não nos dá uma resposta clara.

Um dia, estava pesquisando e vi que a população da Indonésia é de 300 milhões de pessoas. Se formos ver a população de judeus, quantos existem no mundo? Entre todos, assimilados, não assimilados, etc., aproximadamente 15 milhões! Nosso povo é vinte vezes menor! Na Indonésia há 300 milhões de habitantes e Israel mal aparece no mapa! Mas, mesmo assim, se pegarmos o jornal O Estado de São Paulo, o New York Times ou qualquer outro, quase todo dia aparece alguma notícia sobre Israel! E sobre a Indonésia? Nada!

ORGULHO DE SER HUMILDE

Por que fomos escolhidos?

Certa vez, Albert Einstein disse: "se a minha teoria da relatividade for comprovada como verdadeira, os alemães dirão que eu sou alemão, e os franceses dirão que eu sou francês. Mas, se a teoria da relatividade for provada falsa, a França dirá que eu sou alemão e os alemães dirão que eu sou judeu". Por quê? Porque tudo que acontece de ruim no mundo, de alguma forma, culpam os judeus. Por que somos especiais? Por que o foco está sempre no nosso povo?

O *Midrash Tanchumá*, *Parashá Ékev*, conta algo muito interessante: poderíamos achar que fomos escolhidos porque cumprimos mais *mitsvot*. O *midrash* diz que não é isso, e que *al ticrê mitsvot ela midot,* não devemos ler *mitsvot* e sim *midot* (traços de caráter). A razão por termos sido escolhidos não é porque fazemos muitas *mitsvot,* pois se formos considerar atributos tais como a bondade, outros povos também as praticam.

Qual é a pergunta do *Midrash*? *"Ela biglal sheatem memaetim atsmechem lefanai"*. Porque vocês "se fazem" pequenos (uma boa *midá*, característica do povo). Então, o versículo que mencionei antes parece ser redundante, pois diz que nós não somos a maioria do mundo e termina dizendo que somos a minoria. Se não somos a maioria, então obviamente somos a minoria! O *Midrash* explica que o que versículo quis dizer foi que nós não somos tão somente a minoria em números, e sim nos sentimos *meat,* pequenos, humildes. Por isso o povo judeu foi escolhido, pela *midá* de ser humilde.

UMA MONTANHA BAIXA

Se nós não fomos escolhidos pelas nossas *mitsvot* e sim pelas *midot*, será que as *midot* estão escritas na Torá? Estão sim. O livro Berêshit quase na sua totalidade fala de *midot*, pois discorre sobre o comportamento de Avraham *Avinu,* Yitschak, Sarah, e como eles se comportavam entre si.

Por exemplo: imagine que uma mulher compra um livro de receitas. Ela não pode processar a editora dizendo que comprou o livro sem saber que precisava ter um fogão para cozinhar. Quando a pessoa compra um livro de receitas, normalmente é necessário que ela tenha um fogão. Os sábios concluíram que quando se adquire o livro de receitas, que é a Torá, é claro que se deve ter um fogão, que são as *midot*.

Todo tesouro tem a sua armadilha. Todo investimento de alto retorno tem algum risco. Se a humildade é tão importante, se é a *midá* que fez a gente ser escolhido e que nos colocou no pedestal fazendo com que o mundo inteiro olhasse para nós, talvez haja uma armadilha. E qual seria ela?

Sabemos que a Torá foi dada na montanha mais baixa que havia na redondeza. O *Baal HaTania* diz o seguinte: a Torá foi dada na montanha mais baixa, mas para ser uma montanha baixa, primeiramente, ela precisa ser uma montanha.

A Torá não foi dada num vale! Se a ideia era só passar humildade, por que Hashem não deu a Torá num vale? O *Baal HaTania* dá a resposta: porque é preciso ser baixo e ao mesmo tempo ser uma montanha.

CADA UM FAZ A SUA PARTE

Existe uma *Guemará* no tratado de *San'hedrin* 98a que diz que a redenção só virá quando não existir mais pessoas orgulhosas dentro do povo judeu.

O homem mais humilde do mundo foi Moshê Rabênu. Apesar de ele ter sido o maior profeta, de ter salvado o povo, de ter realizado milagres e de ser uma pessoa nobre, Moshê foi ao deserto e quem veio ao seu encontro? Yitrô, seu sogro. Como ele se comportou com o sogro? Moshê não esperou o sogro chegar até ele, ele foi ao seu encontro! Mesmo depois de ter feito milagres, depois de ter falado com Hashem pessoalmente, depois de o mundo todo estremecer. Moshê se ajoelhou perante o sogro e o beijou. Neste ponto o Rav Hirsch diz que daqui podemos aprender o que significa ser humilde: é uma pessoa que mesmo depois de prosperar continua se comportando com os outros como sempre se comportou antes.

Existe outra passagem na *Guemará*, que também é um trecho do Zôhar, que diz "*ein ben David ba ad she iclu col haneshamot shebaguf*". (O *Mashiach* só virá quando terminarem de passar por este mundo todas as almas). A explicação simples para isto é que *ben* David só vai chegar depois de todas as almas terem passado por algum corpo neste mundo. Hashem possui ao lado do Seu trono um tesouro onde estão milhões de almas. Por que é preciso que todas estas almas desçam a este mundo para o *Mashiach* chegar? Poderiam descer as almas grandes e as pequenas ficarem lá! Por que as grandes não podem fazer o trabalho das pequenas?

A resposta dos sábios é que não existe nenhuma alma que possa fazer o trabalho de outra. Pode existir um Rav muito grande neste mundo e outra pessoa que pode não ser nada espiritualmente comparada a ele, mas a função da alma pequena só pode ser feita por ela mesma. Em outras palavras, um grande sábio da geração não pode fazer a função de outros. Cada pessoa tem a sua própria missão.

NÃO HÁ DUAS IGUAIS

Observamos este mesmo conceito em relação às rezas: o Rav Chaim de Volozhin diz que nunca houve e nunca haverá, desde a criação do mundo até o fim dos tempos, duas rezas iguais. Seja entre judeus como entre não judeus,

homens, mulheres, etc. Inclusive em relação à mesma pessoa, pois às vezes ela pode estar com mais concentração e às vezes não, mais inspirada ou menos...

Cada um de nós é único. Não existe ninguém que possa nos imitar ou cumprir nossa missão. A alma é única. Você é único!

SÓ QUEM CONHECE SABE DAR VALOR

Por que é importante que a Torá seja dada numa montanha baixa, mas antes de tudo uma montanha?

Li no jornal Washington Post sobre uma experiência muito curiosa que fizeram nos EUA: um violinista muito famoso, chamado Joshua Bell, foi tocar incógnito na saída do metrô de Washington D.C, perto da Casa Branca. Esse mesmo violinista havia tocado duas noites antes em Boston, num local muito grande onde os ingressos custavam em média 100 dólares por pessoa. O local de sua apresentação lotou. O maior tesouro do violinista, além do seu dom, é o seu instrumento, um violino Stradivarius do século XVIII que vale três milhões e meio de dólares. Ele tocou durante quase uma hora e constataram que somente seis pessoas pararam para ouvi-lo e ele arrecadou apenas 32 dólares!

Quando li este artigo percebi que há uma lição importante aqui. O violino que vale três milhões e meio de dólares estava lá, e o músico também estava lá, mas ninguém parou para apreciar. Por quê? Porque ele estava na saída do metrô! Se ele estivesse no Salão Oval da Casa Branca, tudo bem... Mas, ninguém o reconheceu, e quando não reconhecemos, nós não sabemos dar valor.

O mesmo acontece com a alma da pessoa. Quando a pessoa não reconhece a alma que tem, não sabe valorizá-la.

SEM NÓS, NÃO TEM MASHIACH!

Talvez o *Mashiach* não tenha chegado até agora porque não nasceu até hoje, um dos filhos de alguém que agora esteja lendo este livro. Talvez, quando o seu filho nascer, *Mashiach* possa chegar. Porque há uma coisa que o seu filho ou filha, sua esposa ou talvez você podem fazer e que ninguém mais no mundo poderá.

Se você acha que isso é brincadeira, é porque você está tocando o violino de três milhões de dólares no metrô. A escolha é nossa: sem nós, não há *Mashiach*!

SE VOCÊ É, ENTÃO SEJA!

O *Har Sinai* era uma montanha baixa, mas era uma montanha, e não um vale. E uma das armadilhas da humildade é que seu excesso é contraprodutivo. Em vez de a pessoa ser uma montanha baixa, ela vira a montanha de cabeça para baixo, vira um vale, e isto é prejudicial. São aqueles casos em que a pessoa constantemente diz: "ah, eu não sou isso"... E a história se repete, e a pessoa não acredita mais em si mesma.

Existe uma história muito famosa no *Tanach* (Samuel I 15:17). Shmuel *Hanavi*, o profeta, foi falar com o Rei Shaul: "Eu pedi, em nome de Hashem, que você aniquilasse o povo de Amalek, por que você não cumpriu a ordem?". Qual foi a causa do erro de Shaul? Se ele era um rei, era um *tsadic*, e Shmuel lhe disse: "Hashem o designou rei de Israel, você é o chefe do povo, você não pode se achar menos importante ou não se achar capaz. Se você é um rei, comporte-se como tal!" O erro não foi só que ele não aniquilou os amalequitas, mas o fato de ele ter dito: "quem sou eu para fazer isto?". Este 'quem sou eu?' é uma humildade perigosa, é o mesmo que deixar o violino na gaveta pegando poeira.

ALMA VALIOSA

Alguns anos atrás, falava-se muito do militarismo. Depois, ouvia-se muito: "diretas já!" Hoje em dia, a palavra mais famosa é democracia. Na palavra "democracia" está incluso tudo. Eu faço o que eu quero, eu digo o que eu quero... Eutanásia? A vida é minha! Eu posso fazer o que quiser...

De fato, se a vida fosse sua, você poderia fazer o que quiser, mas, em primeiro lugar, a vida não é sua. Viemos de um banco de almas lá de cima e, mesmo que não nos lembremos disso, assinamos uma carta de crédito por cento e vinte anos, para pegar a nossa alma emprestada. Hashem nos deu um corpo lindo para abrigarmos a nossa alma.

Quando alguém joga sobras no lixo, você diz que é desperdício, que não pode jogar comida no lixo. As crianças também aprendem isso na escola. Então a questão nem é se a vida é sua ou não e por isso você pode fazer o que qui-

ser... A questão é o desperdício de alma. Hashem deu uma alma para a pessoa e é isto que ela faz? Isto é uma distorção da humildade. Nós temos uma alma importante e valiosa dentro de nós e devemos acreditar nisso.

VALOR PRÓPRIO SEM CONTAR VANTAGENS

Somando o valor numérico das letras da palavra Torá obtemos um total de 611 (ת-400+ ו-6+ ר-200+ ה-5 = 611). O Talmud, no final do tratado de *Macot* pergunta: se há 613 *mitsvot* porque o valor numérico da palavra Torá é só 611?

O total de 611 *mitsvot* nos foram dadas por Hashem através de Moshê, enquanto as outras duas nos foram dadas diretamente por Hashem sem passar por Moshê. Por que só duas foram dadas diretamente por Ele?

No *Har* Sinai o plano era receber todos os Dez Mandamentos (e todas as *mitsvot*) diretamente Dele, e não apenas dois, mas na ocasião o povo disse: não aguentamos mais escutar Hashem. Assim, após o pronunciamento dos dois primeiros mandamentos o povo disse: "chega, não aguentamos mais!" Por isso, Moshê pediu a Hashem que, por favor, entregasse a Torá através dele.

Qual é a diferença entre a Torá ter sido dada via Hashem ou via Moshê Rabênu? Os sábios contam que se os Dez Mandamentos tivessem sido dados por Hashem, não existiria o *yêtser hará*.

Por que não quisemos escutar Dele todos os Dez Mandamentos? Os sábios disseram que era porque nós não sentimos que merecíamos. Fomos humildes demais! Achamos-nos muito pequenos para ouvir de Hashem os Dez Mandamentos. Esta humildade em excesso fez com que nós perdêssemos todos estes benefícios. Tudo porque o povo disse "eu não mereço". Esse foi o mesmo erro de Shaul, apesar de ter sido um grande sábio.

O primeiro passo para receber a Torá é saber que somos pequenos, mas mesmo assim uma montanha. Esse é o objetivo que um pai, um professor, ou qualquer pessoa como um líder comunitário deve ter: fazer com que seus alunos, seus filhos ou sua comunidade conheçam seu próprio valor sem se tornar arrogantes.

FAMÍLIA SAUDÁVEL

Rabi Akiva ficou 24 anos estudando longe de casa, e quando voltou, depois de todo este tempo longe da esposa, veio seguido por seus 24 mil alunos. Nesse momento, uma mulher simples se aproximou, e pediu aos alunos para falar com o mestre deles. Rabi Akiva abriu espaço entre os alunos e disse: "abram alas para esta mulher". Os alunos ficaram espantados com o que o mestre pediu. Rabi Akiva disse: "Tudo o que eu tenho e tudo que vocês têm pertence a ela. Esta é a minha esposa". Por quê? Porque Rabi Akiva não era ninguém no começo, mas foi ela que o valorizou, foi ela que investiu nele e se isto não tivesse ocorrido, ele não seria Rabi Akiva e nem os outros seriam seus 24 mil alunos.

Em outras palavras, se nós tratarmos o nosso público, a nossa família como um diamante, eles serão diamantes. E o melhor jeito de se fazer isto – prova de uma família saudável – é, dentro de casa, usar palavras de incentivo, palavras encorajadoras.

Foi isto que o Rabi Akiva disse... Não é porque ela ficou em casa cuidando de tudo e cozinhando. É porque ela me mandou estudar e disse que ficaria contente comigo estudando. Esta é a diferença... Rabi Akiva teve uma esposa que soube valorizar seu projeto. É importante incentivar e investir. Família saudável é aquela que encoraja, é aquela que se engaja nos projetos uns dos outros.

Não olhe só para você! Incentive os outros! Todo mundo precisa de "um tapinha nas costas", e nós temos que saber nos dar um tapinha também de vez em quando, mas dentro da família cada um tem que saber apoiar o outro, mesmo que ele não seja exatamente como você esperava.

MAIS PRÓXIMO DO QUE SE IMAGINA

Certa vez, uma pessoa foi chorando falar com um Rav: "Sei que o senhor ajuda muito as pessoas com *tsedacá*. Há um homem chamado Reuven, coitado, ele faleceu e sua esposa está sozinha e seus filhos também, e ela não consegue trabalhar"... O Rav perguntou: "em que eu posso ajudar?". O rapaz disse: "o maior problema desta viúva e de seus filhos é o pagamento do aluguel. Ela já está devendo muito e pode vir a ser despejada".

O Rav ficou comovido, convencido de que precisava ajudar, e pediu o nome do proprietário do imóvel que eles estavam alugando. O homem respondeu:

"Sou eu mesmo o dono do imóvel! Pode me ajudar, rabino? Aqui está o número da minha conta para depósito"...

COMO UM GENERAL

O *Rosh Yeshivá de* Slabodka em Israel, Rav Ytschak Sher, pediu para um aluno acompanhá-lo da *yeshivá* até a sua casa. Ao chegar, falou para o aluno voltar de novo com ele da casa para a *yeshivá*. Sem questionar, o aluno voltou a acompanhar o rabino. Quando chegaram à *yeshivá*, o Rav pediu de novo: "você poderia me acompanhar para casa?". O aluno disse: "o que o senhor está querendo me ensinar?". O Rav respondeu: "estou querendo lhe mostrar como caminha um judeu". E ele acrescentou: "um general não anda assim, ou seja: um general não anda como você está andando. Eu andei da y*eshivá* para casa ida e volta só para lhe ensinar a postura física com que um judeu deve andar".

HUMILDADE X ORGULHO

Hoje em dia, a moda é aquela calça jeans caindo até "varrer o chão", com a cintura que chega ao joelho. Isso não é jeito de andar! Um judeu que tem uma alma valiosa, que tem um violino de três milhões e meio de dólares não pode tocar na saída do metrô, ele está perdendo o seu valor!

Esse é um perigo da humildade. A definição de humildade é a pessoa saber o valor dela. Se for assim, qual é a definição de orgulho? Considerar que é melhor que os outros.

Humildade é saber que eu sou pequeno, mas sou uma montanha. E orgulho é eu me considerar melhor que o outro, pensando, por exemplo: como eu trabalho tanto, tenho tantos projetos, sento em tal lugar da sinagoga, metade das pessoas que estão lá não merecem o meu cumprimento. A grandeza de Moshê era que ele se comportava da mesma maneira tanto antes como depois! Ele foi ver Yitrô e o tratou como sempre.

O PERIGO DOS RIGORES

Os sábios nos contam que várias coisas são rigores que colocamos sobre nós mesmos. Hoje em dia, costumamos fazer rigores e somos mais minuciosos com eles do que com as próprias leis.

O *Rosh yeshivá* de Slabodka foi o homem que instruiu quase todos os *rashê yeshivot* da geração passada. Conta-se que ele entrava toda sexta-feira no *Beit Midrash* e via um aluno que recebia o *shabat* mais cedo. Por exemplo, se o *shabat* começava às cinco, o aluno o recebia às três e meia. Uma vez, o Rav chegou antes de *minchá* e perguntou ao aluno: "como você vê as pessoas que chegam em cima da hora, em *minchá* ou que não recebem o *shabat* mais cedo? Como você vê isto?". O aluno disse: "para falar a verdade, eu vejo que são pobres coitados. São quase como pessoas que profanam o *shabat*". O Rav de Slabodka disse: "de agora em diante você deve receber o *shabat* como todo mundo". O aluno perguntou: "mas, por quê?". O Rav respondeu: "porque, se por causa de um rigor você acha que as outras pessoas são menos que você, a sua atitude é contraprodutiva".

Às vezes, a pessoa quer se sentir bem consigo mesma e é mais rigorosa com algumas *mitsvot* como *cashrut*, *lulav*, a farinha usada para a *matsá*, etc. Mas, algumas vezes, exatamente por causa disso, ela acha que tem o direito de falar ou pensar mal dos outros. E isso é perigoso.

QUEM É VOCÊ PARA PODER ENTENDER?

Para poder entender bem este conceito, uma pessoa já tem de ser humilde. O que é preciso entender é que existem pessoas que sabem mais do que nós. Há quem não entenda por que uma mulher casada deva usar peruca, pois há mulheres que ficam ainda mais bonitas usando peruca do que com o cabelo natural. Então, por que usar? A pergunta faz sentido, mas sabe qual é a resposta? Usa-se peruca porque Hashem mandou.

"Eu não entendo...". Mas quem é você para entender? É aqui que devemos ter humildade. Não é tudo que nós precisamos entender. Na época de Moshê Rabênu não havia elevador! "Então por que não posso usar o elevador no *shabat*? Eu não entendo!" E quem disse que você precisa entender? Você pode

querer procurar uma explicação, mas mesmo que não a encontre e não a compreenda, é preciso entender que existe o conceito de reconhecer que há pessoas maiores do que você: os sábios. E também algo ainda maior do que tudo: Hashem. Prova disso é que os maiores cientistas que são especialistas e tem grande sabedoria e conhecimento não entendem as coisas... Um neurologista, por exemplo, não entende nem dez por cento do funcionamento do cérebro!

É preciso entender que não é tudo que se entende.

Como funciona um celular? Não sei, mas mesmo assim eu uso. O mesmo vale para a Torá. Estude a Torá e faça o que Hashem mandou. O humilde tem que entender que cada um tem seu potencial e algumas vezes podemos ficar frustrados na vida. Existem aqueles que foram feitos para serem caixa de banco, outros para serem gerentes e outros, para serem banqueiros...

Não importa que se trata de algo monetário, social, um leilão de *Yom Kipur* na sinagoga, a forma de se vestir, etc. Cada pessoa tem um bolso, uma posição social. Quando algo não sai exatamente como queríamos, claro que podemos e devemos rezar para Hashem, mas se a pessoa começa a brigar com Hashem e a andar cabisbaixo e ficar deprimido, isso é um sinal de que ele não está sendo humilde o suficiente para entender que existem pessoas que são presidentes e outros gerentes, o que não significa que alguém é melhor do que o outro. Só significa que alguns não nasceram para ser o dono do banco. Ficar frustrado a vida toda por causa disso é sofrer e ser infeliz à toa.

Existe uma lei ligada a *Rosh Hashaná* que os sábios nos ensinam. Dizem que nesta data é pré-estipulado quanto dinheiro a pessoa irá receber. Do mês de Tishrê até o mês de Tishrê (durante um ano inteiro) está tudo decretado *chuts mi Tishrê,* fora os assuntos cuja sigla é *Tishrê* em alusão a *Talmud Torá*, *Yom Tov, Shabat, Rosh Chodesh. S*endo assim, *o Shulchan Aruch* nos alerta que não devemos gastar mais do que ganhamos. Se gastarmos mais do que nos foi dado por Hashem, ficaremos no vermelho. O *Shulchan Aruch* nos ensina a ser realistas, viver conforme o que recebemos. Se alguém convive com pessoas com mais possibilidades financeiras do que ele, pode ser que, para acompanhá-las, ele gaste mais do que pode, e assim vai acabar se prejudicando.

O mundo é um jogo e Hashem quer que todos nós, as pecinhas menores e maiores, sejamos importantes e tenhamos um papel na estrutura do mundo que Ele criou.

A FILEIRA É O QUE MENOS IMPORTA

Uma vez, perguntaram a um maestro qual o instrumentista mais difícil de ser encontrado. O maestro respondeu: o músico mais difícil de achar é aquele que toca na segunda fileira, porque todos querem tocar na primeira. O que as pessoas não percebem é que sem a segunda fileira a primeira não vale nada.

Alguns de nós, em alguns lugares, seremos a segunda fileira. Em outros lugares vamos ser a primeira. Mas a questão é que D'us nos deu uma alma de mais de três milhões e meio de dólares para que possamos valorizá-la dentro desta orquestra que é a nossa vida.

HASHEM E NÓS, ATUANDO EM CONJUNTO

Havia um Rav chamado Moshê Cordovero, o Ramak, que falava muito de *Cabalá.* Ele foi aluno do Rav Yossef Caro, autor do *Shulchan Aruch*, e professor do grande Rav Chaim Vital. Ele conta que o terceiro Templo virá pronto dos céus – *Micdásh Hashem conenu iadêcha,* conforme está escrito na Torá. Rav Moshê Cordovero pergunta: "Como isso será possível? Se toda *mitsvá* que fazemos é com ferramentas nossas, como pode ser que o Templo será feito por Hashem? Nós temos que participar dessa tarefa de alguma forma?". Ele responde que o Templo vai descer pela mão de Hashem, mas nós é que vamos construí-lo!

Os sábios dizem que quando o Templo descer, cada pessoa vai poder observar e falar: "foi com a minha *mitsvá* de pôr *tefilin* que eu coloquei aquele tijolo lá... Por causa daquela vez que eu não subi com um não judeu apertando para mim o botão do elevador no *shabat,* eu coloquei aquela vela na *menorá*... E com aquela vez que eu me vesti com modéstia eu coloquei aquela viga no Templo". É claro que o Templo vai ser dado por Hashem, mas cada um vai perceber qual foi a sua participação na sua construção.

Que, com a ajuda de Hashem, possamos valorizar a nossa alma e saber incentivar e investir nas pessoas que estão dentro da nossa casa.

TUDO SE ENCONTRA NA TORÁ, ATÉ O PERSONAL TRAINER

“Se você não ganhar destes dez minutos hoje, eles vão persegui-lo a vida toda”

OS CONCEITOS DA TORÁ

Muitas vezes, a *Guemará* pergunta de onde aprendemos certos conceitos da Torá. Um desses exemplos é *Purim*, uma festa cuja origem não se encontra na Torá, pois ocorreu num período posterior. Onde o *personal trainer* aparece na Torá? Vamos responder neste capítulo analisando uma *midá* (característica) relacionada ao tema.

A VISÃO CORRETA

O Talmud conta no tratado de *Pessachim*, página 50, que havia um Rabino de nome Yossef que ficou doente, mas tão doente que ele chegou até a perder a alma. Entende-se disto que ele foi embora deste mundo, mas, nesse caso, Hashem lhe deu o mérito de voltar a viver. O pai do Rabino Yossef, Rabino Yehoshua ben Levi, perguntou: "Yossi, o que você viu lá em cima? Você teve o mérito de ir e voltar". Ele respondeu: "eu vi um mundo totalmente oposto do que eu estou acostumado a ver". "Como assim?", disse o pai. "Eu vi *elionim lemata e tachtonim lemala* (pessoas que aqui são consideradas de alto nível por baixo e pessoas que aqui são simples, por cima), respondeu o filho.

Assim termina a *Guemará*. Rashi explica um pouco mais. O que são *elionim* e *tachtonim*? São pessoas que, aqui neste mundo são importantes, e lá, são pessoas para as quais não se dá muita honra. E pessoas que aqui talvez sejam simplórias, lá estavam sentadas na primeira fileira, perto de Hashem.

O pai diz para o filho: "Você me disse que viu um mundo oposto? Você não viu um mundo confuso, você viu o mundo certo!"

QUAL O MOTIVO DA SURPRESA?

Nota-se que a curiosidade pelo que acontece após os cento e vinte anos não é uma coisa recente, é bem antiga, está no gene do ser humano. Desde a época do Talmud já se perguntavam a respeito desse assunto... A pergunta que se apresenta nesta *Guemará* é a seguinte: O filho disse ter ficado confuso com o que viu lá em cima, mas o que ele pensou que veria lá? O que ele quis dizer quando falou: "faleci e vi um mundo confuso...". O Rav Dessler em seu livro *Michtav me Eliyahu* analisa esta *Guemará* e ao longo deste capítulo vamos esclarecer esta questão.

O TESTE

É incrível como a nossa sagrada Torá é infinita. O Rav de Slonim escreveu um livro chamado *Netivot Shalom* no qual ele explica um pouquinho acerca de uma pergunta, que talvez todo mundo já tenha feito e se não fez, gostaria de tê-la feito. Ele diz: "Qual foi a grandeza de Avraham Avinu na *Akedat* Yitschak, seu maior teste?". Que ele quase sacrificou seu único filho para Hashem? Explica o rabino que ganha judeu que escutasse ele próprio de Hashem: "pegue o seu filho, levante e entregue ele para Mim", mesmo que fosse seu filho único, com certeza estaria pronto para isto.

A história nos mostra que temos outros exemplos em que, mesmo quando não escutaram diretamente de Hashem, os judeus estavam dispostos a fazer sacrifícios enormes, como na época da Inquisição e da Segunda Guerra Mundial.

Diz o Rav de Slonim: a grandeza não foi o fato de ele quase ter feito *Akedat* Yitschak ou estar pronto para isso. Hashem falou com Avraham *Havinu*, e o Rav acrescenta que Hashem nunca teve dúvidas, mesmo antes do teste, se Avraham Avinu sacrificaria o seu filho ou não. Isto era óbvio que ele iria fazer. Então, qual foi o teste, uma vez que Hashem falou diretamente com ele e sabia que ele iria passar?

A RESPOSTA

Se analisarmos os versículos, veremos que o teste de Avraham *Avinu* não foi mesmo por ter entregado o seu filho. Contudo, ao analisarmos os vinte versículos que nos contam a respeito da *Akedat* Ytschak, percebemos detalhes que, a princípio, nos parecem supérfluos, mas que, se reunirmos todos eles, notaremos um claro denominador comum.

Logo no começo da *Akedat* Ytschak, o versículo começa *vaiashkem* Avraham *baboker* (Bereshit 22:3), Avraham acordou cedo**.** No segundo versículo surgem novamente detalhes aparentemente banais: *Vaiachavosh et hamoro*. (Avraham selou seu burro). Um terceiro detalhe, aparentemente irrelevante: *Vaievaka Atze Haola*. (Avraham *Avinu* pegou as madeiras que precisava para levar para o sacrifício).

Por que a Torá descreve tudo isso? Que Avraham *Avinu* acordou cedo, selou o burro e cortou a madeira. Porque o verdadeiro teste foi **como** Avraham fez a *Akedat* Ytschak, e não se ele iria ou não fazer. Disse Hashem: "quero ver como Avaham *Avinu* vai se comportar no teste no qual irá sacrificar o seu filho".

Qual foi a reação de Avraham *Avinu*? Ele acordou cedo, foi ágil, selou o burro e cortou a madeira? Talvez o contrário do que acontece conosco nos nossos dias. Quando pedimos alguma ajuda ou um favor para outra pessoa, ela raramente é ágil para nos ajudar, ou arruma uma desculpa, ou fica protelando... E nós também nos comportamos assim em relação aos outros.

Avraham não conseguiu dormir de ansiedade para cumprir a *mitsvá* de Hashem. Ele acordou cedo, selou o burro e cortou a lenha. Diz o Rav de Slonim que o teste foi com qual intensidade e agilidade ele iria cumprir a *mitsvá*. Avraham *Avinu* o fez da melhor maneira possível: rápido e ágil.

SHALSHELET DA HESITAÇÃO

Sabemos que na Torá há *taamim* que são aquelas melodias com que *askenazim* e *sefaradim* leem o texto. A entonação da música muda, mas os *taamim* são os mesmos. Existe um *taam*, que quase não aparece na Torá, é um *taam* que parece uma cobrinha desenhada, chamado *shalshelet*.

Esta nota musical aparece três vezes no *Sefer Bereshit* e uma vez no livro *Vaikra*. No *Tanach* inteiro aparece só sete vezes. É o *taam* que menos apa-

rece. Uma das vezes que aparece o *shalshelet* é em cima de um assunto que diz respeito a Lot - está escrito *vaitmamá*, que em português quer dizer: titubeou, hesitou, balançou. Como a palavra tem este *taam* entendemos que Lot hesitou em sair da cidade de Sodoma, conforme a tradução: *vaitakev* (ele vacilou, não sabia se ia ou não).

Lot não queria sair de Sodoma. Por quê?

Podemos ilustrar com o seguinte exemplo: Se hoje, Hashem anunciar: "Tocou o shofar! Mashiach chegou! Vá embora da *Galut*! Vá para Israel!" O que diríamos? Mas, e meus bens? Meus imóveis? Meus negócios?". Lot tinha esse mesmo problema. Ele tinha bens dos quais não queria se desfazer em Sodoma, por isso hesitou.

COLHER DE CHÁ

Qual o mérito de Lot para ter sido salvo? Ele era sobrinho de Avraham e o versículo diz: "E D'us Se lembrou de Avraham, e por seu mérito, salvou Lot".

Lot não queria ir embora, mas como explica *Rashi,* mesmo assim ele foi salvo: Hashem mandou salvar Lot de toda a destruição, assim está escrito, mas o versículo adiciona mais três palavras – "*bechemlat Hashem alav"*, pois Hashem teve pena dele.

Pergunta o Sforno: até agora estávamos estudando que Lot havia sido salvo pelo mérito de Avraham *Avinu*. Então vem esse versículo dizendo que Lot foi salvo porque Hashem teve pena dele. O Sforno explica algo incrível: de fato, Lot deveria ter sido salvo pelo mérito de Avraham *Avinu* e, como vimos no versículo anterior, estes eram os planos. O que aconteceu? Como foi que ele perdeu este mérito e por que precisou da compaixão de Hashem?

O versículo diz *vaitmamá* e a nota de *shalshelet* em cima de *vaitmamá* mostra que ele estava em dúvida se saía ou não de Sodoma. O Sforno diz que ele não saiu, pois foi preguiçoso. Hashem ia salvar Lot pelo mérito de Avraham *Avinu*, mas pouco antes, Lot ficou com preguiça, por isso nem o mérito de Avraham *Avinu* poderia mais salvá-lo, mas no final das contas acabou sendo salvo, pois Hashem teve pena dele.

O QUE FOI O TESTE?

Como Lot teve preguiça de sair de Sodoma? A cidade estava sendo destruída na frente dele! Ele iria morrer se ficasse lá! Não era hora para ficar com preguiça!

O homem mais sábio do mundo, Shlomo *Hamelech* em seu livro *Mishlei*, Provérbios, ensina que quando uma pessoa é preguiçosa, ela tem sete justificativas para seus atos; ou seja, Lot tinha pelo menos meia dúzia de explicações lógicas para explicar o porquê de ele estar agindo assim naquele momento.

GRANDES SÁBIOS

Só para entendermos um pouquinho a respeito de agilidade e preguiça, vamos analisar a seguinte história:

Existe um juiz em Londres, muito famoso, ótimo orador, chamado *Dayan* Dunner S*hlita* que certa vez contou a seguinte história numa convenção da *Agudath Israel* a respeito do Rav Haim Kanievski, *shlita*:

Havia um homem que foi o parceiro de estudos do Rav Kanievski por alguns anos e em certo momento, perdeu este privilégio. Eles estudavam juntos e a jornada de estudos era muito intensa e cansativa. Durante o intervalo que eles tinham, o parceiro dava um cochilo para descansar um pouco. Como ele acordava? Todo dia um mosquito vinha "incomodá-lo" e ele voltava a estudar. Mas, certo dia, ele espantou o mosquito e continuou dormindo mais um pouco, e foi assim que ele perdeu o privilégio de estudar com o Rav Kanievski. O Rav entendeu que seu atraso foi por causa de preguiça e este homem perdeu a oportunidade de continuar estudando com o grande Rav.

A GRANDEZA DOS SÁBIOS

Algumas vezes perguntaram para a esposa do Rav Kaniesvski se ele fumava. Ela respondia que ele não fumava, pois, em primeiro lugar, fumar é contra a lei da Torá, uma vez que faz mal a saúde, mas, além disso, ele não fumava, pois seria perigo de vida! E complementa: "não seria simplesmente perigo de saúde, e sim perigo de vida, pois se o meu marido fumasse enquanto estuda, ele esqueceria que está com um cigarro na mão e queimaria a casa, de tão compenetrado que ele é nos estudos!"

Outra história parecida aconteceu com o Rav Ovadia Yossef. Certo dia, ele subiu numa escada para pegar um livro no alto de sua estante e começou a ler. No dia seguinte o Rav apareceu com o pé quebrado... Ele começou a ler o livro, esqueceu que estava na escada, deu um passo e caiu...

São grandes sábios inteiramente e totalmente dedicados a Torá!

INTERVALO PARA OS COMERCIAIS

É incrível como na minha vida nada é por acaso, tudo é coincidência. Um aluno meu muito querido, chegou com um telefone de cor diferente. Eu perguntei: "você trocou a capa?". E o aluno disse: "não, Rabino, é o IPhone 5".

"Explique, por favor, qual é a diferença entre este e o antigo?".

"Rabino você não entendeu, isto é outra dimensão. Eu vou lhe mostrar. Pergunte o que você quiser. Por exemplo, pergunte como está o mercado financeiro. Só que você tem que perguntar em inglês". Perguntei: "*How is the stock market?*". Uma bolinha começou a rodar, acho que após três segundos se abriram todos os índices. E eu falei: "ah, isto é um programa". Mas o aluno insistiu e disse: "pergunte qualquer coisa".

Perguntei: "Quantas calorias tem um *bagel?*". O Iphone trouxe todo o DNA do *bagel*, carboidrato, calorias, etc. Pensei: "puxa vida! Quando estudei na escola, era proibido usar até calculadora".

Hoje, algumas escolas permitem, mas, ainda pedem que as crianças sejam alfabetizadas. Mas, para que serem alfabetizadas? Você precisa saber escrever? Converse com o telefone. Você precisa saber ler, para poder ler a resposta, mas escrever, não precisa.

QUAL O NOME DO PROBLEMA?

Qual a relação disso com o nosso estudo? Costumo dizer para meus alunos que tem um único trabalho na vida que não cansa: testar colchão na loja.

Na maioria dos trabalhos a pessoa tem que trabalhar; e trabalhar é o oposto da preguiça. A preguiça fala para a pessoa: "mais cinco minutos! Durma mais cinco minutos"!

O *messilat yesharim* diz que o ser humano é especialista em racionalizar tudo relacionado com a preguiça. Ele encontra uma lógica para ser preguiçoso e continuar se conduzindo de tal forma. Por exemplo, há pessoas que dizem: "eu não posso ir à sinagoga às seis e meia da manhã rezar *shacharit* porque ainda está escuro e é perigoso".

"E às sete e meia, por que você não vai?". "É que eu queria também fazer ginástica, tomar um cafezinho e às dez da manhã, já não dá". "Ou é às seis e meia ou não é nada".

"Em *Shavuot*, ir à sinagoga a noite é perigoso, está escrito *'Venishmartem Meod Lenafshotechem'* (cuide bem da sua vida), então não vou". A lógica do *messilat yesharim* diz que isto é preguiça.

Quando a mesma pessoa quer assistir um jogo às nove e meia da noite no estádio de futebol, ela vai. E se você perguntar por que ela foi, ela vai lhe responder: "vou de carro, tem polícia na rua, tem cavalos, os policiais estão armados e não dá para comparar isto com ir para a sinagoga". "Mas não é perigoso, as torcidas, o cavalo, etc?". "Não," diz ele, "são apenas detalhes. Eu beijo a *mezuzá* antes de sair e não vai acontecer nada comigo".

E para ir à sinagoga, a *mezuzá* não serve? Para ir ao jogo e voltar à meia noite, a pessoa não se lembra do "*Venishmartem Meod Lenafshotechem".* Por quê? O *messilat yesharim* diz que sempre que a pessoa quer fazer uma coisa, ela vai racionalizar a seu favor. Isto é normal do ser humano, porque a pessoa procura fazer o que é mais confortável para ela, e todos nós somos assim, sem exceção.

O Rav Luzzato diz que quando uma pessoa não age de uma forma correta (e muitas vezes poderíamos dizer que ela agiu assim ou porque ela não sabe agir de outra maneira ou porque ela não quer) se formos ao íntimo da pessoa, no seu cérebro, e fizermos uma análise, veremos que o problema não é a falta de interesse ou conhecimento. O problema é **a preguiça**!

A pessoa deixa de fazer algo, pois teria que mudar seu comportamento e para ela é melhor não sair do seu conforto. Diz o Rav Luzzato que o problema não é não saber, é a preguiça. Porque mudar leva a pessoa a agir, e a pessoa por tendência, quer ficar sempre onde está.

PERSONAL TRAINER

O cérebro humano é tão fascinante que os cientistas percebem que quanto mais o estudam, mais falta para entenderem sua complexidade.

Vejam que interessante: às vezes, a pessoa está dormindo e, um pouco antes de acordar, sonha que o alarme está tocando. Como funciona isto mentalmente?

Funciona da seguinte forma: o cérebro sempre procura conforto, conforme *messilat yesharim* já nos falou a respeito. E o que acontece? Cientificamente falando, o cérebro escuta o alarme tocando e em milésimos de segundo ele faz a pessoa imaginar que está sonhado para não ter que acordar.

Uma vez um sábio falou: "quanto tempo você quer ficar na horizontal? Ora, depois de cento e vinte anos, você vai ficar muito tempo na horizontal, então aproveite agora para viver". É uma frase muito inteligente...

Qual é a cura para a preguiça? Curar a preguiça, diz o *messilat yesharim*, não é algo fácil, pois não temos acesso ao nosso íntimo emocional. Dizer: "quero ser ágil" por vinte vezes, só vai fazer você ficar mais preguiçoso. É preciso agir. Se a pessoa começar a agir de uma forma ágil, automaticamente isto vai refletir no seu íntimo e ela vai acabar internamente reagindo de forma mais ágil (isso ocorre com todas as *midot,* mas neste capítulo estamos analisando apenas a *midá* da agilidade versus a preguiça).

Perguntei a mim mesmo, onde aparece *personal trainer* na Torá? Está aqui! Quem é capaz de tirar a preguiça da pessoa? Se ela já tem academia no prédio, por que faz ginástica com o *personal trainer*? "Ah, rabino se ele não aparecer, eu não vou. Estou pagando, ele vem às nove e meia da noite e já que ele está aí, eu vou".

O *personal trainer* é o melhor exemplo da *midá* de agilidade. A pessoa já está em casa, cansada do dia de trabalho, rezando para o *personal* ter algum imprevisto e não aparecer. Mas, logo toca o interfone e o porteiro avisa que o *personal trainer* chegou. Agora ela tem que se vestir e fazer a aula, mas, de verdade, como ela se sente depois? A maioria das pessoas se sente muito bem. Cansadas, mas bem. O que o *personal trainer* fez com elas? Deu-lhes uma injeção de agilidade.

OS MAIS E OS MENOS

Em *Pirkei Avot (2,15)*, está escrito "*hapoalim atzelim*". Diz Rabênu Iona (um dos *rishonim* pertencente a uma das primeiras gerações de legisladores e comentaristas) que os empregados são preguiçosos e o patrão sempre precisa ficar cobrando: vamos lá, termine o relatório, trabalhe, fature, tire a nota, etc. Mas só os empregados são preguiçosos? Todo mundo é preguiçoso.

Rabênu Iona disse uma coisa fascinante: "mesmo os sábios que parecem ser ágeis, ainda assim também são preguiçosos". Parece *lashon hará*, como ele diz isto a respeito dos sábios? Ele diz que a natureza de qualquer ser humano é ser preguiçoso e não existe ninguém no mundo que foge a esta regra. Tem gente que é muito preguiçosa, e tem gente que é pouco preguiçosa, mas qualquer funcionário é preguiçoso. A preguiça está sempre atrás dele.

Eu tenho um aluno que me disse uma coisa muito interessante: "Rabino, se hoje você não ganhar destes dez minutos, estes dez minutos vão lhe perseguir pela vida inteira". O que ele quis dizer com isso?

Há pessoas que têm o hábito de estarem sempre atrasadas. Vamos dar o exemplo do *minian*. Se o *minian* é às seis horas, o homem se atrasa. Para chegar as seis ele tem que acordar muito cedo, etc., então ele resolve ir ao *minian* das sete. E o que acontece? Também se atrasa. O que aconteceu com ele? No *shabat* às vezes é oito e meia e que horas ele chega? Outra vez atrasado: nove e meia. Termina o horário de verão e ele ganha mais uma hora, então o *shabat* não é mais às oito e meia porque esta hora virou nove e meia e o que acontece? Ele chega às nove e cinquenta. Reparem que é assim, não existe diferença.

Quem comanda não é o tempo e sim a cabeça. Se você faz assim com o relógio que há na cabeça, é assim que vai funcionar na realidade.

Se eu quero estar em algum lugar às sete horas e coloco o alarme para as seis e quarenta e cinco, eu já estou falando que vou chegar atrasado. Até eu bater no botão soneca, me vestir, pegar o elevador, chegar ao lugar, já vai ser mais de sete e vinte.

De acordo com Rabênu Iona, há pessoas que são mais ou menos preguiçosas. Nosso trabalho é sempre melhorar um pouquinho.

RECEITA PARA SAIR DA ZONA DE CONFORTO

Fui acompanhar uma pessoa que fazia ginástica nas férias, e sei que é um trabalho árduo, mas já que estava em boa companhia, o tempo passou mais rápido do que imaginava, mas vou contar um segredo:

Um dia, perguntei para ela: "será que poderíamos dar uma caminhada? A gente varia um pouco, e até os médicos dizem que é melhor variar, andar um pouco e depois correr de novo". Obviamente tinha que justificar como disse *messilat yesharim*: "vamos andar?". Ele me disse: "Rabino, se a gente parar de correr, eu **não** vou conseguir correr de novo". Continuei correndo e aprendi uma coisa: cada um tem a sua receita de como lidar com a preguiça. Se ele parar de correr, ele não consegue correr de novo. É preciso agir diferente.

O importante é que cada pessoa tem de driblar o *yêtzer hará* e procurar a sua fórmula de como atuar de uma forma ágil, pois não há uma receita uniforme para todos de como sair um pouquinho da zona de conforto.

Eu acredito que é muito importante, cada vez que a pessoa consegue sair de sua zona de conforto, seja para fazer ginástica, estudar *Guemará*, rezar com *minian*, etc, que ela se dê um tapinha nas costas, e diga: "parabéns para mim"! Se o seu filho fez alguma coisa boa, fale: "parabéns". E quando ele não fez, não diga: "de novo acordou atrasado?". Pois sabemos que é da natureza humana ser preguiçoso.

Uma das formas de ser ágil é **curtir a agilidade**, sentir-se bem. Aprecie e elogie cada esforço para vencer a preguiça, seja seu, do seu cônjuge ou dos seus filhos.

O QUE REALMENTE CONTA LÁ EM CIMA

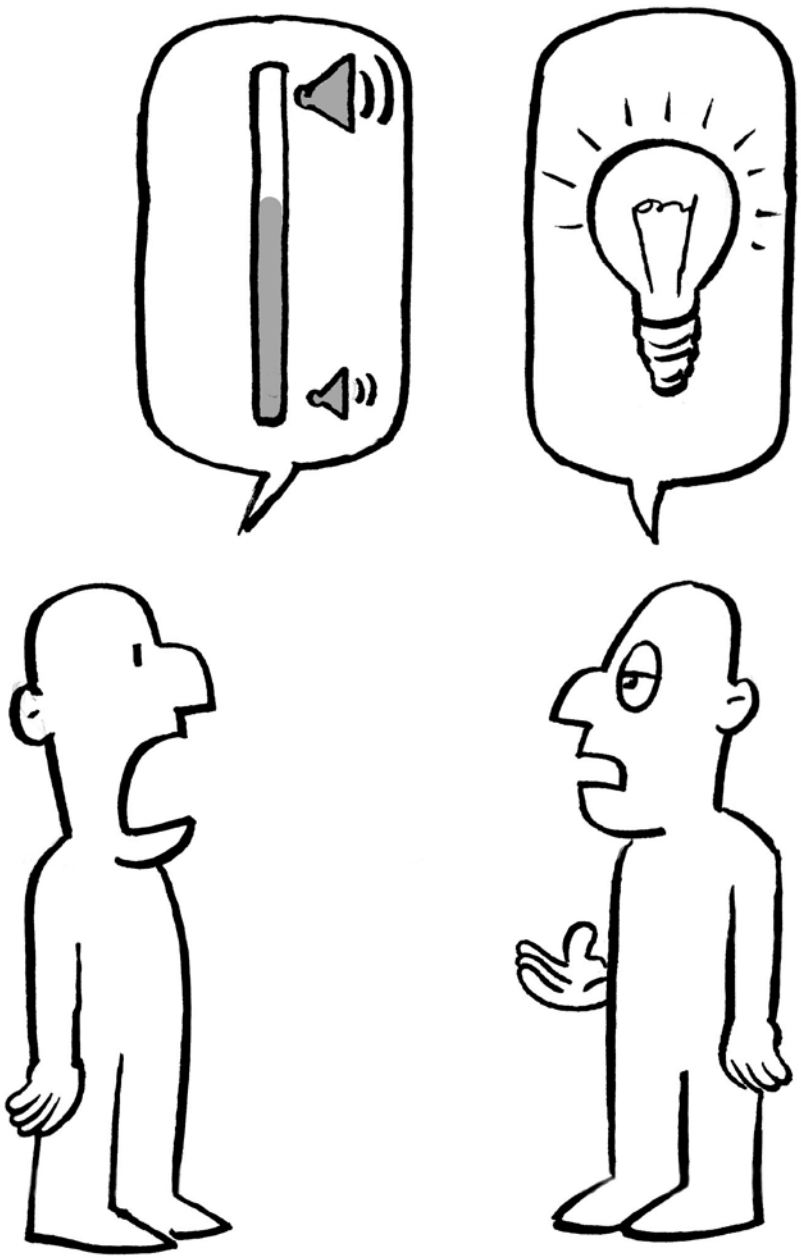
Com isto, concluímos e respondemos a nossa questão do Rav Yossef, que perguntamos no começo do capítulo:

Sua alma subiu e desceu, e o pai perguntou: "o que você viu lá em cima?". Um mundo confuso, pessoas que aqui são consideradas nobres, lá estavam embaixo e pessoas que são consideradas de segunda classe aqui, lá são vistas como nobres. Disse Rabi Yehoshua: "*olam barur raita" (*o mundo que você viu é claro, correto).

Afinal, o que Rav Yossef pensou que veria lá? Explica o Rav Dessler: Hashem não mede o quanto a pessoa fez, mas mede quanto esforço, quanta agilidade, ela usou. Por isto é que o pai dele falou: você viu um mundo claro: no *olam habá*, avaliam-se as pessoas conforme o esforço delas, por isso, pode ser que aqui tenha algum gênio e ele se sente na primeira fileira, mas lá em cima ele não está na primeira fileira, pois sua genialidade não conta, o que conta é o esforço.

Que com a ajuda de Hashem nós possamos ser como diz o *Pirkei Avot*: astutos, ágeis e rápidos, e que Hashem nos diga que nossa agilidade nos tornou perante os Seus olhos pessoas nobres e especiais!

NÃO LEVANTE A VOZ, MELHORE OS ARGUMENTOS



“O nervosismo é a antítese da Torá”

MANUAL DE INSTRUÇÕES

Uma revista americana traz um ensinamento de Torá de um dos maiores sábios desta geração, o Rav Steiman *shlita*. O que distancia o homem de Hashem? Que atitudes nos aproximam ou podem nos afastar de Dele? O que nos impede de vê-Lo? Normalmente, a resposta seria: *mitsvot* ou *averot*. Em parte, isto é verdadeiro, mas vamos imaginar uma situação para entendermos melhor:

Uma pessoa que está dirigindo na serra num dia em que há muita neblina e a visibilidade é ruim, não consegue ir rápido, mesmo que tenha farol de milha. É preciso ir mais devagar, pois a visão é limitada. Qual é a neblina espiritual que existe?

O Rav Steiman diz que se as *midot* (traços de caráter) que a pessoa tem não caminharem de acordo com o "manual de instruções" da Torá, elas farão com que a pessoa fique mais longe de Hashem, mesmo se ela cumprir as *mitsvot*, pois pode existir uma situação em que ela esteja longe de Hashem. Por quê? Porque às vezes a pessoa possui *midot mushchatot* (não boas). Ou seja, *midot* diferentes da receita da Torá, o que faz com que a pessoa se afaste Dele.

Em todos os livros de *mussar* (ética judaica) diz-se que a única forma de a pessoa consertar as *midot* é através do estudo da Torá. Muita gente é o que chamamos de "judeu de barriga". O que significa isso? A pessoa come comida judaica e diz: "sou judeu porque como *guefilte fish* com *chrem*, *kneidalech* em *Pêssach*, então eu me sinto judeu". Se fosse assim, talvez eu pudesse ser japonês, porque eu gosto de comida japonesa. Mas não é isso que faz alguém ser judeu. Para ser verdadeiramente judeu, é preciso consertar as *midot*, pois a única forma de ser um judeu de verdade é através da Torá.

Quanto mais conectada a pessoa está com a Torá, mais ela reforça seu judaísmo. Hashem criou o *yêtser hará* junto com a Torá. O único remédio para o *yêtser hará*, ou seja, para as *midot* não boas, é a Torá. Não há outro remédio, todo o resto é perda de tempo.

Há algumas décadas, Rav Yitschak Lemberger morava em Israel e estudava numa *yeshivá* local. Ele teve a ideia de ir para a *Yeshivá* de Mir com alguns amigos. A *yeshivá* era enorme, lotada de alunos muito barulhentos, como uma grande feira ao ar livre; mas o barulho lá era gostoso, era barulho da Torá. Quando chegaram, foram procurar o livro do Talmud que eles estavam estudando. Ao chegarem perto da prateleira, no fundo da *yeshivá,* eles viram um senhor de idade compenetrado e chorando.

Rav Yitschak pensou: "Será que este senhor de idade tem alguém doente na família? Coitado!". Seu parceiro de estudos, no entanto, disse: "Vamos estudar!". Rav Yitschak o interrompeu e disse: "Você não vê aquele senhor chorando? Você não fica comovido?". O amigo respondeu: "Fica tranquilo". "Fica tranquilo?", perguntou Rav Yitschak, "com aquele senhor chorando lá no canto? Vamos pelo menos perguntar o que ele tem! Talvez nós possamos ajudá-lo". Seu parceiro disse: "Este senhor que está sentado ali no fundo é o *rosh yeshivá* de Mir, Rav Chaim Shmulevitz. Você nunca o viu estudar ética?".

Rav Yitschak respondeu: "não, nunca vi". O amigo então explicou que todo dia a mesma história se repete: o Rav Chaim Shmulevitz senta, pega um livro de *ética* e quando lê, se empolga até as palavras entrarem nele.

Nossos grandes sábios falaram que para estudar algum assunto é preciso mergulhar de cabeça nele. Quando o Rav Shmulevitz estudava, ele mergulhava no assunto e se comovia até as palavras de Torá, *mussar* e *midot* entrarem no seu íntimo.

ARROGÂNCIA

Quem não sabe que é feio ser arrogante? Se no mundo laico já é feio, no judaico é ainda pior! Mesmo que tenhamos consciência disso, muita gente é capaz de passar de manhã e não cumprimentar alguém que julga não ter seu mesmo status social. Isso quer dizer que o saber é muito diferente da prática.

O PRIMOGÊNITO

De acordo com a Torá, o primogênito tem alguns privilégios sobre os irmãos, ele é especial. A lei diz que se a pessoa tem quatro filhos homens, a herança é dividida por cinco, para que o primogênito receba dois quintos dela. Por quê?

Quem é o primogênito de Yaacov? Reuven. Com certeza ele deveria ter um privilégio ainda maior, algo que as outras onze tribos não teriam! A Torá conta que, de fato, ele teve este privilégio a mais, mas que o perdeu. Quando Rachel (uma das esposas de Yaacov) faleceu, Reuven disse: "Até agora o meu pai tinha a cama dele na tenda de Rachel. Agora que ela faleceu, antes que a cama vá parar na casa de uma das concubinas, quero prestar o devido respeito à minha mãe, Leah, e por isso vou levar a cama do meu pai para a tenda dela". Reuven mudou a cama de tenda e D'us ficou muito bravo com isto. Foi assim que ele perdeu todos os privilégios que um primogênito tem.

O Rav de Brisk tem um livro chamado Beit Halevi, onde ele traz o seguinte trecho do Talmud, Tratado de *Shabat*, página 55: "quando Reuven mudou a cama de Yaacov para a tenda de sua mãe, Leah, ele o fez para zelar pelo respeito à mãe", para manter sua dignidade. Então, qual foi seu erro e por que Hashem ficou chateado com ele?

O Rav de Brisk ensina que o ato de Reuven tirar a cama do pai para a tenda da mãe estava correto. Mas, qual foi o problema? O que houve de tão grave a ponto de os *cohanim* não descenderem dele? O problema não foi o que ele fez, mas *como* ele fez. Seu ato estava correto, mas sua atitude foi motivada por *cáas (*nervosismo ou falta de paciência). Foi o pavio curto do grande sábio Reuven, o fato de ter sido impaciente, que fez com que ele perdesse o privilégio dos *cohanim* descenderem dele. Ele era o primogênito e, por direito, o trabalho no *Beit Hamicdash* devia ser seu, mas perdeu, pois agiu com impaciência.

POR QUE ESTOU BRAVO?

Imagine um menino de quatro anos que quebra um copo de cristal. Se eu ficar bravo pelo valor do copo e não por sua atitude, a minha raiva estará surgindo por causa do dinheiro e não pelo ato da criança, isto é proibido e eu não posso repreendê-lo. Mas, se eu realmente não me importar com o copo, pois sei que é um bem material e pode ser substituído, eu posso ficar chateado com o menino e ser enérgico com ele.

Será que um professor pode ficar bravo com o aluno? Vamos supor que eu expliquei um assunto uma, duas, três, seis vezes e o aluno não entendeu. Posso ficar bravo com o aluno? A resposta é: depende. Se o aluno prestou atenção

e não entendeu, eu posso não querer explicar de novo, mas é proibido ficar bravo com ele. Por quê? Porque sendo objetivo, que culpa o aluno tem se ele está com a cabeça distraída ou não tem QI suficiente para entender a matéria? No entanto, se o aluno não prestou atenção, a situação é outra...

Por exemplo, uma pessoa foi gentil e deu *tsedacá* para alguém, só que fez isso bravo, dizendo: "tome, pegue logo e suma daqui. Vá embora!". A pessoa doou dinheiro com nervosismo, e o Shulchan Aruch diz que neste caso a pessoa não recebe nenhum mérito pelo dinheiro que deu, nem se ela doar um milhão de dólares. Vejam como o nervosismo entra na equação das *mitsvot* e do Shulchan Aruch na vida prática do judeu.

O nervosismo é a antítese da Torá. Temos que tomar cuidado para o nervosismo não virar rotina. Já escutei, por exemplo, várias vezes pais me dizendo que "viram bicho" para que os filhos façam a lição ou vão dormir. Isso vira um hábito!

Li em uma revista: "lição de casa – para os filhos, um dever; para os pais, um grande prazer". A frase é de um escritor que certamente não teve filhos, pois é muito difícil fazer com que a lição de casa seja um prazer para os pais! Para a maioria, os filhos só fazem as coisas quando há nervosismo, e isso vira rotina. O Talmud diz que todo aquele que se irrita é como alguém que comete idolatria. Mais do que isso, o Talmud diz: a pessoa que fica nervosa só ganha nervosismo. O pai acha que conseguiu alguma coisa com a sua raiva, mas não conseguiu nada. No futuro, quando os filhos crescerem, eles vão falar que o que receberam não foi educação, pois eles foram criados "no chicote".

Como as baleias do Sea World fazem trapézio e malabarismo? No chicote? Não! Na sardinha. O chicote não adianta. Na educação, precisamos saber qual é a "sardinha" que funciona para a criança.

Uma pessoa próxima ao Rav Shlomo Auerbach perguntou qual era a fórmula do seu sucesso no estudo da Torá. O Rav respondeu: "o copo de leite e os abraços da minha mãe. Sempre que eu chegava em casa, minha mãe me oferecia isso, e foi o que me fez ser emocionalmente saudável". O Rav Auerbach é o exemplo oposto da educação feita com nervosismo. Ele tinha o sentimento de proximidade, e foi isto que o fez ser emocionalmente quem ele era. Com um sentimento gostoso é muito mais fácil enfrentar a vida! O nervosismo assusta

e afasta as pessoas. Quando vemos uma pessoa brava, qual nosso primeiro instinto? Se afastar!

Em uma das reuniões do Agudat Israel, uma organização educacional das *yeshivot* nos Estados Unidos e Israel, um homem contou a seguinte história: o Rav de Ponovitch, o Rav Cahaneman, certa vez disse a um menino de quinze anos de idade: "hoje tem um *yortsait* (aniversário de falecimento da pessoa) e eu quero ser o *chazan* da sinagoga local, pois isso ajuda a alma do falecido. Eu não sou daqui e queria ver se você, por favor, pode me ajudar a ser *chazan* de pelo menos uma reza". O menino foi correndo falar com o seu mestre e conseguiu fazer com que o Rav de Ponovitch fosse *chazan*.

No dia seguinte, o Rav já estava indo embora, quando o menino corre até ele e o detém: "Rav, já que eu fiz uma gentileza para o senhor, gostaria que o senhor fizesse uma gentileza para mim também. Não tenho pai e minha mãe trabalha muito para me criar e para pagar as nossas contas. Eu gostaria que o senhor desse uma bênção para ela conseguir sustento".

O homem que estava contando a história era esse menino. Ele continuou relatando que não lembrava que reza o rabino fizera e nem se ela surtira efeito, mas tinha uma coisa que ele jamais esquecera. Quando ele fez o seu pedido ao rabino, o Rav lhe deu um abraço, o segurou por um minuto e depois deu a bênção.

Esse homem contou que daquele dia em diante, sempre que via os colegas de escola receberem um abraço do pai, ele se lembrava do abraço do Rav de Ponovitch. Mesmo sem ter um pai e sabendo que o Rav não era seu pai, daquele dia em diante ele sentia que tinha um pai em algum lugar do mundo. O Rav agiu com o contrário de nervosismo; agiu com carinho, com aproximação.

O PERIGO DE FICAR BRAVO

O Talmud conta que a pessoa que fica brava profana o *shabat*. Por exemplo, o marido pergunta para a esposa se ela acendeu as velas. Se ela diz que não, ele fica tão bravo que a agride. Na próxima vez, o que vai acontecer? A mulher vai falar que já acendeu as velas, mesmo que ela não tenha feito isso, mesmo que já tenha vindo o pôr-do-sol e ela tenha esquecido. Por que ela faria isso? Por medo, por causa do jeito bravo com que o marido falou com ela no passa-

do. Assim, ele se torna o responsável pela profanação do *shabat*, pois causou essa situação e foi participante desta *averá*.

O Talmud também diz que quem é nervoso gera uma mulher *nidá*. Por quê? Vamos supor que a mulher errou na contagem do ciclo dela e não foi à *mikvê* naquela noite. O marido fica sabendo disso e diz: "como? você não foi à *mikvê*?". Sabendo que o marido é bravo, ela pode enganá-lo e dizer: "hoje eu fui". Ele vai ter relações com uma mulher *nidá*, algo que é gravíssimo, equivalente a quem come no *Yom Kipur*!

Quem causou esta *averá*? O homem, quando ele falou bravo com sua esposa. Vemos que o nervosismo, segundo o Talmud, pode causar muitas *averot*.

Um professor me contou uma historia verídica. Havia um aluno com muito sono na classe e o professor perguntou para ele: "o que aconteceu?". O menino disse: "eu fui dormir tarde". O professor então pensou que ele ficou jogando joguinhos. A história se repetiu vários dias e o professor entendeu que não eram joguinhos, que tinha algo mais profundo, então, de uma forma mais carinhosa, o professor deu um abraço no menino e perguntou: "por que você não fica acordado na aula? A aula é muito chata ou eu dou aula muito mal?".

O menino disse: "professor, não consigo dormir". O professor perguntou: "por quê? Por que você não dorme?". O menino respondeu: "tenho medo do meu pai". Era um pai que cumpria Torá e *mitsvot*. Mas, o menino não conseguia dormir porque o pai batia nele quando ele fazia alguma coisa errada. Então, durante a noite, o menino tinha medo que o pai entrasse no seu quarto e lhe desse um tapa por se lembrar de alguma coisa errada que ele fizera durante o dia.

Um pai me contou que ele levou o filho ao médico, pois ele ia ao banheiro em intervalos muito curtos. Depois dos exames, o médico viu que estava tudo em ordem. O pai voltou para casa e disse: "esse médico não sabe de nada, vou procurar outro". Mais exames foram feitos e constataram que estava tudo perfeito no sistema fisiológico do menino. Depois de várias consultas, sem mais saber o que fazer, o pai perguntou ao filho por que ele ia tanto ao banheiro em intervalos tão curtos. O menino respondeu: "pai, tenho medo de explodir se eu não for ao banheiro". Foi então que esse pai me contou que ficou com muita vergonha de si mesmo, pois lembrou de uma vez que seu filho estava seguran-

do as necessidades e ele tinha falado em um tom bem enérgico que se ele segurasse as necessidades ele ia explodir... Após muitos meses e vários exames, o pai entendeu que o filho não tinha nada e que ele era o causador de tudo!

Isso é um ciclo, como podemos ver em uma historinha que li uma vez: um empresário chega em casa depois de o diretor ter gritado com ele no trabalho. Ao chegar ao lar, a esposa tem uma surpresa para ele: um jantar muito caprichado, mas ao ver a mesa ele diz, berrando com a esposa: "como você gasta tanto dinheiro para um jantar de dia de semana?".

Ele recebeu a bronca do diretor e descontou na esposa. Em seguida, a esposa fica brava e vai gritar com a empregada. E se a empregada for mandada embora, quem sofre é o próprio marido! Aquilo volta para ele!

Vemos que muitas vezes a pessoa alvo do nervosismo não tem nada a ver com a situação. Como podemos quebrar esse ciclo grave de receber e descontar nervosismo? Uma boa maneira é o bom humor.

SERÁ QUE SOU NERVOSO?

Um dia, fui fazer um teste ergométrico e tive que responder o formulário inicial. Graças a D'us, fui colocando tudo "não". O funcionário pôs todos os eletrôdos em mim e perguntou: "podemos começar?". Eu disse que sim, mas ele disse que precisava perguntar mais uma coisa para colocar no formulário: "você é estressado?". Respondi que achava que não.

Depois do exame, perguntei ao ajudante: "tem alguém que vem aqui e diz que é estressado?". Ele respondeu: "não, todo mundo que vem aqui diz que não é estressado". "Então, para que serve esta pergunta?". Ele me disse: "muitas pessoas vêm aqui com a esposa e os filhos e quando eu pergunto se ela é estressada, ela diz que não, mas a esposa, diz: 'claro que ele é estressado, vem morar em casa para você ver!' O filho fala: 'claro que ele é!'." Isso mostra que a própria pessoa não percebe a sua raiva, mas quem está do lado percebe.

NERVOSISMO X *CHAMÊTS*

Vou contar uma história sobre nervosismo que ocorreu com o Rebe de Vizhnits, um grande sábio dos Estados Unidos.

Certa vez, um marido disse ao rabino que tinha limpado a casa para *Pêssach* segundo o que ele aprendeu na lei e conforme o que ele tinha escutado da boca do próprio rabino. O homem disse: "eu percebi uma coisa que a minha esposa não fez na limpeza". O rabino escutou isso e não se abalou. O homem continuou: "minha esposa não está seguindo tudo o que o senhor explicou, então quero que o senhor fale com ela sobre o quão grave é ter *chamêts* em Pêssach".

O rabino disse: "mais importante do que eu explicar a ela que o *chamêts* é proibido, eu preciso explicar a você que o nervosismo também é proibido. Se for preciso comparar nervosismo com *chamêts*, o nervosismo é muito mais grave. Portanto, acho melhor você abrir mão do rigor do *chamêts* do que ficar bravo".

TSEDAKÁ

Certa vez, um pobre bateu na porta da casa do Rav Heschel pedindo dinheiro. A esposa atendeu e disse: "O meu marido não se encontra e eu não sei onde fica o dinheiro. Eu tenho apenas dez dólares comigo, mas quero ajudar com um pouco mais".

Como era véspera de *Pêssach*, a esposa do Rav deu um pouco de *matsá* para o pobre, só que por engano ela deu a *matsá shmurá* que o rabino tinha feito! Se ela contasse para o rabino, ele ficaria bravo, então ela decidiu colocar outra *matsá* no local da primeira, pensando que ele não ia perceber. De fato, o *Sêder* foi realizado e ninguém percebeu nada.

Em *chol hamoed*, veio um casal com problema de harmonia no lar se consultar com o rabino, pois o marido queria dar o divórcio para a esposa. A queixa do marido era que a esposa tinha feito um caldo, mas os *ashquenazim* não molham a *matsá* em nenhum líquido, nem em água. Então, o marido disse: "minha esposa cozinhou a comida que eu comi na mesma panela que uma vez ela molhou a *matsá*".

O rabino chamou a sua própria esposa e disse: "Rabanit, qual *matsá* você colocou na mesa dois dias atrás no *Sêder* de *Pêssach*? Era a *matsá shmurá* que eu fiz ou era outra?". A mulher do rabino, gaguejando, explicou que ela dera a *matsá shmurá* sem querer para o pobre e, no mesmo momento, entendeu que o rabino tinha percebido isso no *Sêder*, mas por sabedoria, ele tinha ficado quieto e não tinha ficado bravo.

O rabino falou para o casal: "Vejam, minha esposa nem percebeu que eu sabia que ela trocou as *matsot shmurot* e você quer se divorciar só porque ela cozinhou numa panela que já havia sido usada para molhar uma *matsá?*".

É preciso colocar as coisas nas devidas proporções!

Gritos só afugentam as pessoas. Em vez de levantar a voz, melhore os seus argumentos.

O livro *Messilat Iesharim* pergunta: é possível nunca ficar bravo? Antes de responder, o livro ensina que existem cinco níveis de nervosismo.

Do pior para o melhor:

5 – a pessoa fica nervosa por tudo que acontece.

4 – a pessoa fica nervosa com algumas coisas.

3 – a pessoa fica nervosa por poucas coisas e, mesmo assim, fica pouco brava.

2 – a pessoa fica nervosa, mas aprende a se controlar.

1 – a pessoa nem chega a ficar nervosa.

Os grandes sábios de nossa geração estão no nível um. Então é possível, pelo menos na teoria, chegar a esse nível um, de nem sequer ficar bravo. Mas, como fazer para não ficar nervoso?

Eu resolvi perguntar isso para o Iphone 5 e ele disse: "respire fundo". Aí eu fiz um teste e respondi: "mas, eu ainda estou bravo". Ele respondeu: "respire mais uma vez". Ainda bem que eu não estava nervoso de verdade, senão eu teria jogado o telefone no chão!

No entanto, apesar de ser só um celular, o que sabemos é que respirar fundo de fato é uma técnica que ajuda a não ficar bravo! A pessoa respira fundo e solta o ar devagar. Em hebraico, a pessoa nervosa é chamada de *charon af*, que significa, literalmente, "fica bravo pelo nariz". Isso mostra que a raiva tem relação com o nariz e disso entendemos por que respirar ajuda a controlar o nervosismo!

Outra coisa que ajuda é ser mais realista. Por exemplo, a pessoa chega à sinagoga e fica brava porque não achou lugar para estacionar. Mas é claro! Você achou que na hora da reza ia encontrar lugar para estacionar em Higienópolis sem nem ter que dar uma volta no quarteirão? Seja realista! Ou a pessoa que vai ao clube e fica nervosa por causa do trânsito. Se ela mora em São Paulo, ela sabe que tem trânsito!

PRECAUÇÃO

A mesa de *shabat* tem que ser um prazer, mas há casas onde o melhor prazer seria pular o sábado! Quando chega o *shabat* o que se ouve ao redor da mesa é: "você não fez isto", "você não fez aquilo", "eu quero sentar perto do papai", "quero sentar do lado da mamãe", "quero sentar mais perto", "quero sentar perto da janela" etc. O que fazer? Antes de mais nada, aceitar a realidade! Depois, se precaver e se preparar para ela. Por exemplo, preparar-se para contar uma história na mesa de *shabat*, ou fazer uma pergunta para as crianças pensarem.

Muita gente fica brava por causa de uma frustração. Tem uma propaganda no rádio que diz: 'se aborrecer para quê'? A pessoa que está frustrada vai pensar: "como se aborrecer para quê? Estou frustrado. Desde quando sou obrigado a entender que as coisas não são do nosso jeito?". Mas temos sim que aprender que às vezes o que queremos não acontece. Eu pensei que algo ia acontecer do jeito que eu quero, mas como isto não aconteceu eu fiquei bravo! Quem disse que eu estou no lugar de Hashem? Preciso entender que as coisas vão acontecer do jeito que Ele quer. Isso promove a calma e, ter calma, ajuda a eliminar o nervosismo.

Uma vez uma pessoa foi falar em público e contou a seguinte história: um casal estava casado há alguns anos e não tinha filhos. Depois de doze anos de casados, eles fizeram exames que mostraram que eles podiam ter filhos, mas não entre si, pois eram incompatíveis. Eles pensaram muito e apesar de se gostarem demais decidiram se separar para que cada um casasse com outra pessoa e assim tivessem filhos.

No entanto, havia um problema: o marido era *cohen* e os rabinos disseram que ele tinha que pensar muito bem porque se ele se divorciasse da esposa, não poderia voltar a se casar com ela e nem com nenhuma outra mulher divorciada. Mesmo assim, eles decidiram se divorciar.

Dois meses depois do divórcio, o ex-cunhado ligou para o marido e contou que sua ex-esposa estava grávida! Então, ele se lembrou de que era *cohen* e que não podia voltar a se casar com ela! O homem ficou sem saber o que fazer e, desesperado, foi questionar aos rabinos se não havia alguma brecha na lei. Os rabinos foram categóricos e disseram que um *cohen* não pode se casar com uma mulher divorciada. Muito desesperado, ele decidiu ir ao Muro

das Lamentações e rezar para Hashem. Ele rezou com muito fervor, a ponto de começar a chorar e ficar sentado no chão, triste e abatido, como um mendigo abandonado.

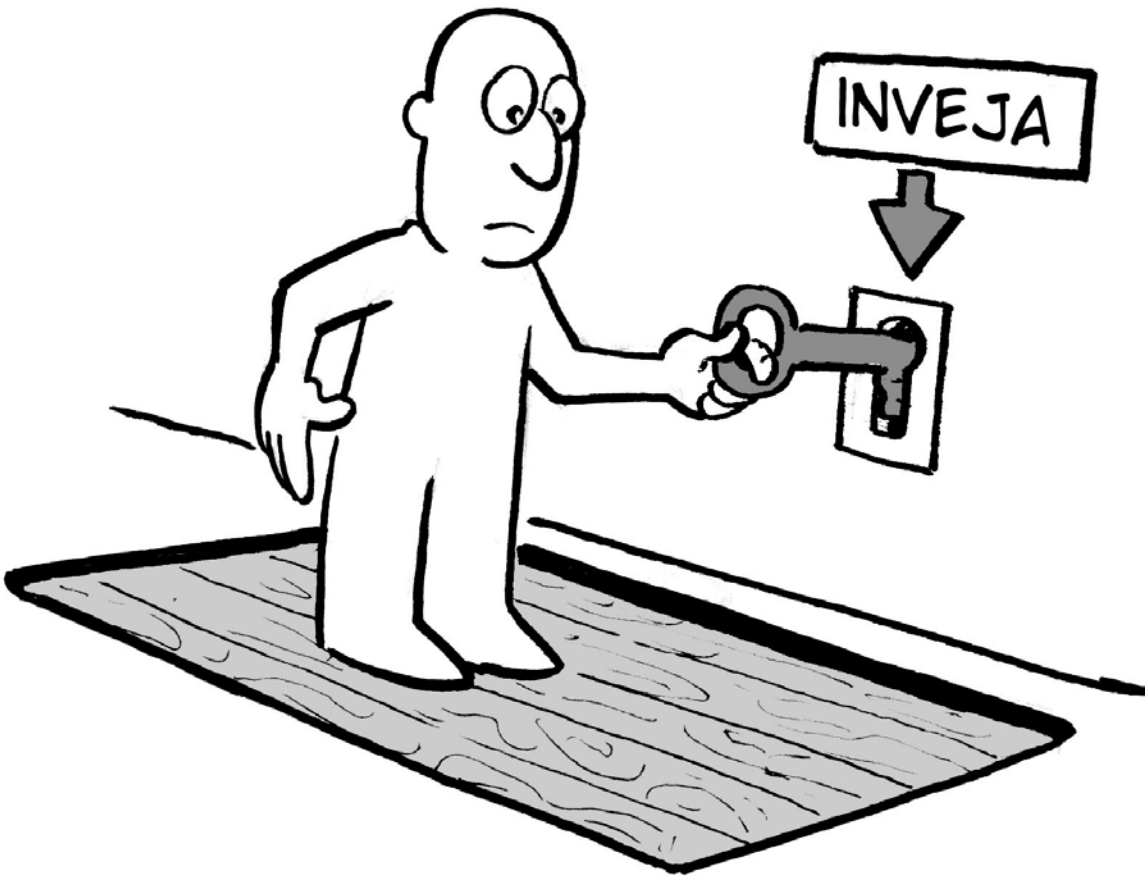
Neste momento, veio um senhor de idade e perguntou ao homem por que ele estava chorando. Ele explicou toda a história e o senhor disse: "por que você não conversa com os seus pais?". "O que os meus pais podem fazer? Os meus pais nem sabem que eu me divorciei. O que eles podem fazer por mim? Eles nem são religiosos!" O senhor insistiu: "conte para eles".

Sem ter nada a perder, o marido voltou para casa e contou tudo para os pais, que começaram a chorar junto com ele. Ao ver aquilo o filho disse: "mas eu não queria ter deixado vocês preocupados". Os pais disseram: "não se preocupe, nós te entendemos porque passamos pela mesma situação que você! Estávamos casados há mais de dez anos e não tínhamos filhos. Como sou *cohen* e não queríamos nos divorciar, resolvemos te adotar. Isso significa que você não é *cohen*". Assim, o ex-marido voltou a se casar com a ex-esposa e tiveram o filho quando já estavam casados novamente.

Daqui podemos aprender que mesmo quando estamos desesperados, Hashem sabe coordenar a situação. Pode ser que o final não seja feliz, mas temos que entender que quanto mais a gente deposita nossa fé em Hashem, menos temos lugar para o nervosismo.

Que possamos sempre sorrir para os outros e em uma situação difícil conseguir respirar fundo três vezes. Pensar nas crianças, no quanto gostamos dos nossos filhos, e sempre abraça-los.

TENTANDO ABRIR A PORTA DO VIZINHO



“A felicidade é um estado mental”

QUE DIFERENÇA PODE FAZER UM *VAV* (A SEXTA LETRA HEBRAICA)?

É um grande mérito ser judeu e poder conhecer a Torá e a vontade de Hashem, pois só podemos agradar alguém que conhecemos. Por exemplo, se alguém der um perfume de presente para um amigo e só depois descobrir que ele é alérgico; ao invés de agradar, acabamos gerando um incômodo. O mesmo pode acontecer em várias outras situações em que o presente pode ser totalmente inadequado. Um carrinho de brinquedo pode ser adequado para presentear uma criança, mas não a esposa... Precisamos conhecer a pessoa para podermos dar o presente correto e conseguirmos agradar.

Com Hashem acontece a mesma coisa, pois quanto mais O conhecemos e entendemos, na medida do que é possível para o homem conhecer Hashem, mais conseguiremos agradá-Lo.

Por que temos a sorte de sermos judeus? O que tem isto de tão especial?

Lendo a porção da Torá *Mishpatim* (Shemot 21) – como o próprio nome diz, *mishpatim* são as leis. Ela começa com *"**ve** ele hamishpatim"*, **e** estas são as leis. Nela constam inúmeras leis, sendo que a maioria das citadas nesta porção é de cunho monetário.

Rashi traz uma observação sobre esta porção. Ele nos diz que logo no começo está escrito: "*ve ele hamishpatim*", e pergunta: por que está escrito ***ve*** *ele*, (**e** estas são as leis)? Deveria estar escrito "estas são as leis" e não "e estas são as leis". Assim, Rashi questiona o porquê da conjunção "e" em português, ou o "*vav"* em hebraico. Ele explica que a letra *vav* vem conectar a porção *Mishpatim* com a porção anterior, *Yitró*. A ligação entre elas ocorre da seguinte maneira: todos sabem que os dez mandamentos da porção *Yitró* vieram do *Har Sinai*, assim também as leis da porção *Mishpatim* vieram do *Har Sinai*.

Um dos chefes da *yeshivá* Torá *Vadaat* de Nova Iorque explica isso baseado no *Pirkê Avot*, a Ética dos Pais, que na sua primeira *Mishná* escreve: Moshê recebeu a Torá no *Har Sinai*.

Assim está escrito em *Pirkê Avot*, e a pergunta que os comentaristas fazem é: *Pirkê Avot* não é o primeiro tratado da Torá Oral. Por que justo neste tratado ocorre a referida introdução que nos conta que Moshê recebeu a Torá no *Har Sinai*? Se esta é uma introdução importante, ela deveria ter aparecido logo no primeiro tratado do *Talmud*, que é *Massechet Berachot*.

É a mesma coisa de um professor que, no meio do ano letivo, diz para sua turma que gostaria de se apresentar. Apresentar-se depois de estar dando aulas por seis meses? Por que Hashem só se apresentou em *Pirkê Avot* e não contou esta introdução antes, em *Massechet Berachot*?

Rav Ovadia ben Avraham de Bartenura, um dos principais comentaristas do *Pirkê Avot* e da *Mishná* em geral diz o seguinte: em *Massechet Berachot* não é necessário contar que a Torá veio do *Har Sinai*, mas em *Pirkê Avot* sim. Isto se faz necessário porque, como diz o Rav Ovadia, o *Pirkê Avot* trata sobre *midot*.

Os filósofos também trataram de *midot*, também trataram de traços humanos e das características pessoais. Então, Hashem fez questão de dizer que não é para pensar que a nossa forma de abordar as *midot* é igual à forma dos não judeus de tratar o assunto. Por isso o *Pirkê Avot* aborda a questão das *midot* e nele em especial Hashem fez questão de dizer que "Moshê recebeu a Torá no *Har Sinai*"; para dizer que estes textos, mesmo que tratam de *midot*, não fazem parte da ideia de ética dos outros povos.

Voltemos agora ao *Rosh Yeshiva* de Torá *Vadaat*, o Rav Simcha Sheps que diz o seguinte: na porção *Mishpatim* encontramos as leis de *lashon hará*, de calúnias, de maledicência, de empréstimos, etc. E a Torá nos conta que tudo isso veio do *Har Sinai*. Fora da Torá existe uma ética que ninguém discute, mas a ética como é conhecida pelo mundo é muito flexível. O que hoje é permitido, talvez na semana passada fosse proibido e o que era proibido talvez hoje seja permitido. Não se encontra nada que tenha um valor absoluto fora da Torá.

ÉTICA RELATIVA

Em 1979, a corte americana legislou que cada estado podia decidir se o aborto seria legalizado, pois até então era proibido. O mesmo ocorre com a pena de morte, permitida em alguns estados e proibida em outros. A mesma coisa aconteceu com o divórcio no Brasil, na década de 70. Era um procedimento rigoroso e havia muitos requisitos para se conseguir o divórcio. Hoje em dia, o divórcio no Brasil é muito mais fácil.

Antigamente na Europa era comum usarem macacos para fazerem experiências científicas. Hoje em dia, só é permitido usar ratos. O que era considerado ético antes, hoje não é mais...

Pirkê Avot nos diz que o que é nosso é absoluto, nunca mudou e nunca mudará. A Ética Judaica tem milhares de anos e não muda. Foi por isso que "v*e ele haMishpatim"* precisou do *vav*, para deixar claro que as leis éticas também vieram do *Har Sinai*.

O BOM CORAÇÃO NA VERSÃO DA TORÁ

Na porção *Mishpatim* há leis sobre maledicência. Poucos sabem, mas essa proibição ocorre só quando a maledicência que foi dita é verdadeira. Quando não é verdade, se torna mais grave ainda, pois se trata de um caso de difamação.

O judeu tem que estar sempre disposto a ajudar o próximo sem receber nada em troca, mesmo que este próximo seja seu inimigo ou alguém que algum dia tenha lhe recusado ajuda... A Torá nos ensina a não sermos vingativos. Devemos ter sempre um bom coração.

O ÚLTIMO DOS DEZ MANDAMENTOS

Aproveitando que temos o mérito de possuir valores absolutos conforme o enfoque da Torá, vamos abordar uma *midá* específica e procurar interpretá-la mais profundamente:

Quando Yaacov se deparou com o seu irmão Essav, ele lhe disse: "Eu tenho tudo". Só um homem com a grandeza de Yaacov poderia falar uma frase destas.

Hashem disse para Bilam (o maior profeta das outras nações) não amaldiçoar Am Israel, não aceitar a proposta de Balac que o tinha contratado para

amaldiçoar o povo de Israel. Logo depois, Bilam responde: se Balac me der ouro e prata, eu não posso transgredir Hashem, pois Ele não me permitiu. Até então, Bilam pareceria ser um *tsadic*!

Os sábios dizem que isto não é verdade. Rashi diz que podemos ver que Bilam era *rashá*, pois mostrou que tinha os olhos bem abertos e não lhe faltava vontade e desejo pelo dinheiro das outras pessoas. Esta é a razão de ser chamado de *rashá*, pois ele tinha inveja. Um dos *rishonim*, chamado Meiri diz em *Pirkê Avot* o décimo mandamento "não cobiçar" é o mais grave e por esta razão é o último. A pessoa deve se cuidar para não cobiçar as coisas dos outros. O assassinato de Hevel por Caim foi causado pela inveja, pois Caim não se conformou quando sua oferenda foi recusada e a de seu irmão foi aceita por Hashem.

Não cobiçar é uma *midá* muito difícil. É mais fácil para o ser humano ter empatia com pessoas conhecidas do que o sucesso alheio. Infelizmente a pessoa fica bem mais incomodada quando sabe que algum amigo cresceu no mercado de trabalho do que quando sabe de outro que pediu concordata... Isso é muito grave!

A INVEJA CONSTRUTIVA

O *Talmud* nos conta, em *Massechet Sanhedrin* 105b que as pessoas têm inveja. É normal o ser humano ter inveja, pois como diz a própria palavra, somos seres humanos. Se alguém alega não ter esse sentimento há duas possibilidades: ou ele não se conhece o suficiente, ou ele está no nível de um anjo! Só não temos inveja do nosso filho ou aluno. Se alguém disser que nosso filho saiu no jornal e tornou-se famoso, ficaremos felizes. Mas, se for o vizinho, será que reagiríamos do mesmo jeito?

Assim sendo, nosso trabalho, aquilo que Hashem quer de nós, é que saibamos canalizar e usar este potencial de inveja para o lado positivo, para o lado espiritual. Podemos ter inveja daquele amigo que conseguiu uma harmonia no casamento melhor que a nossa para podermos aprender dele.

Inveja é como uma fogueira. O fogo serve para fazer comida e também para incendiar. É o mesmo fogo, você escolhe se quer usar para o bem ou para o mal.

ATÉ OS GRANDES DA GERAÇÃO

Os grandes sábios da Torá tinham um mínimo de inveja, mas tinham. A Torá nos conta que as tribos tiveram inveja de Yossef. Se até eles tiveram inveja, como podemos afirmar que nós não temos? Disse Rav Abba Arika, e assim está escrito no Talmud: a pessoa não pode fazer diferença entre seus filhos, pois Yossef ganhou uma túnica mais bonita que a dos irmãos, e por isto eles ficaram com inveja e nossos antepassados desceram para o Egito.

Pode ocorrer um caso especial como quando a Torá determina que o primogênito ganhe sua porção em dobro na herança paterna. Porém, neste caso específico, a parte a mais que estará recebendo não é porque o seu pai gosta mais dele, e sim porque assim manda a lei. Temos de nos cuidar bastante para não provocar inveja nos outros.

A *Guemará* conta que Raban Gamliel, que era o príncipe e chefe do povo, havia perdido seu posto de liderança e Rabi Elazar ben Azariá tinha sido eleito em seu lugar. Quando chegou o momento em que acharam que o afastamento de Raban Gamilel do seu cargo já durara tempo suficiente e que deveriam recolocá-lo como príncipe do povo e como chefe da nação dos judeus, surgiu uma questão: o que fazer com Rabi Elazar ben Azariá?

O *Talmud* aventou a possibilidade de Rabi Elazar voltar a ser o que era antes de tomar posse, mas diz que isto não seria possível, pois como ele subira, não poderia mais descer! Então, o que fazer: dividir o cargo? Isto também não seria possível, pois, como diz o Talmud, Raban Gamliel ficaria com inveja e diria que no curto tempo em que ele não estivera no cargo, isto já teria sido o suficiente para que o substituto tivesse direito aos mesmos poderes do que ele. Isso seria, segundo o *Talmud*, o que pensaria Raban Gamliel! E daqui se aprende que era preciso tomar muito cuidado para não deixar os dois como iguais porque isso poderia causar inveja entre eles!

Quantos de nós nos dias de hoje precisamos nos cuidar ou pelo menos pensar que existe esta característica nos rodeando? A grandeza com que o Talmud relata sobre estes grandes sábios é que eles sabiam que tinham esta *midá*. É mais grandioso dizer que temos inveja e saber lidar com isto, do que dizer que não temos inveja de absolutamente nada. A pessoa que acha que não tem inveja não pode se curar, não tem remédio, pois se ela acha que não tem esse problema, como ela poderá trabalhar esta *midá*, melhorar e assim crescer?

NA PERSPECTIVA DO RAV

O único remédio para a inveja é ter fé em Hashem. Quando pensamos em inveja, a primeira coisa que nos vem à mente são os bens materiais, mas os sábios têm uma outra visão do assunto.

Um dia, um homem perguntou para um Rav a respeito de uma discussão que havia em sua casa: "eu quero comprar um carro bom e a minha esposa acha que isto vai nos trazer mau-olhado. Queremos saber sua opinião: devemos comprar, ou não?". O rabino lhe perguntou o que ele estava estudando, se podia contar alguma coisa que havia aprendido na *Guemará*, mas o homem disse que não havia estudado e não se lembrava de nada para ensinar... Então, o Rav disse: "pode comprar o que você quiser, pois quem terá inveja de você se você não tem Torá?".

Esta é a perspectiva de um sábio: por que teriam inveja de alguém que não sabe nada, se é para isto que Hashem criou o ser humano?

QUEM TEM FÉ NÃO INVEJA

Diz Ibn Ezra na porção *Yitro* (Shemot 18) que aquele que desobedece ao décimo mandamento, que é "não cobiçar", automaticamente também transgride o mandamento "Eu sou o seu D'us". Se a pessoa entende que temos um "pacote" que nos foi dado por Hashem, ela nunca terá inveja. Às vezes, nos esquecemos disso.

Este princípio não é válido para todas as *mitsvot*. Por exemplo, uma pessoa que não cumpre *shabat* não quer dizer que não tenha fé em Hashem. Ela pode não cumprir *shabat* por comodidade, preguiça ou prazer, mas em relação ao "não cobiçar", é falta de fé em Hashem.

A GRAMA DO VIZINHO

Li no *Readers Digest* uma matéria sobre uma mulher um pouco avessa à tecnologia. Um dia, ela chegou em casa e o marido disse que sabia que ela não gostava de produtos eletrônicos, mas que ela precisava aprender a usar o controle para abrir a garagem. Ela concordou, apertou várias vezes o botão que deveria abrir a porta, mas nada aconteceu. Então, a mulher disse: "eu não gosto

e nunca vou usar!" O marido mostrou para a esposa que ela havia estacionado o carro em frente à garagem errada. O controle sim funcionava, mas ela estava na garagem do vizinho...

Cada vez que uma pessoa não cuida de sua inveja, de trabalhar sobre si esta característica, ela está na garagem errada. Está com o controle na mão, tem os filhos saudáveis, sustento, mas está sempre olhando e falando que a sua porta não abre. Isto só ocorre porque está na frente da porta do vizinho. Assim, não vai desfrutar nem conseguir aproveitar nada. Que tal olhar para o que é seu? Sua casa, seus filhos, seu trabalho, assim as portas que foram feitas por Hashem para você vão se abrir.

QUEM É QUE SE SUJA NO FINAL?

Certa vez, um pai muito sábio escutou seu filho reclamando que seus amigos tinham mais coisas que ele. O pai percebeu que seu filho tinha inveja dos colegas de classe. Ele viu um saco de carvão e teve uma ideia. Disse para o filho: "pegue este saco de carvão e descarregue as suas energias negativas. Atire os pedaços de carvão num alvo, pense que é seu colega de classe."

Depois de alguns minutos o pai volta, vê o filho suado e pergunta: "como você está se sentindo agora?". O filho diz: "acabou toda a raiva que tinha dos meus amigos, acabei com eles..." O pai fica contente e leva o filho todo sujo de carvão para frente do espelho e lhe mostra como ele estava sujo da cabeça aos pés e a sua camisa estava imunda. Ele diz: "agora você já descarregou as suas energias, cada vez que você sente inveja de alguém, é exatamente isto o que acontece, você só se suja mais e não consegue sujar os outros. Isto faz mal somente a você".

TRABALHANDO AS *MIDOT*

Uma pessoa que tem inveja está sempre de olho no que o outro tem. Para não sentir inveja é preciso ter uma boa autoestima. Só olha para o que os outros têm aquele que acha que não tem valor. Se a pessoa tiver um bom sentimento em relação a si mesma, já diminui bastante a chance de vir a ter inveja dos outros. A inveja não tem fim, pois sempre haverá alguém mais rico ou mais bem sucedido.

Os sábios nos disseram que temos que cuidar das *midot*. As *midot* estão dentro de nós, os pensamentos se transformam em palavras, as palavras se transformam em ações e estas ações, se transformam em hábitos que moldam o caráter da pessoa.

Às vezes, uma pessoa tem inveja do outro e sem querer esta pessoa que é invejada esbarra nela. Aquele que sente inveja grita com o outro, mas não por ele ter esbarrado, e sim porque já tinha muita coisa guardada dentro de si e agora ela soltou todos estes sentimentos. Os pensamentos se transformaram em ações.

Toda comparação tende a gerar inveja e por isto os sábios nos advertiram para termos muito cuidado com nossas ações em relação aos filhos, que estão sempre se comparando entre si. Inconscientemente, todas as pessoas se comparam com as outras para procurar saber o seu valor. Aquele que nega ter tido sentimentos deste tipo é porque não se conhece suficientemente bem.

Sempre houve e haverá coisas mais bonitas e melhores do que as que você possui. Uma pessoa que é saudável de verdade, quando vê alguém bem-sucedido fica contente de forma sincera, e não com inveja. Quando vamos a um casamento, devemos desejar coisas boas aos noivos de todo o coração, sem inveja. Por isso, quando a pessoa dança e alegra os noivos na festa, ela recebe inúmeras bençãos.

QUE TAL LEVAR O PACOTE INTEIRO?

Há coisas que são feitas sob medida para cada um, assim como óculos ou um terno. Não adianta a pessoa gostar dos óculos do amigo e querer usar; não vai servir, pois o grau será diferente, não dá pra ficar só com a armação. Temos que saber que atrás das coisas boas que o outro possui, há os problemas que ele também carrega.

Hashem nos proporciona uma vida para que fiquemos satisfeitos com o que temos. Na vida real, a ideia de escolher só uma parte que gostaríamos de pegar não existe. Se analisarmos o pacote inteiro do outro, vamos concluir que o nosso próprio é o melhor para nós.

ABRINDO A PORTA

Contam que um dos rebes da *chassidut* de *Gur*, chamado Pnei Menachem foi convidado para falar numa inauguração em Israel. No caminho, ele contou ao aluno as palavras que iria dizer, mas na hora da inauguração, antes de começar a falar, ele começou a remexer os bolsos em busca de alguma coisa. O aluno perguntou: "o que o senhor está procurando, Rav?". O Rav respondeu que estava procurando o papel onde estava escrito o seu discurso, pois já estava na hora de falar. O aluno disse: "Rav, fala algumas palavras de qualquer assunto, pois só a sua presença já é uma honra para todos..."

O Rav falou pouco e quando terminou o aluno perguntou: "Mas, Rav, no caminho o senhor me disse tudo o que iria falar de cor! O que aconteceu e por que na hora o senhor ficou agitado, procurando um papel? O senhor poderia ter falado tudo o que o senhor me disse no carro, o que aconteceu?". Ele respondeu: "eu sabia tudo que eu tinha para falar, tinha praticado, mas logo antes de mim estava falando alguém que estava muito assustado por ter de falar diante de tantas pessoas e não se saiu muito bem. O que aconteceria se, logo em seguida, eu fizesse um discurso maravilhoso?". Todos diriam: "Ah, o Rav é Rav e o resto é resto. Não sei se poderia fazer isto à custa dos outros..."

Daqui devemos aprender não só a cuidar da inveja que temos dos outros, mas também da inveja que podemos provocar nas outras pessoas. Cada um sabe para quem pode ou não contar as suas vitórias. E agora talvez possamos entender o versículo mencionado no início deste capítulo quando Yaacov disse: eu tenho tudo. Isto só poderia ter vindo de Yaacov, pois ele não invejava nada de ninguém, nem de Essav.

É um engano pensar que quem tem muitas posses não sente inveja. Sempre haverá alguém mais rico ou mais bem-sucedido. Se a pessoa for se basear no que os outros têm, ela será sempre infeliz. A felicidade é um estado mental. Que com a ajuda Hashem, possamos apreciar tudo que possuímos e ter o controle para abrir nossa própria porta.

MITSVOT

QUEM AMA ADVERTE!

“Falar mal dos outros
demonstra baixa autoestima”

TUDO OU NADA

Certa vez, o grande sábio Rav Ovadia Yossef, contou a seguinte história: ele sonhara que estava no Muro das Lamentações e Hashem disse que a redenção e o *Mashiach* precisavam chegar. No sonho, então, Rav Ovadia perguntou: "o que devemos fazer?". Hashem respondeu: "Apesar de ele precisar chegar, ele não vai chegar". O Rav perguntou: "por que não?". A resposta de Hashem foi: "como é possível que *Mashiach* chegue num momento em que dentro de um país judaico, dentro de Israel, existam mais de um milhão de judeus que não sabem falar '*Shemá Israel Hashem Elokênu Hashem Echad?*".

Que triste ouvir isso! Mas, ao mesmo tempo, a resposta de Hashem pode ser motivo de alegria, pois vemos que existem cada vez mais judeus no território de Israel. Além disso, quantos *baalê teshuvá*, quantas escolas, quantas *yeshivot* não existem graças à sede de aprender Torá?

Nossos sábios contam no Talmud (tratado de *Sahedrin*) que o *Mashiach* só vai chegar numa época que a geração for *culô zacai*, ou *culô chaiav* (totalmente meritória, ou totalmente o oposto). Como pode ser que haverá uma geração que será meritória e ao mesmo tempo não merecedora?

Vivemos numa época em que parece haver uma parte muito clara ao lado de uma parte muito escura. Temos dentro de Israel mais de um milhão de pessoas que não sabem o *Shemá*, mas, ao mesmo tempo, temos centenas de *yeshivot*, escolas e alunos querendo estudar e se aproximar mais do mundo da Torá. Portanto, a nossa geração tem ao mesmo tempo aspectos de *culô zacai* e de *culô chaiav*. Assim, podemos ver que esta é a época que se chamou de "fim dos dias". Como num jogo de futebol, se o time está perdendo e faltam dez minutos para acabar a partida, a tática será a do "tudo ou nada". Como o time já está perdendo, é melhor arriscar e tentar marcar um gol, ainda que com isso eles mesmos possam sofrer mais um gol.

Vivemos justamente numa época com esta característica. Os sábios contam que neste momento é vital gostar da Torá e estudá-la para poder cumprir *mitsvot* e tentar entender o que Hashem quer de nós.

DOCE?

O Rav Chaim Ben Attar no seu comentário sobre a Torá "*Or Hachaim*" diz que se as pessoas soubessem o quanto a Torá é doce, elas nunca iriam conseguir se desconectar dela.

Um aluno queria muito conversar com um grande sábio da nossa geração, o Rav Aharon Yehuda Leib Steinman *shlita*, para lhe fazer uma pergunta. Esse aluno pediu para o seu rabino que o levasse até ele. O rabino concordou, e o aluno pediu mais uma coisa do seu professor: "quero fazer um acordo com você. Eu só vou fazer minha pergunta para o Rav Steinman se você não me interromper. O rabino concordou com o pedido e as condições do aluno."

Alguns dias se passaram e eles conseguiram a tão querida audiência. O aluno perguntou para o Rav Steinman, na frente do seu rabino: "O senhor gosta de bife?". Ao ouvir a pergunta, o rabino daquele aluno não sabia onde se esconder. Mesmo assim, o Rav Steinman perguntou: "por que a pergunta?" O aluno respondeu: "Já lhe digo. Posso lhe trazer um pedaço de bife?". O Rav Steinman ficou em silêncio. O aluno entendeu que não devia trazer a carne, então disse: "Certo, carne não. Mas, e sorvete? O senhor gosta de sundae, de banana split, ou de algo assim?". Neste momento, o rabino do aluno já estava muito constrangido, e tentou fazer com que o aluno parasse com aquelas perguntas, no entanto, o menino lembrou ao seu rabino do trato que eles tinham feito.

O Rav Steinman então disse: "não entendo suas perguntas, mas eu nunca comi banana split. O que você deseja saber?". O menino respondeu: "pois é, rabino, aí é que está. Eu estou há dez anos na *yeshivá* e eu sei quão bom é um bife, uma banana split, etc. Mas quando se trata de Torá eu não me encontro; eu não gosto de estudar Torá." O Rav Steinman perguntou ao menino: "Qual é a comida mais doce do mundo?". O menino diz: "mel". Então, o Rav diz: "Mel eu conheço. Diga-me, é possível que exista algum ser humano no mundo que diga que o mel não é doce? É possível que alguém diga que o mel é amargo?".

O aluno respondeu: "Impossível, rabino! Se alguém disser que o mel é amargo, é porque essa pessoa está com um problema de paladar". O Rav Steinman, então, concluiu: "Exatamente! Com a Torá é a mesma coisa: ela é a coisa mais doce que existe no mundo. Se a pessoa não consegue achar a Torá doce, o problema está na boca de quem estuda. Se a pessoa fala *lashon hará* ou palavras impróprias, ela não consegue sentir o gosto doce da Torá, pois seu paladar está danificado".

SEM FERRAMENTAS BOAS NÃO FUNCIONA

O Chafêts Chaim conta uma parábola: havia um judeu que precisava de uma cirurgia que só podia ser feita por um médico especialista muito bom, porém muito caro. O problema é que essa pessoa não tinha acesso a este médico. Um dia, por coincidência, o médico tirou férias e ficou hospedado justamente na cidade deste homem que precisava dele. O paciente então resolveu arriscar e pedir ao médico a cirurgia.

O médico disse ao homem: "Está bem, vejo que você está numa situação precária e para salvar a sua vida vou doar um dia das minhas férias para você. Mas, tem um problema, estou sem meus instrumentos aqui comigo, mas posso dar um jeitinho usando uns instrumentos emprestados. O único problema é que eles estão enferrujados...".

O Chafêts Chaim concluiu que esta cirurgia seria muito ruim... Podemos ter um excelente médico, o melhor do mundo, mas com instrumentos enferrujados e de baixa qualidade, o resultado será ruim. O mesmo acontece com a nossa boca. Se ela é utilizada para fazer *tefilá*, encorajar os outros a fazer *mitsvot* e estudar, podemos sentir o gosto doce da Torá, mas se usarmos para falar *lashon hará* e palavras indevidas, nosso paladar ficará comprometido e não sentiremos a doçura da Torá.

Nós, judeus, temos uma conexão direta com Hashem, e isso é uma grande virtude. Mas quando temos a boca de baixa qualidade, quando falamos *lashon hará*, é como um excelente médico com péssimos instrumentos.

O QUE É *LASHON HARÁ* (MALEDICÊNCIA)?

Existe uma *mitsvá* da Torá de diariamente se lembrar do que aconteceu com Miriam.

Miriam, irmã de Moshê, disse para o irmão Aharon: "eu sou profetisa e você também. Nós dois somos mais velhos do que Moshê e já recebemos a profecia de Hashem várias vezes, sem ter precisado nos separar do nosso cônjuge para isso. Por que Moshê teve que se distanciar da esposa, Tsipora, e morar em outro local, para poder falar com Hashem?".

Qual foi o erro de Miriam que devemos lembrar diariamente? Que ela se comparou a Moshê. Ela pensou: se nós (Miriam e Aharon) não precisamos nos separar de nossos cônjuges por que ele (Moshê) precisa? Ela não sabia que Moshê era diferente e mais elevado do que eles, e falava com Hashem 24 horas por dia. Miriam e Aharon recebiam profecias somente quando estavam dormindo.

Em termos modernos, é como alguém que pensa o seguinte: "se eu preciso gastar x para comprar um carro, por que o meu vizinho precisou gastar y?", ou ainda, "se eu precisei gastar certa soma para o *bar mitsvá* de todos os meus filhos, por que ele gastou o mesmo no *bar mitsvá* de um só filho dele?". Foram comentários deste tipo que fizeram Hashem ficar chateado com Miriam e ordenar que ela saísse do acampamento.

Se analisarmos mais profundamente o caso, vemos algo muito interessante! Quem fez Moshê Rabênu nascer? No Egito, todo mundo era escravizado, a situação era muito ruim e havia um decreto do Faraó que mandava matar todo bebê judeu que nascesse. O pai de Miriam, portanto, concluiu: "para que eu vou ter filhos? Eu prefiro me afastar da minha esposa e não ter filhos". Mas, Miriam convenceu o pai, Amram, a tentar ter um filho dizendo: "Pai, você é pior do que Faraó, pois ele decretou que os meninos devem ser mortos, mas as meninas que nascerem podem ser salvas. No entanto, você, com a decisão de se afastar da mamãe, está decretando que nem meninos e nem meninas podem nascer".

Ao ouvir isso, Amram se convenceu, casou-se novamente com Yochêved e nasceu Moshê Rabênu. Isto quer dizer que se não fosse pelo conselho de Miriam, talvez Moshê Rabênu nem nascesse. Além disso, aconteceu um mila-

gre. Quando Moshê nasceu, ele foi posto num cestinho e jogado no Nilo, para morrer como as outras crianças, mas alguém viu o cesto e estendeu a mão para pegar. Como bebê, ele não queria comer nada e a mesma Miriam disse: "Olha, eu tenho uma moça para amamentar este menininho". A moça era a própria mãe de Moshê, Yochêved.

Vemos que Miriam foi a responsável por Moshê Rabênu nascer e foi quem o ajudou a se alimentar, para que ele não morresse de fome. Mas, mesmo assim, quando ela disse uma frase fora do contexto, Hashem deu "cartão vermelho" para ela. Daqui vemos o quão grave é *lashon hará*.

O Talmud conta que havia um poço de água que acompanhou o povo no deserto por quarenta anos, e que ele só estava lá pelo mérito de Miriam. Mas, por uma palavra fora de hora Hashem diz para Miriam ir embora. Por quê? Porque *lashon hara* é tão grave que mesmo que você seja a fonte da água de um povo inteiro, isso não o isenta da responsabilidade de ter falado *lashon hará*.

Uma vez vi uma frase muito inteligente: o nosso maior problema não é a relação dos judeus com os árabes, com os palestinos, ou com outros governos. O nosso maior problema é que os judeus não conseguem se entender com outros judeus. Foi exatamente isso que ocorreu com Miriam, quando ela perguntou "por que ele e não eu?". Por que é tão grave falar *lashon hará*? Por que outras transgressões não são tão graves? Por que esta transgressão fez com que Miriam ficasse sozinha e abandonada no deserto?

Nós que somos pais talvez possamos entender isso melhor. Imagine que alguém fala mal de um dos nossos filhos e nós escutamos. Como nos sentimos? Saímos do sério! O caso que estamos analisando é o mesmo problema. Cada judeu, independentemente de onde ele esteja, é filho de Hashem. No momento que a pessoa fala mal de outro judeu, seja qual for a razão, isto é *lashon hará,* e o pai da criança, que é Hashem, vai ficar chateado. É uma consequência natural. O pai vai ficar bravo independentemente se a pessoa cumpre *mitsvot* ou não.

Temos que lembrar que as pessoas pensam diferente de nós e têm este direito. Elas podem gastar, economizar, decorar a casa e educar os filhos de maneira diferente da nossa. Quem disse que só nós somos certos? No mundo existe lugar para muitas pessoas corretas.

FALTA ASSUNTO?

Certa vez, eu estava num evento e a conversa na mesa era a seguinte: "sabe quem passou aqui atrás?". Fulano... Você não sabe a foto que colocaram dele no Facebook!"

Esse tipo de comentário não deve ser o papo entre as pessoas, mesmo que não haja o que fazer, que esteja entediado, que a comida esteja demorando, não fale das pessoas, fale de outras coisas. Isso é um hábito, e o trabalho para tentar se acostumar a não falar de outras pessoas é árduo.

O Chafêts Chaim conta que *lashon hará* pode ser falada ou escrita. Por exemplo, se alguém manda uma carta para o amigo falando mal de alguém, isto é *lashon hará*. Hoje, podemos entender isso muito melhor.

Vi uma pesquisa que diz que o número de usuários do Facebook no mundo caiu 2%. Uma das conclusões da pesquisa foi que a queda foi causada pelo tempo que a pessoa perde no site, e pela quantidade de fofoca que tem lá. Curiosamente, no Brasil, o número de usuários do Facebook subiu 208%! Neste momento, pensei imediatamente no Chafêts Chaim. *Lashon hará* no século 21 também pode ser através do Facebook , whatsapp, e-mail e outras redes sociais. É possível espalhar uma palavra pelo mundo em segundos e nunca mais conseguir recuperá-la!

QUEM DISSE?

Outro dia, uma pessoa me perguntou: "você sabe o que aconteceu no mundo dos investimentos?". Eu respondi: "não, o que aconteceu?". Ele disse: "o negócio não deu certo e os investidores perderam o dinheiro". Perguntei: "e as pessoas obviamente saíram prejudicadas, certo?". Ele disse: "Graças a D'us, as pessoas que eu conheço não foram prejudicadas. Falaram que o responsável pelos investimentos foi desonesto, mas eu acho que elas que têm de ter vergonha na cara". Perguntei: "por quê?". Ele disse: "sei que as pessoas que estavam envolvidas lidaram com a situação de uma forma 100% honesta e devolveram o valor total do investimento a cada um dos investidores pelos quais eles eram responsáveis!" Perguntei: "Mas, então, como estão falando mal destas pessoas?". Ele me disse: "as pessoas que estão falando não tem assunto, por isso procuram sobre o que falar, mas elas não têm nenhuma base de verdade".

O grande problema, às vezes, é falta do que fazer. Por que em vez disso não usar o tempo para algo útil? Estudar Torá, fazer algum esporte, estudar gastronomia, dormir...

MUITO BARULHO POR NADA

O *cohen gadol*, o sumo sacerdote, usava oito roupas que eram seus aventais. O *cohen* regular, não *gadol*, usava quatro roupas. O Talmud (*Zevachim* 88b) ensina que cada roupa correspondia ao perdão para algum tipo de transgressão. Uma dessas roupas era uma túnica que tinha uns sininhos embaixo. O Talmud ensina que essa roupa era o perdão para a *lashon hará*. Por que essa roupa ajuda a expiar esse pecado? Já que a túnica tem sininhos e faz barulhos, espera-se que este barulho sirva para expiar o barulho causado pelo *lashon hará*.

Uma vez, meu *rosh yeshivá* Rav Yochanan Zweig ensinou algo magnífico. Ele perguntou: "Por que o Talmud disse que *lashon hará* é barulhento, se quando alguém quer falar mal do outro ele faz isso cochichando?". O Rav disse que o Talmud não está dizendo que *lashon hará* é barulhento, mas está explicando por que alguém fala *lashon hará*. Os sininhos não fazem alusão ao barulho do *lashon hará*, mas sim à pessoa que comete esse pecado, pois é ela quem quer ser barulhenta. Ela quer aparecer! Um dos jeitos mais fáceis de aparecer é causar barulho. A pessoa fala mal de todos os outros e só sobra ela. Ela se destaca. O sininho da roupa do *cohen gadol* vem expiar essa transgressão.

O Rav Shlomo Wolbe, de abençoada memória, ensina que é um trabalho íntimo das *midot* saber escutar alguma coisa e não fazer nenhum comentário, ficar quieto. Temos que aprender que não é sempre que precisamos comentar o que ouvimos. Muita gente sente necessidade de comentar algum assunto para aparecer e, muitas vezes, isso é feito com *lashon hará*.

REMÉDIO

Qual o remédio para a pessoa não falar *lashon hará*? Melhorar a autoestima. **Uma pessoa que cumpre *mitsvot*, que produz e que está em crescimento espiritual não tem tempo para falar mal dos outros**. Quem fala mal dos outros dá um sinal de que possui baixa autoestima. Por exemplo: eu acho que não estou trabalhando bem, então eu falo que o outro trabalha mal. Eu acho que

não estou cuidando bem da minha esposa, então falo sobre o outro e sua mulher. "Quando eu estou mal, preciso atacar os outros". Baixa autoestima gera *lashon hará*.

O Talmud ensina que ninguém peca sem ter prazer, mas eu nunca entendi como esse conceito se aplica ao *lashon hará.* Qual é o prazer que a pessoa tem ao falar mal dos outros? Eu nunca entendi, mas hoje eu acho que encontrei a resposta: ela sente talvez o maior prazer do mundo, pois se sente elevada enquanto rebaixa todos os outros. Esse é o prazer!

NÃO SABEMOS DE TUDO

Certa vez, uma pessoa foi dar uma palestra e tinha um participante com a cara fechada, parecendo um muro de pedra. O orador, uma pessoa de muito bom tato, se aproximou e disse: "Talvez você tenha sido forçado a vir para cá, veio sem querer, ou talvez alguma coisa aconteceu e você está triste. Sinto muito por você ter vindo escutar a palestra". A pessoa, então, responde para o orador: "Muito pelo contrário, eu adoro vir às suas palestras! Eu gosto tanto que mesmo estando com uma febre bem alta, fiz o esforço vir escutá-lo".

Vejam que coisa! O orador pensou que ele tinha na sua frente uma pessoa com cara de triste, mas a verdade era outra... O participante gostava tanto das suas palestras que mesmo com muita febre foi lá prestigiá-lo.

QUEM ESTÁ COM A VERDADE?

Um dia aconteceu algo assim comigo. Eu estava no Panamá e voltei de lá sozinho. Já entrando no avião, passei por aquele detector de metal e o funcionário perguntou o que eu levava na mão. Eu disse que era uma sacolinha com os meus *tefilin*, explicando que era um artigo religioso judaico. Perguntei se ele queria abrir a sacola e ele disse que não precisava, mas perguntou se eu tinha mais alguma coisa, qualquer coisa que pudesse representar perigo. Obviamente, respondi que não. Ele pediu então que eu passasse de novo pelo detector. Eu passei e ele continuou desconfiado. Falei para ele que não tinha nada de metal comigo, que ele podia verificar tudo! O funcionário perguntou: "o senhor tem certeza?". Respondi que sim, que tinha certeza. Então, o funcionário disse: "nesse caso vou pedir que você abra a sacola do seu artigo religioso".

Abri a sacola e dentro tinha um alicate! Por quê? Porque muitas vezes os alunos na *yeshivá* me pedem para ajustar seus *tefilin* e às vezes eu uso o alicate para isso. Esqueci que ele estava na sacola! Os guardas em volta de mim me perguntaram como eu explicava o alicate. Eu disse que realmente não conseguia explicar. O policial pegou o alicate, jogou num cesto de coisas perigosas e disse que eu podia ir.

A pergunta aqui é: quem estava certo? Ele ou eu? Certamente, ele! Nem sempre a gente sabe tudo. Se alguém tivesse vendo a cena de fora, ia dizer o quê? "Lá vai o barbudo contrabandista!" Então, se alguém pensasse isso, estaria com toda razão, mas, ao mesmo tempo, estaria errado, pois eu não lembrava que estava com o alicate e nem planejava usá-lo para nada perigoso.

NA PRÁTICA

Na prática, o que é *lashon hará*? Vejamos algumas definições tiradas diretamente da Torá, que possui um código de leis que nos diz o que podemos ou não falar. Por exemplo, se eu souber que fulano é inimigo de sicrano, não posso falar de sicrano para fulano, mesmo que seja bem ou que seja para elogiar, pois isso gera *lashon hará*.

Vimos que o prazer de quem faz *lashon hará* é crescer falando mal dos outros, então existem dois aspectos: o primeiro é o de se comparar aos outros, e é grave. O segundo ponto é o barulho do *lashon hará*, o fato de a pessoa querer aparecer.

Com base no *Talmud,* o Chafêts Chaim compilou centenas de leis sobre isso no livro *Shemirat Halashon.* Uma das leis diz que os fatos, mesmo que verdadeiros, se falados de forma difamatória são proibidos. Portanto, mesmo que eu conte algo verdadeiro que ocorreu, se minha intenção com isso é diminuir a pessoa, isto é proibido. Mesmo que o propósito seja fazer uma piada, tentar alegrar os outros (que é uma *mitsvá*), é proibido. Mesmo se a vítima estiver presente.

Algumas pessoas perguntam: posso falar mal de alguém sem falar o nome dela? O Chafêts Chaim diz que pode, mas só se ninguém nunca souber quem é a pessoa. Se alguém não cita o nome, mas diz coisas como "ele sempre usa camisa de tal cor, usa tal óculos, etc", os outros já conseguem adivinhar quem é. Portanto, apesar de não ter dito o nome, é proibido.

O Chafêts Chaim também diz que falar sobre as *midot* e as características pessoais de alguém é proibido e é *lashon hará*. Revelar os segredos dos outros também não é permitido.

EDUCAÇÃO ACIMA DE TUDO

O Chafêts Chaim fala que apesar de não podermos falar mal das *midot* dos outros, existe uma ressalva. Para os filhos e para os alunos isso não é proibido, é correto. Nesses casos, como a intenção é advertir o filho ou o aluno para dizer que ele não deve ficar perto de fulano, por ser uma má pessoa, é permitido e não é considerado *lashon hará*. Nesses casos devemos explicar ao filho por que estamos agindo assim, avisar que se trata de um alerta, e dizer: "A pessoa não é uma boa companhia para você".

Para ser mais exato, o Chafêts Chaim diz que neste caso temos outra exceção grandiosa. Mesmo que o pai não tenha visto aquele outro menino fazendo nada de errado, mesmo que tudo que tenha ouvido sejam só rumores e boatos, ainda assim, é permitido falar disso para o filho, esposa, marido, etc. Você pode dizer: "eu não quero que você saia com tal pessoa". Mais do que isso, impressionantemente, o Chafêts Chaim diz que se a pessoa acha que falar isso não causará o efeito desejado no filho, ela pode até exagerar um pouquinho, aumentar a história, para proteger a família. A única ressalva é que isso não pode ser feito por raiva, mas se for para educar, é permitido.

Ao vermos que um sábio como o Chafêts Chaim, que é tão severo com as leis de *lashon hará,* permite isso, aprendemos o quão importante é cuidar dos nossos filhos e alunos, saber com quem eles andam, quem são seus amigos, etc. Precisamos vigiar nossos filhos. É preciso sempre analisar bem, gastando dinheiro se necessário, pois nossos filhos valem milhões e às vezes, se um sair do trilho, ele pode nunca mais voltar...

Devemos ter muito cuidado com ambientes como academia, faculdade, movimentos juvenis. O perigo não está só nos bares. É preciso saber aonde nossos filhos vão no sábado à noite, mesmo que com isso pareçamos "caretas". É melhor ser careta do que liberal e ter o filho solto por aí.

Muitas vezes, eu converso com jovens e eles me contam coisas que me deixam de cabelo em pé. Quando pergunto se o pai sabe, a resposta é: "meu pai?

Ele só me pergunta a que horas eu vou sair, aonde vou, a que horas vou voltar e pronto. Ele nem tem ideia do que eu faço".

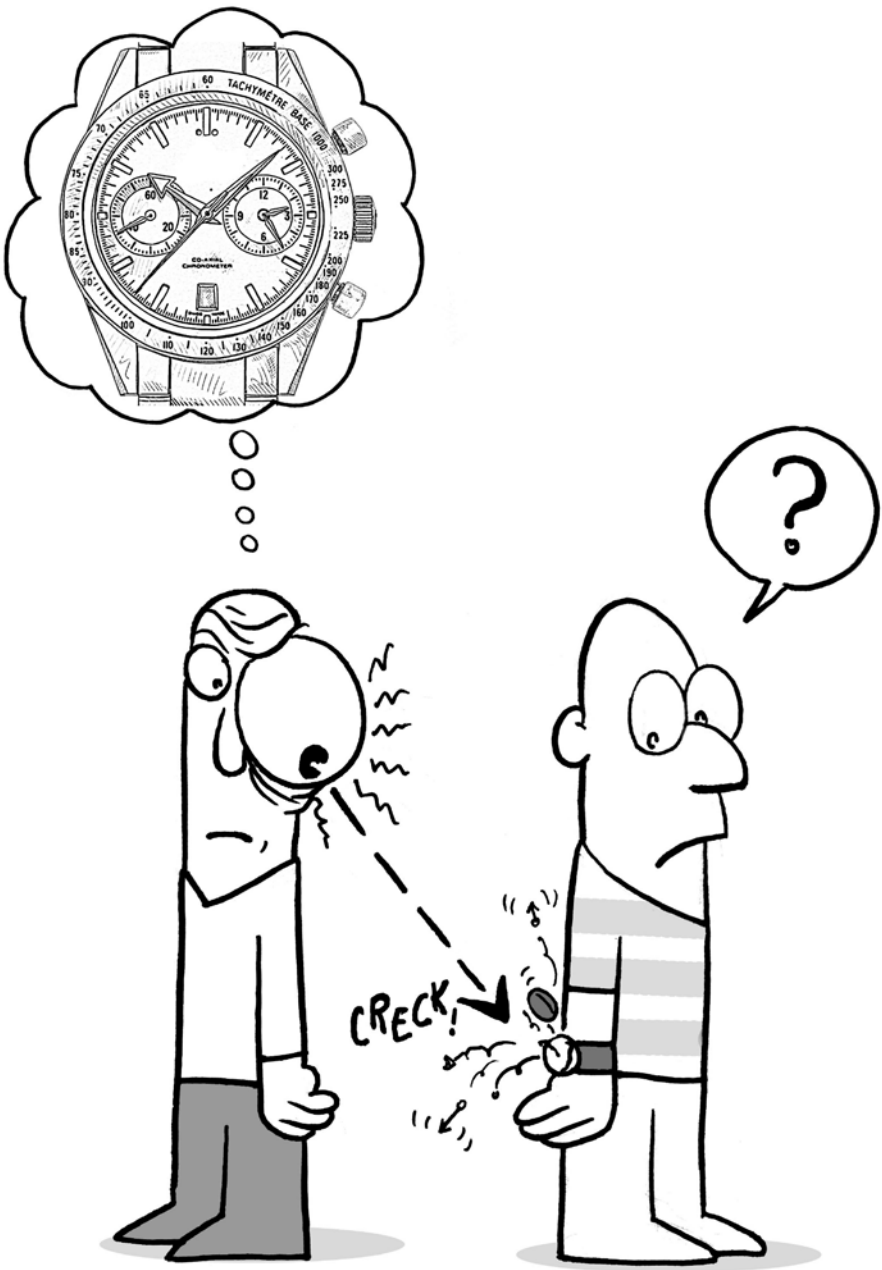
É dever dos pais observar de uma forma delicada e sábia quem são as companhias dos filhos e pensar em como protegê-los, pois hoje as influências da rua podem ser muito perigosas.

SHEMIRAT LASHON PAR EXCELLENCE

Todos conhecem a história de quando Yossef foi vendido e depois de vinte anos encontra seu pai, Yaacov. Existe uma pergunta interessante: será que Yaakov descobriu que seus filhos haviam vendido Yossef e tramado matá-lo, e depois "por sorte", Yossef foi parar no Egito e se transformou num oficial muito importante?

O Rabênu Bechaiê, na porção *Vaigásh*, diz que desde que Yaacov se encontrou com Yossef, depois de ele já ser vice-rei do Egito, Yossef fez questão de nunca ficar a sós com seu pai para que ele não pudesse jamais perguntar: "como você chegou aqui?", pois Yossef temia fazer *lashon hará*.

Mau-olhado existe, mas como funciona?



“O que você não vê com os olhos, não diga com a boca”

(provérbio iídiche)

MAU-OLHADO

Um tema que é motivo de curiosidade tanto por parte dos judeus como dos não judeus e que trataremos sob o enfoque da nossa Torá, é *ain hará* (mau-olhado).

A VIDA DE YOSSEF

Yossef é citado muitas vezes no Sefer Bereshit do capítulo 37 ao 50. Ele aparece mais do que Noach, Avraham e Yaacov *Avinu*! Somente Moshê supera o número de citações de Yossef.

A história de Yossef começou a ser contada desde o seu nascimento. Quando seu irmão Biniamin nasceu, sua mãe, Rachel, faleceu e ele ficou órfão. Yossef teve um sonho no qual os irmãos se ajoelhariam perante ele. Os irmãos ficaram incomodados e decidiram vendê-lo como escravo aos 17 anos. Yossef morou por 22 anos no Egito e chegou a ser a segunda autoridade mais importante. Durante esse período, ele não teve nenhum contato com seu pai ou seus irmãos.

A Torá nos conta que na época da fome, Yaacov disse aos seus filhos que se dirigissem ao Egito para comprar comida do chefe do Egito, que era justamente ele, já então com 40 anos. Os irmãos foram e voltaram algumas vezes e Yossef viu como eles estavam sofrendo. Em uma das vindas dos irmãos, ele ordenou que todos os seguranças saíssem da sala, e quando os seus irmãos estavam à sua frente, começou a chorar muito, por ver que eles tinham que pedir comida a um estranho. Yossef, então, decidiu revelar-se. Seu choro era tão alto que as pessoas que circundavam o palácio conseguiam ouví-lo. Isto nos é contado na porção *Vaigash*.

A REVELAÇÃO DE YOSSEF

As palavras que Yossef disse aos seus irmãos ao se revelar foram: ***Ani Yossef****! Haod avi chai?* (Eu sou Yossef! Meu pai ainda está vivo?).

Os irmãos ficaram surpresos e calados ao verem que seu irmão, Yossef, era quem fornecia comida e os estava salvando. O mesmo Yossef que eles quiseram eliminar anos antes. No versículo seguinte, ainda na porção *Vaigash*, Yossef diz: ***Ani Yossef*** *achichem* - eu sou *Yossef o irmão de vocês -, asher mecartem oti mitsraima* - que vocês venderam para o Egito.

Podemos observar que nos dois versículos ele usou a mesma expressão "*ani Yossef*". Por que ele repetiu isto? Uma das explicações seria que agora Yossef estaria se vingando dos irmãos, como se estivesse dizendo: "lembram de mim?". Mas essa explicação não é correta, pois os comentaristas nos contam que em nenhum momento Yossef teve raiva e quis se vingar dos seus irmãos. Por que a Torá, que é tão minuciosa e detalhista nas palavras, menciona a repetição das palavras: "Eu sou Yossef o irmão de vocês que me venderam para o Egito?"

A INTERPRETAÇÃO DO ZOHAR

A resposta é que seus irmãos ficaram em silêncio não pelo sentimento de culpa de terem vendido Yossef, mas sim porque, como se diz, o mundo dá voltas e agora justamente eles precisavam deste irmão que eles descartaram.

O sagrado Zohar nos mostra que é muito mais do que isso. Quando Yossef se revelou para os irmãos e disse "eu sou Yossef", os irmãos viram uma luz, uma santidade emanando do rosto de Yossef que os deixou boquiabertos. Eles se perguntaram como isto era possível já que ele não tinha recebido nenhuma educação judaica nesses mais de 22 anos! Como ele conseguia manter este nível de santidade?

O pensamento dos irmãos foi que se Yossef, que se manteve longe tanto tempo, chegou a um nível tão elevado justamente no Egito que era chamado de Ervat Haaretz, o pior lugar do mundo com relação aos pecados relacionados à sexualidade, o que seria dele se tivesse ficado estudando com o seu pai, Yaacov? Se ele não tivesse ficado longe e sim estudado com o seu pai, a san-

tidade que ele possuía seria muito mais elevada. Os irmãos ficaram preocupados ao perceberem o crime que tinham cometido e ao verem que o irmão agora era Yossef *hatsadik*, o justo.

Na sua estadia no Egito, Yossef passou um ano como escravo, doze anos como prisioneiro sendo vendido de um lugar para outro e depois nove anos como político. Será que se ele tivesse ficado perto de Yaacov ele poderia ter se tornado o quarto Patriarca? Se analisarmos mais detalhadamente, os irmãos de Yossef formavam as tribos, mas só de Yossef se originaram duas tribos.

O Zohar nos conta uma linda passagem: quando Yossef disse para os irmãos se aproximarem dele, ele usou as seguintes palavras: "Eu sou Yossef, o irmão de vocês que me venderam para o Egito". Explica o Zohar que Yossef quis dizer que ele se tornou Yossef e que ocupava o alto cargo que ocupava, somente pelo fato de os irmãos terem vendido ele ao Egito. Yossef sabia que a santidade dele causava nos irmãos um sentimento de culpa muito grande, por isso explicou a eles que logicamente não queria ter sido vendido, mas que somente chegou aonde chegou e possuía aquela santidade pelo fato de ter sido vendido.

A EXPLICAÇÃO DO RAV DE GUR

O Rav de Gur, o segundo Rav da sua dinastia, conhecido como Sfat Emet, explica as palavras de Yossef: *Ani Yossef achichem, **asher** mechartem oti Mitsraima*. Eu sou Yossef **que** vocês venderam para o Egito. Ele diz que a palavra *asher*, que em português traduzimos como "que", aparece no último verso do Sêfer Torá, nas palavras *ulecol haiad hachazaca ulecol hamora hagadol*, se referindo aos feitos de Moshê Rabênu durante sua liderança, ***Asher** Assa Moshe Leêne Kol Israel,* que ele fez na frente do povo judeu.

Rashi explica que a palavra *asher* se refere à quebra das Tábuas. Hashem disse para Moshê, segundo nos conta Rashi, que este *asher* é *iashar cochacha,* "parabéns" que ele tinha quebrado as Tábuas.

Quando Yossef disse para os irmãos a palavra *asher*, o Rabi de Gur diz que é o mesmo *asher* de Moshê, o que nos ensina que Yossef entendeu que o que os irmãos fizeram foi um prêmio para ele. Yossef repetiu *ani Yossef* mesmo

depois de ter se revelado, pois ele entendeu que a razão de ter se tornado poderoso foi o fato de Hashem ter lhe dado todos estes testes no decorrer destes 22 anos desde sua venda aos 17 anos de idade.

Além da grande *midá* de Yossef de não ter se vingado dos irmãos ter sido muito importante, o fato de ele ter entendido que o sofrimento gerou um crescimento foi um fato admirável!

EMUNÁ

Em toda a nossa história, a *emuná*, a fé em Hashem, é o que fez Yossef entender que tudo que aconteceu na sua vida foi Sua vontade.

Esta situação é comum em nossa vida, quando dizemos: se eu tivesse trabalhado, se eu tivesse comprado aquele apartamento, aquela ação, teria sido melhor. Para quem tem fé em Hashem, essas hipóteses nem devem ser formuladas.

Assim que Yossef entendeu que não existe o "se", ele compreendeu que isso não deve ser dito. Temos que saber que, às vezes, nos encontramos em determinadas situações porque Hashem assim quis.

O que fazer com o que eu tenho em minhas mãos? Se você tiver um limão, faça uma limonada. Hashem deu para Yossef um teste difícil, em que ele sofreu durante 22 anos, mas isto não fez ele se tornar uma pessoa amarga. Pelo contrário, ele entendeu que recebeu a santidade que possuía graças ao que ele passou.

Isto nos faz entender por que estamos em determinado lugar, em determinada família, em determinada classe social. Porque Hashem quis assim! O que aprendemos com a história de Yossef é que temos que enxergar a vida com um pouco mais de otimismo. Quando dizemos ou pensamos "se fosse mais rico", "se fosse o gerente", etc., não estamos aceitando o que Hashem determinou para nós. É necessário fazer um trabalho de confiança em Hashem. Quanto mais próximos estamos de Hashem, mais longe de sermos afetados pelo mau-olhado nós estamos.

CADA UM É ESPECIAL

Ninguém é igual a ninguém neste mundo, nem mesmo um irmão gêmeo ao outro! Cada um é único, pois Hashem quer que cada um seja único. Podemos admirar qualidades em outra pessoa e talvez até nos comportarmos igual a ela, mas não devemos querer ser como ela, pois não existem duas pessoas iguais. Devemos procurar sempre melhorar, mas sem deixar de estarmos satisfeitos com quem somos.

O COSTUME DO *TISH*

Existe um costume entre os *chassidim*, que é fazer um *tish*, uma mesa onde o Rav come e também distribui comida para cada um. Depois, eles cantam e escutam um ensinamento da Torá.

O Rav de Belz, chamado Rav Aron Rokeach, logo depois da segunda guerra mundial, estava preocupado com o *tish*. Sua preocupação era quais palavras de Torá dizer a eles depois da guerra. Ele decidiu contar como somente 20% dos judeus saíram do Egito, e 80% ficaram lá. Aqueles que saíram do Egito, logo após a saída, cantaram *Shirat haiam*: *az iashir Moshê ubnê Israel*. O Rav de Belz ensinou que realmente é uma grande dor que 80% dos judeus tenham ficado no Egito, mas que, ao mesmo tempo, os 20% que saíram são motivo de alegria e que por isso eles fizeram um cântico para Hashem, que recitamos todos os dias.

Como conclusão, entendemos que as coisas às vezes não são perfeitas, e que se os 20% que saíram do Egito entoaram um cântico, os sobreviventes da segunda guerra mundial também poderiam fazê-lo, mesmo sabendo que a maioria não foi salva. Precisamos procurar o lado bom e ser mais otimistas.

RECLAMAR E RECLAMAÇÕES

Existem pessoas que estão acostumadas a reclamar. As reclamações não são pelo fato de a pessoa ter mais ou menos posses, pois todos nós já vimos pessoas que têm bastante e reclamam, sendo que existem pessoas que têm muito menos e não reclamam. Então, o reclamar depende da sintonia, pois se

reclamamos do que temos, questionando o porquê de Hashem ter nos dado determinado cônjuge, trabalho e assim por diante, estamos mostrando que somos pessoas sempre insatisfeitas.

Por exemplo, tem gente que está sempre olhando o quanto o filho do vizinho é educado, mas não foi isto que Hashem reservou pra ele. Temos que entender que a situação do outro não é a mesma para nós. A pessoa que tem fé em Hashem não só tem que estar feliz com o que Ele lhe proporcionou, mas também saber que aquilo foi feito especialmente para ela.

UM PENSAMENTO

O escritor Aldous Huxley escreveu: a experiência não é o que acontece com o homem, e sim o que o homem faz com o que lhe acontece...

AIN HARÁ E O PECADO DE ADAM

Em *Pirkê Avot* está escrito que uma das *midot* que a pessoa necessita adquirir e estudar é o *ain tová*, que traduzindo seria "bom olho", mas ultrapassa este conceito. Na verdade, é um olhar mais positivo, de estar satisfeito com a situação em todas as esferas da vida, inclusive a religiosa. Cada um de nós é uma mistura de componentes que Hashem nos proporcionou.

O contrário de *ain tová*, é o *ain hará*, o mau-olhado, pelo qual todo o mundo se interessa. Como temos a sagrada Torá, nos interessa o que ela tem a dizer sobre este assunto.

Um dos grandes sábios dos estudos profundos da Torá chamado Rama Mipano nos dá a sua explicação para o *ain hará*: Adam *Harishon,* depois de ter cometido o pecado, se separou de sua mulher por 130 anos. A razão disto foi que ele fez *teshuvá* todo este tempo para que Hashem o perdoasse.

POR QUE ACONTECEU ESTE PECADO?

Rama Mipano explica que a serpente, que era muito esperta, observava Adam e Hava e ficou com ciúmes, por isso ela colocou mau-olhado em Hava e desta maneira conseguiu incitar com que Adam e Hava pecassem. O pecado de Adam *Harishon* então teve algumas de suas raízes no mau-olhado.

E como está este conceito de mau-olhado nos nossos dias?

QUEM SAI DO MUNDO?

Há um Rav muito famoso que viveu há alguns séculos chamado Rav Haim Yossef David Azulay, mais conhecido como Chida, que diz o seguinte: o conceito de *ain hará* existe e está escrito inclusive em Pirkei Avot, no segundo capítulo da Ética dos Pais, na Mishna 11, onde se fala que as três coisas tiram um homem do mundo são: *ain hará*, *yetzer hará* e *sinat habriot.*

Ain hará – mau-olhado

Yetzer hará – mau instinto

Sinat habriot – sentimento de detestar as outras pessoas.

Quem sai do mundo, aquele que possui estes sentimentos ou o que sofre por parte deles? A vítima ou o causador?

Rav Ovadia ben Avraham de Bartenura, um dos comentaristas de Pirkei Avot, diz que é a vítima que sai do mundo, porém, Rabenu Yoná diz o contrário: a pessoa que gerou o *ain hará* é que sairá deste mundo. Ambas as explicações estão corretas, pois o *ain hará* prejudica tanto a vítima como o causador.

NA PRÁTICA

O *ain hará* aparece até no Shulchan Aruch e existem leis que estão baseadas nisso. Um exemplo é que não se pode chamar à Tora dois irmãos ou pai e filho um após o outro para não gerar mau-olhado.

AIN TOVÁ

Devemos lembrar que o contrário de *ain hará* é *ain tová*, que tem como definição ter um bom olhar e estar satisfeito com o marido, a esposa e os filhos.

Reclamar constantemente é o maior sintoma de que a pessoa não tem *ain tová*. Podemos querer crescer e melhorar, mas se na casa tem uma cobrança

extrema entre os familiares, isto é um sinal de que é preciso tentar aprimorar o *ain tová* e desfrutar mais do que nós temos de mais precioso, que é a nossa casa e a nossa família.

COMO FUNCIONA O *AIN HARÁ*?

Se existe mau-olhado, como ele funciona? Uma pessoa fica olhando para a outra e, assim, ela vai ser afetada? Mas, por que se ela não fez nada?

Rav Chaim Friedlander, da Yeshiva de Ponovitch, baseado no livro Michtav me Eliahu, explica que há duas razões para que o *ain hará* funcione:

1 – O homem foi criado à semelhança de Hashem. O homem é uma minúscula partícula Dele. O pensamento do ser humano, já que ele foi criado com uma faísca divina, é tão potente que ele se transforma em realidade. Se ficarmos observando algo em outra pessoa, mesmo que ela não tenha feito nada, o pensamento e a faísca de Hashem que todos nós temos se transforma em realidade.

2 – Se a vítima do *ain hará* atraiu o mau-olhado por estar esbanjando, o *ain hará* funciona. Esbanjar quer dizer não ser sensível com quem tem menos ou não tem o que o outro tem. Isso causa culpa e por isto a pessoa é afetada pelo mau-olhado.

O REMÉDIO PARA O MAU-OLHADO

Quanto mais Torá uma casa possuir, menos preocupação com mau-olhado existirá nela.

Será que quem não acredita nisto também pode ser afetado? Mesmo que ele não tenha feito nenhuma das ações descritas acima, o judeu tem tanta força no pensamento por ser uma faísca de Hashem, que o seu pensamento pode sim se concretizar com o mau-olhado. Porém, é verdade que quanto menos se acredita, menos se é afetado.

UM CASO CURIOSO

Existe uma enciclopédia chamada Enciclopédia Judaica, *Otzar Israel*. Lá tem um artigo de um jornal russo de 1881.

Cientistas não judeus deixaram um prisioneiro três dias sem comer, somente bebendo. Depois dos três dias sem comer, colocaram a sua frente um pedaço de pão, mas ele não conseguia alcançar, pois suas mãos estavam algemadas. Deixaram-no ficar olhando para o pão durante várias horas, até que o prisioneiro ficou doente por poder somente olhar o pão e não comê-lo.

O artigo do jornal russo diz que fizeram uma análise no pedaço de pão e viram que dentro dele, depois de o prisioneiro ter olhado durante muito tempo, havia uma substância venenosa que se alguém comesse morreria. Isso é a força do pensamento!

MUITOS ANOS ANTES DO JORNAL...

O Malbim, grande comentarista da Torá, comenta em Mishlê, *ukvar hezkiru che baal hein hara, hamabit beprussat pat nimtza bo mavet*. O *ain hará* de ficar olhando para um pedaço de pão vai fazer encontrar dentro dele a morte, o veneno. Este comentarista viveu muitos anos antes do artigo do jornal russo.

LEIS DO MAU-OLHADO

Não se pode apontar com o dedo e contar as pessoas para formar um grupo. O Kaf Hachaim nos diz que devemos contar mentalmente, sem apontar. Por exemplo, se a pessoa quiser saber quantas pessoas foram a uma festa, ela deve contar o número de cadeiras e não os convidados.

Como é feito o censo em Israel? O Rav Wozner, no seu livro Shevet Halevi, escreve que não há problema, pois no censo em Israel não são contados somente os judeus e sim todos os habitantes. A proibição de contar e apontar com o dedo é quando são somente judeus.

O SEGREDO PARA *AIN TOVÁ*

O segredo poderoso do *ain tová* "olho bom" é a pessoa ser otimista. No Shulchan Aruch está escrito que quando vemos uma pessoa fazer algo, precisamos sempre julgá-la para o bem.

Um exemplo mais prático: a pessoa chegou atrasada na sinagoga e os outros em volta pensam: "isto é hora de chegar?". Uma pessoa que tem "olho bom" não olhará para a situação desta maneira, e sim com mais complacência, pensando que talvez o elevador tenha quebrado, ou que tenha ocorrido um contratempo, o alarme não tenha tocado, etc. O mais importante de tudo é que ninguém está neste mundo para julgar o outro, mas se for fazer isto, que se use o "olho bom".

PROTEÇÃO CONTRA MAU-OLHADO

A *Guemará* diz no tratado de Berachot que Yossef é o símbolo de pessoa que não é afetada pelo mau-olhado. Por que justamente ele? Porque Yossef foi o maior exemplo de "olho bom" ao agradecer seus irmãos por sua venda ao Egito, pois foi graças a isto que ele se tornou Yossef *Hatsadik*.

Quando a pessoa está em uma situação difícil, ela não deve se sentir conformada, mas deve lembrar que aquilo é o melhor para ela. Numa situação de medo de ser afetado pelo mau-olhado, pode-se dizer: "eu sou descendente de Yossef, a quem o mau-olhado não afeta". Como isso funciona? Já que Yossef foi o símbolo de "olho bom", ele e seus descendentes são protegidos do contrário, o mau-olhado.

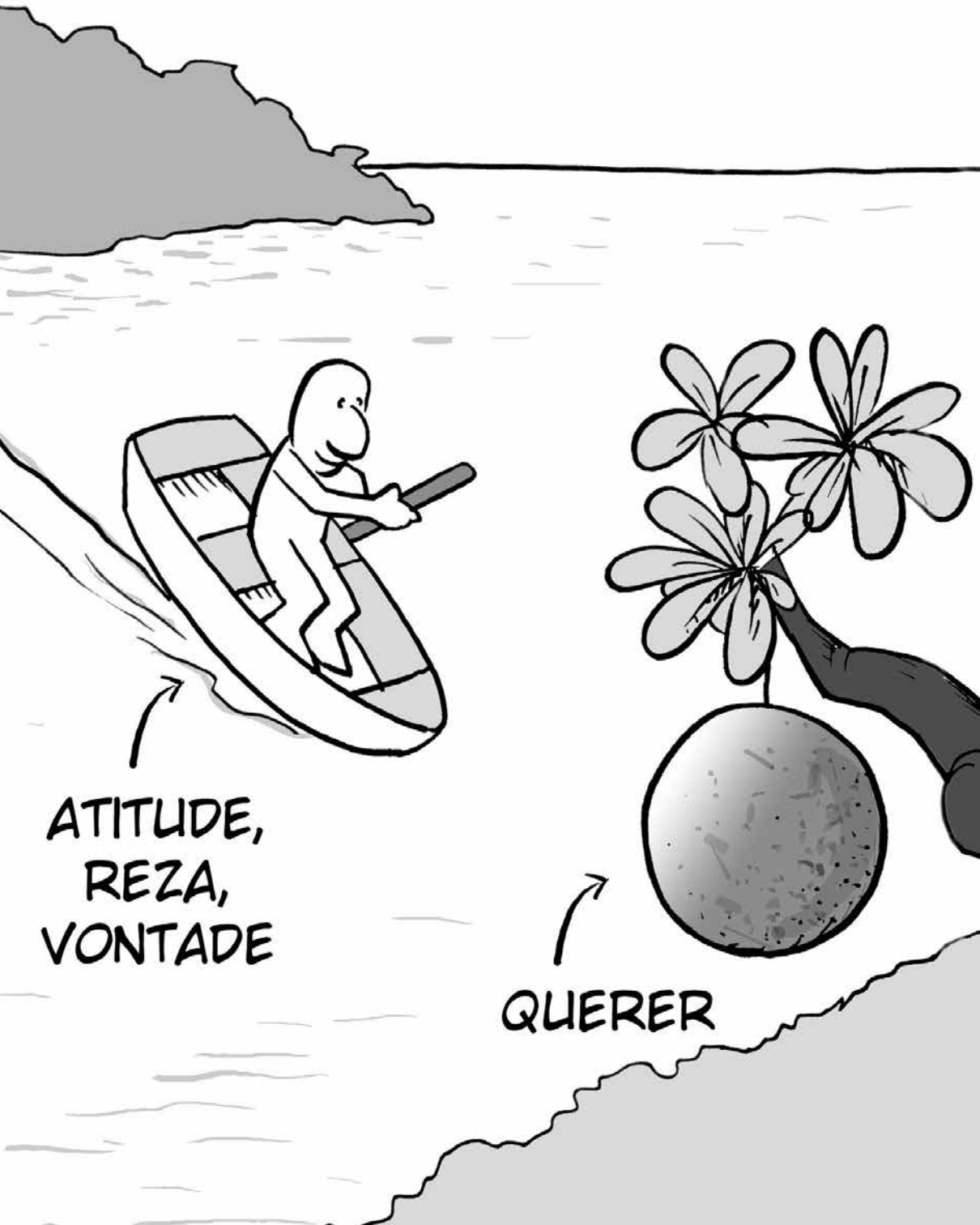
ALEXANDRE, O GRANDE

A *Guemará* nos conta no tratado de *Tamid*, na página 32a, que Alexandre, o Grande, perguntou para os sábios do Neguev o que uma pessoa tinha que fazer para viver. Imaginem uma pessoa que conquistou quase todo o mundo fazer esta pergunta!

Os sábios lhe disseram que a pessoa deve se matar. Isso não significa deveria para se matar fisicamente, mas viver mais tranquilamente, sair do foco de observação do povo, parar de ser o centro de atenção. "E o que a pessoa faz para morrer?", perguntou Alexandre. Os sábios responderam: "Viva! Apareça e deixe que todos falem de você".

O Talmud disse que é muito mais comum pessoas irem embora desse mundo por causa do mau-olhado do que por merecimento. A solução para não ser afetado pelo *ain hará* é ser *ain tová*, parar de aparecer e não se tornar alvo de mau-olhado.

QUEM NÃO CHORA NÃO MAMA?



“A pessoa que não faz *tefilá* muitas vezes está se privando de algo que lhe estava predestinado”

TEFILÁ

Há uma *mitsvá* que as pessoas cumprem com mais frequência, seja ela religiosa ou não. Por exemplo: o *lulav* é uma *mitsvá* que fazemos uma vez por ano e os *tefilin* todos os dias. A *mitsvá* mais frequente é a *tefilá*: a reza é uma prática muito constante na religião judaica e por isto estudaremos mais a fundo esta *mitsvá*.

QUAL A PRIMEIRA MENÇÃO À *TEFILÁ* NA TORÁ?

Qual foi a primeira vez que apareceu o conceito de reza na Torá? Na porção *Bereshit*. Está escrito que até o sexto dia não havia grama no mundo. Rashi pergunta: como não havia grama no mundo até o sexto dia, se no terceiro dia está escrito que cresceu grama?

O próprio Rashi na porção *Bereshit* responde a esta pergunta. Ele explica que no terceiro dia a grama já estava pronta, mas no sexto dia ela se desenvolveu na sua plenitude. E Rashi continua perguntando: se havia grama, por que Hashem não deixou brotar totalmente já no terceiro dia? Por que foi necessário esperar até o sexto? A explicação é que o homem só foi criado no sexto dia e se o homem quando nascesse visse a grama já pronta, ele não iria apreciar o valor da chuva, pois a grama precisa dela para crescer. Hashem disse que o homem precisou rezar para que chovesse, e só no momento da chuva a grama desenvolveu-se rápido e em pouco tempo a grama já começou a brotar, pois ela já estava ali desde o terceiro dia esperando apenas a *tefilá* para crescer.

SE VOCÊ QUER ALGO, PEÇA!

O que podemos aprender da história de Adam *Harishon* é que se você quer uma coisa, peça! O mais espantoso é saber que muitas vezes nós merecería-

mos ganhar alguma coisa, mas estamos nos privando de receber pelo fato de não fazer *tefilá*.

Isto poderá ocorrer com a pessoa quando, depois dos 120 anos, ela perguntar para Hashem por que sua vida, situação econômica, harmonia no lar etc. foram de tal maneira... Hashem poderá mostrar que a pessoa deixou de atingir todo seu potencial material ou espiritual simplesmente por não ter rezado e pedido todas essas coisas.

POR QUE AS REZAS NÃO SÃO ATENDIDAS?

Perguntaram uma vez para o Rav de Ponovitch por que a pessoa reza, reza e nada acontece. Não é que Hashem deixa de responder, mas que naquele momento a resposta foi "não". É bom lembrar que este conceito de quem não pede não ganha é válido para tudo, pois no *Talmud* no tratado de *Nidá*, tem a seguinte pergunta: "O que a pessoa tem que fazer para ser sábia?. Segundo o Talmud a resposta é: sentar e estudar.

Diz a *Guemará* que muitos fizeram e não adiantou, pois muitas pessoas estudaram muito e não se tornaram sábias. Mas a *Guemará* complementa: peça a sabedoria para o dono da sabedoria, que é Hashem. E termina o *Talmud* com a seguinte frase: um sem o outro não tem resultados, não adianta. É o caso de uma pessoa que pôde estudar muitas horas por dia, mas não teve o mérito de ser sábio, pois não pediu para Hashem...

Aprendemos disto que a pessoa que não faz *tefilá* muitas vezes está se privando de algo que lhe estava predestinado.

O MÉTODO DE ESTUDO DO RAV OVADIA YOSSEF

Rav Ovadia Yossef z"l era um profundo conhecedor que deixava para trás todo e qualquer computador. Quando lhe perguntavam se ele sabia quantas vezes estava escrito determinada palavra no *Talmud*, ele dava a resposta.

Certa vez, ele disse que antes de responder todas as perguntas sobre leis ele revisava o *Talmud* inteiro e precisava só de alguns minutos para responder. Nós não temos ideia de quão sábio ele era. As pessoas achavam que ele tinha uma memória muito boa, que tinha uma memória fotográfica, ao qual o Rav Ovadia

Yossef confirmou, mas disse que tinha conseguido isso através de choros e súplicas para Hashem, para que ele se lembrasse do que estudava. Ele ganhou de presente de Hashem esta capacidade, depois de ter feito *tefilá*. Vejam o poder da reza! E isto é válido para tudo. A *tefilá* é indispensável em todos os aspectos e segmentos.

POR QUE EU PRECISO REZAR?

Para que é preciso rezar, se Hashem já sabe o que eu preciso? Por que nós rezamos e Ele não nos atende?

Uma história pode nos responder essas perguntas: o Gaon de Vilna, que viveu por volta do ano de 1700, tinha um aluno chamado Rav Barishai, e, assim como o Gaon de Vilna, este aluno queria morar em Israel. Naquela época, a viagem para Israel era de barco e o Barishai, depois de economizar e trabalhar bastante, foi com sua família para Israel. Durante a viagem, ocorreu uma tempestade. O mar estava muito agitado e o rabino teve que segurar seus filhos. O barco sofreu uma rachadura e estava começando a afundar. Quem quisesse se salvar deveria pular e nadar, e foi isto que fez o aluno do Gaon de Vilna com seus dois filhos. Ele relatou que em uma situação difícil aparecem forças que não sabemos de onde vêm.

Ele estava nadando segurando os dois filhos com uma força milagrosa, mas após algum tempo suas forças começaram a se esvair e ele não aguentava mais carregar os dois. Chegou um momento que ele teve que tomar a terrível decisão de escolher um dos filhos para salvar... Quando o outro sentiu o pai soltando seu braço começou a chorar e a implorar para que seu pai não o largasse, mas ele não tinha mais forças. O filho gritou: "Pai, não me deixe, eu só tenho você, ninguém mais pode me ajudar!" Ao escutar essas palavras, o pai milagrosamente recobrou as forças e conseguiu salvar os dois filhos!

Quando estavam em segurança, o pai disse ao filho que aquelas súplicas fizeram com que ele pudesse retomar a força para continuar carregando os filhos, e com a ajuda de Hashem, salvar os dois!

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DE *TEFILÁ*

Depois de ter lido esta história, eu entendi o real significado da palavra *tefilá*. Traduzir *tefilá* somente como "reza" ou "oração" é muito pobre. *Tefilá* quer dizer que a pessoa reconhece que depende de Hashem! E a resposta para quem se questiona da necessidade de rezar já que Hashem sabe tudo o que precisamos é que **a *tefilá* serve para nos lembrar de que dependemos exclusivamente Dele para tudo em nossa vida**.

Muitas vezes, temos a impressão de que Hashem não respondeu a nossa reza, mas isso não está certo, pois a reza sempre é ouvida. Embora, às vezes, a resposta seja "não" ou "depois", pois só Ele sabe o que é bom para cada um e a hora certa para cada coisa.

Toda forma de *tefilá* é uma *mitsvá* como todas as outras *mitsvot*. É uma conexão com Hashem! Por isso as palavras "pai, eu só tenho você" nos traduzem da melhor maneira possível o que é *tefilá*.

O COSTUME DE REZAR NA TORÁ

Tudo tem origem na Torá, inclusive costumes que não conhecemos. Os não judeus rezam com as palmas da mão juntas e em pé. De onde vem esse costume? Rabeinu Bechaiê, na porção *Korach,* diz que havia este costume de rezar com as palmas das mãos juntas sinalizando para Hashem que a pessoa está com as mãos amarradas e direcionadas a Ele para mostrar que só temos Hashem!

Perguntaram para o Rav Bechaiê por que quando vamos à sinagoga nós não rezamos mais assim. Hoje em dia, os não judeus tomaram este costume para eles, levando para seus templos, então, virou um ato não adequado para os judeus rezarem. Mas temos que saber que a origem deste costume veio da Torá, e a razão é que mostramos assim que estamos com as mãos atadas e dependemos única e exclusivamente de Hashem.

DIFERENÇA ENTRE REZAR E FAZER *TEFILÁ*

Há 365 dias no ano. Contando que fazemos *tefilá* três vezes ao dia mais as extras dos chaguim etc., isto nos dá mais de 1150 *tefilot* por ano. Levando em

conta que cada *tefilá* dura 4 minutos, são 4600 minutos por ano! Mas, a pergunta principal é: quantas vezes rezamos e quantas vezes fazemos realmente uma *tefilá*? *Tefilá* é quando mostramos a Hashem que Ele é tudo que temos; rezar é somente recitar as palavras.

Hoje em dia, é mais fácil entender o poder da *tefilá*, pois com a modernidade, com um comando de voz podemos fazer inúmeras tarefas à distância como ligar o ar condicionado de casa, mandar encher a banheira e outras coisas. A *tefilá* tem esse mesmo poder, mas muito mais intenso. Quanto vale uma palavra certa no momento certo? Vale milhões. Às vezes, as pessoas falam, falam e não tem validade nenhuma. Uma só palavra pode mudar a vida de alguém, ou a própria vida. Quando dizemos antes da *amidá* "*Hashem sefatai tiftach*" - Hashem abra os meus lábios para fazer *tefilá* - queremos dizer: Hashem me ajude a fazer uma *tefilá* da maneira correta.

UMA HISTÓRIA

Certo dia, uma senhora foi à casa do Rav Haim Kanievski pedir conselhos a sua esposa, a Rabanit Kanievski, conhecida por ser uma mulher muito elevada. Aquela senhora tinha muitos problemas com sua filha, pois ela não se vestia nem se comportava como toda a família e havia se desviado do caminho da Torá, mas o maior problema era que a menina estava namorando um rapaz árabe e pensando em se casar com ele.

Hoje em dia, estatísticas nos mostram que em Israel há mais de 24 mil mulheres judias casadas com árabes. Podemos imaginar a dor desta mãe e do pai que decidiram ir falar com a família Kanievski?

Mãe e filha foram a Bnei Brak e foram atendidas pela Rabanit que começou a explicar o que era realmente uma "*bat Israel*" (uma judia), mas a filha estava resistente a qualquer palavra. Quando já estavam de saída, a Rabanit Kanievski disse que queria pedir uma coisa, e falou para a menina: "Você pode fazer um pequeno ato todos os dias e se conectar a Hashem?".

Vejam o poder da palavra certa no momento certo. Ao ver a mãe chorando, a filha disse que iria ler um salmo por dia. A Rabanit Kanievski, aleatoriamente, à primeira vista, citou o salmo 43 e começou a ler junto com a mãe e a filha algumas linhas que diziam: *shofteni Elokim veriva rivi migoi lo chassid*, o que quer dizer: Hashem me faça justiça, defenda minha causa, contra pessoas não piedosas.

A menina, ao ler o salmo, começou a chorar copiosamente, e tanto a Rabanit quanto a mãe não estavam entendendo nada. A menina, que se chamava Riva, disse: "Rabanit, você me convenceu! Eu não vou mais me casar com ele", ao que a Rabanit perguntou como tinha se convencido: "Eu somente falei alguns minutos com você" E a menina disse: "meu nome é Riva e David Hamelech está falando comigo". A menina pediu para a Rabanit ler de novo o *veriva rivi,* lute minha batalha *mi goi lo chassid*, você quer se casar com um *goi lo chassid*, justo com um árabe não piedoso. Me salve de um homem que não me quer bem e de fato, disse a moça, era Hashem falando comigo!

Estas palavras dos salmos mudaram a vida daquela menina e de todas suas futuras gerações, e vemos a importância da palavra certa no momento certo, ao invés de mil palavras faladas que não fazem o mesmo efeito. Um capítulo de salmo é capaz de mudar uma eternidade. Nós sabemos que as rezas nos fazem receber méritos que estão preparados para nós, e é só pedir que Hashem nos dá, mas se não pedirmos, Hashem talvez não dará.

MÉRITO E *TEFILÁ*

Se a pessoa não merece uma coisa, é possível adquirir por meio da *tefilá*? Qual a visão de Hashem sobre isto? Adam *Harishon* nos mostrou que se não tivesse pedido a chuva, a grama não iria crescer. Se a pessoa está predestinada a ganhar alguma coisa, mas não fizer *tefilá*, pode ser que ela não ganhe. A *tefilá* pode mudar a sorte da pessoa?

Na Torá, porção *Vaiera*, Hashem fala para Sarah e Avraham que eles terão um filho. A reação de Sarah foi *"vatishak"*, ela riu, pois pela idade ela já não poderia ter - filhos e por isso o nome do seu filho foi Yitschak - porém quem disse a Sarah que ela teria um filho foram os anjos. Ela sabia ou não que eles eram anjos?

O Sforno explica que Sarah pensou: "eu e Avraham não vamos conseguir ter filhos com a nossa idade, mesmo com a benção de um anjo". Por isso ela riu. O Sforno explica que Sarah disse que para ter filhos naquela idade ela precisaria receber a benção da ressurreição dos mortos, e um anjo não consegue fazer isto, pois o único que consegue ressuscitar mortos é Hashem. O Sforno diz que ela sabia que há duas formas de ter filho na idade dela: ou através de mensa-

geiros de Hashem (e não das bênçãos de anjos) ou através da própria *tefilá,* que é ainda mais poderosa que a benção de um profeta.

A PALAVRA *BEAIÁ* (PROBLEMA)

Em hebraico, a tradução da palavra problema é *beaia*: *bet, ain, iud, vehei*. E podemos ler também cada letra desta maneira:

Bore Haolam (Hashem) iepater hakol – D'us resolverá tudo

Beit - bore

Ain – olam

Iud – iepater

Hei – hakol

Hashem pode salvar qualquer um, mas para isto devemos acreditar na nossa *tefilá*, como na história que o filho disse para o pai: "Pai, eu só tenho você!"

UMA HISTÓRIA INCRÍVEL

Um jornal em Israel publicou a seguinte história verídica:

Uma mulher chamada Hanna foi ao médico, pois estava com uma doença muito grave. Ela, então, decidiu que recitaria os salmos todos os dias e estudaria três vezes por dia as leis de *lashon hará* (maledicência). Hanna não era religiosa. Após a operação, o médico olhou para ela com um sorriso e perguntou se ela estava bem. Ela perguntou se a operação tinha corrido bem e se foi possível retirar a parte que estava infectada. O médico respondeu que não, pois não havia mais nada para tirar e a parte infectada onde ele tinha realizado uma biópsia não estava mais lá!

Após sua recuperação, Hanna foi ao túmulo do grande comentarista Iehonatan Ben Uziel. Ela foi com sua família agradecer e fazer uma *tefilá* para Hashem e disse: "agora que eu estou bem, preciso casar", e pediu um noivo. Ela levou junto o livro de salmos e disse que iria rezar para Hashem palavra por palavra e não sairia de lá antes de terminar o livro todo. Sua família já estava querendo ir embora, mas Hanna disse que tinha muito para agradecer a Hashem e que iria embora somente depois de terminar todo o livro.

A família foi embora antes de Hanna, que por sua vez continuou a recitar os salmos e disse junto ao túmulo que se ela conseguisse receber um noivo pelo mérito do Rav, daria o nome de Iehonatan ao seu filho.

Depois de muitas horas de salmos, ela começou a procurar uma carona para voltar, até que um casal lhe ofereceu carona e ela entrou no carro. Quando começaram a conversar, ela descobriu que eles tinham ido ao túmulo rezar para achar uma noiva para o filho e, então, acabaram apresentando Hanna para ele. Alguns meses depois, eles noivaram e se casaram. Conforme a promessa de Hanna, o primeiro filho recebeu o nome de Iehonatan. Vejam o que é o valor de uma *tefilá:* o marido se chamava Uziel, então o nome completo deste filho acabou sendo Iehonatan Ben Uziel!

A *tefilá* que se faz de todo coração é muito poderosa, não importa em que idioma se faça. Como diz o Sforno: a *tefilá* tem uma força maior do que a benção de um profeta, e por isto Sarah riu, pois ela sabia que a *tefilá* que ela fez acreditando com todo o seu coração foi mais forte para poder conseguir ter filhos na idade avançada do que a benção dos anjos.

CONCEITOS E LEIS LIGADOS À *TEFILÁ*

Alguns conceitos práticos e leis em relação à *tefilá*:

As pessoas sempre me perguntam: "como faço com meus filhos em relação à *tefilá*? Obrigo-os a rezar ou não?".

Não há formula mágica para este assunto, mas há determinadas atitudes que não se deve ter. Em determinada ocasião, no meio da *chazará* da *amidá*, um homem parou para atender o celular; o filho viu toda a cena e foi atrás do pai que o repreendeu mandando que voltasse para a reza... Esse é um exemplo do que não se deve fazer, pois o pai sempre deve servir de modelo para o filho.

Em 1959, Rav Yaacov Kamenetsky estava num acampamento em Nova York e perguntou para as pessoas que estavam perto dele se sabiam de onde vinha a palavra *hashpaá*, que quer dizer "influência". O Rav explicou que a palavra *hashpaá* vem da palavra *shipuach*, inclinação, significando que tudo o que fazemos "cai" e tem um impacto nos nossos filhos. Se o pai conversa no meio da *chazará*, o filho provavelmente vai fazer a mesma coisa.

Porque a *tefilá* é tão difícil para os jovens? Um deles uma vez fez uma observação interessante. Ele disse: "Rabino, é muito difícil parar e se concentrar".

E eu acho que ele tem razão, pois dentro da correria das nossas atividades, parar e se concentrar é muito difícil. Mas, a *tefilá* é somente alguns minutos por dia.

O Rav Wolbe diz que a pessoa deve entender que a solução de tudo virá durante o dia, mas ela depende da *tefilá* e pode ser que ela valha até para problemas que ainda iriam aparecer e que por causa da *tefilá* talvez nem apareçam. Se entendermos que dependemos da *tefilá*, todas as preocupações são secundárias. É algo que requer um pouco de trabalho, mas é possível conseguir.

REGRAS IMPORTANTES

É uma obrigação verbalizar a *tefilá* e não somente ler, pois ao verbalizar a pessoa é capaz de escutar o que está dizendo. Há a execução da *tefilá* em um nível mais elevado, como a primeira classe de um avião, que é rezar com quórum, ou seja, rezar junto com dez homens e começar a *amidá* junto com o *chazan*.

Existe um tempo mínimo para *amidá*? Formalmente, não; mas, como é possível fazer a *amidá* em dois minutos se não é tempo suficiente para recitar toda a reza? Há um tempo mínimo para poder verbalizar tudo.

Rav Ovadia Yossef aborda a seguinte questão num de seus livros: o que é melhor? Rezar rápido em um *minian* e ficar durante o *minian* inteiro ou participar de um *minian* devagar e sair no meio? Diz o Rav que é melhor rezar no *minian* normal e sair mais cedo. Devemos lembrar que a *tefilá* é uma conexão com D'us e não uma corrida!

Em relação à obrigação de uma pessoa frequentar uma sinagoga, o *Shulchan Aruch* diz que se mede pela distância. Se a pessoa mora num raio de 18 minutos da sinagoga, ela tem obrigação de ir. Sobre a pessoa que mora a essa distância, mas não vai à sinagoga, segundo o *Shulchan Aruch* baseado no tratado de *Berachot*, Hashem diz que ele é um *shachen rá* - não é bom vizinho de Hashem.

As dez primeiras pessoas que chegam à sinagoga recebem como bônus também os méritos de todas as outras pessoas.

Outra lei importante em relação à *tefilá* é que a pessoa tem que rezar a *amidá* sempre no mesmo lugar. O *Shulchan Aruch* explica que o mesmo lugar é uma distância de até dois metros. Mesmo se tiver alguém no lugar não há problema, pois num raio de até 2 metros ela é válida.

Em relação ao *Shemá*, pelo menos para a primeira frase e *Baruch shem kevod malchuto le olam vaed*, e a *amida* desde o começo até a *berachá* de *"Maguen Avraham"*, é imprescindível a pessoa saber a tradução do que está rezando.

UMA HISTÓRIA EM TORONTO

Havia uma senhora que tinha uma filha casada há bastante tempo, mas que não tinha filhos. A mãe comentou com uma conhecida que já tinha feito de tudo: *tefilá*, *chessed*, já tinha pedido para Hashem ajudar a filha, mas por enquanto nada havia mudado. A pessoa com quem ela estava conversando disse que o seu filho também era casado e não tinha filhos. Elas combinaram que ambas fariam *tefilá* para o filho da outra. Diz a *Guemará* que se uma pessoa reza pelo outro, Hashem atende ela mais prontamente. Isto aconteceu próximo a *Rosh Hashaná* em 2006, e no dia 25 de *Tishrê*, no ano de 2007, os dois casais já estavam com filho nos braços.

Um dos casais vive em Jerusalém e o outro vive em Nova York, e tinham o mesmo problema de não terem filhos durante anos e um ano depois de terem feito *tefilá* um para o outro, ambos tiveram seu bebê. Já que a *tefilá* é tão poderosa, devemos usar este poder para ajudar os outros.

METAS

NOVE *SEGULOT* INFALÍVEIS!

“Para crescer é preciso parar e pensar”

SEFIRAT HAOMER, MOMENTO DE CRESCIMENTO

Rav Moshê Chaim Luzzato, conhecido como Ramchal, escreveu o livro de ética chamado *Messilat Yesharim*, o "Guia dos Justos". Ele tinha somente trinta e três anos quando escreveu o livro e morava na Itália. Naquela época, as pessoas não lhe deram muita credibilidade por causa da idade e Rav Moshê Luzzato teve que fugir para Frankfurt, por ter sido acusado de ser uma pessoa na qual não podiam confiar. Em Frankfurt, também falaram mal dele, e ele acabou indo para Amsterdã, onde trabalhou com diamantes para poder se sustentar. Em Amsterdã, ele também não encontrou paz de espírito, e posteriormente se mudou para Israel, onde faleceu aos quarenta anos. Só depois de alguns anos do seu falecimento é que ele se tornou famoso.

O Gaon de Vilna disse que todos os livros de ética são bons, mas o maior de todos é o *Messilat Yesharim*.

O PLANO DO FARAÓ

Na primeira parte do livro, Rav Moshê Luzatto faz uma observação relativa à saída do Egito: vemos que o Faraó ficou bravo com Moshê Rabênu quando ele mandou que libertasse seu povo. O Faraó perguntou: "Quem é o seu D'us? Como é o nome dele?" (*Shemot* 5:2) Moshê Rabênu disse o nome de Hashem e o Faraó respondeu: "Você veio até aqui só para me incomodar? Para que o seu povo entenda que você está me atrapalhando, vou piorar as condições de trabalho deles". Então, o Faraó mandou dobrar o trabalho dos escravos, mas não a produção. Ou seja, em vez de dobrar o rendimento, ele ordenou que cada um fosse procurar a palha para junto com a terra fabricar os tijolos usados para fazer as pirâmides. Mais inteligente seria fazer com que o rendimento dobrasse, mas não foi o que o Faraó fez. Por quê?

Rav Moshê Luzzato pergunta isso no *Messilat Yesharim* e explica: um dos truques do y*êtser hará* é deixar as pessoas ficarem ocupadas até que não tenham um minuto para pensar e não tenham tempo para olhar por qual caminho estão indo, porque o *yêtser hará* sabe que no momento em que a pessoa parar para pensar, com certeza abandonará o caminho errado.

Rav Luzzato explica que se os escravos ficassem envolvidos em todos os processos da produção, do começo ao fim, eles estariam com a cabeça o tempo todo ocupada, pensando como poderiam fazer um tijolo de maneira mais fácil, para produzir melhor. O truque do Faraó era fazer com que as pessoas pensassem mais sobre o trabalho e ocupassem mais a mente, para assim não pensar em mais nada. E é isso que o y*êtser hará* também deseja.

SEM TEMPO PARA PENSAR

Todos sabem que em *Sefirat Haomer* contamos os dias em ordem crescente até chegarmos à data de *Shavuot*, que é o dia da outorga da Torá. A razão de contarmos em ordem crescente, e não decrescente – ao contrário do que fazem, por exemplo, no lançamento de um foguete – é que o mais importante não é o fim, mas sim o caminho. A questão é: será que a pessoa está semelhante à contagem da *Sefirá*? Será que está crescendo espiritualmente? Para crescer é preciso parar e pensar no que vai fazer.

Percebemos que a ideia foi deixar todos ocupados, e o mais curioso é que a pessoa pode passar cento e vinte anos de sua vida ocupada. O *Messilat Yesharim* explica ainda mais: a pessoa pode ficar ocupada inclusive se estiver fazendo *mitsvot* e mesmo nesse caso o y*êtser hará* fica muito feliz. Por quê? Porque ela nunca vai progredir, pois fará as *mitsvot* sempre do mesmo jeito. Se a pessoa pratica *mitsvot* por uma ou por vinte e quatro horas por dia, o ano inteiro, todo o tempo, sem parar para pensar, falta "*Sefirat Haomer*". Ela cumpre *mitsvot* automaticamente, sem pensar. Isso é a mesma coisa que o Faraó planejou: ele queria que os escravos nunca pensassem, e assim fizessem tudo igual, do mesmo jeito. Portanto, o y*êtser hará* fica feliz, mesmo que a pessoa esteja cumprindo *mitsvot*.

ESQUECENDO O PRINCIPAL

Rav Avigdor Miller ensina no seu livro *Shaarê Orá*, que o objetivo principal do y*êtser hará* é impossibilitar que a pessoa melhore. O Rav nos traz um exemplo contando que havia um motorista que sempre recebia multas. Ele já estava com vários pontos na carteira, quase perdendo a habilitação, e as multas começaram a ser transferidas para o patrão, que por sua vez não queria perder o motorista. Até que chegou num ponto em que o patrão teve que dizer para o motorista que na próxima multa ele perderia o emprego, e então o motorista começou a dirigir com mais cuidado.

Um dia, ele voltou de uma coleta e o patrão perguntou: "como foi? Recebeu alguma multa?" O motorista respondeu: "Com certeza, não! Tomei todos os cuidados". O patrão o elogiou, e perguntou: "e a carga?" O motorista, todo assustado, disse que esquecera a carga!: "Mas o importante é que eu não levei multa, certo?" O patrão diz: "seu tolo, você esqueceu a carga?! A multa não importa se você não trouxe a carga!"

Se a pessoa diz que foi devagar e não fez nenhuma transgressão, se fez algumas *mitsvot*, ela não levou multa; mas se esqueceu da carga, de nada adianta. A carga é progredir na vida espiritual.

O QUE MUDOU NAS VELAS DE *SHABAT*?

David Ben Gurion foi o grande líder na história da fundação do Estado de Israel e ele nomeou Zalman Aran como Ministro da Educação.

Zalman não tinha nenhuma formação religiosa, mas trabalhava com muita dedicação e afinco. Sua esposa costumava acender as velas de *shabat*. Ela dizia para o marido que achava que o melhor judeu que ela conhecia era seu patrão, Ben Gurion, pois ele era um trabalhador, tinha um ideal e batalhara para criar um Estado. Ela disse que cada vez que acendia as velas de *shabat*, ela rezava para que os filhos aprendessem as qualidades do seu patrão.

Uma vez, Ben Gurion estava com algumas dúvidas e foi se aconselhar com o Chazon Ish. Ben Gurion depois contou ao Ministro da Educação suas dúvidas

e disse que aquele homem, com o qual ele fora se aconselhar, tinha os pés no chão, pois entendia bem a situação, mas ainda assim mantinha a cabeça conectada aos céus, sem viver nas nuvens.

O Ministro da Educação ouviu isso e, ao chegar em casa contou o que Ben Gurion lhe havia relatado. Na semana seguinte, quando a mulher acendeu as velas de *shabat*, ela disse: "até a semana passada, eu rezava para que os nossos filhos fossem como Ben Gurion, mas a partir desta semana eu passei a pedir para que sejam como o Chazon Ish".

Anos mais tarde, essa história foi contada pelo neto do Ministro da Educação, um Rav de Jerusalém, que disse que ao que tudo indica a reza da avó funcionou! Isso nos mostra o que é crescer espiritualmente, como *Sefirat Haomer*.

O LIVRO DE *DEVARIM*

Sabemos que *Devarim* é o quinto livro da Torá e um resumo dos primeiros quatro livros. Em *Devarim* existem centenas de *mitsvot*, sendo que setenta delas são novidades e não aparecem nos quatro primeiros livros da Torá, enquanto as outras trezentas e trinta são apenas repetição.

Muitas pessoas perguntam o motivo para se repetir tudo de novo. As setenta *mitsvot* novas, que são novidades, tudo bem, escrevemos pela primeira vez, mas por que dedicar um livro inteiro com trezentas e trinta *mitsvot* que já foram ditas anteriormente?

Rav Dov Weinberger tem um livro chamado *Shemen Hatov,* no qual ele explica que a história é a mesma, mas a visão é diferente. Ele diz que no livro de *Devarim* o povo já passou por certas fases, já cresceu, e a mesma história agora pode ser vista de forma diferente. Por exemplo: cada vez que acontecia um fato desconfortável contado nos quatro primeiros livros da Torá, o povo imediatamente se dirigia a Moshê Rabênu. Reclamavam pelo maná, pela carne, pelo mar, por tudo! Em *Devarim,* podemos notar que o povo não reclama muito, ou quase não reclama mais, porque a mesma história, quando vista com um novo foco, já não é mais a mesma.

Quando Moshê Rabênu repreende o povo em *Devarim*, ele aceita. Quando ele repreendia o povo nos quatro primeiros livros da Torá, o povo reclamava. A diferença é um sinal de que o povo cresceu.

Quando alguém nos critica, o primeiro pensamento que nos vem à mente é: "que moral essa pessoa tem para nos criticar? Olhe primeiro como você faz as coisas". Saber peneirar o que escutamos é sinal de amadurecimento. Se reagirmos às críticas só nos chateando, como comumente reagimos, mostramos que não crescemos.

O *yêtser hará* prefere que a pessoa faça *mitsvot* em vez de parar um minuto para pensar, melhorar e crescer.

Crescer é ver a vida sob um novo prisma e não só cumprir *mitsvot* da mesma forma sem crescer espiritualmente.

OITO ANOS DEPOIS...

Uma vez, o Rav Moshê Feinstein estava dando uma aula e um aluno muito próximo dele, chamado Rav Nissan Alpert, se aproximou. (Este aluno era tão próximo e ligado ao Rav que, quando o Rav faleceu, ele também faleceu algumas semanas depois).

Ele estava dando uma aula, e este aluno disse que o Rav tinha dado a mesma aula oito anos antes, e que havia repetido uma pergunta que era a mesma, só que ele então havia respondido de outro jeito, contrário ao que ele tinha dito hoje. O aluno perguntou o motivo dessa diferença. O Rav disse que havia mudado sua opinião sobre a *Guemará*. Ele disse: "Eu vejo agora as coisas de um modo diferente, e vi que há oito anos, eu via as coisas de modo errado". Isso é crescer. A mesma *Guemará* pode ser vista de uma forma diferente.

SE HÁ VANTAGEM, POR QUE RECLAMAR?

Na *yeshivá* onde leciono, temos um projeto com o lar para idosos. Cada semana uma classe vai fazer uma visita, e elaboramos algumas perguntas que os alunos fazem aos idosos.

No *shabat*, perguntei a eles o que tinham aprendido no lar e um aluno me disse que tinha aprendido algo curioso: "Eu aprendi que o homem demora em média dois minutos para explicar algo, e a mulher demora quarenta minutos para explicar a metade! Às vezes, nós não conseguíamos nem fazer com que as mulheres respondessem todas as perguntas! Mas mesmo assim eu gostei, pois uma delas me contou histórias da Polônia, que foram muito interessantes".

Embora o aluno reclamasse do falatório, ele acabou conseguindo extrair algo de bom da experiência.

O PLANO É CRESCER

É interessante ver que na natureza, de acordo com a Torá, todas as criaturas podem ser divididas em quatro categorias: *domem*, *tsomeach*, *chai* e *medaber*.

Domem é o mineral, estático.

Tsomeach é um vegetal que está parado num lugar, mas cresce e se desenvolve.

Chai é o animal, que se locomove.

Por último vem o *medaber*, que é o ser humano, que fala.

O livro *Chovot Halevavot* diz que quando a pessoa olha para a natureza e observa as maravilhas de Hashem, isto lhe dá força para que ela tenha mais fé. Parar e observar a natureza melhora a fé da pessoa, é uma *segulá*.

Ele vai além e explica que nós, homens, temos os quatro estágios dentro de nós: no início da vida o ser humano é *domem*, estático. Na barriga da mãe ele começa a se desenvolver e se torna *tsomeach*. Depois, ele vai para o *chai*, pois quando nasce já é um ser vivo. O mesmo ser humano, no quarto estágio, é chamado de *medaber*, pois aprende a falar. Tudo o que existe no mundo inteiro, as quatro categorias, está contida dentro do homem! Por

quê? Porque Hashem quer nos mostrar que na natureza cada coisa é um elemento, mas o homem tem os quatro elementos juntos para que ele possa entender que passou por todos eles para continuar a se desenvolver e a crescer. O crescimento e desenvolvimento do mundo dependem do nosso.

Segundo a Torá, quando a pessoa envelhece ela fica mais sábia, mas isto acontece apenas se ela estiver com uma carga a mais de sabedoria. Caso contrário, ela só fica mais velha. Todos nós recebemos o mesmo sol, o mesmo frio, o mesmo dia, mas o diferencial é como enxergamos isto.

Será que fazemos a benção *"asher yatsar"* (benção recitada após fazer as necessidades fisiológicas) da mesma forma que fizemos sempre? Será que nos incomoda uma transgressão que fazemos no *shabat?* Se continuamos fazendo a mesma coisa e isso não nos incomodar, é por que não crescemos.

Um dos Rabanim da *Chassidut* de Gur dizia que existem três tipos de exílio:

1 – O exílio de quando o povo judeu saiu da terra de Israel – a *galut*.

2 – O exílio de quando um judeu fica longe dos outros judeus.

3 – E o mais difícil dos exílios, quando um judeu fica longe de si próprio; quando ele não se conhece e não pensa mais no que faz.

QUE TAL UM TAPINHA NAS COSTAS?

Existe hoje em Israel uma y*eshivá* muito grande e respeitada chamada *Or Torá*, cujo *rosh* y*eshivá* era o Rav Chaim Pinchas Scheinberg. Um dia, ele decidiu fazer um grande *kidush* no *shabat* e convidou muitas pessoas para a ocasião. Ele fez a publicação de um jeito que parecia que ele queria agradecer a Hashem por alguma coisa. As pessoas se reuniram, comeram, mas se perguntavam o que será que o Rav queria tanto com este *kidush*?

Ele levantou e disse: "este *kidush* está sendo oferecido para que eu possa agradecer a Hashem por uma coisa. Semana passada foi a primeira vez que os *yankees* se tornaram campeões e eu não vibrei! Não senti nada depois de mui-

tos anos". Daqui podemos aprender duas lições muito importantes:

A primeira é que uma coisa ou situação pode nos viciar e nos deixar acostumados. Quando algo vicia a nossos filhos ou a nós, torna-se muito difícil desconectar-se deste hábito. Portanto, temos que pensar bem o que e quem colocamos na frente dos nossos filhos.

A segunda lição, e a maior delas se tratando de crescimento, é que quando nós crescemos, temos que apreciar e nos alegrar com a conquista. O fato de o Rav ter ficado contente por não ter vibrado quando o time dele foi campeão deve ser a mesma sensação que temos quando melhoramos um pouquinho no nosso *shabat*, no *lashon hará*, ou por termos parado para pensar no que estamos fazendo na vida. Tudo isso merece uma comemoração. Todo mundo quer sempre ser melhor e quer ser bom. Isso é fantástico. Mas, por outro lado, queremos tanto melhorar que nos esquecemos de apreciar a nossa melhora no passado, e isso é ruim.

SEGULOT

Recebi uma lista de *segulot* (proteções) por e-mail e sempre procuramos as que nunca vão falhar na vida. Todas as *segulot* que recebi são desse tipo, baseadas no *Talmud*.

Segulá para sustento é estudar uma profissão;

Segulá para ter vida longa, diz o Rambam, é viver uma vida saudável;

Segulá para casar – procurar e se esforçar para achar a outra metade;

Segulá para ter harmonia no lar diz a *Guemará* no tratado de *San'hedrin* é ter amor pelo cônjuge, paciência com ele e saber deixar as coisas passarem;

Segulá para a pessoa ter filhos é rezar para Hashem;

Segulá para ter temor aos céus é estudar Torá, diz o *Pirkê Avot*;

Segulá para crescimento espiritual é estudar Torá e fazer *mitsvot* com mais afinco;

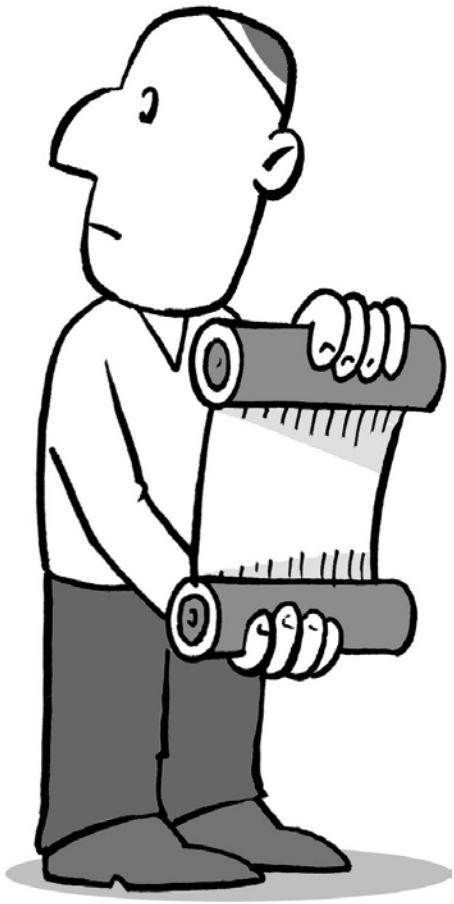
Segulá para rezar melhor, está no tratado de *Berachot*, quinto capítulo, na primeira *mishná*: Chegar à reza dois minutos antes e não muitos minutos depois;

A última segulá, que talvez seja a melhor de todas, é a *segulá* para ter fé pura em Hashem. O segredo é não acreditar em *segulot*, e sim somente em Hashem.

E estas *segulot* **sempre funcionam**.

Que, com a ajuda de Hashem, possamos seguir estas *segulot*, parar e pensar sem adormecer, fazer as *mitsvot* de uma maneira diferente e, então, crescer no âmbito de *Sefirat Haomer*, que sempre é um período de crescimento e, assim, com certeza, todas as *berachot* que estão nas *segulot* serão concretizadas.

É MELHOR UM JUDEU SEM BARBA
DO QUE UMA BARBA SEM UM JUDEU



“O corpo funciona de acordo com a cabeça”

ONDE MORA O PERIGO

Recitamos no *Lechá Dodi,* na *tefilá* de sexta feira à noite: o fim já está previsto desde o início, revelando que Hashem já sabe o futuro. Qual é o plano do mundo?

A *Guemará* nos conta, no tratado de *Eruvin*, página 13b, que há uma discussão filosófica muito profunda entre as escolas de *Beit* Shamai e *Beit* Hillel que durou dois anos e meio. Sobre o que era a discussão?

Eles debateram a seguinte questão: será que valeu a pena o homem ter sido criado? Eles analisaram alguns aspectos dos seres humanos e levaram em conta o fato de que a alma estava conectada com Hashem antes de vir para este mundo, onde ela pode ser bem sucedida ou não. Vale a pena o risco?

Beit Shamai e *Beit* Hillel muitas vezes não concordavam, mas neste caso, diz o *Talmud,* eles acabaram concordando. No tratado de *Eruvin*, eles concluíram que teria sido melhor se o homem não tivesse sido criado, mas agora, já que ele existe, não há o que fazer senão cuidar bem deste ser humano.

ONDE MORA O TESOURO

O *Gaon* de Vilna quando leu esta *Guemará* também ficou intrigado, e disse: "A discussão com certeza não foi sobre se o homem deveria ter sido criado ou não". Todo ser humano tem sua chance neste mundo de ganhar algum ponto e cumprir sua missão. Ter de viver novamente para poder cumprir a missão não é o ideal, e é sobre isto que estavam falando os sábios. Acertar na primeira, com certeza, teria sido bem melhor. Isso nos leva à famosa pergunta: como cada pessoa sabe qual a sua missão? Será que a resposta é que não tem como

saber? Mas, se não tem como saber, como podemos ser bem sucedidos? Sobre isso, o *Gaon* de Vilna diz uma coisa muito simples: "aquilo em que o judeu, mulher ou homem, criança ou idoso, tem mais dificuldade, esta é sua a missão!". Em outros livros, como o *Michtav Meeliahu*, (de autoria do Rav Eliyahu Eliezer Dessler), também consta isto: a missão da pessoa é justamente aquela área na qual ela sente mais dificuldade.

A pessoa sente certa dificuldade em alguma área porque, em uma passagem anterior na Terra, ela ficou machucada exatamente naquele ponto. Por isso, cada vez que ele é tocado, invariavelmente dói. Como um calo no pé quando usamos um sapato apertado. É assim que acontece com a parte espiritual da pessoa.

Com cada um é diferente. Não tem duas pessoas com o mesmo teste. E também não tem ninguém que saiba exatamente qual é o teste do outro. Não podemos e nem devemos julgar os outros, mas se a pessoa parar e pensar o que é difícil para si é lá que está a sua missão.

O LAMENTO DE RASHI

Existe o teste pessoal e o coletivo que são feitos sob medida para a pessoa e para aquela geração. Qual será o teste da nossa geração?

O Maharal de Praga nos explica como o mundo tem um começo, um meio e um fim. Assim o *Talmud* nos conta, no tratado de *Avodá Zará*, que o mundo tem um período planejado de seis mil anos de duração. O Talmud reflete a vontade de Hashem, portanto estamos a 200 e poucos anos de distância do limite em que o mundo pode existir no formato em que o conhecemos.

Nas palavras da *Guemará*, os primeiros dois mil anos são chamados de *tohu*, confusão, pois predominava a falta de ordem. Desde Adam *Harishon* até Avraham *Avinu* era *tohu*, pois o mundo não tinha Torá, e sem Torá, o mundo é um caos. Do ano 2000 até o ano 4000 iniciou-se um período chamado de tempos da Torá, começando por Avraham *Avinu,* que deu início a difusão da Torá. A partir do ano 4000 até o ano 6000 é o terceiro e último estágio do mundo, no qual se completa o ciclo e como diz o Talmud: virão os chamados dias do Mashiach.

O Talmud, em massechet Avoda Zara, pergunta: "onde está o Mashiach?". E diz: "por causa dos nossos inúmeros pecados, infelizmente esta data ainda não

chegou". Assim, Rashi comenta que o Mashiach ainda não chegou, apesar de que desde o ano 4000 já fosse possível que isto houvesse acontecido. Vamos dar um exemplo para entendermos melhor:

Alguém diz que vai passar para lhe buscar e você pergunta:

-A que horas você vem?

-Pode ficar pronto, quando eu chegar eu dou uma buzinada e você desce.

-Tudo bem, mas a que horas você vem?

-Lá pelo meio dia.

Nesta hora, você escuta uma buzina e pensa: "Tomara que não seja ele, pois ainda não estou pronto", então você vê que não é ele e se sente aliviado. Vinte minutos depois, você escuta outra buzina, vai ao terraço, vê um carro vermelho em vez do carro cinza que você estava esperando. Dessa vez você vê também um motoboy e vários outros, mas não o carro que você está esperado.

Já são seis da tarde, já vai escurecer, mas ainda não chegou ninguém... Até agora a sua carona ainda não chegou...

Para termos uma idéia do que aconteceu dos anos 4000 até hoje: construíram o primeiro e o segundo *Beit Hamicdash*, aconteceram as passagens de *Purim* e *Chanucá*. Do ano 4000 em diante, quando passou a ser possível a época de Mashiach, concluiu-se a compilação do Talmud dos *Amoraim*. Além dos acontecimentos do povo judeu, na história do mundo também houve as Cruzadas, as falsas acusações de que os judeus faziam *matsá* com o sangue de crianças, a Inquisição, o Iluminismo, etc. E tudo isto se passou do ano 4000 em diante.

Nesta época, havia os *rishonim*, grandes sábios como Rashi, Rambam e Ramban, mas também houve os acontecimentos dramáticos acima citados. Todos esses são eventos que, no plano original, se o povo tivesse se comportado do jeito que Hashem queria, nunca precisariam ter acontecido, pois eles ocorreram depois do ano 4000, quando já era propício para a redenção ter chegado. Assim, podemos entender quando Rashi se lamenta: "Infelizmente, Mashiach ainda não chegou".

Mas, quanto mais perto do fim, mais chance da carona chegar, de irmos ao terraço e sabermos com confiança cada vez maior de que agora vai chegar.

Agora **faltam apenas alguns minutos para ele chegar**. Devemos acreditar na vinda de Mashiach e esperar por ele, assim como o judeu acredita que o próximo ano vai chegar. Agora está faltando segundos para Hashem mostrar a luz no fim do túnel, para a buzina tocar...

Esse teste de vida, essa vivência pela qual todo o povo judeu passou em sua História, nós temos que lembrar e viver em sua totalidade.

O VAZIO RESULTANTE DA FALTA DE SENTIMENTO

Há um sobrevivente da Segunda Guerra Mundial chamado Rav Yehuda Moses. Ele foi rabino em Frankfurt depois da guerra, e relata algo que o levou a mudar de cidade.

Certo dia, ele estava passeando com sua filha Esther na rua quando quis lhe dar a mão. Para sua surpresa, ela recusou. Ele fez mais uma tentativa, e nada. Então disse:

-O que aconteceu? Dê-me a sua mão.

-Pai, eu estou com receio que se eu lhe der a mão, percebam que você é meu pai, e você sendo rabino e eu sendo a sua filha, vão ficar rindo de mim. Tenho vergonha de ser judia e prefiro não lhe dar a mão.

Depois desse episódio, ele disse à sua esposa que tinha chegado o momento de deixarem o país, pois se estavam morando num lugar onde a filha tinha vergonha que soubessem que ela era judia, já era hora de ir embora.

A questão é: qual o sentimento que surge ao ver escrito bem grande a palavra "judeu"? Por que este assunto é tão importante? Será que importa o que eu sinto? O que vale mesmo não é cumprir as *mitsvot* seja do jeito que for? Qual a diferença?

Uma revista judaica *Jewish Observer* da *Agudat* Israel dos Estados Unidos publicou um artigo sobre os judeus que desviam um pouco do caminho da Torá. Eles se comportavam de acordo com a Torá e deixaram de fazê-lo. O título me chamou mais a atenção do que o próprio artigo. Ele dizia: *"it's not about rebelion, but about emptiness",* cujo significado é que o motivo pelo qual eles saíram do caminho não foi por rebeldia, mas pelo vazio, por aquilo que a Torá não preencheu na vida deles.

Perguntei a um amigo que trabalha com educação e com jovens o que ele achava que poderia ter acontecido com os ortodoxos que saíram do caminho. Ele me explicou que quando estes jovens lhe contam a respeito do pai, eles relatam que ele cumpre todas as *mitsvot*, mas não sentem orgulho dos atos do pai e nem almejam serem iguais a ele, pois nada disso lhes toca. Falta o sentimento...

O que a palavra "judeu" lhe lembra? Lembra a você somente das obrigações de ser judeu ou também do orgulho de você ser herdeiro de mais de 5700 anos de história?

Por que a Torá não toca a certas pessoas? Há pessoas que escutam, mas que parecem blindadas para se aproximarem...

COLOCANDO O NOSSO JUDAÍSMO NO QUE FAZEMOS

Certa vez, estavam procurando alguém para uma instituição judaica, quando, finalmente, encontraram a pessoa certa; só que ao contarem ao Rebe que tinham encontrado a pessoa certa, acrescentaram que ela preenchia todos os pré-requisitos, mas infelizmente havia um problema: o homem não tinha barba. E o encarregado da contratação acrescentou:

-Não sei se fica bonito para a instituição ter alguém sem barba, quando nosso costume é ter barba.

- Prefiro um judeu sem barba a uma barba sem um judeu – respondeu o Rebe. Em outras palavras, temos que fazer *mitsvot*, mas temos que colocar **um pouco de judeu além da barba nos nossos atos**.

NEM *TSADIC*, NEM *CHASSID*

Hoje existem inúmeras instituições onde pessoas estudam Torá. Mas, por outro lado, vi uma pesquisa de 2011 que mostra que no Brasil há 95 mil judeus. Antes havia 120 mil. Vemos como a assimilação fez o número diminuir...

O mundo hoje tem entre quatorze e quinze milhões de judeus. Quem foi o precursor de tudo isto? Avraham *Avinu*. Ele foi o primeiro judeu e o apelido dele era Avraham *Haivri*. Rashi nos ensina que *ivri* vem da palavra *laavor*, ultrapassar, atravessar. Todos estavam de um lado e Avraham foi chamado

de *ivri* porque estava do outro lado, mas como ele se sentia ao saber que era Avraham *Haivri*? Como ele se sentia, estando sozinho num dos lados? Ele não se incomodava em estar só, não tinha vergonha. Ele montou uma tenda no deserto por onde as pessoas passavam, pois a tenda estava situada no meio do caminho de todos, e como ele se sentia? Para cada um que entrava, Avraham pedia que fizesse uma benção antes de comer. E isto numa época em que o mundo todo era idólatra.

Se Avraham tivesse vergonha, ele teria feito a sua tenda mais escondida, para ninguém ver, mas ele não tinha vergonha e andava diferentemente dos outros. As pessoas, ao perceber que ele era diferente se perguntavam o que ele poderia lhes oferecer. Quem chegava à sua tenda entendia como ele conseguia convencer tantas pessoas, pois estava absolutamente convicto.

Avraham *Avinu* foi nosso primeiro patriarca e o nome pelo qual ficou conhecido não foi Avraham, nem Avraham *hatsadic*, nem Avraham *Hachassid*, apesar de ter sido *chassid* e *tsadic*. O nome pelo qual ficou conhecido foi Avraham *haivri*, aquele que era diferente dos outros. **E com orgulho**!

QUEM É FILHO DO REI NÃO TEM POR QUE INVEJAR OS OUTROS

Há um século, havia uma yeshivá muito grande chamada *yeshivá* de Slabodka.

Lá estudaram muitos personagens importantes do mundo da Torá, tais como Rav Aharon Kotler e Rav Rudelman, dentre outros. E dela surgiram inúmeros outros sábios que disseminaram a Torá nos Estados Unidos e em Israel.

Quando o *Alter* de Slabodka foi abrir a sua *yeshivá*, o Rav Israel Salanter já era um senhor de idade, e o Alter lhe perguntou qual deveria que ser o lema da *yeshivá*, uma vez que toda yeshivá tem o seu lema e a sua missão. O Rav Israel Salanter lhe respondeu com um versículo de Yeshayahu (57:15), "*leachaiot ruach shefelim, uleachaiot lev nidcaim*" - reviver corações que estão quebrados, partidos, apagados e acender a fogueira, turbinar o motor. Este tem que ser o seu lema: ter orgulho de ser um *Yehudi*.

Parece que seus alunos assimilaram esta mensagem. Um deles foi o *Mashguiach* da *yeshivá* de Chevron, o Rav Meir Chadash. Vejamos como ele explicava o mandamento "*lo tachmod*", que literalmente significa não cobiçar, não invejar.

Existe uma famosa pergunta que todos os comentaristas fazem: como não cobiçar? Se a pessoa vir um copo de cristal e desejar possuí-lo, de que adianta lhe dizer para não cobiçar? Pode-se falar para ela que não ande de carro no *shabat*, não coma *taref*, não seja desonesta... Mas não cobiçar? Isso parece fora do nosso alcance!

Sobre isto, há uma famosa resposta do Ibn Ezra: se visse agora os óculos do vizinho, você os cobiçaria? Não, pois não são do mesmo grau que você necessita. Se alguém do interior vê a limusine de um presidente passando ele deve falar "deve ser alguém importante que está passando", mas ele não vai falar "eu quero esta limusine para mim", pois ele nem se relaciona com um carro assim. Diz o Ibn Ezra que não cobiçar é a mesma coisa. Se você entender que isto não tem nada a ver com você, assim como os óculos ou a limusine, você não vai se relacionar com aquilo.

Rav Meir Chadash, aluno do *Alter* de Slabodka, que fundou a *yeshivá* com o lema do Rav Israel Salanter de colocar orgulho nos corações dos judeus disse: em Chevron, na nossa *yeshivá*, temos outra explicação, com todo o respeito à do Ibn Ezra. *Lo tachmod* quer dizer "como podemos invejar um não judeu?". Não há nenhuma chance. O judeu deve se orgulhar do que ele é e não invejar o outro. Principalmente outro povo. Somos filhos do rei e não temos motivos para invejar os outros.

Será que o mundo sabe disto? Não sei se seria necessário que o mundo soubesse, mas o mundo sabe. O famoso historiador Paul Johnson, no seu livro *The History of the Jews,* traz alguns pontos que mostram a importância do judeu.

Ele diz que pesquisou muito sobre os judeus e concluiu que o judeu tem uma importância mundial fantástica. Um ponto que ele ressalta é o povo judeu ter sido a base de duas religiões importantes. Outro ponto, segundo ele, é um enigma sobre o qual sempre temos de nos questionar: como pode ser que ainda estamos aqui? Todo mundo sempre querendo nos aniquilar; por onde passamos, tentaram nos matar. Assim, ele diz que a história judaica é a história do mundo. O que ele quis dizer é que não há lugar no mundo que você aponte e não encontre judeus que passaram por lá. De fato, até o espaço foi visitado por um judeu, o astronauta Ilan Ramon.

FORÇA DO SOBRENATURAL

Quatorze milhões de judeus estão no mundo e formam um povo curioso. Uma vez, o rei Luís XIV foi pedir ao famoso filósofo Pascal uma prova de que existe algo sobrenatural no mundo. E o filósofo disse: "Os judeus, Vossa Majestade". Percebam: um não judeu dizendo que a prova da força do sobrenatural no mundo somos nós, os judeus.

A CABEÇA

Por que é tão importante que saibamos isso? Porque o corpo funciona de acordo com a cabeça, o carro funciona segundo seu motor, a fábrica conforme o humor do dono e é assim que as coisas funcionam. Assim também, se uma pessoa estiver com dor, ela grita, chora. Se alguém estiver preso, tem vontade de sair.

Isso não é novidade para nós, pois o povo judeu ficou preso 210 anos no Egito durante um período entre oito e dez gerações, mas na Torá inteira não vemos uma única vez que o povo pediu para Hashem libertá-los! Nunca, nestes anos todos, alguém pediu para Hashem para sair do Egito. Eles pediram para atenuar a carga pesada de trabalho, mas nunca pediram para serem livres, pois a cabeça de um escravo pensa como um escravo.

Já que tudo ocorre conforme o funcionamento da cabeça da pessoa, alguém que cumpre as 613 *mitsvot*, mas tem uma cabeça de escravo - ou seja, não tem uma cabeça tipo nobre conforme Hashem quer para nós - o corpo, que é o resto da máquina, vai se comportar segundo o cérebro, que lhe ensina a fazer *mitsvot*, só que como um escravo.

O QUE A CRIANÇA SABIA, MAS NÃO EXPLICAVA

Uma vez uma pessoa perguntou a uma criança que estava ao meu lado por que ela usa *kipá*. Cada pai ensina uma coisa para o seu filho responder. Só que quando aquela pessoa não judia perguntou ela respondeu: "não sei". Então, o pai da criança disse: "Como você não sabe?" O menino então respondeu: "Claro que eu sei o porquê de usarmos a *kipá*, mas você acha que dá para explicar em um minuto para uma pessoa que não é do nosso povo o que é uma *kipá*? Dizer para ele o que é ter Hashem acima de nós?". O Rav de Slonim traz em seu livro *Netivot shalom*, que nem para outro judeu um judeu consegue explicar o que significa ser judeu. Na prática, temos alguma diferença?

Uma vez, estava voltando da sinagoga para casa e estava andando com a bolsa dos *tefilin* e lá está escrito *talit*, *tefilin*, em hebraico. Um senhor na rua me disse: "vire o texto para fora, por que você deixou para dentro? Não tenha vergonha de segurar a sua bolsinha". Eu mudei daquele momento em diante: percebi a visão dele e ela mudou a minha visão.

Hoje, quando estudamos Torá, quando vamos a uma aula de Torá, quando a mulher cuida de *cashrut*, quando ela acende as velas de *shabat*, devemos ter em mente que estamos fazendo o mesmo ato que nossos antepassados faziam há muitos anos, pois fazemos parte da história de um povo milenar.

A ORDEM DE QUEM VALE MAIS?

Há uma história excelente sobre quando uma vez o Rav de Berditchev, na véspera de *Pessach,* teve a seguinte atitude: antes de começar o *seder,* ele pediu para seus *chassidim* que trouxessem charuto importado e algum *chamets* (charuto importado era proibido na época, pois a importação era proibida e na véspera de Pessach também já era proibido ter *chamets*).

Os *chassidim* disseram que charuto importado eles não iriam conseguir, e muito menos *chamets* em *Pessach*, mas o Rebe disse que para começar o *seder*, ele tinha essa condição. Os *chassidim* procuraram por todo o bairro e voltaram só com o charuto. "E o *chamets?*", perguntou o Rav. Os alunos disseram que tentaram em todos os lugares, mas não conseguiram achar nenhum pedaço de *chamets* no bairro.

O Rav disse: *"*Agora sim, podemos começar o nosso *seder"*. Olhou para cima e disse: "Hashem, charuto importado é proibido pelo imperador, mas nisso eles deram um jeito e conseguiram arranjar um. O *chamets* é uma proibição Sua feita há mais de três mil anos e não conseguiram encontrar nenhum!" E continuou: "Veja o povo que o Senhor tem".

A MÃO QUE DESENTOPE

Há diferença entre um médico que opera um coração pensando em salvar uma vida e outro fazendo a mesma coisa, mas pensando que está simplesmente desentupindo um cano. O médico é aquele trabalha para salvar uma vida e há uma diferença considerável entre desentupir um cano e salvar uma vida!

Similarmente, há diferença entre colocar *tefilin* com o orgulho de Avraham *Haivri* e colocar *tefilin* por puro hábito. Quando os filhos sentem o orgulho com o qual os pais realizam as *mitsvot*, eles acabam seguindo os caminhos de Hashem.

A HORA DO TOQUE DA BUZINA

Eu acho que podemos nos arriscar a dizer que este é o teste da nossa geração sobre o qual falamos no começo deste capítulo. Num mundo planejado para seis mil anos, estamos chegando ao final, nos últimos minutos para Hashem nos mostrar a redenção.

No *Midrash Rabá* está escrito que quando o povo judeu estava no Egito, o Faraó disse que não aguentava mais ver judeus por toda a parte. Por quê? Porque os judeus disseram que queriam ser como os egípcios; frequentar os mesmos lugares, serem iguais.

O Rav de Volozhin, em seu livro *Emec Hadavar*, escreve que eles não queriam que pensassem que eram judeus e foi por isto que começou a escravidão, pois disseram "nós não queremos ser diferentes dos outros". Mas Hashem disse que isto não é possível, pois o povo judeu é diferente e não deve tentar se misturar.

Disse o Rav de Volozhin: se um judeu não fizer um *kidush*, os outros povos vão fazer *havdalá* com ele, isto é, se um judeu não santificar a si mesmo, não perceber como ele é diferente, os outros povos, como nos mostra a história, vão nos separar deles.

Em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, a IBM trabalhou para que fosse possível averiguar até a terceira geração quem era judeu ou não, para serem mandados para os campos de extermínio. Assim, a história nos ensina que se não soubermos que somos especiais, que somos o deleite de Hashem, Ele acabará mandando os outros povos nos separarem e, infelizmente, isto efetivamente aconteceu durante toda a história do povo judeu.

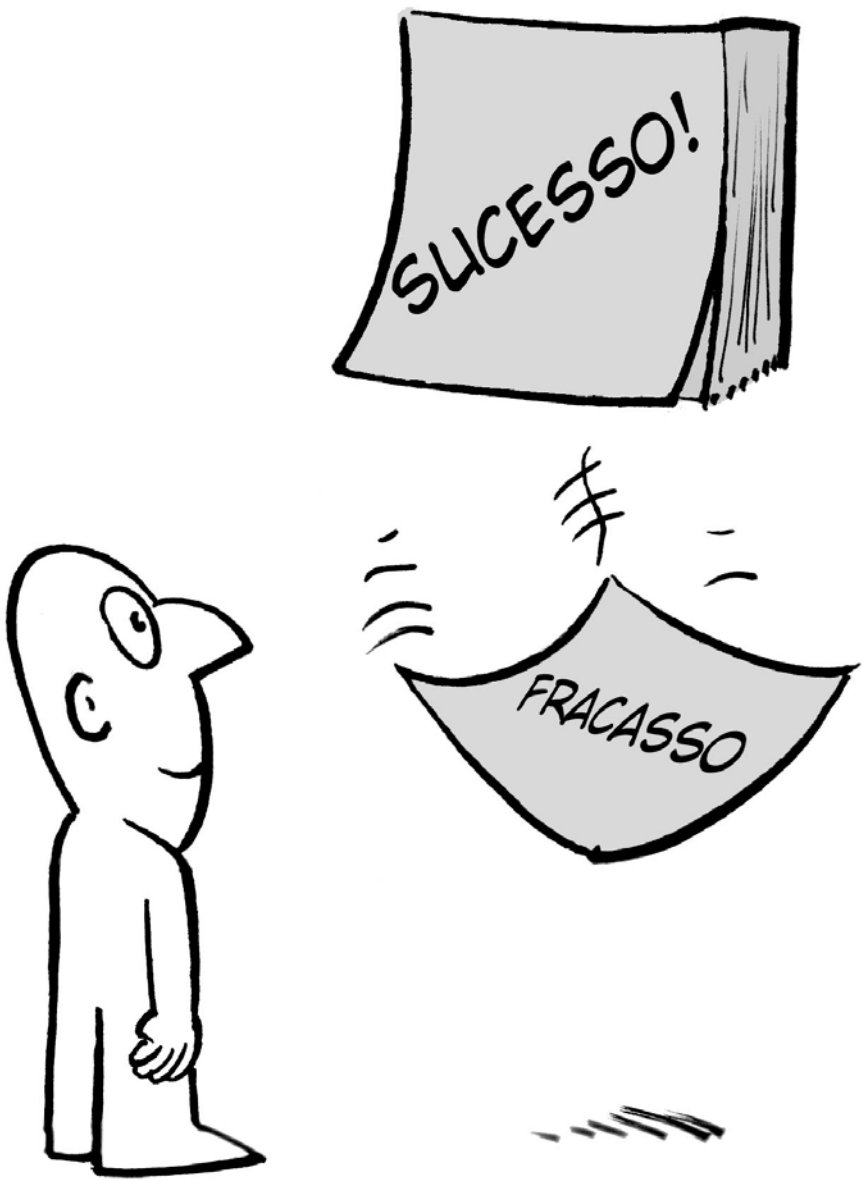
Hashem disse para Avraham *haivri* que Ele queria salvá-lo. Ora, se quer nos salvar, por que estamos na diáspora? Será que hoje nós temos o mesmo orgulho que Avraham tinha?

Antes da leitura do *shemá* nós dizemos: por favor, Hashem, traga a redenção, "*vetolichenu mehêra* ***comemiut*** *leartsênu"*, por favor, Hashem nos leve

rapidamente à nossa terra com a redenção. O que quer dizer ***comemiut***? **Com a cabeça erguida**, pois se nós não fizermos de cabeça erguida, Hashem disse que não poderá nos salvar.

Que possamos fazer as *mitsvot* com fervor e transmitir este sentimento para a nossa família. Quando Hashem vir isto, Ele falará que, sim, estamos prontos, pois nos tornamos iguais a Avraham *Haivri* e assim, chegou a hora, quando Ele salvará a todos nós judeus, onde quer que estejamos.

E FOI ASSIM QUE SURGIU O *POST-IT*



“Temos que dar tempo ao tempo”

VIVENDO A TORÁ

Outro dia, estava pensando nas inúmeras vantagens em se morar numa *yeshivá,* como é o meu caso. Muitas vezes, nos acostumamos com o que temos, mas é preciso lembrar e saber agradecer pelo ambiente gostoso em que vivemos.

Por exemplo: o que vejo no campus da *yeshivá*? Os rapazes estudando antes das rezas, no *shabat* ou nas horas livres, alunos conversando entre si com seus *tsitsit* balançando ao caminharem pelas ruas. Um ambiente assim pode servir como uma amostra para quem quer saber como será o mundo vindouro. O campus de uma *yeshivá* é um lugar onde podemos ver pessoas conversando sobre a Torá, jovens sorrindo e o brilho da Torá na face de todos!

A Torá foi entregue há 3.300 anos e ainda continua gerando sorrisos no rosto das pessoas e aquecendo corações. Quanto mais o tempo passa, mais vemos *yeshivot* e pessoas com uma verdadeira sede de aprender as palavras da Torá.

O VALOR DO ESTUDO

Em nossa tradição existem dois *Talmuds*: o *Talmud Ierushalmi* (de Jerusalém), que foi escrito em Israel, e o *Talmud Bavli* (Babilônico), que foi escrito na antiga Babilônia, atual Iraque. O *Talmud Bavli* é o mais estudado atualmente. Numa passagem do *Talmud Ierushalmi* (no Tratado de *Peá* cap. 4) consta o seguinte trecho: "todo este mundo (*olam hazé*) não se compara a uma palavra do estudo da Torá". Ou seja: se puséssemos todo este mundo num dos pratos da balança e no outro uma palavra da Torá, a palavra de Torá teria mais peso do que este mundo inteiro.

Se pudéssemos reunir num dos pratos da balança todas as *mitsvot* que foram cumpridas desde a criação do mundo até hoje e do outo lado colocássemos uma palavra de Torá bem estudada, o *Talmud* diz que esta única palavra

pesaria mais do que todo o restante. Daqui pode-se entender o imenso valor do estudo da Torá. Porém, quanto mais valiosa uma tarefa é, mais difícil torna-se realizá-la; por isso, é muito mais difícil nos sentarmos para estudar Torá do que praticarmos alguma outra *mitsvá*.

A *Guemará* diz que Hashem chora por algumas pessoas. E por quem Ele chora? Por aquele que tem a possibilidade de estudar Torá e não estuda. E por que Ele chora? Porque a pessoa está desperdiçando milhões de bônus muito valiosos, deixando passar a oportunidade de recebê-los.

QUEM ESTÁ CONOSCO?

Parashat Vaielech se encontra no final do *sêfer* Torá e é uma das últimas *parashiot* antes de Moshê Rabênu se despedir de nosso povo. Nessa porção Moshê diz: "Certamente, foi porque meu D'us não está comigo que estes males me atingiram". Moshê previu que quando ocorressem desgraças, o povo diria que é porque Hashem não está mais com eles. Se acharmos que Hashem não está conosco, isso significa que não estamos nos comportando como devemos. Moshê avisa que este sentimento traz coisas desagradáveis.

Os comentaristas perguntam se não deveria ser o contrário. Se o povo reconheceu a ausência de Hashem e percebeu que não estão se comportando de uma forma correta, isso não seria uma *teshuvá* e uma forma de se aproximarem de Hashem? O Rav de *Slonim* explica: no exato momento em que o judeu sente "D'us não está comigo", isto consiste no maior pecado e, portanto, Moshê Rabênu previu que quando isso acontecesse, ocorreriam coisas desagradáveis e até mesmo tragédias. Ou seja, quando um judeu fala que Hashem não está mais com ele, Hashem o abandona, de fato, porque **um judeu nunca pode sentir isto**, seja no âmbito particular ou como um povo.

OBSERVADOR OCULTO

Quando a criança ainda é pequena e começa a andar, ela olha constantemente para trás para ver se sua mãe está observando. Quando percebe que a mãe está lá, ela fica tranquila: brinca, escorrega, vai à gangorra, etc. Vamos supor que a mãe fique numa posição na qual a criança não consegue mais vê-la.

O que acontece? A criança fica desesperada, apesar da mãe ainda estar observando. Do ponto de vista da criança, não importa que sua mãe esteja olhando, o importante é o que ela sente.

No *Shir Hashirim* consta que Hashem "supervisiona o povo através das janelas". Mas, também está escrito que "Ele está olhando pelas frestas", como se fosse pelo buraco da fechadura. Isso mostra que há momentos em que vemos Hashem e outros que não podemos enxergá-lo. Mas de qualquer modo **Ele está *sempre* nos observando**.

JUSTO NA HORA DA ESCURIDÃO

Nos dias que antecedem o nono dia de Av, lê-se uma porção que parece ter sido fixada por nossos sábios de propósito para aquele momento. Está escrito: "Hashem, seu D'us, está consigo e não lhe falta nada".

Por que ler este trecho justamente neste período cujos dias são escuros e tristes? Os nossos sábios dizem que é justamente nestes dias que devemos ler estas palavras para lembrarmos que **Hashem, mesmo nas piores situações, quando não conseguimos vê-Lo, está conosco e nada nos faltará.**

O QUE MAIS AGRADA AO *YÊTSER HARÁ*?

O *yêtser hará* dispõe de um golpe especial. Ele quer que o judeu faça uma transgressão. Quando o *yêtser hará* fica feliz?

O Rebe de Slonim diz que quando a pessoa peca, o *yêtser hará* fica feliz, pois este é o seu trabalho. Só que, na verdade, no momento do pecado, ele ainda não fica totalmente realizado. O máximo de sua felicidade não vem assim que alguém peca e sim depois, não pelo pecado em si, **mas quando a pessoa se sente "um zero"**.

Mais grave do que o pecado, dizem nossos sábios, é o sentimento de distância entre o homem e Hashem, que vem depois do pecado. É como se a pessoa pensasse: ontem transgredi o *shabat*, como posso rezar a *amidá* hoje? Dá vergonha! A vergonha é sadia, mas por outro lado, quando a pessoa tem vergonha de Hashem, quando o judeu sente que está longe Dele, este sentimento é o maior golpe do *yêtser hará*.

Nossos sábios nos contam uma curiosidade: não existe o conceito de Hashem se distanciar de alguém. É como se Hashem fosse um alvo fixo, e quem se aproxima ou se distancia somos nós. Quando me sinto mais próximo de Hashem, estou mais perto, e quando cometo um pecado, me *sinto* mais distante. **Hashem nunca se afasta de ninguém**.

MAS, COMO CHEGARAM ATÉ LÁ?

Há um livro do Rav Yitschak Hutner que é uma compilação das cartas que ele escrevia em resposta às pessoas que se correspondiam com ele. Em uma de suas cartas, o Rav escreveu algo muito forte e interessante. Ele pergunta se existe algum problema em tentar seguir o exemplo dos líderes espirituais. Há alguma coisa de errado em se inspirar nos sábios? Não, obviamente é muito positivo, mas ao mesmo tempo, existe aqui uma grande cilada: quando olhamos para os nossos sábios e líderes, vemos o apogeu de sua vida, o ponto mais alto. Por exemplo, ao olharmos para o Chafêts Chayim quando ele tinha noventa anos de idade, observamos como era seu comportamento, como escreveu a *Mishna Brurá*, publicou livros sobre *lashon hará* e quão refinadas eram as suas *midot*. Mas, devemos nos perguntar: por quais conflitos internos ele teve de passar para controlar suas *midot*? Quantas vezes o Chafêts Chayim rezou para não ficar nervoso?".

Dessa maneira, Rav Yitschak Hutner alerta que existe um perigo em nos espelharmos nos líderes, pois ao fazê-lo, podemos achar e sentir que estamos distantes de Hashem, distantes dos sábios e que é impossível chegar aonde eles chegaram.

Conta-se que Rav Ben Tzion Abba Shaul, que foi *rosh yeshivá* de Porat Iossef, foi convidado a se retirar da *yeshivá* quando era criança e que precisou suplicar para ser novamente aceito e, só assim, veio a se transformar no grande sábio da geração.

Há um versículo que diz: "o *tsadik*, apesar de cair sete vezes, se levanta". Rav Yitschak Hutner diz que os tolos leem esse versículo literalmente, achando que se um *tsadik* cai sete vezes, ele se levanta. Mas, um sábio de verdade lê o versículo de forma diferente: o *tsadik* só chegou a ser *tsadik* porque caiu sete vezes! Ou seja, não significa que apesar de ele ter caído sete vezes e ter se levantado isso faz dele um *tsadik*. O significado correto é que **ele só se transformou numa pessoa digna perante os olhos de Hashem por ter caído (e se levantado)**.

Rav Hutner conclui: "Por favor, não se espelhe no estágio final dos líderes. Não olhe para eles quando já eram famosos e seu nome saía no jornal. Porque até aí eles já haviam vivido inúmeros anos de sua vida! Olhe para o começo e veja o que eles fizeram para chegar até lá. Olhe os 'equívocos' que cometeram e como tiveram de se levantar e se superar".

O ERRO E A MOTIVAÇÃO

Aqui pode haver uma contradição. Toda pessoa precisa do que se chama *idud* em hebraico, encorajamento. *Idud* vem da palavra hebraica *od* (mais), como se disséssemos "vá mais, vá mais um pouco", para estimular a pessoa. Por outro lado, Rav Hutner disse: "não olhe para a coroa do rei, não olhe para o seu apogeu". Ora, como poderei motivar a mim e a meus filhos e alunos se não puder olhar para cima?

O segredo é lembrar que os líderes um dia foram crianças. Nenhum sábio, nenhuma pessoa que cresceu em Torá, em temor a D'us e *midot*, nasceu adulta. E essa ideia deve ser a fonte de nosso estímulo! Devemos lembrar que eles também erraram quando foram crianças, porque as crianças e os seres humanos erram. Moshê Rabênu, na sua magnitude, também errou. Temos que saber nos espelhar neles, apreciando seu bom exemplo, mas não ignorando que todo mundo erra e que isto não nos afasta de Hashem.

QUANDO FALTAM METAS

Li um artigo a respeito de um atleta que praticava salto com vara e que se submetera a testes nos quais ele tinha que saltar ultrapassando certa altura. Ele era capaz de acertar dez a cada dez saltos efetuados com a linha de marcação. Quando foram aumentando a altura do sarrafo e a linha de salto, ele conseguia a cada dez saltos executar oito bem feitos. Numa segunda parte do teste, tiraram o sarrafo e disseram para ele continuar saltando aquela mesma altura. Nesta segunda fase, ele continuava saltando, mas sem dispor do limite que ele sabia que tinha que ultrapassar. Qual foi o resultado? Dos dez saltos ele acertou apenas quatro!

Quando dispunha do sarrafo, aquilo lhe servia de desafio para saltar mais alto e assim, de dez saltos ele acertava oito. Mas, quando tiraram a marcação e passaram a medir a altura eletronicamente, ele só atingiu a altura anterior em quatro das dez tentativas. Daqui podemos aprender que **a falta de metas limita o ser humano**.

DESÂNIMO NÃO VALE A PENA

Quando vemos alguém que perdeu a hora, errou, fez bagunça, colocou a roupa suja fora do cesto, quebrou um copo, esqueceu-se de estudar para a prova, temos que nos lembrar de não olhar para os líderes quando eles já eram líderes. Precisamos ter em mente o sarrafo lá em cima, que serve para ser superado, mas, por outro lado, temos que lembrar que o Chafêts Chayim já foi criança, que Moshê Rabênu também foi criança, e que todos eles foram crianças.

É muito comum os pais cobrarem muito dos filhos, pois eles têm 30, 40, 50 anos de idade e acham que o filho tem de ser do mesmo jeito deles, pois já veem a vida de certo modo. Mas, fazer isso leva a criança a um desânimo, devido à excessiva cobrança que há sobre ela. Causar este desânimo é algo que não ajuda em nada.

Ninguém se transforma num ser grandioso de um dia para o outro. Temos que lembrar que todo mundo tem a chance de errar e também de ser criança. Nós mesmos ainda não viramos um Chafêts Chayim; e, se D'us quiser, vamos chegar lá, mas temos que dar tempo ao tempo.

SOLTANDO O FREIO DE MÃO

Certa vez, vi uma coisa muito curiosa quando estudava a *Parashat Balac*. Lá consta a famosa história de quando Balac contratou Bilam para amaldiçoar o povo judeu. O texto relata que Bilam montou em seu burro e foi em direção à colina para olhar o povo judeu e amaldiçoá-lo.

Nesta ocasião está escrito o seguinte: "havia um anjo de D'us no caminho". E o que fazia aquele anjo ali? Ele estava impedindo o profeta Bilam de chegar onde ele queria para amaldiçoar o povo. O versículo continua e diz: *lesatan*. Comentando esta porção, Rav Hirsch diz que a palavra *satan*, que é o *yêtser hará*, uma criatura ruim, vem da palavra *sadan* (bloco). Quando fazemos uma parede para alguém dizendo para não seguir em frente, causamos um desânimo. E este é exatamente o trabalho do *satan*.

No caso do versículo, o anjo apareceu no caminho *lesatan*, com o intuito de impedir que ele fizesse uma *averá*. Mas, às vezes, pode ser que estejamos impedindo alguém de realizar uma coisa boa.

O trabalho do *yêtser hará* é desanimar a pessoa dizendo: "chega de tentar, você não vai conseguir". Ou ainda: "estude, mas não coloque nada em prática,

porque você nunca conseguirá, você é incapaz". Nós como pais, educadores, maridos, esposas, temos que ter cuidado para não nos associarmos ao *yêtser hará*, ajudando-o a desanimar as pessoas.

Muitas vezes, as pessoas ouvem uma aula sobre educação, *shabat*, recato, pureza familiar, *cashrut*, e outros inúmeros assuntos, mas o *yêtser hará* está sempre dizendo: "não vá adiante, nem tente colocar isto na prática, não assuma um detalhe da aula para aplicar na prática. Desista, desanime, porque você nunca vai conseguir mudar!".

Esse é o s*atan* e foi que o Rav Hirsch disse: *Satan* significa desanimar alguém, bloquear, parar a pessoa. É como se ele dissesse: "Você quer melhorar? Justo você? O que vão falar de você? Até ontem você comia *taref* (comida não casher)!" Essa voz pode ser do subconsciente da pessoa ou até mesmo de alguém da família ou da sociedade.

Claro que é difícil mudar, mas a pessoa às vezes tem vontade de dar um passo adiante e aparece alguém para dizer que ela não vai conseguir! O maior *yêtser hará* não é não mudar, não é fazer uma *averá*, mas é desanimar a pessoa, mostrar como ela está longe de Hashem e dizer que ela não vai conseguir.

Por isso temos, sim, que contar para nossos filhos as histórias dos líderes, mas, ao mesmo tempo é preciso lembrar aos nossos filhos, maridos e esposas, que os líderes também erraram e o mais importante é manter a vontade de vencer.

QUEM SERÃO SEUS NETOS?

Certa vez, ouvi uma história verídica muito interessante:

Havia uma mãe viúva que vivia com seu filho. A mãe trabalhava muito para conseguir sustentar a casa e cuidar do menino, que tinha sete anos. O sonho dela era que o pequeno Dov pudesse crescer um pouquinho em Torá e ela fazia de tudo para isso. O filho sempre dizia para a mãe que mesmo que o pai não estivesse com eles, tudo ia ficar bem.

Um dia, a mãe foi buscar o filho na escola e na volta para casa eles tiveram uma surpresa desagradável: a casa em que eles viviam estava em chamas. Ao ver aquilo, o filho falou para a mãe a mesma coisa que ele sempre dizia: "Mãe, não se preocupe, tudo vai ficar bem". A mãe começou a chorar e, mesmo sem marido, sem casa, sem nada, ela disse: "meu filho, eu sei

que tudo vai ficar bem. Sei que Hashem cuida do órfão e da viúva, pois isso está prometido na Torá. O problema é que não estou chorando pela casa, mas por algo especial que havia dentro dela!". O filho pergunta: "O quê?". A mãe diz: "Você se lembra de que antes de dormir, às vezes, eu lia o livro de genealogia da família com histórias do seu pai, do seu avô e de quantas coisas eles fizeram que eram exemplos de vida? Agora o livro virou cinzas!" O filho disse: "De fato, o livro se perdeu, e o registro da nossa linhagem se foi, mas faremos uma nova linhagem!".

Esse menino era Dov Ber, que se tornou o Rav Dov Ber, um dos maiores alunos do Baal Shem Tov, também chamado de Maguid de Mezritch. Como isso ocorreu? Graças à mãe que inseriu no filho a vontade de ser alguém! Apesar de o livro ter se perdido, aquela criança sabia que ainda teria filhos que iriam constituir a sua linhagem.

Muitas vezes ouvimos pessoas dizendo: "sabe quem era o meu avô? Sabe quem era o meu pai?". Claro que isto é muito bonito e é uma fonte de orgulho, mas **mais importante do que quem era o meu avô ou o meu pai é ver quem, daqui a 120 anos, serão nossos filhos e netos.**

DIVIDINDO O TEMPO DE TRABALHO

Rav Ezra Atiye foi *rosh yeshivá* de Porat Iossef (assim como Rav Ben Tzion Abba Shaul). Na época em que ocupava este cargo, viu que um aluno estava faltando constantemente às aulas e foi tentar descobrir o que estava ocorrendo. Foi até a casa do menino e falou com seu pai: "O que aconteceu? O seu filho está doente?". O pai, extremamente perplexo por receber um rabino daquele porte em sua casa, disse: "Vou lhe dizer a verdade. O meu filho vai ficar aqui em casa e não poderá mais voltar para *yeshivá.* Ele precisa trabalhar na loja. Eu preciso do meu filho para me ajudar no sustento da casa".

A alegação do pai era legítima, e Rav Ezra não tinha do que discordar. Mas, no dia seguinte, às sete horas da manhã, havia um senhor de barba branca, com a face divina, com avental, parado na frente da loja daquele pai. O pai reconheceu o Rav que tinha estado em sua casa e perguntou: "Rav?! O que o senhor está fazendo aqui de avental?!" O rabino disse: "Você não disse que você precisa de seu filho na loja para te ajudar? **Eu estou disposto a dividir o**

tempo de trabalho com o seu filho, para que ele possa estudar pelo menos um pouco por dia". O pai entendeu que devia mandar o filho para a *yeshivá*... O nome deste filho era Ovadia, que se tornou o grande líder Rav Ovadia Yossef!

ANTES E DEPOIS

Certa vez, a esposa do Rav Ovadia Yossef precisou colocar um timer na casa para desligar automaticamente a luz porque o Rav, em certa ocasião, foi parar no hospital por ter ficado duas ou três noites sem dormir. Ele estava estudando e se esqueceu de dormir! No final, desmaiou e foi levado ao hospital. Sua esposa só conseguiu resolver este problema colocando um timer que desligava automaticamente as luzes da casa as duas ou três horas da manhã.

Por um lado, vemos este Rav Ovadia Yossef num pedestal, mas por outro lado, devemos conhecer sua história antes de ser um líder da geração.

O CAMINHO PERCORRIDO

No início de sua carreira, Rav Ovadia Yossef foi rabino no Egito. Nesta época, ele percebeu que a *cashrut* no Egito estava inadequada. O *shochet* tinha boa vontade, mas não entendia muito de *shechitá*. O Rav se viu obrigado a impedir que o *shochet* continuasse realizando abates. Obviamente, o *shochet* ficou bravo com o Rav, pois perdera sua fonte de sustento. O Rav lhe disse: "não quero prejudicar o seu sustento. O que podemos fazer é o seguinte: você pode vender carne e ter um açougue, você só não pode mais fazer o abate". E o *schochet* concordou. Porém, após um tempo, o Rav percebeu que o açougueiro estava sendo desonesto e agindo de má fé. Então, o Rav proibiu o açougueiro até mesmo de vender carne.

Os ânimos se exaltaram, e a relação entre o açougueiro e o Rav Ovadia Yossef ficou tensa. Por vingança, o açougueiro começou a espalhar uma calúnia a seu respeito dizendo para o governo que o Rav Ovadia era um espião de Israel contra o Egito. O governo egípcio acreditou nas acusações e colocou o Rav Ovadia na prisão!

Depois de um tempo, o Rav foi morar em Israel e tornou-se *Rishon le Tsion*, como já sabemos. Hoje todo mundo vê o grande Rav de turbante, com aquela roupa magnífica e nem imagina que ele já foi parar na prisão! Curiosamente,

por uma questão de "destino", o açougueiro do Egito também foi morar em Israel. Ao chegar lá, pediu a um rabino local uma carta de recomendação para poder atuar como açougueiro e *shochet*. No entanto, o rabino que dava a carta conhecia a história do Rav Ovadia Yossef e sabia que ele tinha rejeitado o cargo daquele açougueiro no Egito. O que ele fez? Recusou-se a dar-lhe a licença para que fosse *shochet* em Israel.

Ao saber disso, o açougueiro ficou furioso! Foi ao *beit din* do Rav Ovadia Yossef com uma arma e falou para o Rav: "Rabino, você tem um último desejo! Faça-o e eu vou te matar". O sogro do Rav Ovadia Yossef estava presente e disse: "Em vez de matar ao Rav Ovadia, mate a mim, pois eu sou mais velho!". O Rav Ovadia interveio e disse: "Você não vai matar nem a ele e nem a mim. Por que você quer matar alguém? Por causa de Torá e de lei? Tudo o que eu fiz foi dizer que você não sabe fazer *shechitá*, jamais fui contra você pessoalmente". O homem se acalmou e se convenceu de que o Rav Ovadia Yossef não tinha nada pessoal contra ele. Então, tentando ajudar o homem, o Rav encontrou uma fonte de sustento para ele que não envolvia nem carne e nem abate.

Precisamos contar para os nossos filhos quem foi o Rav Ovadia Yossef, quanta Torá ele sabia, quanta perseverança ele tinha até o ponto de precisarem desligar a luz para ele ir dormir. Mas também precisamos dizer para os nossos filhos que o Rav Ovadia só se tornou quem ele é por ter sido preso no Egito, por quase ter sido morto dentro de Israel etc. O mesmo vale para nós. Não podemos nos esquecer do caminho que percorremos para chegar onde estamos.

SEM SUAR VOCÊ NÃO VAI CONSEGUIR NADA!

Quem é o maior personagem da Torá inteira? Moshê Rabênu. Todo mundo o conhece, mas quando ele aparece como um grande personagem na Torá? Com 80 anos de idade! Ele viveu 120 anos e dois terços da vida dele não são relatados. Onde ele esteve nesse período?

Se formos procurar nos *midrashim*, os sábios nos contam que ele fugiu, foi capturado e jogado num poço... Nós só vemos Moshê, o grande líder! Mas quanto ele teve de trilhar, se sobressair e trabalhar para conseguir chegar lá?

O Alter de Novardok disse uma frase muito bonita: **"O homem quer atingir a grandeza da noite para o dia, mas também quer dormir muito bem naquela**

noite". O homem quer ser grande como Rav Ovadia Yossef, Chafêts Chayim, da noite para o dia, e ainda quer oito horas de sono tranquilo! Querido leitor, sem suar você não vai chegar a nenhum lugar!

O mundo está cada vez mais próspero, com cada vez com mais Torá e *yeshivot* em Israel e no mundo inteiro. O nosso povo não combina com desânimo! **Se fossemos dados ao desânimo, aonde iríamos chegar?**

O MAIOR MILAGRE

Muitos dizem que queriam ver o *man* (alimento que caia do céu) ou aquelas nuvens de glória que nos acompanhavam durante a travessia do deserto. Rav Yaacov Emden ou Ya'avetz redigiu um *sidur* chamado *Beit Yaacov* no qual fez uma introdução em que diz que nós estamos presenciando um milagre muito maior que o *man*, muito mais intenso que as nuvens de glória, e muito superior aos presentes que Hashem nos deu no deserto. Que milagre é esse? **O fato de nós, judeus, *Bnei Israel*, ainda estarmos no mundo!**

Vehi sheamda laavotênu ve lanu (isso foi o que amparou nossos pais e a nós), ou seja, foi isso que nos fez ficar aqui até hoje. *Lo echad bilvad amad aleinu lechalotênu* (não houve um só povo que não quisesse nos destruir). Foram os babilônios, os gregos, os egípcios, a Inquisição, os Pogroms, o Holocausto... O milagre de ainda estarmos aqui é muito maior do que o *man*, as nuvens, as dez pragas, etc.

REJEIÇÃO AO DESÂNIMO

O povo judeu não aceita o desânimo. Quando uma mãe acende as velas de *shabat* no século 21, quando um pai senta para estudar Torá, colocar *tefilin* ou rezar o *shemá* junto com o filho, este é o maior milagre!

Quando terminou o Holocausto, em 1945, qual o maior sentimento que os judeus poderiam ter? O mais normal seria o desânimo! Mas, três anos depois do fim do Holocausto, em 1948, o que aconteceu? O povo voltou para uma terra chamada Israel, onde tecnologia, medicina e Torá floresceram e, em 1967, conquistaram o Muro das Lamentações!

Todo mundo já viu uma foto do Holocausto que mostra um senhor de idade e um alemão cortando a barba do judeu. Há outra foto que mostra um judeu

jogado no chão com seus *tefilin* e vários alemães apontando para ele e rindo. Três anos depois, surgiram *yeshivot* novas e enormes. E como disse o Iaabets, este é um milagre muito maior que o *man*!

Hoje em dia, quantos milhões de árabes se voltam contra aquele Estado "pequeno como um feijão", menor do que Sergipe, que é chamado Israel? Quantos Hamas, Hizbollah etc. existem? Qual é a nossa resposta para tudo isto? As respostas políticas e militares são importantes, mas não é isto que faz o povo continuar subsistindo. Os egípcios, os babilônios, os gregos eram todos fortes, dispunham de muita cavalaria, armas, soldados e exércitos, mas o que fez a gente continuar nesse mundo é a reafirmação da nossa identidade como judeus: a Torá e as *mitsvot*. Perante isto, todo o resto é como se fosse nada.

Por isso, eu digo que para o povo judeu, desânimo não é concebível, nem individualmente nem como povo. Se não fosse assim, nunca estaríamos aqui. Não teríamos sobrevivido se o nosso povo fosse formado por pessoas passíveis de serem abatidas pelo desânimo.

UMA ÓTIMA COLA QUE NÃO COLA NADA!

Procurei no mundo dos negócios uma curiosidade, sobre quanto vale o ânimo e quão grave é o desânimo.

Em 1968, um cientista chamado Spencer Silver foi contratado por uma empresa para desenvolver uma fita adesiva. Ele havia conseguido inventar o que precisava e no dia de apresentar o produto, ele estava se preparando para fazer uma demonstração. Para isso, ele decidira mostrar o seu invento colando um papel na parede. Quando fez isso diante de várias pessoas, o que aconteceu? O papel caiu! Mas ele tentou de novo, pegou outro papel, foi colá-lo na parede... E novamente caiu. Fracasso total!

Todo mundo olhou para ele zombando e dizendo que depois de anos de pesquisa ele conseguira fazer uma cola que não cola nada. Porém, este cientista conseguiu fazer do limão uma limonada. Ele pensou que para alguma coisa a cola deveria servir.

Todo mundo já ouviu falar de uma fábrica chamada 3M! Existe alguém que nunca ouviu falar do Post-It? O que ele pensou foi: "não dá para colar o papel na parede, mas eu posso colar um papel no outro, e posso fazer com que o papel seja colado em outras superfícies!" Hoje este é o terceiro artigo de escritório mais vendido no mundo!

O que seria mais normal? Que ele tivesse se desanimado. O mais normal seria o *satan* pará-lo, bloqueá-lo, fazê-lo desanimar... Só que ele fez justamente o contrário!

NÃO PARE!

Em 1998, um dos fundadores do Google teve uma reunião com executivos da Yahoo e sugeriu uma junção, mas o pessoal da Yahoo disse que não valia a pena e que aquilo não seria bom para eles. Obviamente, o pessoal do Google saiu todo desmotivado, mas eles também souberam fazer uma boa limonada: alguns anos depois, o Google foi avaliado e vendido por vinte bilhões de dólares.

Um último exemplo sobre o poder de uma mulher de verdade: um pediatra chamado Ricardo Sayon era muito bem sucedido em sua profissão. Ele havia economizado um bom dinheiro e conseguiu comprar um imóvel. Este foi alugado por uma empresa que nele montou uma fábrica de brinquedos. A fábrica faliu e ele ficou só com o depósito em torno do qual havia um monte de dívidas. O que ele poderia fazer com aquilo? A esposa pensou em como fazer seu marido feliz. No que ela pensou? Vejamos: qual é o nome do marido? Ricardo. Como se diz "feliz" em inglês? "Happy". Daí surgiu a Ri Happy! A mulher desse homem, em 1998, pegou a única secretária que era sua funcionária e a transformou em sua gerente. Daí em diante foi um sucesso. A "Ri Happy" em 2012 foi vendida para um fundo e, então, 85 por cento da empresa já valia 800 milhões de reais!

O Chazon Ish costumava dizer: "o teimoso vence". Aquele que não desiste é quem vai ter sucesso. Hashem espera isto de Bnei Israel: **Não pare! Temos de seguir em frente e chegarmos cada vez mais longe.**

EXPERIMENTE UMA NOVA SENSAÇÃO: PENSE!

“Muitas pessoas têm medo de pensar”

A INFLUÊNCIA DE UM MILAGRE

Em *Parashat Yitrô*, que conta sobre a outorga da Torá, consta um fato curioso que lemos todos os anos, a respeito de Yitrô, sogro de Moshê Rabeinu. Está escrito que Yitrô tinha tomado conhecimento dos milagres que Hashem fez quando tirou o povo do Egito. O versículo diz "***Vaishma*** Yitrô", Yitrô escutou. Rashi pergunta: o que ele **escutou**?

De acordo com algumas opiniões, Yitrô escutou, se converteu e veio visitar Moshê Rabeinu, mas Rashi diz que Yitrô ouviu a abertura do Mar Vermelho e a passagem das 12 tribos. Ele também escutou sobre a guerra de Amalec, rei do povo que atacou o povo de Israel logo depois da travessia do mar. Rashi nos revela um segredo: ele não pergunta só *"ma shemua shama"* (o que ele escutou); ele adiciona uma palavra: *huba*, ou seja, Yitrô veio, no sentido de que se converteu para fazer parte do povo de Israel.

O que exatamente fez Yitrô querer se juntar ao povo judeu? A resposta que Rashi nos dá é que Yitrô escutou a abertura do mar e o episódio de Amalec, mas todo mundo sabia que o mar se abriu, para o povo de Israel passar e que quando eles terminaram a passagem, o mar se fechou e os egípcios todos se afogaram. Está escrito no Talmud que quando o mar se abriu todas as águas do mundo também se abriram, e por este motivo o milagre foi de conhecimento público. O mundo inteiro viu, inclusive Amalec, mas apesar disso, guerreou contra o povo judeu.

Volta-se à pergunta: *ma shemua shama huba?* O que Yitrô escutou que fez ele se converter? Rashi explica que Yitrô escutou dois fatos simetricamente opostos: a abertura do mar, que foi o único milagre revelado no mundo inteiro, e, logo após, ele escutou Amalec.

Yitrô se questionou como era possível alguém ter visto o milagre de Hashem na abertura do mar e mesmo assim atacar o povo, chamado de povo escolhi-

do perante todos os outros povos. Ele chegou à conclusão que não queria ser como o povo de Amalec, um povo frio, que viu um milagre e não foi impactado para o bem. A abertura do mar foi presenciada desde uma simples serva até o profeta Iehezquel ben Buzi, um dos maiores profetas que viu o Trono Celestial e se maravilhou! Yitrô percebeu que era necessário fazer algo para não continuar sendo como Amalec ou como uma serva e então, ele se juntou ao povo judeu.

SE HASHEM APARECESSE PARA MIM...

Muitas pessoas dizem que se Hashem aparecesse para elas, ou fizesse um milagre, elas fariam *teshuvá*, estariam prontas para melhorar, cumpririam as *mitsvot* e assim por diante. As pessoas dizem somente com um milagre de Hashem elas fariam isto.

Isto nos mostra que as pessoas vêem milagres e mais milagres, mas continuam se comportando como o povo de Amalec. Se uma pessoa não está predisposta a mudar, independentemente de como Hashem possa se revelar a ela, nada irá mudar. Muito provavelmente Amalec, ao ver a abertura do mar, ficou impressionado, mas, logo depois, atacou o povo de Israel.

A HISTÓRIA DE AVRAHAM AVINU

Avraham *Avinu*, o primeiro dos Patriarcas, era filho de Terach, um idólatra. Avraham negava a educação idólatra que ele recebia e descobriu Hashem. Como ele descobriu Hashem? Como conseguiu apesar de ter dentro da sua casa várias estátuas que tinham o valor de deuses e eram até mais importantes do que o próprio filho para o pai?

O mundo todo era idólatra, mas Avraham era conhecido com Avraham Haivri, o Hebreu, isolado e sozinho por não aceitar a idolatria.

Ramban nos conta como a idolatria se propagou no mundo. Desde Noach, o mundo se esqueceu de Hashem. Entre Noach e Avraham *Avinu*, o Pirkê Avot nos conta que houve dez gerações, que também se esqueceram de Hashem.

Avraham começou a pensar no dia e na noite, o que o transformou em Patriarca. Foi a iniciativa de pensar em como podia haver um mundo tão perfeito, em que uma semente se transformava em várias outras árvores. Ele pensou

que o mundo tinha que ter um coordenador, um patrão, e quis procurar e saber quem coordenava o mundo. Avraham chegou à conclusão de que o coordenador do mundo era Hashem.

Ramban nos diz que Avraham não tinha professor, pois o mundo inteiro pregava a idolatria, que é a ausência de Hashem. Seu pai, sua mãe e todo o mundo eram idólatras e até Avraham no princípio fazia idolatria! Mas, como diz o Ramban, ele começou a pensar, se questionar, algo que hoje em dia é muito raro.

AS MATRIARCAS

Paralelamente aos Patriarcas, havia as Matriarcas, que foram Sarah, Rivka, Rachel e Leah. Elas também não tiveram professores para ensinar que havia Hashem e chegaram a este aprendizado quando começaram a pensar.

POR QUE AS PESSOAS NÃO PENSAM?

Podemos perguntar por que as pessoas não pensam, apesar de cumprirem as *mitsvot* de *tefilin*, *cashrut* e outras mais. Sabemos que o estudo da Torá é difícil, mas por que as pessoas não pensam? Elas têm medo de pensar. Quanto menos as pessoas estudam, mais *yetzer hará* elas têm. Estudar Torá é dificil, mas pensar é ainda mais. O *yetzer hará* não deixa as pessoas pensarem, pois sabe que quando uma pessoa começa a pensar, ela cresce. Avraham *Avinu* não teve professor, não teve *shabat*, não presenciou a outorga da Torá e mudou. Aliás, ele foi o único da sua geração que mudou.

A ideia principal não é nem ter respostas, pois quando a pessoa pensa, ela encontra as respostas dentro de si mesma. A ideia principal é simplesmente parar para pensar, olhar para o mundo, ver o quão belo ele é, ver como somos perfeitos como seres humanos. Mesmo que você tenha pensado e não tenha encontrado respostas, você já é melhor do que os outros, somente pelo fato de pensar.

A OBRIGAÇÃO ESPECIAL DOS JUDEUS

Os judeus têm uma obrigação a mais que as outras pessoas.

Certa vez, uma mulher foi encontrar o Rav Yaacov Kamenetsky, *rosh yeshivá*

de Tora Vadaat em Nova York, e contou que ela se encontrava em uma situação financeira muito difícil. Ela perguntou se poderia alterar os valores dos seus rendimentos para receber algum benefício do governo. Logicamente, a resposta do Rav foi negativa. A mulher insistiu dizendo que conhecia muitas pessoas que faziam isto, ao que o Rav concordou com ela, mas disse: "nós estávamos no Har Sinai, e por esta razão temos que nos comportar de maneira diferente".

Se Avraham *Avinu,* que nunca viu a outorga da Torá, se comportou e descobriu Hashem, nós que passamos por isto temos a obrigação de parar e pensar.

A OBRIGAÇÃO DE PENSAR É PARA TODOS?

Rav Dressler, em seu livro "Michtav Meeliahu", pergunta: se um judeu cresce sem nunca ter visto outro judeu, nunca ter ido a uma sinagoga ou escutado as palavras *casher* e *shabat*, será que Hashem espera dele alguma coisa como judeu ou não espera nada? Será que essa pessoa tem obrigação como judeu neste mundo?

A resposta é difícil, mas Rav Dressler diz que ninguém está isento de pensar, seja onde for o lugar da sua moradia. É claro que quando a pessoa tem mais acesso a informações, maior a obrigação de pensar, mas Hashem sempre espera algo mesmo do judeu mais afastado. O que Hashem espera é que essa pessoa procure e que tenha iniciativa de aprender. Hashem espera que esta pessoa pare e pense, mesmo que ela não tenha tido um professor.

A HISTÓRIA DO ÓRFÃO E SUA MÃE

Um jovem perdeu o pai aos dez anos e sua mãe tinha que arcar sozinha com todos os custos da casa, mas os recursos eram muito limitados. Ela precisava pagar do aluguel até a comida, e por isso disse ao filho que não poderia mais pagar seu professor. Como o jovem não podia mais aprender coisas novas, ele começou então a reler o que ele já sabia do Talmud. Depois de reler tantas vezes o mesmo material, sem ter nada novo, ele começou a estudar sob outra perspectiva. Esse menino cresceu, casou-se e foi autor de livros como o Shemirat Halashon e Mishna Berura. Era o Chafetz Chayim!

Apesar de ter tido um professor somente até os dez anos, ele não desistiu de crescer, de ser um líder, pois quando alguém realmente quer uma coisa, nada o impede.

ENTÃO, O QUE É CRESCER DE VERDADE ESPIRITUALMENTE?

Estes exemplos práticos podem nos mostrar o que é crescer:

1 – Crescer é entender que na nossa comunidade, dentro da família e da casa não existe somente o eu. Existem outras pessoas, outras ideias e pensamentos. Entender isto nos faz crescer;

2 – Crescer é entender que, às vezes, temos vontade de determinada coisa, mas devemos dominar nossos instintos e seguir a lei;

3 – Crescer é entender que somos pessoas distintas e que não vamos nos comportar como pessoas quaisquer. Somos privilegiados, um povo especial;

4 – Crescer é apreciar também o que já fazemos todos os dias. Se uma mulher cozinha para alimentar a sua família, esta cozinha se torna um tabernáculo. O mesmo ocorre com o salário do pai, que traz sustento para a família.

É DIANTE DO DESCONHECIDO QUE MOSTRAMOS SE SOMOS GRANDES OU PEQUENOS

Ao nos depararmos com algo que não conhecemos ou não entendemos, nossa reação pode nos mostrar se somos grandes ou pequenos espiritualmente, como nos ensinam nossos sábios.

Quando não entendemos as palavras dos nossos sábios, como Rav Steinman ou Rav Ovadia Yossef, devemos tentar pensar o quanto de Torá estudamos para entender as suas palavras. Devemos pensar que eles têm uma sabedoria a mais que nós. Não podemos julgar um sábio segundo o nosso conhecimento, pois temos somente um conhecimento básico perto do vasto conhecimento deles. Crescer é aceitar as suas palavras, mesmo que não vamos acatá-las, pois temos o livre arbítrio, mas nunca devemos ridicularizá-los.

É muito comum ouvir que fazemos as coisas exatamente como nossos pais e que queremos que os nossos filhos façam igual a nós também. Por que não crescer um pouco na escada da sabedoria espiritual e fazer algo melhor?

O DILEMA DE UM JOVEM

Certa vez, um jovem que estava em uma *yeshivá* viu-se diante de um dilema. Ele começou a trabalhar para ter uma renda extra e começou a praticar

artes marciais. Ele começou a se destacar, ganhar vários concursos e teve que decidir entre as artes marciais ou continuar com o estudo da Torá, que era importante para ele.

O jovem queria se aconselhar com alguém, mas não sabia quem poderia entendê-lo. Ele lembrou, então, que os pais lhe disseram que quando tivesse uma dúvida, deveria ir rezar no Muro das Lamentações, pois Hashem certamente lhe responderia. No caminho, um dos passageiros do ônibus puxou conversa e perguntou sobre sua vida. O jovem contou que era estudante de uma *yeshivá*. O passageiro que conversou com ele era um turista americano e disse que ele tinha muita sorte de poder estar em uma *yeshivá*. Ao perguntar o motivo, o jovem ouviu o seguinte relato do americano: ele contou que quando era jovem morava no *shtetel* na Europa, e que seu pai decidira que a situação não estava boa. Com uma sabedoria que infelizmente muitos outros não tiveram, o americano teve a benção de ter sido mandado pelo pai para os Estados Unidos. O americano disse que na ocasião tinha 16 anos e que foi muito difícil se separar dos pais e ir para um país novo. Ele contou que o pai pediu que ele nunca se esquecesse de quem era.

Durante a viagem de barco, fizeram uma escala de dois dias na Romênia. Ele foi a um bar e viu uma luta, com as pessoas torcendo em volta, pois estavam apostando dinheiro no vencedor. O americano que tinha 16 anos pensou que era uma pessoa forte e decidiu participar da luta. Ele passou a vencer todos os adversários e recebeu o apelido de "O Buldogue da Romênia", mas tinha chegado o dia de continuar a viagem para os Estados Unidos. Porém, o turista ficou tão admirado com o dinheiro que ele tinha ganhado, e que provavelmente era mais do que ele iria ganhar nos Estados Unidos que, numa atitude ousada, decidiu ficar na Romênia.

Ele se assimilou e se adaptou à: vida de lá, cortou as *peot*, mudou a vestimenta e parou de estudar Torá. Até que um dia chegou alguém mais forte e ele começou a perder a fama de ser o o melhor. Quando isso ocorreu, ele decidiu continuar a sua viagem para os Estados Unidos. Chegando lá, ele se hospedou na casa de um tio, usou as suas economias recebidas nas lutas e trabalhou bastante até chegar a um patamar financeiro muito bom.

Um dia, seu pai foi lhe visitar nos Estados Unidos, e enquanto o esperava no porto de Nova York, percebeu que seu pai não o reconhecia entre as

pessoas. Foi ele que teve que se aproximar e dizer que era seu filho. Nesse momento, o pai perguntou: "É você, meu pequeno Iudi?". Ele percebeu que o pai ficou decepcionado, e mais decepcionado ainda quando viu que a sua companheira não era judia. A amargura e a tristeza que ele viu no pai o fizeram pensar, e neste processo de pensamento ele reconheceu o erro que tinha cometido no passado e decidiu mudar. Ele se separou da mulher e deu um novo rumo à sua vida.

O senhor americano encerrou a história dizendo ao jovem que não cometesse o mesmo erro dele, que tinha ido lutar e por isso tinha se esquecido da Torá. Assim, o jovem que tinha ido ao Muro das Lamentações para se aconselhar com Hashem nem mesmo precisou chegar lá. Ele tomou o ônibus de volta para a *yeshivá*, surpreso com a rápida resposta de Hashem.

Disto podemos aprender que Hashem nos envia sinais, pequenas luzes. Ele só nos pede para pensarmos. Se pararmos de pensar, nós não mudamos, não crescemos espiritualmente.

Que com a ajuda de Hashem possamos pensar, crescer e aparecer.